UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CARLA BIANCHA ANGELUCCI

COMPLEMENTO À PESQUISA DE DOUTORADO

O Educador e o Forasteiro:

depoimentos sobre encontros com pessoas significativamente diferentes

DEPOIMENTOS NA ÍNTEGRA

São Paulo

2009

Angelucci, Carla Biancha. **O Educador e o Forasteiro: depoimentos sobre encontros com pessoas significativamente diferentes.** São Paulo. 2009. Tese. (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

RESUMO

Trata-se de um estudo em Psicologia Social em que nos utilizamos do método de história oral para recolher narrativas de três pedagogos a respeito de seus encontros com pessoas significativamente diferentes. Os depoentes têm em comum a formação em pedagogia, a experiência pregressa e/ou atual na educação formal de pessoas significativamente diferentes e o compromisso com a Educação em Conjunto para Todos. Como aspecto complementar ao estudo, servimo-nos ainda de depoimentos já registrados, encontrados em documentos autobiográficos ou em estudos sobre histórias de vida de educadoras. Para situar o terreno de pesquisa, inicialmente discutimos o uso das expressões “diferenças significativas” e “Educação em Conjunto para Todos”, bem como as opções de método. Em seguida, os depoimentos são apresentados, a partir de duas questões privilegiadas: a lembrança do primeiro encontro e a defesa da Educação. Por fim, ancorados nas contribuições de Walter Benjamin e Donald Winnicott, discutimos a recuperação do processo narrativo e o compromisso ético-político com a Educação em Conjunto para Todos como dimensões de um projeto de sustentação do humano. Projeto este em franca oposição às forças objetivas que nos têm impelido a uma rápida evolução social rumo à catástrofe.

Palavras-chave: psicologia social; educação inclusiva; história oral.

Segue a versão integral dos depoimentos de José, Vítor e Marina. Apenas os nomes de pessoas foram alterados. Os nomes de instituições e de locais permanecem os mesmos, posto que auxiliam o leitor a acompanhar as trajetórias em questão.

Lembramos ainda que a apresentação de cada depoente e da situação de entrevista pode ser encontrada no capítulo III – *O Gosto dos Outros*. Recomendamos enfaticamente sua leitura antes de cada depoimento, sob pena de não se compreender o contexto e, sobretudo, o espírito das conversas aqui relatadas.

Foram suprimidas algumas expressões comumente utilizadas na fala coloquial, como por exemplo, “né” e “tá”, bem como as situações em que a entrevistadora ou os depoentes utilizavam interjeições para expressar concordância ou para indicar que estavam atentos à conversa (hum hum, hã hã). Rápidas intervenções da entrevistadora, que tinham o caráter de solicitar aprofundamento da lembrança ou memória de algum aspecto específico da narrativa, foram também omitidas. O objetivo de tais alterações foi tornar a narrativa mais fluida, sem prejuízos para o acompanhamento dos conteúdos, do ritmo ou do percurso do depoimento.

Sumário

Depoimento de Marina na Íntegra IV
Depoimento de Vítor na Íntegra XCVII
Depoimento de José na Íntegra CLXXIII

Depoimento de Marina na Íntegra

Primeira Entrevista com Marina

Biancha: ... Como eu falei, o que eu queria pedir para você... é a lembrança dos encontros que você já teve, das pessoas com quem você já conviveu e que têm alguma deficiência, que são loucas... então, as lembranças do que você viveu, daquilo que foi mais marcante... no seu encontro com elas. E fica tranquila para, num primeiro momento lembrar, porque, aí, lembrando, é que as reflexões, as opiniões vão surgindo também, naturalmente. E esse roteiro que eu fiz é para ajudar você a lembrar.

Marina: Tá.

Biancha: Tá. A Primeira coisa que eu queria te pedir de lembrança, é se você faz alguma ideia, se você consegue chamar a sua lembrança, o primeiro encontro que você teve com alguém que fosse muito diferente. Tem sempre uma **primeira** vez para tudo, então, a **primeira** vez que você encontrou alguém e: “Nossa, estou diante de alguém muito diferente!”.

Marina: Eu sempre morei aqui no centro de São Paulo e tinha um senhor que morava na rua, na rua até onde minha mãe mora até hoje. E me chamava muito a atenção, porque ele morava na rua, é... e de vez em quando – ele tinha por hábito varrer, ele saía varrendo todo o quarteirão. Quando varria, parecia uma pessoa extremamente tranquila, né, ele cantarolava enquanto... enquanto varria. E depois, em outros momentos, essa mesma vassoura servia como espada. E aí, ele saía pela rua, com a vassoura na posição da espada, gritando e correndo de um lado para o outro. Mas nunca chegando perto de ninguém. Eu devia ter por volta de 7, 8 anos, mais ou menos, nessa época. Então, é... e eu acompanhei isso por muitos anos, porque... eu lembro quando ele sumiu. Porque é um trecho conhecido.

Biancha: Ele morava na rua?

Marina: Morava na rua. Ali na Consolação, perto daquele lar das irmãs. Então, ele fuçava na rua, dormia por ali, as irmãs o alimentavam... de vez em quando, me parece que tentavam acolhê-lo, colocá-lo dentro... Mas ele tinha uma certa

resistência e voltava de novo para a rua. E a cena dele varrendo, varrendo, varrendo... [ri] e, de vez, em quando, aquilo virando uma espada, ele correndo pela rua, naquele quarteirão... É... eu acho que é uma das primeiras pessoas, uma das primeiras memórias que me vem. Tanto que é, às vezes, é recorrente. Eu lembro dele: Como pode ter sumido assim? Porque depois, sumiu também. Não sei se sumiu porque mudou de lugar, né, ou porque tenha.... morrido, né.

Biancha: Você lembra com que idade que você estava quando ele...?

Marina: Eu acho que eu devia estar com 7 ou 8 anos, mais ou menos.

Biancha: E você foi acompanhando essa presença dele até...?

Marina: Durante... mais de cinco anos? Provavelmente. Mais de cinco anos, eu acho. Acho que, com certeza, mais de cinco anos.

Biancha: Lembra de algum contato que você teve com ele, direto, ou não?

Marina: Não. Eu lembro que eu me assustava quando ele saía assim, correndo. Meu pai sempre disse: “Não faz mal, não, filha”. [ri] “Ele não faz mal, filha”. Então, isso meio que ficou... guardado. Tenho a noção nítida da fisionomia: negro, barbudo... o cabelo muito duro, que, dificilmente lavava... aí, de vez em quando, ele cortava o cabelo, aparecia com as roupas novas. Mas aquilo também envelhecia, da própria coisa de ficar perambulando pela rua, né... E aí, entrava novamente nesse processo. A barba crescia, a roupa rasgava...

Biancha: O que te parecia que ele estava fazendo, quando ele pegava a vassoura feito espada...?

Marina: Eu achava que ele, é.... estava guerreando mesmo, né. Contra o quê? [ri] Hoje eu fico pensando nisso, devia ser contra os inimigos, mesmo, né. Porque era uma coisa de guerrear. Aí, ele falava alto, essa fala já não era nítida... como se fosse um delírio, não sei... Agora, são, não. São, ficava lá com a vassourinha dele... [ri] cantarolando...

Biancha: E ele varria que espaço?

Marina: Um trecho significativo, que aí das irmãs até a porta do prédio, né, onde eu morava.

Biancha: Quando você fala da irmão, qual que é...

Marina: Das irmãs, aqui na Consolação...

Biancha: Um atendimento...?

Marina: É, as irmãs, na verdade... no princípio era um convento, né, e depois, elas passam a ser como uma espécie de abrigo, que recebe crianças. Eu, durante muito tempo, convivi com muitas dessas pessoas, porque, como a escola, o Caetano de Campos era ali perto, muitas dessas crianças também estudaram... estudaram comigo. É... então, era, de certa forma, gerenciado pelas irmãs. Hoje, as irmãs, acho que ainda continuam, mas acho que é um atendimento aí da prefeitura, um convênio com a prefeitura, então, virou uma creche. E, além da creche, ao lado, parece que elas recebem mães adolescentes... é... e essas mães ganham os nenês aí... durante um certo tempo ficam...

Biancha: Como se fosse uma Casa de Passagem...

Marina: Isso mesmo.

Biancha: É uma Ordem?

Marina: É uma Ordem.

Biancha: Sabe qual?

Marina: Não sei.

Biancha: Eu nunca vi. Aqui para baixo da Consolação?

Marina: Isso mesmo, ali na rua Gravataí. É um marco da minha infância essas irmãs. Porque da janela do meu apartamento, eu via um parque onde as crianças brincavam. E eu me lembro de uma vez que a Rita Lee veio fazer um show. [ri] E eu sentadinha, nunca me esqueço, que eu fiquei impressionada com a cor do cabelo vermelho da Rita Lee. Nunca tinha visto alguém com um cabelo tão... [ri] tão vermelho. E... eu era pequena também, eu acho que eu tinha menos de 8 anos. Mas lembro, assim, com nitidez dessa, dessa imagem. E ele ficava lá em frente à casa das irmãs, né...

Biancha: Quando seu pai dizia: “Não precisa ficar assustada, não, que ele não faz mal”. O que é que você acha que passava na cabeça dele, como é que ele via esse sujeito?

Marina: Eu acho que meu pai não tinha medo, não. Acho que ele tinha muito mais uma sensação de solidariedade... Até porque meu pai tinha tido um... um... [rindo] a loucura ronda a família! Como toda família! O meu pai tinha um primo, que minha mãe sempre conta, que, uma época, ficou internado no Juquery, o Hermes, por um erro. Assim, como deve ter acontecido com muita gente. Ele passou mal na rua, acabou sendo internado... e o mundo muito pequeno, e um médico que trabalha no mesmo lugar, mora no mesmo lugar onde meu pai trabalhava o encontrou lá, o reconheceu e mandou um bilhete para o meu pai. E o meu pai foi visitá-lo algumas vezes, até conseguir tirá-lo... tirá-lo de lá. Então, acho que meu pai não tinha temor, não. Não era uma coisa que o... que o assustava. Meu pai dava comida de vez em quando... acho que meu pai tinha um contato mais próximo, assim de conversar... que eu não tinha. Eu... tenho a impressão que, quem sabe, ele tivesse. Então, aquilo... não o assustava.

Biancha: Nas tuas lembranças, você consegue acessar o que você sentia em relação a esse senhor da rua?

Marina: Eu acho que, quando... tinha uma sensação de medo, mas tinha, quem sabe, uma certa curiosidade: como é que uma certa coisa podia... oscilar tanto? Como é que aquele moço que fica com a vassoura cantarolando, de repente, tem aquela explosão de fúria? Porque era uma coisa furiosa... muito furioso, muito bravo, que parecia que ia atacar você a qualquer momento.

Biancha: Você nunca o viu em uma situação de atacar alguém?

Marina: Não. Não. É engraçado porque meus irmãos também lembram, meus irmãos são mais velhos, né... meus irmãos também lembram, porque, uma vez, comentando, a gente: Puxa, o que aconteceu com ele? Sumiu! Nunca fez mal a ninguém... Então, de certa forma, quem sabe, é uma das minhas primeiras lembranças... que marcou.

Biancha: E das pessoas da rua, você lembra como é que lidavam com ele?

Marina: Não...

Biancha: Os seus vizinhos...?

Marina: Não tenho essa... eu fico imaginando que, para ter ficado tanto tempo ali, virou como se fosse do bairro [ri]. Todo mundo, de certa forma, conhecia. Quem morava por ali... e sabia dessas oscilações e as pessoas foram, de certa forma, aprendendo a lidar com aquela oscilação. Estava bem como ele estava. Acho que, quem sabe, as pessoas se aproximassem mais, quando ele não estava bem, as pessoas ficam mais acuadas... Mas tenho a impressão que ficou um morador de rua... alguém dali. Então, ninguém pensava.... Nunca vi ninguém tentando tira-lo dali, essas coisas que hoje a gente ouve mais comumente...

Biancha: Ele tinha algum nome, assim... como é que as pessoas se referiam a ele?

Marina: Eu não lembro, não lembro. Mas estava sempre por lá.

Biancha: E sua mãe?

Marina: Olha, minha mãe, provavelmente lembra quem é, mas minha mãe tinha aquela atitude de que é alguém, que está ali, mora ali e não vai nos fazer mal. Essa sensação de quem não vai nos fazer mal... não é? [ri] Quem sabe, perpetuasse em nós... acabou perpetuando. Não vai fazer mal, então, não precisa... necessariamente ter medo.

Biancha: E os teus irmãos também tinham essa sensação?

Marina: Tinham. Meus irmãos, acho, até mais próximo. Eles eram adolescentes, então... é... tem, acho, que um misto de uma lembrança de uma época em que se frequentava a Praça Roosevelt, é... e um pouco dessa sensação de alguém que estava perto, de alguém que a gente conhecia...

Biancha: E nunca o viram como alguém que pudesse ter algo do tipo: família...?

Marina: Não, nunca.

Biancha: Uma companhia...?

Marina: Não, sempre... sozinho. E mesmo... não se juntando com outros. Sempre sozinho. ele com seu saco de roupa. Uma época ele estava com o saco, outra época o saco... estava com um cobertor...

Biancha: E você tinha alguma hipótese do que é que acontecia com esse cara, quando você era pequena?

Marina: Acho que não. É... quem sabe estivesse muito mais a ideia da loucura dele... "Ele é louco". Mas o que é isso...? Quem sabe fosse um pouco essa... mais do que alguém que... saiu de casa, perdeu a família... Acho que, quem sabe, na ideia de... será que isso é ser louco? Então...

Biancha: Louco é quem fica assim, desse jeito...

Marina: ... perambulando pela rua e que pode, então, ter esses comportamentos... quem sabe estivesse muito mais nesse registro do que qualquer outra coisa.

Biancha: E você, Marina, você já se viu sendo olhada como muito diferente?

Marina: Ah.... já. Mas você sabe que demorou a eu perceber isso, que as pessoas me olhavam de forma... diferente. É engraçado porque acho que vai passando pelo meu próprio processo de encontrar-me... é... encontrar-me com a minha forma de ser mesmo. É... descobrir qual é a sua forma de vestir-se, calçar-se, que acessórios você usa para... enfeitar-se... Então, às vezes, eu vou nas escolas, as crianças pequenas, quando eu comecei, há cinco anos atrás, isso me chamava muito a atenção: as crianças me olhavam bastante, às vezes, perguntavam quem eu era [ri]... de onde eu vinha, é... porque que eu usava colares – uma vez, a menina perguntou se eu era irmã da Globeleza! [ri] – eu falei: "Nossa! Eu estou podendo!!? Estou com a corda toda!!!" Acho que foi um marco importante isso, de como as crianças me olhavam. E acho que as crianças estão podendo falar disso com maior... facilidade do que os adultos. Então, acho que essa fase, eu acho que nessa fase também eu estou mais próxima de mim mesma. Então, acho que a gente...

Biancha: Algo, então, mais da vida adulta?

Marina: Isso mesmo. Porque essa vida adulta traz, no bojo, essa transformação.

Biancha: E o que que elas viam de diferente?

Marina: Às vezes, acho que tinha a saía... eu tenho umas saias assim, estampadas, coloridas... acho que tinha o cabelo. É... agora, ele está preso, porque ele está em crise, coitado, não sabe se ele é liso ou se ele é crespo, por causa da gravidez, os hormônios... [ri] alteraram... Então, é... acho que tinha os colares, uma coisa... acho que tinha um pouco da cor... Então, acho que isso chamava bastante atenção.

Biancha: De você estar mais remetida à cultura africana?

Marina: Sim. Porque isso... eu achava isso muito engraçado, porque lá na sala de aula tem muitas crianças. E isso me chamava bastante atenção e ainda me chama, porque ainda é corriqueiro. Não é que aconteceu lá e não acontece. Um cochicho, uma coisinha... às vezes, eu pergunto: "Você quer perguntar alguma coisa?" [rimos] É... às vezes, fica no exótico, as crianças com aquilo muito diferente, até porque, na escola está tudo... agora, está tudo muito uniformizado. As crianças usam uniforme, os próprios professores usam uniforme... Então, eu acho bem engraçado, que os professores estão querendo usar uniforme [ri].

Biancha: Vocês não precisam usar uniforme no trabalho?

Marina: Não preciso. Mas eu vejo muitos professores que trabalham comigo, usando uniforme. Porque falam que é mais prático, não vai sujar... Então, as crianças ficam... uniformizadas de certa forma.

Biancha: Você lembra quando você se deu conta de que as crianças te olhavam desse jeito?

Marina: ... É... na Educação Infantil, nos últimos cinco anos, eu acho que isso é um fato recorrente por eu entrar e sair em sala de aula. Eu também, eu dei aula em Santo André, menos de seis meses, em 2000. É... eu acho que isso chamava atenção. Quem sabe, lá atrás, quando eu comecei a dar aula em Betel, também, num grupo que eu fiquei quase dois anos, é... E tem essa coisa do padrão. Que, a princípio, você não está dentro do padrão do que é, costumeiramente, a minha professora. Então, eu acho que, como as crianças vão se aproximando da gente, olhando para você de uma outra forma,

descobrindo que isso pode ser bonito, é... eu acho que de uns sete anos para cá isso tenha chamado mais a minha atenção.

Biancha: Como era no começo?

Marina: No começo, acho que me assustava um pouco. Porque... tem o lado do preconceito que está dado [ligam o liquidificador e, imediatamente ele aumenta o tom de voz para garantir a gravação] , mas já acho que também fui aprendendo como é que, a partir disso, a gente podia ir para além do preconceito. E como é que a gente vai lidando com as perguntas que vêm. Eu acho que, o que eu percebo nas escolas, de uma maneira geral, é que as crianças falam isso e isso fica sempre muito resguardado. Como se fosse ou "não pensa" ou "não olhe muito"... [ri] Não é? Porque é diferente... Sem, ao menos perguntar para as crianças o que elas estão vendo ali. Então, acho que esse foi também um exercício que eu fui fazendo ao longo dos anos, com as situações que forma... que foram surgindo. Acho que algumas mais dolorosas.

Assim, quando eu dava aula em Santo André, tinha um menininho – eu peguei uma turma de 2ª. série, 3ª. série. Eu tinha um X de crianças, um número muito pequeno de crianças alfabetizadas e um grande número de crianças sem serem alfabetizadas. E... então, quando eu, quando eu comecei, é... eu lembro que a diretora logo me chamou para dizer que eu ia ter um menininho que dava muito trabalho, que a coisa era muito difícil... Então, está bom! E eles me descreveram uma criança imensa... E aí, as aulas começaram e ele deve ter demorado cerca de duas semanas para começar... e eu lembro que, uma manhã, eu estava com as crianças em sala, e bate na porta alguém. E eu vou atender e fala: "Bom dia!" – E ele fala: "Você é Marina?" – eu falo: "Sou". – "Eu sou Washington". [ri] E eu falei para ele: "Nossa, você é tão pequeno!! [ri] Eu estava te imaginando tão grande!" – [ri] Aí, ele falou: "Eu sou baixinho". – [ri] E mal sabia ele que o grande que eu dizia... tinha a ver com outras descrições. É... E aí, tem um trabalho difícil porque, na verdade, assim, era uma criança com uma série de dificuldades, mas, quem sabe, uma das dificuldades maiores estava em não ter sido alfabetizada. E ele sabia disso. Ele já tinha quase 9 anos, era uma 3ª. série, é... e como é que você vai criando estratégias para sobreviver num lugar em que uma parte das crianças está letrada e outra parte,

não. Então, tinha uma, tinha uma rebeldia, um enfrentamento em relação ao adulto, mas, por outro lado, também tinha uma criança extremamente receptiva, que queria aprender, sim, que queria se aproximar dos alunos, mas ele ocupava um lugar, é... muito indesejado, então, as crianças também não queriam ficar com ele... não queriam trabalhar com ele: "Eu não vou trabalhar com ele! Ele não sabe fazer!" – Não é? E um menino que sabia fazer uma série de outras coisas. Então, essas coisas sempre vão chamando a minha atenção. As imagens que vão sendo construídas e como é que a gente pode lidar na destruição dessas imagens. Quem sabe, ajudando essas crianças a destruir essas imagens, eu também tenha ido, ajudando, de certa forma, a lidar com a minha própria... com a minha própria imagem. E essa sala, tinha um menino chamado Fabiano: Fabiano também não era alfabetizado e... a gente sentava muito tempo junto para fazer as atividades juntos... até o momento em que ele ia precisando de outros parceiros, que não era só eu... e ele me cansava porque era em mim que ele depositava toda essa... [ri] essa expectativa. E um dia, fazendo a lição, ele falou assim para mim, eu falei para ele: Agora, Fabiano, você faz essa parte sozinho, que eu vou ajudar as outras crianças e depois eu volto. Muito bravo, ele falou assim: "Sua preta!!"– [ri] Eu falei: "Ué?! O que está acontecendo?" [ri] Eu falei: "Sou preta mesmo, Fabiano, não estou entendendo o que é que isso tem a ver com [ri], com a nossa lição. Você está bravo? Eu também estou muito brava, porque eu estou cansada de ficar aqui e eu tenho que... e você acha que eu tenho que ficar aqui". – Aí, passou o dia, passou... eu pegava o trem, ia de ônibus e eles sabiam, mais ou menos, onde eu descia. E eu tinha por hábito levar o jornal, que eu ia lendo. Algumas vezes, eu lia para eles trechos do jornal... é... livros que ainda iam ser lançados... que eu achava legal, mesmo a gente ainda não tendo lido, a gente podia imaginar como é que seria esse livro... E ele era meu grande companheiro. Ele sabia a hora que eu chegava, ele ficava lá [ri] me esperando no ponto de ônibus. E acho engraçado que, acho que, a partir desse dia, me parece que o vínculo se... se... é... tornou-se mais forte. Quem sabe, até para mim, porque aquilo se tornou um desafio, porque eu estava para além da cor, e quem sabe, precisasse provar isso para ele também. É... e... e... são imagens legais, porque ele ficava me esperando, a gente vinha para a escola conversando. Ele

falava: “Então, pro [professora], porque aconteceu isso em casa. Ah, pro, por causa disso, disso e disso”. – E ele acabou o ano alfabetizado. Então, acho uma vitória muito significativa para ele, acho que, de uma certa forma, ele passou a me ver de uma outra, uma outra maneira... E aí, vai me chamando atenção como as crianças vão se utilizando disso como, como uma forma de... ofensa. Não é? E aí, eu fiquei pensando como é que eu tinha que reagir diante disso.

Biancha: Que cor que era o... Washington? Washington não, o...?

Marina: Não, não, era branco. O Washington fugia [ri], o Washington dava muito trabalho, né... era a época do Tazo, do bendito Tazo. E aí, eu lembro que ele foi com o Tazo e tinha uma hora lá que eles podiam jogar Tazo mesmo. Tinha tabela... campeonato, aquela coisa toda. E eu falava: Washington, guarda o Tazo que agora não é hora do Tazo. – “Nãããão.... – [mais firme] Washington, guarda o Tazo, que agora não é hora...” – Teve uma hora que eu falei: “Washington, olha, se eu tiver que ir até aí para pegar, eu vou guardar e, se eu devolver no final do dia, eu não sei, porque vai depender do meu humor. Se eu estiver muito irritada, provavelmente, eu não vou devolver”. – “Ah, está bom”. – [ri] Aí, ele continuou, eu fui lá e peguei. Ele falou: *“Sua vagabunda!”* - E... aquela coisa que causa impacto num primeiro momento... e eu falei: “E agora? Vagabunda. Então, a vagabunda vai guardar o Tazo e depois resolve o que vai fazer com ele”. – E ele ficou lá um bom tempo lá, quieto. E, no final do dia – eu sempre tenho uma relação muito próxima com as crianças – ... eu estou lá, guardando as coisas, ele vem... “Pro, deixa eu te ajudar” – que sempre eles ajudam. Eu falei: “Não precisa me ajudar, não quero a sua ajuda, porque eu estou brava com você. Então, amanhã a gente conversa. A nossa conversa, por hoje, acabou”. [ri] Então, acho que aprendi a dar essa pausa, porque o trabalho, na escola, eu acho que ele exige isso, a gente fica muito levado por qualquer tipo de... E acho que isso eu fui aprendendo com as crianças. Fui percebendo como essas coisas, de certa forma, tinham efeito, porque a gente se reestrutura. Porque senão, a gente fica guerreando... É... e não leva a nada. Eu acho que, aí, quando a gente se afasta, eu me fortaleço...

a gente vai pondo a coisa no lugar... e como é que a gente vai limpando essa... essas coisas todas.

Biancha: E esses dois meninos, algum deles voltou a essa questão do: Preta, do Vagabunda? Para tentar entender ou para reforçar, não sei...

Marina: O Fabiano, o Fabiano sim, porque... [ri] é engraçado que, depois, um dia, a gente conversando, ele foi dizendo que, na casa dele, tinha pessoas da minha cor. Eu falei: "É mesmo!?" – Ele: *"É".* [ri] – Eu falei: "Na minha família também tem gente da sua cor. Uma mistura, Fabiano!! Tem gente de tudo o que é cor. Não é!?" – E como é que as cores vão se misturando. Acho que, para o Fabiano, quem sabe, isso tenha ficado mais... mais forte. Quem sabe, aquele dia tenha marcado ele mais do que eu... mais do que eu imagino. Porque, junto, acho que havia duas coisas: acho que havia um pedido de socorro, de alguém que vivia uma situação difícil, que é uma situação de ter que aprender a escrever, que eu acho uma coisa muuuito difícil para as crianças. Não é essa coisa tão simples como a gente gostaria. Principalmente, para quem tem dificuldade. E quando você encontra alguém, me parece, meio porto seguro, e aí, você não quer que o porto se... se afaste. Como é que a gente vai lidando com isso tudo. Que eu tinha que me afastar, não dava para ver cada palavra para verificar se está certo. Como é que a gente vai lidando com tudo isso. Acho que isso é muito difícil para as crianças também. A gente fica numa ansiedade muito grande, porque a gente também quer que a criança se alfabetize... [ri] Então, acho que, naquele momento, era como se eu estivesse abandonando. E não podia abandoná-lo! Né? Então... Acho que fica um marco. Mas depois, tudo foi passando, foi... ele foi capaz de desligar-se mais... de sentar com os grupos, de tentar com outras pessoas... não que ele não recorresse a mim não sei quaaantas vezes ao dia, mas isso foi ganhando um outro...

Biancha: Teve efeito você também poder dizer que estava cansada, né?

Marina: Sim, acho que isso era... era... era... acho que isso era legal. Essas histórias me marcam mesmo, dessas crianças. Como é que a gente vai lidando com essas coisas que estão bem... difíceis....

Biancha: E você tem notícias delas, hoje em dia?

Marina: Não, desses não. Porque, de Santo André, eu me exonerei em setembro, porque eu não aguentava mais. Era uma, uma viagem, era uma coisa muito... mas era uma turma de trabalho, é... foi uma turma de trabalho bastante interessante, porque a gente produziu muitas coisas legais junto. Então... uma turminha que, em setembro, era muito diferente da turminha... pela autonomia, pela forma de trabalhar... pela organização; todos trabalhavam juntos... tinha controle do que ia fazer, como fazer... pela qualidade tanto da produção gráfica quanto da produção plástica... É... enfim, eu tinha um grupinho de meninas que já liam com muita... eu encontrei já lendo, então, foi ampliando o que ler, na verdade. Elas falavam: "*Você pode emprestar para mim os seus livros grandes?* [ri] Desses que você traz para ler para a gente, para a gente levar para casa?" – Porque, de fato, foi ampliando. Então, escrevendo muito bem... então, isso é... eu acho que é uma das coisas mais legais da sala de aula. Essa coisa: demora para pegar isso, mas quando pega... fatalmente se alastra. O trabalho continua.

Essas crianças, não. Depois que eu saí de Santo André, eu não tive mais contato. Eu tenho contato com algumas crianças de São Bernardo, que eu acompanhei pequenas e que, hoje, estão com oito, nove anos, no Ensino Fundamental. Então, essas, de uma certa forma, eu tenho...

Biancha: Esse tempo todo, de algum jeito, você está presente na vida delas.

Marina: Uma história engraçada é a história de um menino que eu atendi na Sala de Apoio, chamava Fernando. E... esses dias até... fiquei sabendo dele, que ele está com doze anos, está tendo muito, muitos problemas na escola. E... na escola, com a mãe... a coisa está meio complicada. E aí, coincidentemente, a psicóloga que trabalhava com ele lá no Centro de Apoio está hoje no Ensino Fundamental, e ela me ligou para a gente trocar umas figurinhas... porque eu acompanhei o Fernando quase dois anos, acompanhei... fiz o desligamento da Sala de Apoio, fiquei atendendo ele só na escola, para encontrá-lo. E essa coisa da cor... que marca a gente. O Fernando, um dia, ia ter uma festa no Centro de Apoio e... e... as crianças iam dançar. E ele não queria dançar. E a mãe dele não suportava o fato de ele não querer dançar. [ri] então, começou lá uma briga entre a mãe, que queria que

ele dançasse, e ele... e, me parece, que ele, não suportando os olhos da mãe vê-lo dançar, aquilo causava um temor grande, e aí, ela veio e: “Fica aí com a Marina, va, que, você também, não quer dançar, então, não quer!” – E aí, nós fomos a... vendia bolo e eu sabia que ele gostava de bolo, eu falei assim: Vamos comprar um bolo, que a gente come... Aí, nós fomos. Chegou na barraca, os bolos estavam todos embrulhados num papel laminado, e eram todos bolos de chocolate. Na hora que ele abriu o bolo, ele falou assim: [com espanto] “Marina, você é da cor do chocolate!” [ri] E eu falei: “É, Fe!!! Eu sou chocolate preto e você é chocolate branco”. – E aí, ele comeu. Passados uns oito dias, eu estive na escola, e a professora falou: “Olha, alguma coisa de muito esquisito aconteceu com ele. Ele está com mania de levantar a calça das pessoas, ficar olhando por baixo da mesa e ficar falando; chocolate preto, chocolate branco...[rimos] chocolate preto, chocolate branco, chocolate preto, chocolate...*”* E ele sempre gostou muito de chocolate, muito! Tinha uma mania de... umas coisinhas assim. Aí, eu falei: “É mesmo!? Eu não acho que é, não, eu acho que ele está aprendendo as cores”. – Porque, até então, parece que o mundo não tinha cor, era tudo preto e branco. Aí, a gente se encontrou na semana seguinte na escola e eu levei para ele uma caixa de lápis de cor com 24. E eu falei: “Te trouxe uma coisa!” – Ele falou: “O que é!!?” [ri] – Falei: “Abra!” – Ele falou: “Lápis!!” – com o olho arregalado assim... eu falei: “É, Fe! Você viu quanta cor!?” – e misturei tudo. E ele foi separando e agrupando por tonalidades. Em menos de 15 dias, ele dizia: “*Esse é azul claro, esse é azul celeste... [ri] isso é azul-sei-lá-o-que, isso é verde-sei-lá-o-que*, isso é...” E aí, cores para pintar, porque, anteriormente, parecia que não tinha nenhuma... nenhum sentido. E eu brincava: “Ehh, Fe, o mundo ganhou cor, agora!?”

Biancha: Que idade que ele tinha?

Marina: Tinha seis anos.

Biancha: E ele era dessa população com deficiência, que você atendia?

Marina: O Fernando me marcou bastante. A gente ficou junto quase dois anos, assim. Ontem, ontem até uma amiga minha estava comentando de um atendimento que ela, que ela faz, ela falou: *“Olha, a menina, a menina chegou triste...”* – e eu brinquei com ela: “Ainda bem, que ela pôde chegar triste”. – Eu

falei: “Sabe que isso me lembra o Fernando”. Eu me lembro um dia que o Fernando chegou muito triste. Os olhinhos triiiistes... porque ele sempre chegava batendo na porta, eu tinha que dizer: “Não é sua vez ainda, Fe. Volta lá e espera”. – Chegou triiiste e aí, eu lembro que eu falei assim: “Você está triste, Fe?” – Não respondeu. E eu falei: “Ah, então, está bom. Então, vamos começar. Eu acho que eu vou contar uma história, você quer escolher?” – Ele não respondeu. E aí, eu falei: “Ah, então, eu vou sentar aqui no colchão...” – E o Fernando não gostava de muito contato físico. Eu falei: “Fe, você quer um abraço?” – Aí, ele me olhou e: “Vou sentar aí do seu lado”. [ri] E sentou. E ficou um bom tempo. E eu falei: “Às vezes, quando a gente está triste, a gente não quer falar, Fe? Então, a gente pode ficar em silêncio.” – Ficamos um tempo em silêncio. Aí, depois, ele olhou, eu tinha perguntado se ele gostava de cantar... aí, ele começou a cantar... Então... o Fernando, esses dias, andou me rondando aí com a história do Fundamental, com essa história essa semana... e essa coisa bem legal da cor – do preto e do branco, preto e branco, preto e branco.

Biancha: Que da sua cor, da cor dele... o mundo...

Marina: Isso, isso. Acho isso... extraordinário! [ri] Muito legal.

Biancha: Ele pôde descobrir com você...

Marina: É. A cor. Essa coisa do bolo é uma cena que, para mim, é bem nítida. Eu lembro com nitidez da gente desembrulhando o papel laminado, ele olhando para o bolo e falando: “Chocolate preto! Marina, você é chocolate preto!” [rimos] E eu falei: “Aí, nunca vi uma.... delícia!!” Ser comparada com chocolate preto! E, nesse sentido, eu acho que, muitas vezes, as próprias crianças, é... foram me ajudando a resolver essas questões e pensar sobre elas. Eu acho que, também, a gente não tem a dimensão se a gente também não é convocado a pensar. Quem sabe, tenha gerado, para mim, um pouco de como é que a gente convoca as pessoas a pensar sobre isso. Quem sabe, seja esse o grande, o grande desafio mesmo. Que espaço é esse que a gente abre e que a gente pode conversar sobre isso, para além desse sermão de que somos [blasé] todos iguais, que você pode...

Biancha: Que as pessoas ouvem e falam: “Mas eu estou vendo diferente. Tem alguma coisa estranha nisso que você está falando, mas... tudo bem. Vou engolir”.

Marina: Isso. Isso. Eu acho que a gente ainda faz isso muito mal feito. A gente tem muito medo do que pode vir debaixo disso. Que passa por isso mesmo: o cabelo!!... O cabelo sempre me marcou. [ri] Essa coisa do cabelo, cabelo de bombril... como é que a gente vai dando lugar e forma... eu tenho uma grande amiga, que ela tem cabelo crespo. Ela é beem branca, mas o pai dela é branco, mas com uma avó negra. Então, ela é bem branca, com o cabelo todo, beeem... encaracolado. E a gente brinca que a gente ainda vai escrever um livro sobre cabelo. E na tese dela tem uma crônica sobre cabelo. Porque essa é uma coisa que, de certa forma... é... marca a nossa vida desde criança. O cabelo, a forma de pentear o cabelo, que ela é diferente das outras crianças...

Biancha: Como é que você fazia quando você era pequena?

Marina: Minha mãe fazia trancinha, trançava. Minha mãe sempre trançou meu cabelo, sempre tive o cabelo grande... Uma época, a minha mãe resolveu alisar o cabelo, porque achava que ficava mais fácil para... para cuidar. Mas a minha infância é marcada por isso: acordar mais cedo para trançar o cabelo.

Biancha: Você fazia as trancinhas pequenininhas?

Marina: Não, minha mãe fazia duas, fazia quatro... Isso era uma coisa que me incomodava, porque, às vezes, eu queria ir com o cabelo solto para a escola. Minha mãe dizia que não, que não podia ir, porque... para a minha mãe também não era padrão do cabelo bonito. A minha mãe tem cabelo liso [ri], eu falava: “Está vendo, não fez a mistura direito, olha aí...! Ficou mais para um lado do que para o outro”. – Então, quem sabe, para a minha mãe, isso fosse muito... muito difícil de...

Biancha: O cabelo encaracolado vem do seu pai?

Marina: Do meu pai.... Muito difícil de lidar. Então, hoje, ela fala: “Você não vai pentear o cabelo?” – [ri] Eu falo: “Aí, mãe, olha, não vamos discutir por causa do cabelo”. Eu brinco com ela, que ela trançava com muita força o meu cabelo... E ela: “É filha!?” – “Você não lembra??” [ri] Eu devia até ficar com os

olhinhos puxados! [rimos] E, às vezes, ela... minha mãe, hoje, ela não enxerga... ela tem um glaucoma super avançado... e, de vez em quando, ela lava o cabelo e eu desembaraço. Ela fala: “Está puxando!” – Eu falo: “Mãããe... a senhora tem lembrança do que é puxar cabelo”. Então, isso marcou durante...

Biancha: E você queria ir com ele solto na escola?

Marina: Queria. E minha mãe nunca deixou. Não. Durante... eu lembro uma vez que teve uma festa, que a gente dançava espanhola na escola. Eu estudava em colégio de freira na infância. Então... a gente dançava espanhola, e aí, tinha que prender uma fita. Eu acho que era a única vez que ela permitiu. Fora disso... para a minha mãe isso era sinônimo de desordem, bagunçada... Então... eu vivi muitos anos com cabelo preso. Acho que faz poucos anos que eu resolvi soltá-lo de verdade. Eu não aguentava mais ele, ele preso... Aí, não quis mais alisar... todo esse processo. Mas, durante a infância, eles sempre foram presos.

Biancha: E as pessoas percebiam... “Ah, tem um cabelo diferente!” – ou..?

Marina: Olha, como eu estudei numa escola de freiras, a única negra como eu era a Silvia, que era a filha do seu Paulo, que era o porteiro da escola. Então, eu, eu... agora, eu sofri bastante na escola até a 4ª. série. Eu era muito chorona, muuuito chorona. Eu... chorei bastante. Hoje eu tenho um pouco essa sensação, eu acho que eu me sentia diferente naquele ambiente. Eu tinha... não sabia muito lidar com aquilo, então, me sentia muito frágil. Agora, eu dei trabalho na escola, para me adaptar. A primeira vez eu não fiquei, minha mãe teve que... acabou me tirando... porque eu chorava demais [ri] e não e não queria ficar na escola. Quem sabe, hoje, isso faça com que, hoje, eu tenha um... às vezes, eu vejo criança chorando na escola, isso me chama um pouco a atenção. Acho que as pessoas tratam isso com muita... é... leviandade, né. Ou chora demais, já passou o tempo de adaptação e essa criança continua chorando ou, se está chorando, é porque a mãe é sei lá o quê... quer dizer, eu vejo crianças chorando bastante na escola... Então...

Biancha: E não se lida com o choro. Se explica, mas não se lida, né...?

Marina: Não. Então, acho que isso, de certa forma, também me sensibiliza. Vejo crianças chorando, vejo professoras bastante impacientes com esse, com esse choro... é... Eu acho que a gente não sabe lidar com isso mesmo.

Biancha: Você lembra de você chorando?

Marina: Lembro. Lembro de chorar porque achava que não ia participar da queimada, achando que não ia pular corda... E acho que, num determinado momento, as crianças perceberam que eu chorava com muita facilidade, então, as crianças também provocam você para chorar. Então, lembro também de ser provocada, dizendo: “Você não vai participar!” – Porque sabia que eu ia...

Biancha: ... chorar.

Marina: ... que eu ia chorar. É...

Biancha: Porque será que você pensava que não ia participar?

Marina: Não sei... é. Tinha sempre essa sensação. Na verdade, também, assim, eu sou a única mulher no meio de quatro irmãos homens. [rimos] E eu sempre fui a caçulinha, a protegidinha de casa, de todo mundo. E também morei sempre aqui no centro, em que a população é uma população mais velha mesmo. O contato que a gente tem com as crianças, eu morava num prédio que tinha poucas crianças, então, eu também não tinha esse hábito de brincar com criança. Eu brincava muito sozinha. Lembro muuuito de eu brincar sozinha: montar e desmontar casinha, montar e desmontar escritório... Até que meu irmão nasceu, meu irmão caçula quando eu tinha cinco anos. E eu brincava muito com meu irmão. Até vestia de menina ele, [ri] durante um bom tempo. Vestia ele de menina, porque eu queria muito que ele tivesse sido uma menininha. Esses dias eu estava até lembrando disso, foi aniversário da minha sobrinha, que fez nove anos, e que eu lembro com nitidez do vestido que eu colocava nele. Um vestido que eu tinha sido dama-de-honra da minha tia: rosinha [rimos]. E minha mãe não se preocupava muito com isso, não. Minha mãe deixava a gente... brincar. Meus irmãos mais velhos que, se chegassem em casa e vissem ele vestido de menina, falavam: “Olha, aí, mãe, essa menina fica vestindo ele de menina...” – e hoje eu falo para ele: “Está vendo, Marcelo como essa questão do ser homossexual não passa por essas....

necessariamente por essas questões, que a gente teme tanto" [ri]. E... minha mãe deixava, que, no fundo, quem sabe, minha mãe também tinha o desejo de que ele fosse menina. A gente, eu lembro que a gente saía para comprar enxoval, a gente comprou um monte de coisa rosa, não tinha ultra-som naquela época, chegou o Marcelo! [ri]. Então, não sei se ele usou todas aquelas coisas rosas que foram compradas, acredito que sim [rimos], elas devem ter sido, devem ter sido usadas. Então, na escola também é a primeira vez que eu vou ter contato com criança. Que eu tenho que dividir, que eu tenho que dizer se eu vou participar... se eu quero... não é? Então... acho que sai desse mundo nuclear, essa coisinha... da família... então, acho que foi uma ruptura muito grande para mim. E que, às vezes, eu vejo crianças vivendo isso também. E a gente não tem... eu acho que ir para a escola é uma coisa difícil. Não é uma coisinha assim... tão fácil assim, como a gente imagina que seja. Ficar lá quatro horas com pessoas desconhecidas, com um monte de gente desconhecida...

Biancha: Um lugar que é grande...

Marina: Grande!... ao seu redor... e todo mundo quer que você fique feliz.

Biancha: Com que idade você estava quando foi para a escola?

Marina: Eu fui à escola pela primeira vez aos cinco anos.

Biancha: Educação Infantil mesmo...

Marina: Educação Infantil. Aqui na Consolação, naquele parque que tem naquela entrada ali. Minha mãe não queria me pôr na escola. Ela achava que não precisava. Ia só aos seis anos, para que que ia pôr antes? Né? Eu estava bem... então, porque, porque ir para a escola? Mas acho que aí, insistiram, porque tinha vaga, e eu fui. Mas sofri muito no começo. Coisas básicas, por exemplo: eu não tomo leite, desde pequena, não tenho a menor... e tinha que tomar leite de manhã. E eu brinco que, hoje, uma coisa que a escola minimamente melhorou, é isso, pelo menos, hoje a criança tem opção. Quer ou não quer... vai comer ou não vai comer... naquela época não tinha essa história: não querer. Né? Mas, aí, a gente também vai encontrando meios... eu lembro de derrubar a caneca na caneca de uma outra menina que gostava, que gostava bastante de leite. E aí, eu não tomava leite de manhã. Então... então,

eu já começava o dia chorando, que imaginava que ia ter que sentar, ia ter que tomar o leite [ri]...

Biancha: Nessa sua época de Educação Infantil, você lembra de alguém que fosse deficiente...?

Marina: Não...

Biancha: Louco...? Alguém, algum coleguinha que..

Marina: Não...

Biancha: Professor...?

Marina: Não... Agora, eu lembro, quando eu fui para a escola de freiras, a primeira pessoa que eu vi com paralisia. Que, na época em que a paralisia... ainda tinha algumas crianças... e chamava atenção uma menina bem gordinha, que usava uns aparelhos na perna.

Biancha: Para a escola de freiras você foi...?

Marina: Aos seis anos.

Biancha: Sua 1ª. série?

Marina: Fiz o Pré... e aí, eu dormia. A professora chamou a minha mãe, disse: "A sua filha só dooorme! Muito". – [ri] Aí, a minha mãe ficava lá à tarde, me infernizando, fazendo um monte de lição. Tanto que, aos seis anos, eu já estava alfabetizada. Entrei na 1ª. série já alfabetizada.

Biancha: E foi no pré ou na 1ª. série que você encontrou essa menina com paralisia?

Marina: Eu acho que eu devia estar na 2ª. ou 3ª. série. Eu lembro porque, na escola de freiras, alguma parte das salas, ela ficava num canto e tinha um grande ferro. Eu sempre lembro da menina, a imagem que eu tenho dela é que ela ficava grudada ao ferro para poder, para poder locomover-se. Eu acho que criança é a primeira pessoa que eu... que eu vi.

Biancha: Você lembra o que você sentiu, quando você a viu?

Marina: Eu acho que não tinha... eu queria entender o que que era aquilo, porque que ela usava aqueles negócios na perna. Anos depois... que eu vim a entender, porque nunca ninguém me disse o que que ela...

Biancha: O que que ela tinha... ninguém explicava o que...

Marina: Não. Anos depois que eu deduzi que devia ter sido paralisia infantil. Pelo...

Biancha: O que que falavam dela?

Marina: Eu não lembro... o que falavam. Eu lembro dela não participando das coisas junto com a gente. Não é?... É... agora, essa imagem, para mim, é muito forte: dela segurando ao ferro para poder, para poder chegar no... num lugar, assim.

Biancha: Era da sua sala de aula, ela, ou não?

Marina: Não, eu acho que não. Não. Porque, se fosse, acho que teria um contato maior.

Biancha: Será que ela pertencia a alguma sala de aula?

Marina: Acredito que sim, que pertencia, sim. Pela questão do uniforme, que ela usava uniforme como todo mundo... e esse horário ou era horário da entrada ou horário do recreio...

Biancha: Então, ela estava por ali.

Marina: Estava por ali. E lembro que, quando a gente chegava na escola de freiras, arrumava as filas e... a gente ia rezar antes de entrar para a sala. E... e lembro dela sempre vir carregada, de não poder ficar... A imagem é: ou é carregada ou é na grade...

Biancha: Andando com apoio.

Marina: ... com apoio. Foi a primeira pessoa que eu vi, acho que tinha oito ou nove anos, mais ou menos.

Biancha: E entre os amiguinhos alguém comentava alguma coisa?

Marina: Não me lembro. Eu... eu acho que essas coisas estavam tão no lugar de que elas não era comentadas nem vistas...

Biancha: Nem por parte dos adultos nem por parte das crianças...?

Marina: Isso. Isso de a gente manter o sigilo sobre o que a gente via, quem sabe, fizesse parte de um pacto... que até pensa, mas... não pode falar. Como se fosse sinônimo de falta de educação. Não é? Perguntar para alguém. Que hoje eu vejo as crianças fazendo isso com maior facilidade, algumas circunstâncias na escola. As crianças: “Porque que ele não anda?Porque que ele... porque que ele está na cadeira? Ele vai andar? Ele vai tirar a fralda?”

Biancha: E tinha alguém com quem você, na época, encontrou parceria para falar: Aí, o que que ela tem na perna? O que será que tem? O que é aquele ferro? Com alguém dava para falar disso?

Marina: Quem sabe, eu tivesse perguntado em casa, à minha mãe, da menina que tinha... porque, agora, falando, é... se eu tivesse perguntado à minha mãe, se eu tivesse... alguma. Aos amigos, eu acho que não. Acho que é uma coisa para perguntar mais...

Biancha: Nem para professora?

Marina: Não, não. A gente não tinha essa relação de... [ri] confiabilidade com os professores a esse ponto aí, não. Se eu tivesse perguntado alguma coisa, seria a minha mãe.

Biancha: As hipóteses sobre o que que tinha, o que que se passava, era você com você mesma.

Marina: Isso mesmo. Tanto que, anos depois que eu, um dia, assim, falei: Gente, acho que aquela menina tem paralisia! Né, porque ela com aquela perna, aquele aparelho... aquela... aí, você vai fazendo a lógica: as campanhas de vacinação no Brasil começaram em tanto... Porque aí vem a tentativa de... ah, por isso que tem esse tanto de gente com paralisia...

Biancha: Você estudou nessa escola até...?

Marina: Eu fiquei até o final da 4ª.

Biancha: E ela?

Marina: Pode ser que tenha continuado.

Biancha: Tá . Mas até a 4ª. ela estava lá.

Marina: Estava porque eu lembro dela circulando, apoiada na grade.

Biancha: E depois, o que aconteceu depois disso com ela, você não faz ideia?

Marina: Não faço ideia. Acho que é um dos primeiros... quando criança, acho que um dos primeiros contatos que eu tive.

Biancha: E depois, na 4ª., para onde é que você foi?

Marina: Aí, eu vim para o Caetano de Campos. Aí, eu fiz da 5ª. a 8ª. E depois, eu fiz o Magistério. Para mim foi uma ruptura grande. Era um outro universo, completamente... diferente. Foi difícil também de me adaptar. [ri]

Biancha: E essa escola que você ficou do Pré até a 4ª., ela era pequena...? Como é que ela era?

Marina: Olha, não era tão pequena, não. Porque meus irmãos... para os homens havia até a 8ª. série. Para as meninas, tinha o Magistério.

Biancha: Como é que chamava?

Marina: Chama Escola Santa Lúcia Filippini. Ficava em Itaberaba, na Freguesia.

Biancha: Você saía daqui e ia para a Freguesia?

Marina: Porque... meu pai, a gente morou alguns anos na Freguesia, meus irmãos estudavam lá. Aí, mudamos para o Centro. E aí, meu pai resolveu que os meninos continuariam, que eles já estavam perto de terminar a 8ª. série e que, então, eu iria com eles. Na verdade, eu não continuei depois, porque meu pai achava que eu era muito pequena para ir sozinha. E aí, acabou... colocando aqui, aqui no Centro. Então, era um outro universo. Era completamente [ri]... não tinha fila! [rimos]

Está vendo como a gente vai se encontrando com as coisas!? Eu lembro que, o primeiro dia que eu cheguei, não tinha fila. [rimos] Eu não entendia aquilo: tudo se dava na fila, né... Chegava e ia para a fila para rezar, ia para a fila para entrar, fila para sair, fila para comprar lanche... Era uma coisa... completamente enfileirada. Então, a primeira sensação que eu entrei naquele portão, naquele mundão... era a sensação de que não existe fila, não existe

ordem! [ri com ironia] Não é? E... "Que desordem esse negócio de não ter fila!!" Né? Então, foi uma ruptura grande ali na 5ª. série, né...

Biancha: Desordem... que coisa... ruim...?

Marina: Ruim, ruim... É! No começo, para mim, foi muito difícil. E aí, também tinha isso de que as pessoas que estavam comigo na 5ª. série eram pessoas que já tinham estado juntas na 1ª., na 2ª., na 3ª., 4ª. Então, deee nooooovo, eu tive que entrar num outro espaço, que eu não conhecia as pessoas. Eu era uma criança.... eu era tímida... e aí, eu entrei numa 5ª. série à tarde, que era a 5ª. G, e as pessoas, tinha um grupo de adolescentes, provavelmente reprovados, que eram mais velhos do que a gente; já tinham catorze, quinze anos. Então, as meninas fumavam... é... faziam bagunça na sala... aquilo, para mim, era o fim do mundo! [rimos] Então, também foi uma no bastante difícil.

Mas aí, a gente acaba se encontrando, porque sempre tem alguém que é meio parecido com você: mais silencioso, um que fica mais quietinho. Então, você vai meio que se encontrando. Aí, eu acabei... encontrando... fiz grandes amigos, são amigos até hoje... pessoas que são amigas até, até hoje.

Biancha: Ficaram até a 8ª., aí, você foi para o Magistério... algumas foram com você?

Marina: É... uma das coisas legais do orkut foi isso. Encontrei algumas dessas pessoas. Uma dessas pessoas é designer gráfico, que vai fazer a parte gráfica da minha tese... Então... mas... essas pessoas marcaram... por exemplo, a Rosa, marcaram bastante a minha, a minha adolescência, porque elas eram diferentes. Na forma de vestir, no que faziam... aonde frequentavam... então, tinha um certo olhar de admiração e de... proximidade. Então, hoje, às vezes, eu penso que... são pessoas que, de certa forma, estiveram guardadas em mim durante muitos anos. Porque estavam à frente daquele sistema, daquela... coisa toda.

Biancha: Como elas eram?

Marina: Ahhnnn... as duas Rosas, a Rosa, uma das Rosas morava na rua de casa, então, a gente vinha e voltava para a escola junto. A gente brinca, que a Rosa é pisciana também, falo: "Eh, Rosa, temos as mesmas síndromes". Mas

elas eram altas, magras... mas dançavam, faziam, participavam de muitas atividades aqui na [biblioteca] Monteiro Lobato... Então, acho que tem uma aproximação com o mundo da cultura mesmo que, quem sabe, tenha se dado com essas pessoas. Com a Lúcia... a Lúcia, hoje, é professora lá da UNICAMP, é... então... da forma de usar a polaina – porque a gente é da época da polaina, nós usávamos as polainas encadeadas, as roupas que eram... acho que, hoje, elas seriam... [perguntando-se] seriam *fashion*? Tinha uma coisa de cortar a camiseta, de... sapatos coloridos e diferentes...

Biancha: Isso é o quê? O começo da década de 80?

Marina: É. É. Então, elas já eram... nesse sentido, muito diferentes da minha vidinha mesmo. Daquela coisa que a minha ame sempre fazia os vestidos para eu vestir; elas usavam pouco vestido... Então, acho que isso... de certa forma, chamava a minha... atenção. Pelo que viam, pelo que ouviam... então...

Biancha: Que era muito diferente daquilo que você...

Marina: Sim! Que eu vivia. Então, acho que... isso é um marco importante essa...

Biancha: Dessa época de Ginásio, mesmo de Magistério, você conviveu com alguém que fosse deficiente ou louco?

Marina: Não, acho que não..... no Ginásio, acho que não. É, não lembro de ninguém. Havia, assim, aqueles que a gente chamava de bagunceiros. Ficavam num registro... grande, mas... louco ou deficiente, não lembro de ninguém.

Biancha: Nem professor, funcionário...?

Marina: Não. Mas, quando eu comecei no Magistério, a gente tinha uma professora de Português chamada Laura, que... para subir as escadas, ela tinha que parar para pensar se era o pé direito ou o pé esquerdo que ia primeiro. E eu lembro que, durante um bom tempo rondou uma história de que ela fosse meio louca. Meio esquisita – "Essa mulher é meio esquisita". – Mas eu tive um encontro com ela; ela foi minha professora de Língua Portuguesa, que, para mim, foi muito marcante, porque foi um trabalho completamente diferente. Então, foi a primeira vez que eu escrevi o que eu entendia e não...

[rimos] não apenas... Então, eu acho que... quem sabe, nesse sentido, a loucura, na minha vida, tenha vindo sempre de uma forma... como uma brecha que dá oportunidade para outra coisa. Então, essa mulher, que parecia tão esquisita, porque tinha um.... não era nem...

Biancha: Ela subia um degrau...?

Marina: Aí, tinha que parar para pensar se era o pé direito ou o pé esquerdo...

Biancha: Fixava em um degrau para, daí, se lançar...

Marina: Isso, isso.

Biancha: nas mãos ela...?

Marina: nas mãos tinha um certo tiquezinho... alguma coisinha assim...

Biancha: Hoje, pensando, você diria o que se passava com ela?

Marina: Olha, não sei... fico pensando assim, é... uma mulher muito culta, muito inteligente, uma cabeça que processava muito rápido as informações... tinha uma letra horrorosa, um garrancho... [ri] para escrever... Agora, tinha uma capacidade de articulação, assim... que, para mim, na época, era muito impressionante.

Biancha: Então, talvez, ela tenha aí algum problema psicomotor...

Marina: Pode ser... associado, assim, quem sabe.... ficou muito forte a fama da "Laura Louca", porque, inclusive, tem uma comunidade no Caetano de Campos: "Quem conheceu a Laura Louca".

Biancha: Nossa!!

Marina: E eu... eu ficava tão brava com isso...

Biancha: "Laura Louca"??

Marina: É. É... foi o primeiro ano que ela deu aula num colégio de estado. Ela era judia, com filho pequeno, que eu lembro dela narrar algumas coisas sobre, sobre o filho, né... Agora, me parece que aquelas pessoas com quem eu estudei naquela época, ela marcou a nossa vida em função disso... Lembro que a gente passou a usar o livro de trás para frente. Então, a gente estudava dois movimentos ao mesmo tempo: Modernismo e o Barroco. Então, ela...

levou a gente para assistir *Bailei na Curva*, que é uma peça da década de 70, e, ao mesmo tempo, *Nostradamus*, com o Antônio. Ao Museu do Folclore e ao MASP, sempre fazendo esse... esse contraponto. Ela recitava poesias... aí, a fala era articulada... explicava as cores, o que que queriam dizer as cores no poema... e tinha uma coisa de que a gente tinha que escrever um texto do que a gente tinha entendido. Então, não adiantava a gente ficar decorando os dicionários que vinham após os exercícios, porque não serviam para absolutamente nada. E... eu lembro da primeira prova, da enxurrada de notas baixas... porque a gente não estava acostumado a fazer isso. Depois disso, só vinha um crescente, de todo mundo mesmo. De as pessoas escreverem poesias, escreverem textos...

Biancha: Vocês ficaram com ela quanto tempo?

Marina: Acho que um ano, mas um ano muito marcante para todas essas pessoas. E aí... acho que a gente ficava um pouco na defesa, porque ela dava aula de 5ª. a 8ª. também, e dava aula no Magistério. É... mas tem uma coisa da "Laura Louca" assim.

Biancha: Esse "louca", você acha que vem de onde?

Marina: Eu não sei se tinha a ver com esses trejeitos, essa coisa... daí vem a ideia de falta de controle, né... Não sei se a lógica, a forma de discutir e apresentar as coisas que era muito diferente do até então dado: um livro de Português que começa do fim?! [rimos]. Não, tinha que começar do começo: [com ironia] nunca ia chegar ao Modernismo, mas não importa. [rimos]. Quem sabe, pela postura contundente, me parece... né. Quem sabe, tivesse alguma coisinha, assim... Porque, o grupo que coordenava o Magistério no Caetano de Campos era um grupo forte de professores. Tinham muita estima pelo curso... Então, assim, todo mundo que chegava novo, devia passar por uma certa... enxurradazinha: "Vai ensinar o quê? Didática do quê? Como que...?" – Essas coisas todas. Então, pode ser um pouco disso. Mas, pensando agora, quem sabe fizesse alguma... ela tinha um olhar triste, uma... um quadro depressivo naquela época... eu lembro dela dizer que estava se separando do marido, ficando com o filho... talvez tivesse algumas oscilações...

Biancha: Os colegas falavam alguma coisa dela?

Marina: Os professores? Não lembro... não lembro disso. Porque, na verdade, como a Laura ficou guardada para mim nessa rede de significações, assim... quem sabe... A gente não ria dela, por exemplo. A gente via ela subindo a escada, parando na escada para fazer isso... E eu lembro de todo mundo com muito respeito, dessas minhas amigas mais próximas, como... Podia até ter aquilo na cabeça, mas como a produção do trabalho estava... maior do que o "para subir a escada, precisa parar", a respeitabilidade estava dada.

Biancha: Quando vocês estavam só entre vocês, ela aparecia como conversa?

Marina: Acho que, no começo, apareceu pela ruptura, pela forma do trabalho... que foi difícil, essa coisa que... deixa a gente bravo, porque não foi bem na prova. [jocosamente] Não estava acostumada a fazer prova desse jeito: vai fazer uma pergunta só? [rimos] Uma pergunta que era para relacionar tudo... Então, quem é a mulher? Então, mas aí, a sensação que eu tenho é a sensação do... reconhecimento, porque, passado isso, vem algo junto da possibilidade de mudar e fazer outras coisas, que a gente não fazia, e de conversar sobre outras coisas. Então, eu lembro de todo mundo muito atento... aí, ela lendo as poesias, discutindo, perguntando para a gente o que a gente achava... Então, quem sabe, o primeiro movimento mesmo foi de... rejeição, porque o modo era diferente do modo até então dado. E quem diria que aquele modo de trabalho poderia dar bons resultados? "Não vai aprender". [ri] Não fica respondendo lá ao livro!? Então, acho que ela teve que quebrar muitas dessas, dessas coisas... Depois, perdi o contato. Porque eu sou apaixonada por Gregório de Matos até hoje em função disso...

Biancha: Dela?

Marina: Dela é. Lembro do barroco... é... foi também aonde eu comecei a entender um pouco a questão da Inquisição... Marca também a minha ruptura com a Igreja, de certa forma, porque, para quem tinha vindo do colégio de freiras... Então, para mim, na minha vida, é um marco. Eu começo a entender...

Biancha: O encontro com ela?

Marina: Isso. A gente assistindo *A Missão*... Então, foi... porque, assim, mesmo você morando no Centro de São Paulo, pouco disso você faz... de poder

circular por todos esses espaços. Hoje, não, porque as escolas têm vídeos... mas, mesmo assim!? [ri] Ainda ficam bem a... desejar. Mas não tinha vídeo: ou você ia ao cinema ou... E tinha outra conotação, sabe: marcar tal dia... "Você tem que assistir tá?" – Então... quem sabe, foi o encontro com a Cultura mesmo, essa coisa maior, que vai dando um pano de fundo para entender um pouco porque que as coisas são dessa forma. "Ah, é dessa forma por causa disso então?" – Então, quando eu saí do colégio de freiras... a gente tinha missa toda semana. Mesmo assim, no domingo, eu ainda ia à missa, confessava, papapa... E ... eu sofria muito para confessar, que tinha que confessar na escola, ahhh... eu achava aquilo... escrever nos pecadinhos no papel...

Biancha: Quem lia?

Marina: Levava os papeizinhos para falar para o padre.

Biancha: Ah bom.

Marina: E aí, depois, vinha a punição: quantas *Ave Maria*, quantos *Pais Nossos* que tinha que rezar. E minha mãe é católica, minha família toda. Então, eu vim de uma tradição católica muito forte... Então, mesmo eu tendo saído das freiras, eu continuava indo na missa todos os domingos.

Quaaaando eu encontrei a Laura, na verdade, que a gente começa a estudar a Inquisição, o papel da Igreja Católica... pápápá... ih... aquilo, para mim, foi um... o mundo veio abaixo, uma parte do mundo. Então, acho que uma parte da minha ruptura religiosa aconteceu lá. Por isso que eu ainda tenho que recuperar qual o papel da religião na minha vida [ri]... Acho que, aí, eu passo a ter uma outra relação com isso, com a fé, com a Igreja... para que que serve, o que que é o pecado... a verdade... Então, tem uma mudança na forma de pensar o mundo mesmo... eu tinha catorze, quinze anos na época... então, para mim, foi uma grande ruptura.

Biancha: E ela ainda dá aula, essa Laura?

Marina: Parece que sim. Você sabe que, há um tempo atrás, uma das cartas que eu comecei a escrever na tese era para os professores e eu comecei a escrever para ela. Mas aí, eu tinha outros professores junto, que eu queria

encadear, então, acabou sendo uma carta, então, acabou sendo uma carta aos professores, de uma forma mais genérica. E eu falei: Puxa, bem que podia... – eu, enquanto professora, eu ficaria muito feliz se eu encontrasse um aluno tantos anos depois e ele me dissesse: “Olha, naquele... você foi muito importante n minha vida...” – De vez em quando, eu penso nisso. Mas aí... assim, atribulada a vida, você vai passando e achando que isso é menos importante. Mas parece que ela continua dando aula.

Biancha: Onde?

Marina: No Caetano de Campos mesmo. Mas no Caetano tinha essa coisa um pouco de... professores que se transformaram – acho que em toda escola tem – meio que em mitos. Ou pela... a Laura ficou como a Laura Louca, mas tinha a dona Gina, tinha outros meio esquisitos assim. [rimos] Esquisitos... tinha muita gente ruim dando aula, hoje pensando, professores muito tradicionais... Agora, tinha gente muito legal. Então...

Biancha: E, naquela época, você tinha consciência do que era estudar no “Caetano de Campos”?

Marina: Não, não tinha. Eu não tinha a menor ideia do que que era.

Biancha: Do que representava aquele lugar...?

Marina: Não... E também é engraçado essa coisa dos... parceiros, e eu... essa coisa de procurar pessoas negras como eu na sala sempre foi um pensamento recorrente meu, desde pequena. Então, eu sempre, eu sempre estava me perguntando porque eu era a única nos lugares, não entendia muito bem isso. O fato de ficar numa região central também remonta a isso. Então, o meu contato, na verdade, com pessoas iguais a mim, era na minha casa e os parentes que iam em casa. Mas a escola, não, era um universo...

Biancha: Não tinha? [interrompi]

Marina: ... muito pouco, muito pouco. As salas de aula mesmo; olha, de 5ª. a 8ª., outro dia recebi umas fotos de uma amiga, eu estava contando: Ah, tinha essa menina, a Liliane! – Mas são dois no meio de 25, 30. Ainda mais como era no Caetano, a coisa era mais... as vagas são concorridas, é muito difícil... de conseguir, na época. Eu lembro do meu pai dizendo. O meu pai conseguiu

por intermédio de alguém, a vaga. Então, isso, de certa forma, foi meio que me marcando. Eu sempre fui procurando... eu demorei a entender porque que não... porque que não tinha...

Biancha: [ao mesmo tempo] ... não encontrava.

Marina: Agora, eu também acho que essas perguntas eram sempre minhas. Eu nunca perguntei isso para outra pessoa.

Biancha: Para os teus irmãos, os teus pais...?

Marina: Não.

Biancha: Amigos...?

Marina: Não, não. E eu ficava com essas coisas na cabeça: "Porque será que só tem eu?" [ri] – Acho que, é... acho que esses assuntos, não sei se eles sempre estiveram velados, de certa forma, né... mas me parece que sim. Mas nunca perguntei. Ficava com essas coisas na cabeça... Depois que eu pensei: "Acho que essa pergunta deve ter sentido...." – Quando eu entrei na UNICAMP, acho que aí tudo começou a fazer mais sentido, porque aí, você vai... fiz algumas disciplinas... Minha primeira Monografia na UNICAMP era sobre o negro no livro didático. Que, na verdade, era uma coisa que eu tinha tido anteriormente, aqui no Caetano. Tive uma professora muito legal de Metodologia da Alfabetização e sei que a gente passou quase meio ano analisando o livro didático. Então, aquilo, para mim, também foi um marco na minha formação. Quando eu comecei a entender... ler *O Que é Ideologia*, da Marilena Chaui, para mim [rimos] o mundo veio abaixo. Porque... então, quer dizer que as coisas não são assim?? [ri] Lembro de uma leitura difícil, complicada, né... eu era nova... mas eu tive professores muito bons aí. De Sociologia tinha uma Lisa... Beeem legal, né, que foi quem, de fato, acabou nos apresentando isso... Aprendendo a fazer pesquisa... a gente ia fazer... A gente fez um trabalho, uma época, muuuito legal na década de 80. Então, a gente ia para os jornais, para a Folha de São Paulo... catalogando material e pápápá... ela ajudando a catalogar os materiais, recortes... selecionar... Então, os contatos com essas pessoas foram bastante importantes. Aí, quando eu entrei na UNICAMP, porque a gente tinha a disciplina de TGI – Trabalho em Grupo e

Individual... para você aprender a fazer revisão bibliográfica... essa coisa toda. Ao que aí, como quem dava aula era o Zacharias, que trabalha com leitura... cada disciplina tinha por detrás um pano de fundo... então, nesse ano, nessa disciplina, a gente ia aprender a fazer tudo isso, mas discutindo a questão do livro didático. E aí... quem sabe, essas minhas perguntas que sempre me acompanharam, quem sabe, tenham aparecido pela primeira vez. Porque aí, eu comecei... fui ler Florestan Fernandes, Fernando Henrique... a bibliografia da época... e fiquei completamente tomada por isso. Eu falava: “Ah, tinha sentido...”

Biancha: ... aquilo que você estava perguntando...

Marina: ... [rimos] tinha gente pensando sobre aquilo... Então, aí, eu fiz essa primeira Monografia, é... com conceitos básicos: negro de pele branca... de alma branca... essa coisa toda. E foi aí então que eu entendi que tinha, tinha vazão aquilo. E aí, nessa época, na Faculdade de Educação, tinha algumas disciplinas, tinha já algumas disciplinas... falando sobre negro, sobre as minorias... Então, aí eu fui tendo vazão para entender um pouco mais...

Biancha: ... e podendo fazer as **tuas** perguntas, não é?

Marina: Isso, isso. Que, até então, eu achava que eram só minhas, né. Muitos anos, guardado. [ri]

Biancha: Pois é, que faz a gente pensar o quanto as crianças têm perguntas interessantíssimas, importantíssimas e que... a gente não dá conta nem de deixar aparecer.

Marina: Eu acho que isso é uma das coisas que mais me chama a atenção na escola. Quando eu entro e me vejo chamando tanta atenção, AINDA, das crianças, em 2000... [ri] crianças tão pequenas, crianças negras como eu. Meninas com o cabelo, com as trancinhas...

Biancha: ... que não podem usar o cabelo assim... não podem botar uma roupa... não podem ser deficientes...

Marina: Éééééé! Isso. Eu acho que a gente conversa muito pouco sobre isso com as crianças. Nos acompanhamentos nas escolas, é uma coisa que eu digo às professoras, porque parece que elas temem muito isso, temem muito que as

crianças perguntem. E que a gente não tenha resposta! [ri] Que é o pior! Acho que temem mais não ter resposta do que... "E se ele perguntar e eu não souber dizer?" – Essa coisa que parece tão ainda... diz que a gente não tem que ser dono da verdade... que não tem que responder a todas as perguntas das crianças... mas é mentira. A gente acha que ainda tem que responder TODAS as perguntas das crianças. Então.... e isso que vem da questão da diferença me parece que é mais difícil ainda, porque carrega essa... Primeiro, porque o professor tem que responder como se ele não tivesse esse preconceito e essa... essa sensação de estranhamento em relação a essa criança. Isso é muito abafado... É... você tem que gostar! O neguinho está todo estropiado lá na cadeira, babando... tudo aquilo que a gente não acha bonito mesmo, diabo! [ri] ... E você tem que ter amor à primeira... à primeira vista. E eu acho que está aí um dos grandes problemas no trabalho, que você não discute isso, você não possibilita que esse professor fale disso, que ele sinta nojo disso...

Biancha: Que ele possa pensar, perguntar e encontrar parcerias como você encontrou ao longo da sua vida...

Marina: É, é. E aí, fica... tudo como se estivesse dado. Para as crianças isso é dado. Aí, fica valendo a lei: A lei falou que... você suporta pela lei. E aí, eu vejo coisas muito tortas, nesse sentido. As professoras sem a menor... que é difícil mesmo! Eu lembro que, a primeira vez que eu fui no Centro de Apoio, que eu atendi uma criança com paralisia cerebral, menina, fiquei completamente tomada!! Fiquei completamente sensibilizada com aquilo. Como é que a gente não tem força motora??? Não é? [ri] e como é que... É... Então, isso... como é que, então, a gente ajuda alguém que não tem a força e você tem que encontrar um jeito de se comunicar, filho, vamos lá! Que jeito é esse?! Me diga! [rimos] Estou com uma menininha agora, estou no quarto encontro com ela, a Maria Vitória: tem paralisia, é... motoramente bastante comprometida. Mas uma força de vontade para fazer as coisas que chama por demais a atenção. E aí, eu estou brincando com ela de... porque tudo vai à boca, então, ela tem que usar essa boca para responder. Nesses dias, estávamos lá, testando os pincéis para ver a melhor forma de pegar, pegando o chocalho para poder testar... descobrindo qual que é o melhor chocalho para você, esse é melhor para

mim... Nossa, mas, para mim, fazer com a cabeça é muito difícil, eu não consigo ficar... batendo, assim, na cabeça. Pintar, para mim, com a boca, Vitória, mas, para você, dá porque... Então, para mim, foi uma coisa muito chocante... Tanto que eu não queria trabalhar [ri] em escola especializada, até pensando um pouco nisso mesmo... nisso que é tão difícil, tão difícil de a gente lidar. E... mas que, por outro lado, é... quem sabe, tenha me causado um dos encontros mais interessantes, que é de se dar conta dessa coisa que REALMENTE há limites! Há limites. E como é que a gente ultrapassa? Essa coisa de a gente, às vezes, não saber o que se passa pela cabeça, eu acho que, quem sabe, essa é uma das coisas mais difíceis também. Se tivesse uma maquininha, né, tumtumtum tumtum... [ri] Não é? Como é que você dá vazão para que essa pessoa possa se comunicar...

Biancha: Como é que você pode brincar com essa criança, não é, Marina ?

Marina: É uma coisa que...

Biancha: ... ter liberdade de brincar com o que está acontecendo.

Marina: Eu, esses dias estava brincando com uma boneca que estava amarrada. Você sabe que, eu estava acompanhando, a menina, na hora de ir embora: "Você quer levar alguma coisa para casa?" – Com toda a dificuldade, ela aponta para um lado, aponta para o outro e eu digo: "Não estou entendendo! Tenha um pouco de paciência... você precisa olhar melhor para que eu possa ver..." – Aí, ela abaixa a cabeça e eu falo: "O papel aonde a gente escreveu?!! Você quer levar o papel?!" – [rimos] Tanto brinquedo!! – "É o papel que você quer levar, que tem a SUA marca!?" – Uma marca pequenininha porque foi difícil conseguir... eu falei: "Ahhhhhh!!!!! Então, eu vou pegar uma pasta para você poder levar o papel..." Então, nessa dimensão, isso é único mesmo... Acho que não tem como pensar as coisas da mesma forma quando você tem essa possibilidade desses encontros. Entendeu? E aí, eu fico sempre muito preocupada mesmo: para onde essas crianças vão, como é que as professoras estão vendo, como é que a gente escreve sobre essa menininha para além de uma menina toda atrofiada na cadeira? Para que as pessoas possam olhar para ela para além disso!

Biancha: Como é que mantém a sua liberdade para poder trabalhar com ela... para não atender só a menina atrofiada na cadeira.

Marina: Isso. Então, acho isso... acho isso bárbaro! E, nesse sentido, o trabalho no Centro de Apoio nos últimos cinco, seis anos, possibilitou esses encontros que só tiveram uma história melhor que a outra. [ri] É... Acho que... fico perguntando quem aprendeu mais nessa história toda nos últimos anos. Desde o Fernando, a... crianças que você fala: A Gente sabe muito pouco ainda. Aquela sensação, a gente tem... poucos instrumentos mesmo, e pouca humanidade, no sentido de se aproximar do que, de fato, é muito diferente da gente. Se despir de algumas coisas que a gente não quer se despir. Então, é difícil ver. Até hoje eu falo: alimentar essas crianças, é uma coisa fora... porque... eu vejo, tem professoras na escola que não querem alimentar, não querem trocar...

Biancha: E dá para entender.

Marina: Claro.

Biancha: Porque não dá a menor vontade.

Marina: É!!! E acho que tem que dizer que não dá, que não consegue. Agora, uma coisa é, assim... eu não conseguir agora. Agora, qual é o seu projeto a longo e curto prazo? É isso, está bom, está bom. Tem que ter estagiária para isso, mas, até ela vir, como é que nós vamos fazer? Essa é a minha questão, quer dizer, aí, você já fica nervosa mais ainda... porque, a princípio, tem alguém ali do seu lado. E pode... tem medo que engasgue... e é verdade mesmo, tem medo! Não é? Então, como é que a gente vai... Mas como, a princípio, você não pode ter esses... esses temores, esses temores não podem vir à tona, porque parece que você fica confundido com um mau professor. Então... bem, aí, a gente vai encontrando outras formas de ser indiferente a isso. E aí, eu acho que a coisa vai ficando mais forte: aquilo que, a princípio, a gente podia dominar e pôr para fora [ri], me dá elementos para encontrar outros caminhos, mas como disse, eu não posso dizer, como disse, não é bonito ser dito, aparece que eu tenho nojo... Tinha um menininho esses tempos, ele põe a mão na boca para vomitar; uma coisa nojenta! [ri] É muuuito nojento para falar a verdade. Falei para ela: Você quer ir ao banheiro, que DESSE jeito, não dá!

Nojento desse jeito, não dá. E ele sabe muito bem o que está... e eu falei para a professora: “Olha, enquanto não falar com ele assim, meio brava, viu Valéria, não vai resolver!” – ela tem direito de ter nojo, sim! E aí, como é que a gente se aproxima de alguém? Não é? Então... são vários pequenos limites, que deviam ser repensados... Eu acho que é uma questão de humanidade mesmo! É difícil se aproximar mesmo! É difícil se aproximar da gente. [ri] Com aquilo que a gente gostaria de ser e o que a gente é. A imagem que as pessoas fazem da gente...

Biancha: É difícil se aproximar... o que você está falando me faz pensar assim: que é difícil se aproximar daquilo que essas crianças mostram NA gente.

Marina: Eu acho que esa é a grande... a familiaridade... é muito familiar! Eu brinco, nos últimos, é... é... Quando eu cheguei no Centro de Apoio, as crianças, a princípio, denominadas DGDs, é... pouca gente queria ficar com elas. Porque... dava muito trabalho, não sei o quê.... corre muito... e, quem sabe, a mim era o que mais chamava a atenção. Porque tem uma coisa com a loucura do outro... que a gente vê na gente, e que te garante uma certa... é complicado mesmo! [rimos]

Biancha: “Eu entendo”, né...

Marina: “Entendo, entendo...” – porque a gente tem as nossas. E é muito difícil se dar conta disso. A criança te... te convoca o tempo inteiro a se aproximar de algo que você não quer, que você não quer reconhecer em você. E... dá medo. Uma *paura* mesmo! Mas, se passar da *paura*, quando a gente pode dizer que tem medo disso.... não tem o que fazer com isso. Acho que eu estou preocupada em encontrar um outro, um outro lugar. E aí, acho que o trabalho... o trabalho transcorre. É... fica muito, fica muito possível. As coisas... eu acho interessantíssimo... acho que tem uma aproximação das crianças, que isso... é impagável. Não tem... que, de fato, hoje, eu olho para elas de uma forma muito, muito diferente. Não é? Mas, na verdade, tem todo um trabalho anterior meu de... como a gente se sente muito diferente desde muito cedo, como é que você vai tentando entender um pouco melhor sobre isso.

Biancha: Quem sabe, isso seja algo até que ajude a reconstruir, repensar cada relação.

Marina: Eu acho que é o grande barato. [rimos] Ah, que bom!

Biancha: O trabalho...

Marina: [com ironia] Esse trabalho que enobrece o homem! Ah, está bom!

Segunda Entrevista com Marina

Marina: Minha mãe mora bem pertinho daqui, eu fui jantar na casa dela eu tava voltando, e eu tive um irmão era drogadicto, se envolveu com droga, álcool, mais ou menos de uns 24, 25 anos, até os 30 e poucos anos. Ele faleceu faz três anos, e eu fiquei lembrando porque meu irmão esteve internado na psiquiatria do hospital São Paulo. Este é um fato muito importante pra mim.

Biancha: Você tinha que idade nessa época?

Marina: Eu devia ter, então, eu não consigo lembrar, eu me arrependo até hoje. Eu tava casada nessa época? Tava uai!

Marina: Eu lembrei que eu tava [risos] ainda casada, eu devia ter uns 25, 26, então acho que na vida adulta, na verdade, é o meu irmão o grande contato com a loucura, antes mesmo de eu chegar a São Bernardo.

Biancha: Entendi.

Marina: Tudo isso, e meu irmão já tinha passado por várias internações e tal.

Biancha: Ele é quantos anos mais velho que você?

Marina: É quase 10.

Biancha: Você tava com 24 e ele com seus 34?

Marina: É isso mesmo. E aí, a gente tinha um sítio no interior na Bahia que era herança dos pais da minha mãe e tal, que a gente tinha tradição de ir desde pequeno. E depois que meu pai morreu a gente passou a ir com menos frequência, e num determinado momento da vida, ele resolveu que ia embora morar neste sítio.

Ele era funcionário da FUNAI, trabalhava durante muitos anos, pediu demissão e foi embora, porque queria recomeçar a vida por lá. Então, tinha período de abstinência: ficava um ano, um ano e pouco, dois sem beber e

depois o retorno. Numa destas crises de abstinência, fazia pouco tempo que ele tinha parado de beber, ele teve uma queda no sítio, no banheiro, e demorou muito tempo para ser socorrido, ele convulsionava, num lugar muito pequeninho, em que as pessoas, vendo alguém convulsionar, ao em vez de socorrer, tinham mais temor do que qualquer outra coisa. Bem! Aí, de lá ele foi para Salvador, são 250 km aproximadamente de Salvador, e ficou internado em Salvador.

Biancha: Ele morava sozinho no sítio?

Marina: No sítio isso, é. Ficou internado em Salvador, e, aí um dos meus irmãos daqui foi pra lá pra ficar com ele, aí, meu irmão deve ter ficado lá com ele cerca de cinco seis dias e achava que ele não dava resposta que ele tava deixado de lado no hospital... Até porque acho que tudo que envolve drogas e álcool ainda tá num lugar de, de..... como que se diria? De... de sem vergonhice que, de fato, de tratamento.

Biancha: Num campo mais moral.

Marina: Isso, isso. Então, ele ficou cinco, seis dias e meu irmão começou achar que ele não dava resposta: “Olha, tenho a impressão que se ele ficar aqui ele vai morrer”. Aí a gente, é: “Tudo bem, vamos tentar transferir. Em São Paulo tem como tratar”. Aí, ele veio completamente dopado, num delírio alucinatório, numa cadeira de rodas... E eu me lembro muito da cena deste impacto, porque eu fui buscá-lo com o meu outro irmão lá no aeroporto de Congonhas. E eu nunca... uma coisa é você ver o delírio do andarilho da rua e outra coisa é você ver o delírio [silêncio – se emociona] – tá sendo muito difícil... o delírio de alguém.

Biancha: E lá ele ficou internado neste tempo por conta da queda que ele...?

Marina: É, por causa da queda, havia a suspeita de que tinha um traumatismo, que na verdade não aconteceu. Também porque tava em crise de abstinência... Aí, meu irmão veio, e aí gente conseguiu uma transferência direta pro Hospital São Paulo. Chegamos na psiquiatria do Hospital São Paulo e, até então, eu nunca tinha acompanhado de perto essas internações do meu irmão, porque quem sempre acompanhou de perto era minha mãe e meu pai.

Internava, ficava um mês e meio, depois saía, ficava cerca de um ano bem. Depois, internava de novo, mas também nunca em hospitais, normalmente em clínicas que, na verdade, também acho que têm outra forma de funcionamento, quando chegou no Hospital São Paulo.

Ele demorou um tempo pra ser atendido, porque não tinham vaga, porque o médico encaminhou pra cá, toda aquela burocracia inicial pra se resolver, mas na atual circunstância não tinha como, eles tinham que aceitar. E aí, eu passei aquela noite com a minha mãe lá no hospital, porque ele precisava de acompanhante não podia ficar sozinho e meus irmãos vieram pra casa. Eu brinquei, que lá em casa são 4 homens, pra essa horas, os homens não... [risos] Não são boa companhia, eles não aguentam. E durante o tempo que a gente ficou lá, fechando os documentos, chegou uma senhorinha japonesa que também trazia um filho. Na época, deveria ter mais ou menos a minha idade, um moço bonito, um moço típico,e ele discutia com ela, brigava, bastante alterado... Ele já era conhecido no hospital, já fazia tratamento lá, e uma das coisas que mais me chamava a atenção naquele momento, era como se existia uma linhazinha tênue entre ele e ela que não permitia a agressão física. Mas a agressão verbal, ela era uma linhazinha, uma coisa muito próxima, mas algo não permitia que ele avançasse. E aquela senhorinha japonesa, baixinha, pequeninha, meio curvadinha... nem imaginava que passaríamos [risos] a noite juntas na psiquiatria. Aí, meu irmão foi medicado, doparam tal, dormiu. E nós passamos a noite lá na psiquiatria, e eu minha mãe. E nessa noite encontramos pessoas em situações muito parecidas com a nossa. E todos eles dormindo e só nós acordados. Aí, a gente, na verdade, forma uma rede de solidariedade, porque todo mundo conhece de certa forma o caminho, o tratamento, quando passou, onde deixou de ir, o que foi ba ra ra... E acho que o que une naquele momento é, acho que a dor é muito parecida para aquelas pessoas que estão ali naquele aguardo. E essa senhora me chamava bastante a atenção porque ela sentou pertinho lá dele, numa atitude extremamente acolhedora, e aí a gente começou a conversar. Ele usava drogas, dizia que a questão maior eram as drogas, e que já fazia muitos anos e que ele estava viciado mesmo. [risos] Contou que ele tinha sido adotado. Ela: “Então, a gente ficou durante muitos anos esperando ele completar 18 anos pra

contar, quando a gente descobriu que desde o 10 ele já sabia, porque ele tinha ouvido de trás da porta". – Nunca me esqueço dessa cena, dela contando isso, eu fiquei: gente que história é essa! E ela falou que, quando ele acordasse, no outro dia, que nós não o reconheceríamos, que ele seria outra pessoa, e que eles iriam embora tranquilamente pra casa, bem... mais um delírio. [risos]

Biancha: O que chamou sua atenção nisso quando ela contou da história da adoção?

Marina: O fato da omissão, eu fiquei pensado que, imagina ele tinha 10 anos, quantas coisas foram criando nessa cabeça pra, aos 18 anos, eles sentarem com ele, e dizerem: "Você é nosso filho adotivo". E ele dizer pra eles: "Eu já sabia".

Biancha: Teve um silêncio de parte a parte ali.

Marina: É, dele e dela. E aí, ela acabou se separando do marido, ficou só com ele, com muitas dificuldades, não financeiras, mas de lidar diariamente com essas coisas da droga: uma semana bem, uma semana não... Um moço muito bonito, chamava muito a atenção.

E do lado tinha uma moça, um moça que, na época, devia ter uns 35. Todo mundo mais ou menos da mesma faixa etária, de certa forma, amarrada, porque ela não se conformava de estar ali, de estar internada, uma pelezinha clara... eu tenho muita nitidez dessa fisionomia, o cabelo todo enrolado, uma moça muito bonita. E tava com a irmã e o irmão, o tempo inteiro ela xingava eles, dizendo que eles eram os adversários, que ele acabaram com a vida dela, é [risos] ela dizia que queria fazer xixi, eles queriam trazer a... como é que chama?

Biancha: A comadre.

Marina: A comadre, ela dizia: "Imagina, que eu vou usar comadre pra fazer xixi, todo mundo quer que eu fique louca!". E aí deram um remédio pra ela dormir. A irmã dela, a gente conversando, dizendo, comentando sobre ela desde pequena, que eles acharam alguma coisa diferente nela, mas acharam que era uma coisa normal, que passaria, ela casou teve dois filhos, teve crises, socorreram... Ela falou que o marido viveu todos os anos que foi possível

suportar viver, aí, o marido se separou, e acho que cinco anos depois refez a vida. Ela nunca se recuperou, sempre achou que eles eram culpados, porque eles achavam que o marido era bom e ela ruim.

E, de certa forma, minha mãe sempre narra que, desde pequeno, ela achava que meu irmão tinha alguma coisa diferente, alguma coisa difícil de lidar, mas que, no principio, ele chorava demais: “Ah! Criança chora mesmo.” [risos] Tinha dificuldade de partilhar coisas, quebrava as coisas dos meus irmãos: “Mas criança faz isso mesmo!” Então, quem sabe, naquele dia, eu ficava pensado, até que ponto de fato essas coisas a gente normatiza, na perspectiva de que, do que é normal mesmo, que não daria pra normatizar que a gente poderia ser um pouco mais antenado a todas essas coisas, Veja os meninos que, desde os 10 anos, que sabia, que não sabia; a moça também que, desde pequena, eles achavam que teriam alguma coisa, minha mãe vinha me dizer que meu irmão desde muito pequeno...

Biancha: Nessa noite sua mãe disse isso pela primeira vez?

Marina: Não, não.

Marina: Já tinha ouvido isso antes, sempre quando narrava alguma coisa do meu irmão, teve a coisa de chorar demais, o nariz escorrendo, a gente brincava: “Ahhh!” [risos] com entre nós mesmo, a gente sempre brincou muito com isso.

Biancha: Qual que é a tua visão do seu irmão?

Marina: Eu tenho uma relação muito próxima com meu irmão [silêncio], nós éramos muito unidos [silêncio], tanto que até o final.

Biancha: Você percebia algo aí que sua mãe falava? Via isso também?

Marina: Acho que sim, é, acho que eu percebia, quando começa o envolvimento com a droga com o álcool, eu achava que já tinha alguma coisa, ele já morava sozinho,

Biancha: Pareceu também diferente?

Marina: Sim, já tinha alguma coisa que já tava excessivo, a forma de relacionamento com as mulheres, uma coisa sempre muito destrutiva, histórias

que se repetiam; mudava a mulher, mas o roteiro era sempre o mesmo. Então, acho que tinha uma formazinha, via alguma coisa que um pouco fora do lugar.

Biancha: Como é a escadinha aí dos filhos? Você é a mais nova?

Marina: Ah não, tem o caçula, tem um que fez 45, um de 40, um de 42, esse que morreu, eu de 35 e Emerson de 30. Uma escadinha, [risos] o mais velho é só meu irmão por parte de pai, mas aí também tem uma relação mais forte dos meus irmãos. Acho que é o que eu tenho assim maior proximidade, inclusive física, essas coisas de toque, abraços uma coisa muito mais...

Biancha: Ele não morava com vocês?

Marina: Não, morou, [tom, afirmativo] minha mãe que criou meu irmão, mãe dele abandonou quando se separou do meu pai, e minha mãe criou desde um ano e pouco, ele sempre morou com a gente: é de pai e de mãe [risos].

Biancha: Sua mãe pensa isso também?

Marina: A minha mãe é muito apaixonado por ele, é uma coisa acho que é assim de todos, é o que mais tem essa proximidade física do jeitão. Então pra minha mãe é um grande, acho que é um filho, também porque é o mais velho.

Então, essa noite no Hospital São Paulo é, foi inesquecível acho que é um marco na minha vida, compreensão um pouco mesmo do que era isso tudo, e de fato de manhã quando [...] acordou, tomou café, saiu segurando com ela pelos ombros [risos], mão no ombro ela saiu de lá toda japonesinha [risos]. Meu irmão ficou lá cerca de 10 dias no Hospital São Paulo. Assim, porque não tinha, demorou muito tempo pra dar qualquer tipo de retorno, como se fosse um estado pré-coma mesmo.

Biancha: E o que será que acontece?

Marina: Olha, os médicos não sabiam direito, o que tinha havido com a queda, mas achavam pouco provável ou não. Às vezes, eu tenho a impressão que, quem sabe, tivesse um cansaço também, um pouco de todas as coisas. Acho que ele se cansou mesmo, parecia que no começo ele queria até desistir, tenho um pouco essa impressão.

Biancha: Foi o momento que ele deu umas desligadas assim?

Marina: Sim, por completo [silêncio] e então é... [silêncio]

Biancha: Chama muita atenção... eu tava ouvindo a nossa conversa de 15 dias atrás pra lembrar melhor, me colocar no clima pra conversa de hoje... Me chamou muita atenção e você contando isso e toca em mim essa ideia de que você vai se aproximando daquilo que costumeiramente assusta.

Marina: Sim.

Biancha É uma situação muito dolorosa, muito difícil, que, no entanto, você continua se aproximando de pessoas que estão nessa condição.

Marina: É, eu acho que nessa noite no Hospital São Paulo, na verdade, ela é pra mim reveladora, que e aquilo que é do outros é meu. [risos]. Tá muito mais próximo do que eu imagino, eu tenho uma grande amiga que a gente brinca, às vezes, que, quem sabe, a gente tenha aprendido com o decorrer dos anos. A gente não tem mais medo das nossas loucuras e quem sabe não tem mais tanta loucura dos outros. Porque é pelas nossas loucuras, as coisas [risos] que a gente vai para algum outro lugar [risos].

Biancha: Você tava falando das pessoas terem uma atitude normatizadora daquilo que já revelava?

Marina: Isso que pra mim foi muito importante, assim, eu precisava... porque uma coisa é a gente, então como é que a gente lida com alguma coisa sem ter que normatizar, acho que esse é o grande desafio. Não que não vê que alguma coisa tem ali, que lugar a gente dá a isso que a gente vai vendo, e minha mãe tinha cinco crianças pequenas, seria impossível mesmo pôr aquilo num outro lugar.

Biancha: Me faz pensar que, de alguma forma, essas três pessoas estavam tentando não estigmatizar aquilo que tava acontecendo com seus filhos, não colocar no lugar de: “Ai, que estranho, não deve ser normal!”. Estavam tentando olhar como uma coisa possível, mas uma coisa possível que passava um pouco por negar também as particularidades.

Marina: Isso.

Biancha: Então era, usando a ideia da linha tênue que você via entre mãe e filho, mas também tem uma linha tênue entre...

Marina: Isso que não permite...

Biancha: Olhar o que tá acontecendo, não estabelecer um lugar de absurdo, mas também...

Marina: Não achar que aquilo era a coisa mais normal do mundo. E acho que esse é o grande, o grande desafio mesmo do trabalho, da vida, [risos] que a gente não vai normatizando as coisas dessa forma.

Biancha: Vai marcando todo o seu percurso.

Marina: ***I***sso! Isso! Achei que isso foi..., eu voltei a dormir mais algumas vezes, mas vai mudando o fluxo, [risos] aí com outras histórias, aí bem, e de certa forma você também vai meio que se vacinando contra aquilo, que a primeira noite foi um estrondo mesmo, a chegada do meu irmão daquela forma, do delírio, [...] esse menino cresceu comigo, a gente trabalha, estuda, a gente pode chegar a este ponto? E fala pode!

Então, assim, indiscutivelmente, a gente olha pro outro e pra gente mesmo de uma outra forma, que aquele outro ali faz parte da sua vida, não é um andarilho, que você brincando com a vassoura.

Marina: E que você diz: “Não, vassoura vire espada. Não, é meu irmão!” – Imagina, eu lembro com nitidez da cena dele imaginando que tivesse com um copo na mão e virando o copo: “Eu tô com um copo!” – “Você está com um copo?” – Acho que isso te dá outra dimensão da vida do outro.

Biancha: E esses outros encontros que você foi tendo no hospital, teve algum que te chamou a atenção?

Marina: Igual a essa noite não teve, porque aí, os outros, assim, acho que tem uma coisa da solidariedade, de você ver as pessoas, os acompanhantes numa situação sempre.., é constrangedor, é tudo junto, você fica, quer saber se eu tivesse passado aquele momento anterior, como é que a gente acolhe essas pessoas que se sentem tão constrangidas, tem a questão da culpa...

Olha, eu acho isso uma coisa, eu falo que, se hoje, o que eu tenho mais trabalhado, se fosse estudar uma coisa mais a fundo, os interesses vão mudando, mas como é que isso vai acontecendo, naquele ambiente, aquelas pessoas, como que isso é tão fragilizado naquele momento, tentando se manter firme, porque acompanha alguém. Acho que a doença sempre traz, mas a doença, quando ela vem do psíquico, eu acho que ela desmonta porque você não toma remédio, você não toma a quimioterapia... [risos] é uma coisa que ela vai e vem. Com o meu irmão, a gente viveu muito isso: o período de melhora, períodos... Mas eu nunca achei que nunca de fato resolvido. Ele ia criando maneiras de viver melhor algum tempo, e aí ia vivendo, mas dentro de alguma coisa que, pra nós, às vezes, parece muito pequena, pra ele era um quinhão muito grande aí destruía toda aquela estabilidade.

Biancha: e vocês fizeram algum tipo de acompanhamento? De tratamento?

Marina: é minha mãe e meu pai fizeram acompanhamento né, durante o tempo que ele ficou internado, pro meu pai foi muito difícil assim, acho minha mãe tinha, é minha mãe no começou tinha muita raiva muita, achava aquilo um absurdo mesmo, meu pai não, meu pai sempre foi muito acolhedor nesse sentido, meu pai quem sabe tivesse um pouco de culpa, ficar se perguntando onde é que ele tinha errado, o que tinha acontecido, pro meu pai era mais fácil acolher do que pra mim mãe, depois que meu pai, morreu meu irmão ficou mais difícil ainda. Com a minha mãe, a relação sempre foi mais difícil mesmo entre eles, amor ou ódio na mesma proporção. Nas últimas vezes que ele teve mais perto, porque a gente fazia isso: [ele] ficava um tempo lá, achava que ele começava a não dar conta, a gente trazia. Aí, ele vinha, se recuperava um pouco. Mas aí, a relação dele com a minha era muito complicada. Ele se desestruturava de tal forma, desestruturava ela de tal forma, que aí você já não sabia mais a quem acolhia: se acolhia ela ou se acolhia ele.

Aí, quando chegava num ponto: “Acho melhor ir embora, pôr num...” A gente... e é interessante como é que a gente vai tomando conta disso na vida de um adulto. Que uma coisa é na vida de uma criança; fala: “Não, chega

agora...” – Mas um adulto, que tem escolha, tem opção: “Me deixa ficar!” ou “Eu quero ir embora!” – E como é que a gente diz: “Não, fica!” E obriga a ficar. O que que tá a nível de prevenção, e do... Acho que é um desafio muito grande pra quem vive. E, nos últimos tempos, eu temia um pouco pela segurança da minha mãe, eu achava que... Eu temia um pouco, eu achava que devíamos tomar muito cuidado, porque era muita ira, muito ódio e um amor excessivo... na mesma proporção. Mas, na hora do ódio, da ira, eu temia, achava que a gente devia tomar certo certos cuidados. E aí, a gente foi tomando mesmo, porque a gente sempre acha que não pode acontecer com a gente. [risos] Pode acontecer em outros lugares, [risos] com outras famílias: imagina a pessoa chegar a agredir! Imagina! Acho que pode sim, porque tava no nível do controle, que, naquele momento, não tem controle...

Biancha: era algo mais da relação deles dois?

Marina: Sim, deles, comigo não tinha o menor problema. Se eu ligasse, desse uma bronca, tava resolvido: “Não vai sair!” [risos] E, para mim, era uma situação meio difícil, porque eu era 10 anos mais nova que ele. Eu dizia que ele não ia sair e ele não saía: “Não vai voltar de madrugada!”.

Aí, quando ele vinha, ele ficava com a minha mãe. Já não ficava, eu já morava sozinha e eu fazia essa intermediação. E meu irmão, que foi acolhê-lo, que é o meu irmão que tem 45, nunca serviu pra isso. Servia pra fazer isso, ele vai, fica lá, ele sofre, morre... ele fica ligando, chorando: “Olha como ele tá mal! O que que a gente vai fazer?” – Se tá mal, não resolve: “Então, vem!” – A parte prática ele consegue resolver com muita tranquilidade, mas a coisa do miúdo mesmo acaba ficando. Eu acho que eu assumi esse papel, fazer esse jogo de loucura, acabo me aproximando da loucura mesmo e me aproximando da loucura dele. Acho que a gente se aproxima da nossa e a gente vai...

Isso aí, eu acho que faz a gente pensar o outro, o trabalho, as relações, as crianças... Acho que a gente olha pra família dos outros de uma outra forma...

Biancha: Nessa época você tava trabalhando?

Marina: Eu dava aula em colégio rregular.

Biancha: E você viu alguma mudança?

Marina: Eu tinha uma menininha que chamava Lurdes. Fiquei com ela dois anos. Lá na escola rural, a gente tinha por ideal ficar dois anos com a mesma turma. Eu vi uma menininha miudinha, carinha branquinha, de cabelo todo enrolado, os piolhos voavam, voavam! Era uma coisa fora do comum, mas o que chamava atenção é que ela lia muito e ela escrevia muito bem aos oito, nove anos. Aí, acho que tinha gente que, aos catorze, não sabia escrever tão bem quanto essa menininha; uma coisinha delicadinha, sabe?

E ela era muito amiga de uma outra menininha, que era o oposto disso: super bem cuidadinha, cheia de negocinho [risos] na cabeça... a Suellen. E acho que a Lurdes era muito importante na vida da Suellen até pra ajudar a Suellen a produzir textos legais sabe, porque a Lurdes tinha uma outra possibilidade, um outro *felling*, que a Suellen ainda não tinha. E, aos olhos distantes, uma amizade de opostos mesmo: da bem cuidada aos extremos com a outra, completamente desmazelada. E a gente, nessa época, quando a gente começou o trabalho em Betel, havia um preconceito muito grande em relação às crianças: que eles eram “pé vermelho”, que eles não traziam a lição de casa e bá bá bá..

Biancha: Pé vermelho é pé no chão?

Marina: É o pé no chão. Que eles não aprendiam... Então, na época, éramos em 4 professores, a gente resolveu então ir conhecer um pouco mais de perto quem eram essas famílias que moravam em sítios. Porque eles eram todos de sítio. Então, aí, a gente foi meio que começando a estudar um pouco entre a gente o que era fazer visita à família, o que representava isso pra quem nos recebe, pra quem vai... tentando maximizar ao máximo essa ideia pré-concebida, essa coisa toda... Aí, a gente fez esse trabalho: nos preparamos, resolvemos ir a campo.

Biancha: Nessa mesma época você tava vivendo isso em família?

Marina: Humm humm. Resolvemos ir a campo e como ir a campo. Então, nós íamos em duplas. Aí, tínhamos uma reunião de explicação para a família,

explicando porque a gente ia fazer isso. Foi uma coisa muito legal, as famílias receberam bem.

Biancha: Como vocês apresentaram a ideia pras famílias?

Marina: Dizendo assim; primeiro, que a gente tava chegando novo lá. A gente dava aula numa antiga estação de trem, na verdade. E que a gente chegou lá sabendo muitas coisas, muitas coisas sobre eles, que nos incomodavam, porque a nós nos incomodavam essas histórias de que as crianças não apreendem, as crianças nunca trazem as lições de casa, que os pais não são responsáveis! Todos estes estereótipos [risos]. E que a gente queria entender um pouco melhor isso, que a gente não acreditava nisso, acreditava, quem sabe, numa outra forma de organização. E pra gente virar a página dessa história com fim, com uma história diferenciada, a gente precisava de cuidado. E pensava que eles pudessem falar um pouco sobre isso, sobre o que eles sabiam disso, sobre seus filhos... Aí, fomos muito bem recebidas. Eles diziam que ninguém nunca tinha ido até a casa deles mesmo, que as pessoas não entendiam muito bem as crianças às vezes... É interessante que eles tinham dimensão do preconceito em que eles estavam envoltos durante todo esse tempo. E aí, a gente começou a ir nas casas em duplas, não necessariamente entrava nas casas. Era um lugar maravilhoso, assim, no meio do mato, andava um tantão de carro... Na verdade, eles eram caseiros de grandes sítios, chácaras. Em muitas, às vezes, a gente não entrava nem nas casas, conversava com eles ali do lado de fora mesmo. Também tinha uma alvenaria de produção de tijolos ali por perto. Então, tinha um grande número de famílias que migravam do Paraná: tio, tia, e moravam naquelas casas, trabalhavam na alvenaria, mas tudo na região rural.

E aí, começamos a ir gravar as entrevistas, conversar, pra que depois, a gente desse um retorno. Até que, um dia, a gente chegou na casa da Lurdes, e a Lurdes, se não me engano, tinha mais três irmãos. A mãe tinha acabado de ganhar neném, devia ter um seis ou sete meses mais ou menos. Acabado não. [risos] E nós chegamos. E a gente tinha muito cuidado com isso: se vamos entrar ou não vamos; pra que entrar... Tentava averiguar... Então, a gente preferia não entrar. Aí, às vezes, como a gente dizia com antecedência, muitas

vezes, eles queriam que a gente entrasse, tinham preparado o café... A gente foi descobrindo que as crianças não tinham mesa, que as crianças faziam muitas vezes a lição de casa em cima da beliche. Por isso que as folhas vinham furadas. Mas a gente via chão de casa tão limpo como qualquer outra casa nossa, quer dizer, havia uma série de ideias para conferir em relação a essas famílias mesmo!

E chegando na casa da Lurdes, porque normalmente quem ia às reuniões era o pai da Lurdes, um senhor alto também, meio cabisbaixo, que falava muito pouco... E também nessas reuniões eu nunca me preocupei em falar com ele sobre a questão dos piolhos [risos] da filha dele. Dentro de tudo aquilo que ela me mostrava e dizia, daquela meninha tão sensível, eu achava que aquilo era um detalhe. [risos] Que não era lá que a gente ia cuidar deste detalhe.

Agora, de vez em quando, ela ia pra casa da Suellen, lavava o cabelo, passava o remédio [risos] para piolhos e vinha ela pra escola toda.... [risos]

E quando nós chegamos nessa casa, ela veio nos receber, essa senhora. E entrava porco, entrava gato, entrava cachorro, todo mundo dentro da casa. Nós ficamos do lado de fora, começamos a conversar um pouquinho com ela e nós víamos nos olhos dessa senhora muita melancolia, uma tristeza! Ela dizia: “Olha, eu não sei, tenho tão pouca vontade de fazer as coisas...” E tudo que ela vai narrando, a gente fica com certeza que ela estava realmente deprimida. Quem sabe, tinha sido uma depressão pós-parto. [risos] Mas que tava lá! Que me parece que o máximo que ela conseguia fazer mesmo era mandar diariamente, eles não faltavam, mandar diariamente seus filhos... para a escola. A Lurdes ajudava a lavar roupa, ela lavava as roupas na mão, a roupa dos irmãzinhos menores. E eu lembro que a gente saiu de lá, eu e a professora que tava comigo, perguntando um pouco mesmo sobre como é que a gente julga! [risos] E viemos embora. A gente até comentou com ela depois, quem sabe, eles não precisassem de uma ajuda, porque, neste sentido, a Saúde Pública em Paulínia funcionava muito bem. Ela falou: “É, às vezes, acho que sim, que podia me ajudar um pouco”. Eu falei: “Então, a gente pode tentar

fazer um encaminhamento, o médico do posto de saúde pode vir visitá-la pra ver o que a gente pode... Então, vamos tentar encaminhar via Ação Social".

Mas junto com isso tudo, com todas essas famílias e todas essa histórias, vi a daquela menina tão fragilzinha, mas com muito potencial e como naquela fragilidade toda conseguia produzir com jeitinho. A Lurdes assim, de andar vagaroso, sabe, tudo era... [risos] Mas tem um momento importante neste sentido, muitas coisas iam se casando. Você meio que se reconhecendo em tantas outras, em tantas outras histórias.

Pra gente, na escola, e para as pessoas que fizeram parte deste trabalho, foi uma experiência única. Acho que ninguém, nunca mais... é... teve certo lapso em relação às famílias.

E a gente foi tentando mesmo pôr isso em outro lugar. Então, isso não era problema pra nós. As famílias nunca foram problemas, as famílias são..., as dificuldades eram dificuldades que a gente também tinham, achei que isso era muito importante na hora que a gente separa e de fato a gente vai definindo o papel da escola, acho que é, na verdade era isso que a gente tentava fazer: "Vamos definir claramente qual é o papel da escola, pra escola não ficar metendo o bedelho onde não..." É isso o que eu mais vejo, acho que aqui em São Paulo isso é mais forte ainda. A gente sempre acha que pode dar jeito na família, que pode acolher as famílias, que pode dizer pra mãe o que ela tem, o que ela não tem que fazer, como ela tem que fazer, porque ela não sabe fazer...! Então, acho que pra gente foi uma coisa ímpar.

Biancha: O que você falou agora pouco de ir percebendo que a crianças trazem algumas diferenças, e o que fazer com isso, como lidar com isso. Você acha que, quando você conta da Lurdes, tinha um pouco essa percepção que a gente ouve?

Marina: Isso, exato. Acho que sim.

Biancha: De percebê-la com alguém.

Marina: Acho que é o que a gente vai percebendo, que auxilia eles: que ajuda que a Lurdes precisaria e que não se remonta mesmo apenas a essa questão pedagógica, escolar. Que a escola dá conta de uma parte disso, pode dar

conta do que lhe é... o que eu podia fazer por ela? Acho que, sem dúvida, a gente fez muito bem feito, porque ela cresceu. A gente vai vendo, mas tinha um ladinho dessa menina que precisava ser bem acolhido, que ali não era... o lugar. Então, como é que a gente vai fazendo tudo isso, e trabalha, apesar disso. Que eu acho que essa é a questão: não precisamos mandar a Lurdes pro psicólogo naquela idade, nem tínhamos interesse nisso naquele momento. Mas como é que a gente pode perceber isso, que existe um contorno. Acho que isso faz com que a gente olhe pras crianças de uma outra forma. A gente tinha muitas histórias assim, que a gente fala: “Opa! [risos] Como é que a gente vai ajudar a fazer esse contorno?” Acho que isso é importante, assim, essa mesma coisa, quem sabe, que a minha mãe tinha identificado no meu irmão desde pequeno, você vai tentando normalizar, normalizar, até que perece que você perde um pouco o controle.

Biancha: Você faz ideia de qual que é a explicação da sua mãe sobre essa diferença que ela percebia no seu irmão?

Marina: Olha. Eu não sei se ela tem uma hipótese clara sobre isso, não. Eu acho que ela ainda tá muito mais na detecção dos sintomas mesmo: do choro, tinha muita dificuldade em partilhar, quebrar o brinquedo do outro irmão com muita voracidade, quebrava dele... Porque foi buscá-lo na Bahia, [risos] que chora, chora [risos]...

Tinha uma coisa: ela sempre contou a história de um avião que ele ganhou da madrinha, que ela lembra da cena dele destruindo o avião com muita raiva. Então, eu acho que minha mãe, hoje, quando a gente conversa, e você diz pra ela: “Ah, mãe, será que ele não precisaria, quem sabe, de uma ajuda que, naquela época, não sabia direito o que era?” – Ela fala: “É, minha filha parece que sim”. [risos] Acho que hoje eu ajudo ela a desenhar um pouco isso. Acho que a família se torna importante, porque isso se contabiliza um pouco também, você fica muito mais do que identificar aquele período: “Ali, ferrou!” [risos] Você viu o que fez, o que não viu... porque a gente fez... por quê..? Entender, quem sabe, que está num contexto mais amplo. Não que essa coisa não tenha acontecido, que você fingiu que não viu, mas por que fez que não viu. Tem coisa que não se recupera mesmo não adianta.

Biancha: E aquele primo do seu pai, a quem você se referiu, você falou que foi assim uma atrapalhação que aconteceu.

Marina: É mas, então, mas desde pequena eu ouço essa coisa de manicômio [risos]. É engraçado porque meu pai, neste sítio na Bahia, o irmão deste primo, de fato, tinha algum problema. Cícero, e ele morou muito anos aqui em São Paulo... Morou muitos anos aqui em São Paulo. Assim, ficava empregado um tempo saía, ficava empregado um tempo, saía. Sentia muita dor de cabeça, ba, ba, ba, as pessoas diziam que ele tava meio que, que delirando. Aí, resolveram mandar ele embora [risos] pra Bahia, que ele é irmão do que tava internado e que, a princípio, [risos] não tinha nada.

Biancha: Você lembra desses dois?

Marina: Claro! Com clareza! Dos dois. Tinha sempre uns amigos, ele sempre tava por lá. Lembra o andarilho mesmo. Mesmo morando, só que um andarilho morando no meio da roça. É muito diferente de um andarilho urbano. Ele tinha uma casinha, contava muita história, não voltava pra casa, ficava andando, zanzando, zanzando por lá. A família do meu pai acha que, isso é uma hipótese, tem casos mesmo da loucura rondando.

Biancha: Como é que seu pai explicava isso? Como é que ele via essas pessoas?

Marina: Então, meu pai sempre recebeu essas pessoas em casa, como se não tivesse medo delas. Recebia Cícero em casa, depois, quando ele foi pra Bahia, também ele recebia, tinha paciência de ouvir as histórias do Cícero: “Ele tá ficando meio louco, né, filha?” – “Meio, né, pai!!” [risos] Meio louco. Mas meu pai não temia isso, não tinha esse pavor, porque as pessoas fazem parte da família. É engraçado que a família desse Cícero, acho que eles são uns cinco seis irmãos, e minha mãe conta que eles apanharam muito quando criança, tiveram uma vida muito difícil, um pai muito austero, uma coisa completamente desproporcional assim. [risos] Então, minha mãe diz que quem se safou. tá ótimo, mesmo diante de tudo que eles viveram. Quem sabe, meu pai tivesse uma solidariedade nesse sentido, porque, como eles tinham uma idade parecida e viveram numa mesma época lá na Bahia, quem sabe, meu pai

tivesse uma solidariedade. Eram primos, ba, ba,ba então, agora meu pai nunca admitiu que a gente falasse mal de alguma coisa, ficava bravo.

Biancha: Mas vocês podiam comunicar essa estranheza ou alguma coisa assim?

Marina: É, a gente podia, mas ele ficava meio bravo, não gostava muito. “Não, é primo, né, pai...” [risos] “Tá bom, tá bom...” – Faz parte da mesma família não falar mal, tinha uma coisa de preservar isso [risos].

Biancha: Como é essa história do Hermes? O que foi feito dele?

Marina: Então, eu tenho a impressão, é que tudo também coincide com a época do regime militar... Por exemplo, minha mãe tem um irmão – é minha mãe e um irmão –, o irmão da minha mãe é desaparecido, sumiu na época do regime militar. Pelas descrições, por aquilo que as pessoas narram e falam, eu acho que ele foi facilmente confundido, foi morto e enterrado. Hoje eu faço essas relações, naquela época... E meu pai, durante muitos anos, batia de lugar em lugar com a foto, pra tentar achar. E durante muitos anos o meu pai procurou e também, é uma imagem que eu tenho de infância, dessa foto desse irmão da minha mãe, do meu pai sempre de tempo em tempo indo procurar.

Então, o Hermes, eu tenha a impressão que coincide mais ou menos com o mesmo período.

Biancha: Mais ou menos em que ano isso?

Marina: Deixa eu ver:nasci em 70, pelo o que eles contam, ah... deve ter sido 73,74 no auge da ditadura. Acho que é mais ou menos isso, porque minha mãe fala que meu tio meu viu mais ou menos até o três anos só, 73 no máximo. Então, o Hermes vivia muito lá em casa também. Agora eu não sei o que aconteceu que ele foi internado, que ele parou no Juquery [risos]. Parou porque isso era uma história de família de ir para o Juquery e, coincidentemente, o médico que atendeu ele lá morava no prédio onde meu pai trabalhava. Ele teve muita sorte. Quando o médico viu e reconheceu e mandou um bilhete. Aí, meu pai foi até lá e tirou o Hermes de lá, mas ele deve ter ficado um mês e pouco, dois meses internado. Aí, meu pai narra que ele saiu um pouco perturbado. Mas também falava: “Aí, pai, qualquer um ficaria perturbado,

quem não é louco no lugar de louco...” Diz que, a princípio, quando você é louco, diz que não é... Depois, o Hermes, eu tenho a impressão que o Hermes nunca se recuperou disso, assim, desse momento da vida sabe.

Biancha: Ele contava disso que tinha acontecido lá?

Marina: Contava. Meu pai que contava dele narrando, do toque, do ser amarrado... Tenho a impressão que ele nunca se recuperou disso, pela forma que ele se comportava; calado... Isso era muito recorrente, pela recorrência em que isso vinha, parece que isso ficou, é como se ficasse a feridinha aberta mesmo. Também não sei se, depois disso, também ele passou a ocupar outro lugar, mesmo que ele tenha ido para lá, por ter sido uma crise nervosa ou alguma coisa do gênero, porque, depois, ele tinha muitas dores de cabeça, tinha que tomar remédio, sabe. Então, não sei, se não tenha sido uma crise nervosa o que proporcionou.... acabou levando ele pro Juquery no seu extremo.

Mas, acho que depois, isso tenha vindo a tomar outro lugar. Aí, quem sabe, e depois se tornado louco, entre aspas, porque ficou, acho que ele carregou durante a vida.

Biancha: Esse silêncio, com ele calado, era o jeito de quem tava meio humilhado por ter passado por isso, tava confuso...? O que que parecia?

Marina: Hoje, pensando, quem sabe seja o sujeito humilhado, porque eu fico pensando; você fica internado num lugar durante quase dois meses, sendo tratado como louco e não sendo. Você sai desse lugar e essa história não se apaga, continua, vira meio... Quem sabe não tenha virado anedota na própria família, estes outros irmãos dele, tirando o Cícero, eles eram muitos ignorantes entendeu, essa coisa de muito macho. Então, eu não sei que o lugar que o Hermes foi ocupando nessa família. Ele nunca casou, sempre morou sozinho, sempre trabalhou... Então, não sei que contorno isso foi tomando com esses irmãos tão machos que ele tinha... Tanto que o Hermes é quem eu acho que cuidou muitos anos do Cícero. Depois que ele morre, de certa forma, que ele decide que vai embora pra morar neste sítio. Só que o Cícero sempre teve esse lugar, não se alterou.

Biancha: Sei, talvez pro Cícero fosse um pouco mais possível permanecer assim enquanto tivesse esse irmão?

Marina: Isso sim, provavelmente. Mas, depois que morre, aí ele vai, fica muitos anos lá morando.

A gente começou a ir pra Bahia, pro sítio, eu tinha cinco ou seis anos mais ou menos. E o Cícero deve ter chegado lá, eu já devia ter uns oito ou nove mais ou menos. Depois, ele ficou até os 14 mais ou menos.

Biancha: Que lembrança você tem dele, como é que era?

Marina: As pessoas, que me lembre um pouco... o cara da rua, lembro que esses dias, eu fiquei olhando ali, olhando pela [rua] Gravataí. Tinha um outro moço, que tava deitado ali com umas coisas num [risos]... Então, eu acho que ele me lembra o cara da rua. Acho que, nos últimos anos, mais ainda, acho que de fato ele foi enlouquecendo. Ele tinha momentos de uma lucidez. Tinha muito amargura do pai, que bateu muito, tinha muita amargura do relacionamento com esses irmãos.

Biancha: Como que essa amargura aparecia? Você se lembra de alguma coisa que ele falava?

Marina: Do tom de voz, lembrava que os irmãos batiam, abandonaram ele. Agora, a mãe se tornou um lugar preservado. Minha mãe também conta – minha mãe tem uma memória ótima. Memória de elefante, uma coisa extraordinária! Então, minha mãe conta da mãe dele, que a mãe era muito cuidadosa, mas que o pai batia muito nela. Não batia só nela, batia nele, que todo mundo tinha muito dó deles, que era um desequilíbrio mesmo, uma coisa fora da proporção!

Biancha: E nesse momento que ele tava mais perdido, delirando, como é que era?

Marina: Ah, ele fica muito bravo, no delírio ele ficava bravo, ficava muito bravo. Aí, parecia que ia bater em qualquer um. Aí, todo mundo se afastava, todo mundo ficava com medo dele. Aí, ele ficava noites e noites andando lá pela porta, andava, andava, andava...

Biancha: E o que que você sentia nessas horas?

Marina: Eu tinha medo, quando a gente passava perto da casa dele, era uma casa muito pequena eu ficava me perguntando: "Como é que alguém mora numa casinha tão pequena, mãe?!" [risos]

Aí, minha mãe dizia: "Não, filha! É só pra ele!" – Era muito um cubículo, a sensação de prisão mesmo. Foi construída de certa forma uma prisão pra ele. Era pequena, fogão de lenha, um lurgazinho pra dormir. Nada. Acho que os irmãos mandaram o dinheiro e foram construindo a casinha. Eu achava que era um lugar de louco mesmo: "Aquilo, pra ele, tá bom! Melhor ficar louco aqui do que ficar louco em São Paulo!" Ficar louco em São Paulo, a gente vai perdê-lo, não vai saber, louco lá. Então, acho que louco lá, era melhor ele ser louco lá, do que ser, [...] De certa forma, lá era mais calmo, então, fico pensando que andando desse jeito, pra quem vivia numa casinha tão pequena, quem sabe, fosse uma expansão mesmo, por que: imagina você num espaço tão pequeno enlouquecido assim?

Talvez até pra cuidar minimamente do que tinha, do que tinha ali dentro, sabe que essas figuras, eu fiquei fascinada: "Olha, a história da loucura de toda a família [risos], eu fiquei fascinada! Quando eu fui ver na *Oca* parte da exposição, eu fiquei completamente tomada! E aí, na época, teve um espetáculo aqui no teatro do Belenzinho, de um cara. Também fiquei tomada porque era um desgaste muito grande. Aí, eu fiquei pensando como a loucura, como é um desgaste psíquico muito grande.

Biancha: Quando você tomou contato com a Arte?

Marina: Eu acho que é tudo na mesma época, mais ou menos tudo na mesma época. Porque a gente, no fundo, vai buscando entender mais um pouco mais essa coisa da loucura, essa coisa. Tem um [...] eu adoro essas pessoas perturbadas [risos] mais aí, eu acho que tinha uma coisa da produção artística que chamava muita atenção: como é que o cara pode produzir tudo!!? Então: "Acho que encontrei lugar pra todo mundo da família! Opa, tá todo mundo!! [risos] Tá todo mundo!!" – Tudo é possível.

Agora, engraçado, neste prédio que a minha mãe mora, eu devia ter uns oito ou nove anos, quando um moço teve um surto dentro do apartamento e quebrou todo o apartamento. Chamava Tom. Lembro de ter visto o Tom poucas vezes, mas lembro – que meu pai era zelador desse prédio – do meu pai negociando, porque teve que chamar os bombeiros, essas coisas todas. Porque não tinha como abrir a porta, porque os caras tinham medo de arrombar a porta e que ele se jogasse... Mas isso, eu lembro de ter ficado chocada durante muitas noites com essa história, lembro do cansaço do meu pai, essa coisa da negociação, de ter que pedir para ele abrir... Acho que eles ficaram mais de 24 horas. Quando ele saiu, ele tava completamente ensanguentado, quebrado... Então, são pequenos resquícios que vão... Lembro do meu pai contando, lembro do meu pai muito fragilizado, muito preocupado com o moço, tentando entrar em contato com a família. A moça, quando veio, ficou muito grata ao meu pai por meu pai ter socorrido, por não ter deixado que arrombassem a porta, porque temiam mesmo que ele se jogasse. Parece que ele tava completamente alterado. No 20º andar, se ele se jogasse, era uma vez... Depois, o Tom acabou indo embora. Depois disso, foi morar com a família, ele morava aqui em São Paulo sozinho.

Então, aí, você começa a lembrar, mas me lembro muito assustada disso. Eu tinha uns oito ou nove anos e com medo...

Biancha: Medo do que, você lembra?

Marina: Eu acho que o medo tinha a ver com, quem sabe, quebrar as coisas, destruir as coisas assim... E esse homem que saiu de lá de dentro, que homem é esse que sai de lá de dentro?? Porque acho que existe pena do louco, parece que a loucura tem um pouco disso: ele sai de lá, está fora do controle e nos mata. “Espero que isso não aconteça!”.

Biancha: Vai fazendo com que o que tem de agressivo e destrutível na gente mesmo...

Marina: Isso, isso. Acho que, na verdade, é assim: quando a gente se depara com isso, que a gente fala: “Eu tenho vontade de quebrar tudo!” Por que que a gente não quebra? Então, algo nos aproxima querendo quebrar. Só que eu

consigo, quem sabe, não quebrar. Que de louco todo mundo tem um pouco, isso não é tão distante da gente como a gente imagina.

A gente gostaria que fosse mais distante, mas eu acho que não é. Acho que isso faz com que eu não a tema, porque durante um tempo acho que eu tinha medo, vendo tudo isso. A gente vai ficar tudo louco.... Minha mãe fala que eu perguntava: “Ele vai ficar louco?!” – Minha mãe diz que eu perguntava. Imagina!!??

Biancha: De quem você perguntava?

Marina: Do Cícero: “Ele vai ficar louco?” E [risos] minha mãe: “Não, ele não vai ficar louco. Eu já pus remédio, vai melhorar.” [risos] E acho que eu fui acreditando que isso acontecia mesmo: “Ah, tudo bem, melhora!” – Mas acho que a gente vai vivendo também, de fato, com essa instabilidade: hoje tá bem, quando tá bem acontecem tais e tais coisas, quando não tá, acontecem outras. E assim, você vai aprendendo a lidar. Então, quem sabe, eles tenham me ensinado isso mesmo. O Cícero, quer dizer, quando não tá bem, eu não vou ficar lá cutucando, como é que a gente respeita esse momento. Até com o meu irmão mesmo, uma experiência muito próxima, quando tá bem, o que isso gera, o que que produz assim...

Biancha: Isso você pôde exercitar com ele?

Marina: Até que como meu irmão sim. Agora, quando não tá bem, não adiantava, não adianta conversa, o blá blá blá, o discurso, não. Aí, tem que ser fora daquele momento, porque naquele momento o mais difícil é ter uma atitude austera, de poder segurar essa pessoa. Acho que isso é muito difícil, porque você conhece os dois lados da pessoa. Porque, quem não conhece, eu acho que é mais fácil mesmo, eu acho que pro médico, nesse sentido, torna-se mais fácil. É fácil você dar um “sossega leão” lá no cara: “Ahhhhh...” tum! [como se a pessoa tivesse caído ao tomar a injeção – risos]. Você não conhece, não tá entranhado nisso...

Então, com meu irmão, eu tinha uma relação ótima nesse sentido. Sabia quando ele tava bem, tanto que eu ia pro sítio lá na Bahia e ficava com ele um mês e meio sem o menor problema. Claro que tinha as fases que ele não tava

melhor. Mas, mesmo assim... E às vezes, me desgastava, cansava, cansava de repetir, falava as mesmas coisas, e ba ba. Eu: “Vai fazer outra coisa, vai! [risos] Tá repetindo demais, muda de assunto! Vamos assistir televisão”. Mas eu conseguia fazer as coisas com uma certa... mas acho que aquela noite foi um marco, acho que a partir dali [da internação no hospital] alguma... porque a gente não tem ideia das configurações que vão se formando [risos], do que a gente vai pondo nas redes das relações. Acho que a partir daquela noite muita coisa esclareceu pra mim, aquela sensação de que a gente não é mais o mesmo depois daquilo, por mais que você queira, você pode sair na rua, você olha pro céu e você fala: alguma coisa diferente, tá acontecendo no mundo. [risos]

Biancha: Eu associo o que você conta com uma experiência de revelação.

Marina: É, mas eu acho que, quando a gente ama as pessoas mesmo, acho que isso se torna... porque a gente é muito hipócrita. Você fala: “É, meu irmão, eu conheço essa pessoa...” Então, tenho a impressão que aí, que a gente tem que lidar com aquilo de uma outra forma. Porque senão a gente morre junto, a gente enlouquece junto. Porque, num momento, eu acho que a gente enlouquece junto mesmo, porque você acha que aquilo não vai passar nunca: “Não vai passar??” Uma semana, dez dias, já na reta final, eu achava que em muitos momentos meu irmão já delirava, já não tinha, porque já tava muito confuso, entre alguma coisa... Mas aí, de fato, já não eram só as drogas, já tinha alcançado uma outra proporção. Uma droga aqui, o álcool ali... acho que isso é o mais complicado do vício mesmo. Quando é que uma coisa é você beber, passar mal e vomitar, [risos] mas, no outro dia, sai pra trabalhar normalmente... E como é que a gente vai perdendo esse controle, dessa coisa. Então, acho que isso vai ficando mais e mais. E, nos últimos dias da vida do meu irmão, foi ficando mais frequente. Acho que a gente, cada um do seu jeito: meu irmão caçula que era muito apegado a ele, viveu momentos de muito ódio, queria ver o diabo na frente [risos], mas não queria ver meu irmão. Nunca suportou a ideia de meu irmão ser este estrago, tava no lugar de grande ídolo. Nunca! Então, era um grande embate. E meu irmão morava com a minha mãe, meu irmão caçula. Então, parece que era imperdoável: “Como é que você pôde

virar isso?" Mas ninguém vira isso assim de uma hora pra outra. Você não é só uma coisa. Acho que isso que é muito difícil no mundo que a gente vive hoje, ou você é bom ou você é ruim. Ou você é bêbado ou você é...

Terceira Entrevista com Marina

Biancha: Queria te perguntar duas coisas em relação ao que a gente já conversou, pra gente caminhar na conversa: uma é com relação a quando você me contou do processo da história, a respeito da sua compreensão sobre o que se passa ali com seu irmão. Eu fiquei curiosa de saber se ele frequentou a escola e como é que foi a vivência dele na escola? As coisas que você me contou apareciam de alguma forma na escola...

Marina: Eu acredito que não, não apareciam. Meu irmão, como eu, estudou inicialmente nesse colégio de freiras que eu falei. Então, foi assim porque, quando eu entrei pra estudar nesse colégio de freiras, eu tinha seis anos. E era o último ano dele, porque os meninos estudavam lá até a oitava série. Então, eu ia com ele. Depois, foi fazer o segundo grau. Aí, terminou o segundo grau, que era aqui no centro. Acho que começou no Caetano de Campos, depois terminou no Frederico, ali próximo à Augusta. Não existe mais esse colégio, ele terminou.

Agora, minha mãe narra, dos meninos na escola, eu acho que quem tenha dado menos trabalho, que meus irmãos davam mais trabalho: fazer lição de casa... e o Betão não, Betão acho que teve uma vida escolar aparentemente tranquilo, bom aluno, né.

Biancha: Ele gostava de ir pra escola até o segundo grau?

Marina: Aí, não quis fazer nada. Ele já trabalhava, começou a trabalhar cedo, na ComGás, e trabalhou muitos anos lá. Através da ComGás que meu irmão foi internado pela primeira vez, porque eles tinham um trabalho de assistência social que hoje, pensando na época, 90 e pouco, era bastante desenvolvido. E eles chamaram meu pai lá, porque achavam que ele tava rendendo pouco e desconfiavam que isso tinha a ver com bebida. Aí, a sugestão deles era que

internassem por um tempo. Ele era funcionário antigo, empresa pequena. Pequena? É, naquele tempo... Aí, meu pai ficou bastante assustado, assim, lembro do meu pai voltar chorando, assim, sabe, com essa coisa toda. Mas aí, meu pai providenciou tudo que eles disseram em relação à internação. Foi a primeira internação do meu irmão; meu pai ainda estava vivo, meu pai que acompanhou. Ele ficou cerca de um mês e meio internado.

Biancha: Em toda a vida escolar assim ninguém fez queixa?

Marina: Não, ele era bom menino me parece, ele era comportado, gostava de estudar... Tinha amigos, os amigos de colégio que eles estudaram até a oitava série. Depois, quando ele saiu, continuavam indo em casa. Tinham um tal de Severino, tem algumas figuras que eu lembro assim da fisionomia né.

E meu outro irmão deu muito mais trabalho na escola do que ele, sabe... de roubar... [risos] um deles levou um ratinho... sabe essas coisas? [risos] Parece que os outros dois deram muito mais trabalho do que ele. Pelo menos não lembro de minha mãe narrar algum fato. Lembro de um único, assim não tem a ver com o comportamento dele na escola. Era dele ter passado de ano e ter demorado pra chegar em casa. Minha mãe ficar muito preocupada, aí, ele contar que encontrou ela com o cabo de vassoura... ele devia ter seis uns quem sabe 12, 13 anos.

Biancha: E onde é que ele tava?

Marina: Ah! Tinha saído com os amigos, saíram pra festejar [risos], jogar bola... Ele gostava de jogar bola. E ela conta dela brava que até fez um galo na cabeça dele. E que a gente brigava, quando se reunia todo mundo. Mas queixa na escola não. Meu pai tinha mania de guardar os boletins escolares da gente. A gente ainda tem, eu tenho os meus... cada um ficou com os seus e não lembro de ver notas vermelhas, assim, nos boletins do Betão. Pelo contrário, tinha uma coisa de, ele era muito afetuoso, de guardar os cartões que fazia pro dias dos pais, do dias das mães. Até depois de crescido tinha por hábito fazer esse tipo de coisa, mas, na escola, acho que nunca apareceu. Acho que apareceu no mundo do trabalho e no mundo das relações. Na forma de

relacionar-se com as mulheres. A dominação... aí a gente percebe que alguma coisa é esquisita nessa história.

Biancha: E também fiquei lembrando, dentro das nossas conversas, quando você contou daquela da menina com quem você estudou e que tinha uma deficiência, que você se lembra dela se apoiando... ela é a primeira lembrança sua de uma pessoa com deficiência ou antes dela tem alguém?

Marina: Eu acredito que não, eu acho, quem sabe, teve a primeira imagem mesmo, não consigo lembrar. Agora, falando assim, minha mãe tem um primo, acho que é primo, o Tim, que o Tim nasceu com o palato baixo. É... casamento entre primos, na família da minha mãe tem bastante casamentos entre primos. E o Tim vai em casa desde de criança. Não sei quantos anos tem de diferença, será que tem uns cinco anos entre o Tim... ? A mais ele. Acredito que sim, não tenho certeza. Então, o Tim tinha uma forma de falar diferenciada, pela implantação do palato. Eu acho que tava muito mais no que nele foi creditado do que numa deficiência mental ou alguma coisa mais...

Biancha: Rondava isso na sua família?

Marina: É, rondava como se ele fosse um deficiente. Hoje, eu acho que não era, não. Na verdade, era o palato aberto mais alguma outra coisa. E foi extremamente cuidado, acho que teve dificuldades na escola... Aí, a gente...

Biancha: Ele teve que fazer alguma cirurgia?

Marina: Eu acho que sim, não tenho certo, mas deve ter feito sim. Porque a mãe dele, o pai dele, que é primo da minha mãe, ele sempre ia com o Tim em casa. Ele gostava de ir, mas sempre teve o Tim neste lugar de uma suposta deficiência.

Marina: Deficiência mental. Agora, lembrando, eu saí da Freguesia com quatro pra cinco anos, e a gente tinha uma vizinha que tinha duas filhas; a Ana e a Alice. A Ana, na verdade, era mais minha amiga, porque a Alice era muito ruinzinha, gostava de ficar beliscando e batendo na gente [risos]. Então, eu era muito amiga da Ana. E na Ana também sempre pairou a história de uma deficiência mental, também porque nunca foi pra escola, não aprendeu. Ela

chegou a ir pra escola, mas ficou pouco tempo, eu acho. Uma menina muito bonita, loira, de olhos azuis, também tinha uma coisa na fala assim infantilizada e essas pessoas marcam a minha infância, assim, porque eu brinquei com eles. A Ana mesmo, depois ia lá em casa, mas sempre, sempre a Ana também tava nesse lugar. Na escola, não aprendeu. [A mãe] tirou, e aí, ficou a menina grande em casa, adolescente: exímia dona de casa, lavava, passava, fazia comida. Não sei se você lembra, ela fazia aquelas toucas, daquela época da touca de gesso? [risos] Fazia toucas. Eu sempre tive um carinho muito grande por ela. Há uns 10 anos atrás, acho que é isso mesmo, a irmã dela, mais velha, disse que resolveu pôr um anúncio no jornal pra ver se arranjava um namorado pra ela. Aí, a gente brincava: "É, então, deixaram a Ana presa e agora resolveram arranjar um namorado!" E ela conseguiu um namorado! [risos] Eles fizeram... a seleção, porque ela era uma mulher muito bonita, e diz que ela – espero que ela tenha ajudado na seleção – que ajudou. Ou foi escolhido, não sei como foi esse processo. Acabou se casando com esse moço, tem um filho e aí saiu de casa. Muito raramente ela liga, porque são relações que a gente mantém até hoje, assim. Porque eu mudei mais cedo, mas meus irmãos não. Ela tinha um filho homem, chamava Paulinho, que era muito amigo dos meus irmãos. Então, eles brincavam muito em casa, e em casa tinha televisão, eles não tinham. Então, minha mãe fala que eles não tinham televisão lá. Na época do Kisuco, do pão na chapa [risos], de montar cabana... Então, são pessoas que a gente tem uma relação até hoje. Muito raramente a Ana liga pra falar com a minha mãe. E tem uma fala ainda, uma fala, de certa forma, não sei se a fala é infantilizada ou se o tom de voz dela acabou ficando sendo aquele que se manteve. Sabe, uma coisa assim que me incomoda, mas a Ana casou! Não aprendeu a ler nem a escrever, mas se virando de metrô, essa coisa toda.

Biancha: E o conteúdo, a forma do pensar dela?

Marina: Olha, faz muitos anos que eu não a vejo pra uma conversa assim mais calma. Mas acho que pode ser que ela tivesse uma dificuldade, mas nada também tão, tão significativo assim! Eu fico pensando, até pela condição, eu fico lembrando dela em casa, fazendo as coisas dela, brincando comigo... não acho que tivesse uma COISA... Mas ficou no lugar de quem não, porque não

aprender a ler e escrever, me parece que se dá, é... que se tira de um lugar mesmo. Uma coisa é você ser um analfabeto, outra coisa é você ter ido pra escola pequeno, não ter aprendido...

Biancha: Você acha que esse percurso fez com que ela ocupar esse lugar?

Marina: Acredito que sim. Não acho que tem uma história anterior da mãe dela... minha mãe narra de ter tomando muito remédio pra tentar abortar, então, acho que aí as histórias vão... Tomou o remédio, nasceu, mas é linda desde pequena. Só que, de pequena, me chama a atenção de: "Será que tem alguma coisa ali mesmo?" – Ou, de certa forma, tá projetado um pouco nisso que veio... E aí, ela se tornou. Todo mundo cresceu, menos a Ana, que ficou meio como a bobinha mesmo! [risos] A bobinha arranjou namorado até nos classificados!! Casou! [risos] e a coisa muito legal foi ter conseguido morar longe da mãe e dar conta disso, ter uma filha, criar...

Biancha: Como que ficou? Porque tinha um olhar pra Ana que era um olhar de quem era meio deficiente...

Marina: Acho que tinha, porque isso circulava... Acho que circulava nas conversas. Ela sempre teve nesse lugar de quem era menos capaz, de quem demorou pra aprender ou de quem não aprende.

Biancha: Os adultos explicavam isso de algum jeito?

Marina: Não sei, mas quem sabe estivesse ligado às ações ou as coisas que ela deixava de fazer e que eram pra ser feitas. Ou, quem sabe, mais por isso do que por qualquer outra coisa.

Biancha: E como causa, a coisa dos remédios?

Marina: É, como causa, sempre isso. A hipótese de que a mãe dela carregou essa culpa, parece que se transformou um pouco nisso. Agora, também não sei, de fato, se havia uma justificativa ou não. Agora, me chama a atenção, hoje – eu já pensei nisso alguns anos atrás – até conversei um pouco com a minha mãe sobre isso, a gente conversa um pouco sobre essas pessoas que fizeram parte da vida da gente e acabaram ganhando esses lugares: a Ana é uma delas, o Tim... Então, eu era pequena, o Tim ia em casa, eu tinha o quê? Uns oito ou nove anos.

Biancha: Você tem lembranças dele nessa época?

Marina: Tenho! Tenho! Me chamava a atenção a questão da fala. Era anasalada.

Biancha: E tinha abertura por dentro ou por fora?

Marina: Tinha abertura. Agora, meu pai adora o Tim e ele adorava panetone. Comprava muito panetone na época de dezembro e ele ligava pro Tim ir buscar os panetones. Ele baixinho, assim, um corpinho mais, como é que se chama? Baixinho, ah... não sei a expressão.

Biancha: Que o pessoal chama de mais atarracado?

Marina: Isso, isso mais atarracadinho. Então, quem sabe, isso tudo tenha dado esse quadro, o Tim trabalhava numa banca de jornal.

Biancha: E ele foi pra escola?

Marina: Foi pra escola, ficou um tempo. E então, nessa perspectiva, acho que o Tim aprendeu a ler e a escrever, mas a Ana não. Mas o Tim, sim. Mas como o Tim tinha essa história de casamento entre filhos, nasceu com palato e ba ba ba, então, acho que ele também ficou nesse lugar. Agora, pensando por que frequentaram classe especial, o Tim e a Ana...

Biancha: Você lembra mais ou menos a idade em que ele parou de estudar?

Marina: Não, não tem porque ele era um menino. O Tim era muito falante, a pessoa que tinha – engraçado, teve essa preocupação excessiva com o palato, que acabou gerando... Aí, eu lembrei do Luiz, depois que eu saí daqui... o Luiz é um primo. Eu falei que a loucura mora lá em casa [risos]! O Luiz é como se fosse um afilhado da minha mãe. A mãe do Luiz, de certa forma, criou a minha mãe, morava junto com ela no sítio lá na Bahia, que chama Tuca. E a Tuca tem dois filhos; o Luiz e o outro eu não sei o nome. Eu não sei direito a história, mas a Tuca acabou morrendo e eles ficaram com o pai. O Luiz sempre deu muito trabalho, agora, pensando no Luiz, às vezes, eu penso muito mais, quem sabe, num bipolar do que em qualquer outra coisa.

Biancha: Você o conheceu?

Marina: Conheci! Figura carimbada em casa! Até hoje a gente se gosta bastante. Se ele vem em casa, ele liga pra minha mãe, pra minha mãe ligar pra eu ir até lá... [risos] faz tempo que ele não aparece. E a última vez que ele apareceu, minha mãe fala: “Ai, você fica chamando, ele vem passar a tarde inteira aqui!” - Eu falava: “Ah, mas tô com saudade dele!” – O Luiz me parece alguém que sofreu muito com a morte da mãe, ficou sem eira nem beira, uma pessoa bastante inteligente. Muito! Às vezes, me parece que até um pouco mais acima da média, mas com muita dificuldade em lidar com isso. Tem explosões de ira, muito, muito fortes, que, às vezes assusta muito as pessoas de quem se aproxima. Então, uma trajetória sempre de afastamento e aproximação, afastamento e aproximação. O Luiz deve ter hoje uns 50 e poucos, mas ele ia muito em casa...

Biancha: E sua mãe, o que dizia dele?

Marina: Minha mãe fica meio brava, porque ela não tinha muita paciência com ele. O Luiz fala mal de todo mundo, fala mal do sistema, fala muito de política, uma pessoa muito bem informada, mas, na verdade, às vezes queria que a sua opinião perdurasse. Aí, ele se exacerbava... Mas, uma época, a gente ajudou, a gente guardava roupa, dava comida, ela ia em casa comer. Quando as coisas meio que apertavam, meu pai tinha a maior paciência com todo mundo, bastava chegar que ele abria a porta! [risos] Minha mãe, não, minha mãe não tem, nunca teve muita paciência. Eu falei esses dias: “Ai, pelo amor de Deus!” - pro Luiz não aparecer: [a mãe] “Culpa sua! Você fica chamando!” – Mas ela narra o sofrimento dele, que a vida foi muito difícil, tal... E agora, ele tentou com muito esforço assim, saiu da escola, depois voltou, terminou o segundo grau. Porque teve dificuldades pra se adaptar às exigência da escola, que dificuldade em entender assim...

Biancha: Ele chegou a aprender a ler?

Marina: Sim, sim! Escreve muito bem, fala bem; é uma pessoa muito interessante.

Biancha: E como é que aparece esse bipolar que você falou dele?

Marina: Justamente nessas oscilações, nessa fúria excessiva... e na outra, na passividade. Um estado que me lembra um pouco o estado depressivo sabe. Ele fica com sono e ele some. E essa coisa de não ter eixo, de não ter parada sabe, de estar sempre meio que vagando pelos lugares.

Biancha: E o que que isso despertava na tua família?

Marina: Então, meu pai acolhia [risos]. E minha mãe acolhia com uma certa ressalva [risos] mas, essas pessoas iam e vinham. O Luiz é uma dessas, faz tempo que não o vejo. Faz o quê?

Biancha: E hoje, o que que ele faz?

Marina: Hoje, me parece que ele fez concurso da prefeitura para varrer rua, tá trabalhando... Aqui em São Paulo. De vez em quando ele fica na casa de algum parente, mas ele tem uma casinha. Mas aí, é assim: briga com os parentes, é do oito pro oitenta! As pessoas recebem, mas não têm muita paciência com ele, eu acho.

Biancha: Essa fúria que você falou que ele tem, é o que? De brigar?

Marina: Eu acho que aí ele se altera, xinga... Aí, as pessoas ficam bravas, põem ele pra fora... Ele fala que não vai voltar nunca mais. Então, fica um pouco... Em casa, ele nunca teve assim, com a gente não. É muito mais das pessoas narrarem. Ele podia alterar um pouco na questão política, já era contra – quem era mesmo? – o Ulisses, não sei quantos... era Ulisses ou o Maluf, acho que era o Maluf. Então, isso. E ele tinha argumento, não era uma coisa... Então, ele podia se alterar em relação à televisão: a televisão é ruim, que não tem nada que presta na televisão, que a gente aprendeu... televisão... E isso há muitos anos atrás [estala os dedos]. Mas aí, se acalmava. Eu acho que ele tinha com minha mãe uma relação de maternal. Eu acho que ele procurava esse acolhimento nela, de certa forma, do jeito dela, ela dava. Então, é acho que é por isso que ele ia e vinha. Mas agora, acredito que ele deve estar com mais de 50 anos.

Biancha: E ele estudou até o final do ensino médio?

Marina: Isso. Terminou aí o ensino médio [risos]. Terminou o segundo grau. Ele podia fazer faculdade, alguma coisa assim, quem sabe assim, ele

preenchia um pouco esse tempo. Depois disso, faz um tempo que a gente não se vê. Porque hoje você tem tantas possibilidades com Prouni, essas coisas assim... Acho que seria uma coisa interessante pra ele, poder pôr pra fora um pouco, encontrar um jeito de pôr pra fora, além de ser brigando com os parentes [risos], destruindo. Porque, isso é uma coisa que me parece de bipolar, que tá sempre destruindo algo. Destrói algo próprio e volta de novo pra construir. Então, mas a gente tem essa clareza hoje em relação ao Luiz, mas eu sempre gostei dele.

Biancha: O que te parecia que ele era?

Marina: Achava que tinha alguma coisa específica nele, não sabia muito bem o que era. Mas ele tinha uma carinho muito grande por mim, que me parecia ser verdadeiro, então, eu também tinha por ele. Me preocupava quando ele chegava lá, se ele tinha comido, essas coisas... Você acha que eu não ia dar comida pra ele? [risos] Porque, nesse sentido, a gente brinca que meu pai era muito mais, acho, desapegado a isso. Meu pai tinha uma coisa de acolhimento, então, minha mãe, não que ela não tenha, mas dava um outro lugar pra ela. Então, quando meu pai vinha, a gente sabia que essas coisas aconteciam. Imagina que o Luiz ia chegar lá, meu pai ia subir, ia perguntar, ia sair, falar que eu tava em casa... [risos]

Então, acho que meu pai gostava mais dessa coisa, dessa parte esquisita [risos], das diversas pessoas. Quem sabe, mais que a minha mãe, tanto que, para a minha mãe, foi muito difícil lidar com todo o problema do meu irmão. Até a reta final foi uma questão muito, muito difícil...

Biancha: Você botou aí uma questão muito interessante, porque, conforme você vai falando, parece que a ideia de essência aparece junto com a ideia de estranho. Enquanto alguém da sua família sempre esteve lá, de alguma forma: “Ai, ele é daquele jeito” – E a gente não se pergunta muito se isso é uma condição: ser diferente ou não. Então, a sua amiga, seu primo etc. Aí, com as pessoas com deficiência, vai parecer um estranhamento.

Marina: É, pode ser.

Biancha: Pode ser, afinal, são três pessoas com algum tipo de diferença muito forte, pelo menos, aos olhos dos adultos era muito forte.

Marina: É. Hãhã. E as pessoas carregam isso.

Biancha: E, pra você, eram pessoas [simplesmente]. E você brincava ou achava a fala meio estranha...

Marina: É. E no caso do Luiz, eu achava que ele era inteligente! [risos]

Biancha: Talvez excessivamente, talvez isso atrapalhasse.

Marina: Isso. Entendeu? Minha mãe, hoje, fala: "Provo pra você que ele é inteligente!" – "Ai, mãe, claro que é! Pra sobreviver dessa forma, com uma situação de vida tão difícil, uma situação de abandono muito forte, teve que criar meios". Ele sempre trabalhou, mas sempre com muita dificuldade: fica um tempo, sai, fica um tempo, sai, fica um tempo, sai. Até perguntei: "Faz tempo que ele tá lá na prefeitura?" – Minha mãe falou: "Acho que ta. Porque ele prestou concurso, a últimas vez que ele teve aqui..." [risos]. Ele deve estar por aparecer, minha mãe falou que eu chamo. [risos]

Biancha: E esse seu primo, Tim, ele sempre trabalhou?

Marina: Não, não acho que o Tim veio a trabalhar depois de grande. Imagino que depois, uns 20 e poucos anos. E hoje eu nem sei como tá o Tim, nunca mais tive contato nem noticias.

Mas acho que, depois de grande, o Luiz não era questão de sobrevivência, ele tinha que trabalhar pra poder sobreviver.

Biancha: Você acha que o Tim não terminou o colegial?

Marina: Não sei dizer se terminou, mas acho que o Tim teria condições pra ter terminado, mesmo que tivesse tido dificuldades. Me parece que teria condições.

Agora, a Ana não. Nem acho que alfabetização de adultos, não...

Biancha: Será que você consegue lembrar até que ano ela estudou? Se ela fez primeiro ano, segundo ano?

Marina: Agora, eu não sei quantos anos tem diferença de idade de mim pra Ana. Porque a Alice é mais velha, a Alice tem mais ou menos a idade dos meus irmãos 42, 43 hoje. É... não sei... A impressão que eu tenho é que ficou um tempo. Eu sei que não foi muito tempo, mas o tempo que ficou não aprendeu. E então, acho que foi o suficiente pra dizer: "Não, vamos tirar!" – Quem sabe, as pessoas não aguentassem isso de levá-la pra escola, ela não aprender... Tenho a impressão, assim, vaga, que, quem sabe, se passasse por isso de não aguentar ela ir, ela tinha uma outra irmã mais velha, a Alice, muito inteligente. Sempre foi precoce, então, muito responsável, tudo muito excessivo mesmo. Imagino que a Ana tava nesse lugar, quem sabe, da burrinha mesmo, em comparação a Alice, que leu cedo, fez cedo...

Me lembra lá da história do senhor Davi, com a minha primeira iniciação científica. Porque eu lembro da irmã dele narrando, muito emocionada e ela chega a chorar, porque, quando ela percebe que, através do quanto ela rendia, que a mãe dela usava como parâmetro pra dizer que ele era incompetente, que durante muitos anos na infância isso aconteceu. Então, o quanto que ele passa a não fazer a lição de casa... e ela era mais nova que ele, então, ela aprendeu: [como se a mãe falasse] "Sua irmã já sabe ler e escrever, você ainda não sabe!" - Fico pensando, quem sabe, a história da Ana seja muito parecida. E foi a Alice que pôs o anúncio nos classificados! [risos]

Biancha: Então, quando você diz, talvez não tenham aguentado,é que os pais não tenham aguentado ela não render?

Marina: Isso, é o que eu tô te falando, era uma menina muito bonita: entre a Ana e a Alice? Sem comparação, linda!!

Biancha: E você conheceu o marido dela?

Marina: Não, nunca vi, mas minha mãe diz que é muito bonito, porque minha mãe o conheceu, porque lá em casa tem foto deles pequenos, de todo mundo junto. E tem fotos da Ana pequena, parece uma boneca, uma coisa de outro mundo mesmo. Até hoje, minha mãe diz que é muito bonita, com o rosto muito claro, continua enrolando o cabelo [risos] pra deixá-los mais soltos! [risos] Sempre gostou de fazer as unhas, então, na minha cabeça, mesmo que houvesse uma deficiência, e hoje, agora mais ainda: gente, que coisa

descabida essa! De onde que veio isso!? Ficou nesse lugar a vida toda e, de certa forma, continua nesse lugar. Tá bom, arranja um casamento pra ela, tudo bem. Tá no lugar de quem não consegue levar a vida sozinha! Então, acho que fico pensando assim, lembrando dela, da fisionomia... engraçada essa coisa da voz, é muito comum, tanto dela como do Tim. Chama muito a atenção a voz, coisinha infantilizada, meio fanhosa. O Tim é fanhoso mesmo, mas, no caso dela, uma coisinha assim que eu não sei direito o que era, não sei se era uma coisa articulatória e nada mais do que isso. [risos] Acho que essas pessoas são importantes mesmo na minha vida. E quando eu vou me deparando com outras pessoas tão parecidas, com histórias... eu tenho um amigo que foi aluno da classe especial também. Foi um marco pra ele, ele fala que não entendia porque, mas a mãe dele dizia que lá era o melhor lugar. Isso custou muito caro. Acho que, ainda hoje, tem uma coisa: “Será que sou capaz mesmo!?”.

Biancha: Ele ficou muito tempo na classe especial?

Marina: Ficou acho que uns três, quatro anos. Então, depois, ele foi fazer Belas Artes. Entrou mais tarde, ele tinha uma coisa muito difícil com o pai, como se o pai nunca o perdoasse por ter sido incapaz de aprender ou, pelo menos, era o pai achava. Ele entrou nas Belas Artes muito tempo depois, mas tudo isso, com a dificuldade de ler e escrever. Mas, ao mesmo tempo, foi interessantíssimo: uma noção espacial, uma coisa que, quem sabe, tivesse algumas dificuldades mesmo...

Biancha: E ele fazia essa pergunta: por que estava lá [na classe especial]?

Marina: Por que ele estava, por que ele teve que ficar tanto tempo?! Porque lá ele aprendia melhor. Mesmo nós, pudemos fazer isso com ele quanto tempo?

Biancha: Você sabe como é que ele foi parar lá?

Marina: Porque também não aprendeu a ler e escrever.

Biancha: Foi uma decisão da escola?

Marina: Acho que provavelmente decisão da escola. Escola estadual, que ele estudava. Um dia ele me contou isso. Engraçado, eu conhecia ele há muitos anos. Aí, ele colocando sobre isso, eu fiquei assim impressionada: “Gente do céu! Que história são essas!?” – Mas foi sugestão da escola, porque ele não

aprendeu e a escrever até certa faixa etária. Fico pensando que tem uma coisa também da fisionomia, porque o Tim também era baixinho, gordinho, essas imagens dos alunos da classe especial. Hoje, eu não sei porquê, sou um pouco destacada delas. Também nunca tive muito próxima, a não ser quando a gente ia no [colégio estadual] Marina Cintra pra alguma atividade. E lá tinha uma classe especial daquela bem antiga, que tinha um vidro ainda, que a gente olhava, e diziam que a gente ia sair correndo da classe dos louquinhos... Mas faz muito tempo, foi o quê? 80, 80 e pouco, mais ou menos.

Não sei se no Marina [escola estadual marina Cintra] ainda tem o vidro, eu acho que tem, porque minha sobrinha estudou no Marina Cintra de primeira à quarta. Minha sobrinha hoje na sexta e ela dizia dessa classe dos louquinhos. Eu falava: “Bel, pelo amor de Deus, que classe dos louquinhos?” – ela: “É, tia! Lá tem os meninos com deficiência!” [risos]. Então, especialmente essas pessoas, vendo assim, essa coisa da fisionomia, esse perfil que não compõe esse cenário...

Biancha: Pegando esse momento na sua vida, menina ainda, você lembra o que você queria ser quando crescesse?

Marina: Ah! Eu queria ser professora. Eu simulo a docência desde a mais tenra idade! [risos] Tava escrevendo sobre isso, porque eu fui uma criança sozinha, porque meus irmãos eram maiores e eu morava num prédio no centro, que tinha poucas crianças. Meu pai era zelador, então, tinha uma área imensa e eu sempre gostei muito de papel. E meu pai também. Muito papel! Então, meu pai me dava papel e eu ia nessa área, e pegava giz colorido, e passava lição, lição, lição, lição... Tanto que meu pai... eu fazia isso e pintava, porque era giz de cera e giz de cera não [risos] apagava. Então... Meu pai deixava, era sensível. Então, desde pequena, eu simulo a docência! [risos]

Biancha: E você tem lembrança de você fazendo isso?

Marina: Com clareza! Eu acho que eu passava, eu começava pelo cabeçalho, sabe? Nome da escola... E eu, por um lado, tenho muita dificuldade de me adaptar à cartilha. Eu tenho a impressão de que, quando eu cheguei na primeira série, eu já sabia ler. E eu tive muita dificuldade em decorar o alfabeto. E, naquela época, era muito importante decorar o alfabeto. Porque decorar o

alfabeto, naquela época, era sinônimo de – apesar que hoje ainda vê gente falando [risos], que é importante decorar o alfabeto para aprender a ler e escrever. Então, eu acho que eu passava essas lições: ca, co cu; da, de, di, do, du... Começando pela [cartilha] *Caminho Suave.*

Agora, eu tive muita dificuldade em me adaptar àquela questão da silabação. Lembro disso, porque eu tinha dificuldade em ditados, tinha que fazer ditados todos os dias. E, na verdade, eu tinha uma amiga, que ela sentava na minha frente, Thaís. Eu tinha sete anos na época e ela fazia uma outra folhinha pra eu copiar o ditado, porque a minha professora era muito brava. Aí, eu me alfabetizei dessa forma.

Biancha: Ela te passando a folha que ela fazia?

Marina: Uma outra folhinha. Eu olhava lá e... Minha mãe tomava muito a lição em casa: ca, co, cu; da, de, di, do, du; fa, fe, fi, fo, fu... Eu odeio!! [risos] Então, eu acho que eu tive bastante dificuldade na minha vida. Se bem que a ordem alfabética, até hoje, eu falo: “Putz, eu odeio isso! Me nego!” [risos] Então, eu acho que eu passava muito dessas lições, e ficava lá, e fazia. E é desde pequena, eu devia ter o quê? Uns seis ou sete anos.

Biancha: Essa decisão, essa escolha permaneceu com clareza pra você? No ginásio? No colegial?

Marina: Eu fui. Aí, eu fiz o ginásio e aí, na época de decidir fazer o Magistério, eu não tive dúvida. Aí, eu fiz o Magistério, e depois que eu terminei de fazer o Magistério, eu não sabia se eu queria fazer Pedagogia. Aí, já era uma outra história: essa coisa de sala de aula, acho que sempre... Minha mãe foi professora leiga também.

Então, eu ouço desde pequena histórias da minha mãe ensinando, que ela falava que era o “abc”... As turmas separadas, ela recitando poesia, preparando festa com os alunos... Minha mãe alfabetizou, nessa região dela, muita gente que veio embora pra São Paulo e que é adoram encontrá-la, porque ela os alfabetizou! A minha mãe estudou até a quarta série. Minha mãe escreve muito, agora não quer mais saber de escrever mais, por causa do glaucoma, que ela não quer mais saber de papel, mas sempre escreveu muito

bem. Sempre gostou de ler. Então, acho que, desde pequena, eu vivo neste universo.

Biancha: Sua mãe, hoje, não está mais enxergando?

Marina: Não, nada. Mas, de vez em quando, a gente faz a lista de supermercado, eu ponho ela pra fazer... A princípio, ela fica um pouco brava, depois, ela gosta de retornar à caneta e vai fazendo a lista do supermercado. Depois, a gente vai com essa lista ao supermercado. Mas tem escrito muito pouco, tanto que eu sempre vivi muito com cartas. Não é à toa que eu inclui as cartas na tese, porque em casa a gente sempre recebeu muita carta de parentes que ficaram longe. E me lembro com nitidez da minha mãe com um bloco, respondendo cartas. Então, desde pequena, eu faço carta. Carta, cartão... Época de Natal, minha mãe fazia lista de todos os parentes para mandar cartão. E a gente, com mais de um mês de antecedência, já começava a mandar os cartões que iam pelo correios pra poder chegar a tempo e receber os cartões de volta. Então, essa coisa da correspondência marca um pouco a minha vida mesmo. Tá certo que até hoje eu escrevo carta. Eu brinco que, pra mim, o e-mail, eu não consigo responder e-mail assim: “Oi. Ah, tá bom”. [risos] Aí, aquele moooonte de e-mail, que ainda eu gosto de brincar de ver as letras, de pôr fundo... [risos] Eu me divirto com essa comunicação toda. É muito difícil eu dizer: “Ah, tá bom, faça isso”. Então, falo que se acumula um monte de e-mail, porque eu uso e-mail, de fato, como carta. Mando cartão pros amigos, faço bilhetinho... essa coisa toda, desde pequena.

Biancha: E como é que você se tornou educadora?

Marina: Olha, eu acho que tem fatos marcantes aí na minha formação. Quando eu comecei a dar aula mesmo de Educação de Adultos, comecei a achar que: “Epa! As coisas são muito mais complexas do que eu imaginava!” É muito mais do que o fascínio pelo giz e pela lousa e pelos alunos! [risos] Então, eu entrei um pouco em crise. Eu achava que não ia dar conta de transformar os meus ideais em reais. Então, foi um momento muito difícil, quando eu comecei a dar aula. Eu lembro que eu fazia uma disciplina na faculdade de Educação, de Metodologia de Alfabetização: “Opa! Acho que numa aula assim, eu sentava e chorava.” Porque achava que eu não ia dar conta. Aí, eu fui fazer também a

iniciação científica. A iniciação científica foi muito importante pra mim porque, na verdade, era a comunhão de duas coisas: a possibilidade de pensar sobre aquilo que eu tava fazendo e tentar usar naquilo que eu tava fazendo. Aí, eu comecei mesmo minha iniciação científica, eu tava no primeiro ano, tentando entender um pouco sobre a escrita no adulto: tanto unir as ideias do Paulo Freire com as da Kluber Ross. Porque eu já tinha uma formação nesse sentido, muito mais voltada... Eu tinha feito, como disse que eu fiz, um Magistério muito legal aqui. Eu já tinha tido uma metodologia diferente, questionando muitas coisas. Tinha lido **As Belas Mentiras**[1]**,** a Marilena Chaui... Então, isso tudo tava, de certa forma, na cabeça. Então, quando eu entrei pela primeira vez na sala de aula, na alfabetização de adultos, eu tinha tido dimensão que é muito mais complicado do que passar lição na lousa: eles copiam e eu fico aqui. Não sei muito bem... Até essa coisa de localização espacial, não saber muito bem onde fico para atender essas pessoas todas... E uma população bastante diferenciada, que a população de jovens e adultos, nessa época que eu comecei a dar aulas, tinha mais senhores e senhoras. Mas, nos últimos anos, na alfabetização de adultos, só tinha adolescentes que tavam fracassando de quinta à oitava, que tavam migrando. Então, eu acho que essa comunhão das duas coisas sempre foi muito importante: a iniciação que me possibilitava pensar, e as orientações eram meio, um pouco um desafio, porque ela [a orientadora] montou... eu fiz três iniciações. Nas três orientações – acho que isso era um pouco do meu perfil mesmo. No nosso primeiro contato, ela tinha um material que ela queria que organizasse, que escrevesse um projeto pra, pros Órgãos de Pesquisa. Eu não consegui escrever, porque, na verdade, não tinha nada a ver comigo mesmo. Aí, ela falou: “Uai, então tá bom. Escreva do que você quiser.” – Então, aí eu fui escrever sobre esse universo de Educação de Adultos. Então, na verdade, as coisas foram tomando forma, eu fui entendendo melhor como me comportar em sala, o que queriam... Fui entendendo melhor aquilo que eu fazia e eu fui começando a escrever. Aí então, essa coisa de teoria e prática, essa crise, na verdade, eu vou resolvendo ela lá atrás...

[1] Marina refere-se ao livro **As Belas Mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos, de autoria de Maria de Lourdes de Chagas Deiró Nosella. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

Biancha: E quando você começou a dar aula?

Marina: Ah! Eu tinha uns 22, 23 anos.

Biancha: Junto com a graduação?

Marina: Junto com a graduação. Aí, eu fiquei nove anos na Educação de Adultos. Faz tempo! Aí, encontrei parceiros muito interessantes: encontrei uma amiga, que é amiga até hoje, que a gente se reunia pelo menos uma vez por semana pra produzir atividades. Mesmo sendo em lugares diferentes, sabe, quando a gente começou a trabalhar com metodologia de Projetos, tentando engatilhar alguma coisa com os adultos. Aí, depois, eu fiquei nove anos na Educação de Adultos, porque eu tava um pouco cansada, queria dar aulas para crianças.

Aí, eu prestei o concurso em Paulínia e a gente foi a única escola que tinha em Paulínia de Ensino Fundamental. Porque tava começando o processo de municipalização lá. Aí, a gente ficou. E junto comigo, nesse concurso, entrou um monte de gente legal da Unicamp. Eu dividia uma primeira série com a Cida, que é minha amiga até hoje, que ela estudou comigo na Unicamp. Aí, a gente começou aprendendo a alfabetizar as crianças junto. Era um privilégio! A gente também aprendendo a lidar com duas pessoas, dois adultos na mesma sala. Mas tiveram experiências interessantes! E aí, tinha um pessoal legal nessa escola, que era a Rafaela, a Márcia, que era diretora e que tava um pouco de saco cheio de continuar lá. Ela achava que o grupo era muito difícil de trabalhar: grande parte era de Paulínia mesmo, então, a gente era os estrangeiros, os primeiros estrangeiros. Então, tinha um certo distanciamento.

E aí, surgiu uma oportunidade de remoção em bloco, de uma escolinha perto, uma escolhinha rural. Que ninguém queria ficar lá e que a gente queria! [risos] E migrou todo mundo junto. Então fui eu, a Cida, a Rafaela, a Márcia. E entrou a Nancy, professora e que também tinha estudado na Unicamp anos antes da gente. E eu comecei com um primeiro ano. Dei aula pra segunda e pra terceira e, no ano seguinte, eu fui pra uma quarta série, junto com a Nancy. A Nancy tava chegando nova, ninguém queria fazer dupla. Eu não tive muito problema, não, de fazer. Eu achava que, se a gente pudesse minimamente conversar, a gente sairia ganhando e bastante. E pra mim foi uma experiência

muito legal trabalhar com a Nancy. Eu sou extremamente desorganizada e a Nancy era muito organizada! [risos] Então, uma coisa ponderava a outra: eu era capaz de lidar com quatro, cinco projetos ao mesmo tempo, a Nancy falava:"Pelo amor de Deus! Eu fico louca!" – Então, a Nancy me colocava freio, sabe. E, ao mesmo tempo, eu acho que eu mostrava pra Nancy que muitas coisas eram possíveis: "Olha aí! [risos] Eu falava: "Nancy, nós somos em duas, pelo amor de Deus! Se não conseguirmos, eu registro isso tudo." Então, acho que a gente foi fazendo duas coisas interessantes, ousando e encontrando fórmulas, ousando e encontrando fórmulas... Tanto que até hoje a Nancy me manda os trabalhos que ela faz com as crianças no decorrer dos anos, pra eu dar uma olhada. Eu falo: "Ai, Nancy, deixa eu dar uma olhada? Quer que eu dê uma olhada nos seus trabalhos, agora?" – mas era uma coisa, a Nancy tinha uma postura mais tradicional, acho que pra ela essas coisas eram difíceis.

De vez em quando, eu achava que tinha razão, que as crianças eram daquele jeito mesmo, não precisava inventar moda... sabe? Eu falava: "Não, acho que a Nancy tem razão." – Eu sentava lá e ficava assistindo ela dar aula, [risos] dá aula... Então, as crianças também vão aprendendo com muita facilidade. Sabem a quem pedir e como pedir! [risos] Acho que, pras crianças também foi uma experiência interessante isso de dois adultos, duas diferenças. Então, acho que, quando a gente consegue minimamente não fazer da sala um posto de guerra

Biancha: Era uma opção de vocês [o trabalho em dupla de profesoras]?

Marina: Era uma opção, que assim, normalmente, isso podia acontecer nas primeiras séries e nas quartas, que a gente achava que tinha o maior fluxo de trabalho. Ou quem achasse que demandasse naquele ano.

Biancha: Mas isso torna-se possível na letra da lei, como é que vocês iam fazer?

Marina: É porque, a princípio, em Paulínia, toda primeira série tinha uma professora. [risos] O Serra tá atrasado![referindo-se ao prefeito de São Paulo] A princípio, era na primeira, a Cida tá há nove anos na primeira série. Hoje, realmente, alfabetiza muito bem, então, a Cida não ia mais precisando de alguém. Então, a gente ficava imaginando onde estavam os nossos problemas.

Nós, começando na terceira, fomos lá: “As crianças não estão produzindo textos tão bem quanto acho que, se a gente fizesse em duas...” – E a gente conseguia fazer esse remanejamento.

Biancha: É interessante que você bota o critério no trabalho do professor, não no produto do aluno.

Marina: Isso, acho que esse é o grande barato do Betel [escola rural de Paulínia a que se referia]. A gente fazia conselho de classe todo mundo junto, era uma coisa! Eu acho que, às vezes, a gente era meio insano: uma coisa exagerada, sabe. Mas é o que a gente tinha que passar. Produção de material, a gente produzia muito... Língua Portuguesa, a gente tinha um domínio da língua, que fazia com que a gente produzisse coisas muito interessantes, muito melhor que os livros didáticos. Acho que a gente foi rompendo de alguma forma, quando a gente também passou por algumas dificuldades de relacionamento. Porque era um grupo, a gente precisava de alguém que mediasse melhor aquilo. E a Márcia não conseguia fazer isso, pra ela era muito difícil mediar aquele bando de mulheres enfurecidas! [risos] A gente fazia conselho de classe, a gente conhecia todos os alunos da escola. E a gente fazia provas, fazia a avaliação das crianças bimestralmente, mas, cada um fazia a sua. Depois, preparava uma grande bimestral. Eu preparava a da segunda, a professora da segunda, a... A gente invertia. E depois, quem invertia, também invertia na correção. E, no começo, pra gente era difícil mesmo, que parece que, do nosso aluno, só a gente sabe. A gente quer que só a gente saiba mesmo dele. Mas era um exercício interessante, que a gente se sentava pra corrigir provas sempre em duas... Então, a gente chegava numa média. Então, a gente tinha critério muito claro pros textos: ortografia foi bom, foi ruim; criatividade, bla bla bla... Então, uma dava uma média, outra dava outra e depois a gente negociava...

Então, as crianças eram, de fato, conhecidas. E a gente tinha essa coisa de ter família, que o pessoal: o irmão, a irmã, o primo... Então, isso facilitou e a gente sempre continuou estudando. Isso é um perfil também do grupo. A gente continuou estudando fora, porque acho que a formação dentro, ela tem um papel na escola muito pontual. A gente insiste em querer formar dentro, tem

muito... Porque você ter que narrar por outro, que é um estranho, a sua experiência. E o outro te olha com aqueles olhos de interrogação: “Você faz isso? Ah! É mesmo..?” Porque com os de dentro, muitas vezes, isso não acontece. Então, a gente vinha de fora e dividia com muita tranquilidade esse grupo.

Biancha: Esse foi um tempo em que você já tava formada?

Marina: Eu tinha me formado em 94. Mas eu continuava na Unicamp fazendo disciplinas.

Biancha: E seu trabalho durante a sua graduação era com jovens e adultos.

Marina: Isso.

Biancha: E prosseguiu ainda com jovens adultos.

Marina: Porque aí, na Educação de Adultos, eu fiz uma iniciação falando sobre a função da escrita nos adultos, comparando Paulo Freire e Kluber-Ross. Depois, eu fui tentar estudar temas que não tivessem, na época, a ver Educação de Adultos. Fui fazer um projeto em que, na época, eu já tinha uma certa dúvida, eu não sabia muito bem o que era, ba ba ba... Mas acabei. Aí, por último, eu fiz esse com o senhor Davi, que era recuperando a história de vida, que, aí, eu já tava com o pé mais próximo da deficiência mesmo.

Biancha: Você ainda não tinha feito a Habilitação [para o ensino de pessoas com deficiência]?

Marina: Não, fiz! Porque a Habilitação foi a única que eu fiz na faculdade de Educação, porque eu entrei e fiquei uns meses bastantes frustrada, que eu podia ser historiadora e ba ba ba, aquela coisa toda. Aí, eu fui fazer uma iniciação: “Já que eu vou fazer uma coisa, vou fazer uma coisa bem diferente. Então, acho vou fazer esse negócio aqui, que me parece interessante.” – E a grade era muito interessante mesmo.

Biancha: E não era só concentrada ao final da graduação?

Marina: Não, era o percurso todo. A partir da metade do primeiro semestre, a gente já fazia a primeira escolha. A gente fazia uma matéria que chamava História da Deficiência Mental, era a primeira, o pontapé introdutório. A partir do

segundo ano, a gente já começava estágio. Então, até o final do quarto, você tinha um percurso longo. A gente era um grupo pequeno, nós éramos em dez. Era muito seleto, coisa de dez pessoas. Ficava até chato! [risos] Porque era muito pouca gente. Então, fico pesando, que a gente fazia junto com Cecília Góes, podíamos cair juntos, porque tem Linguagem 1 e 2. Eu fico imaginando, se tivesse mais gente, tinha sido mais legal. Entendeu? Porque era o início dos estudos com crianças. Ela fez os primeiros dados, e era pelo brincar, ba ba ba...

Biancha: Agora me veio a pergunta: como é que foi a transição?

Marina: Porque assim, eu, quando terminei o Magistério, sabia que eu queria ir para uma universidade pública, essa era a minha meta. Aí, eu fiz um ano de cursinho lá no Anglo. Eu fazia Anglo de manhã e trabalhava à tarde. Trabalhava no banco num horário assim, acho que era das três às nove. Mas foi na época do plano Collor, então, a gente tinha horário pra entrar, mas não tinha horário pra sair. Aí, eu fiz o cursinho, e tinha opções lá de universidades públicas: UNESP, USP ou Unicamp. E aí, tinha um professor lá, muito legal, que achava que a gente devia ir pra Unicamp, que era outro universo, que era um outro mundo: lugarzinho pequeno, que a gente ia gostar... Aí, eu falei: “Ai, será?” – Mas, na verdade, eu queria entrar na USP mesmo, a minha meta era entrar na USP.

Biancha: Em história?

Marina: Em história, tanto na USP, na Unicamp, quanto na UNESP. Eram as três opções em primeiro lugar. Aí, eu entrei. Eu fui pra segunda fase da USP entrei. Entrei na UNESP, entrei na PUC, porque tinha feito lá também. E aí, eu fui fazer a matrícula em Franca. Fiz matrícula em Franca, fui com a minha mãe lá. Meu pai não queria que eu fosse pra Franca, porque Franca era muito longe. Mas eu falei: “Não! Vou! Ué? Passei, não vou deixar de ir.” – Aí, eu vi na segunda lista da Unicamp pra Pedagogia. E aí, eu fiquei meio titubeando: se fosse entre ir pra UNESP e pra Unicamp, onde seria legal. Mas eu não tinha dimensão, assim, do que era a Unicamp. Eu conhecia a Unicamp de manual de vestibular. [risos] Aí, fui e fiz a matrícula.

Biancha: E na UNESP você tinha passado em História?

Marina: Em história. Aí, eu fiz a matrícula. Aí, meu pai ficou mais feliz, porque ele falou que era mais perto... [risos] E eu falava: “Ah, cê é bobo! Mais perto uma hora e dez! Ah, mais perto mesmo!” – Aí, fui pra Unicamp, comecei o curso de Pedagogia. Eu já fui pra morar.

Aí, eu fui, e o mundo é muito pequeno. Quando eu prestei a PUC, aqui em São Paulo, tinha uma moça do meu lado, que a gente teve aquela conversa de vestibular: “O que você vai prestar? – “Ah, vou prestar isso, vou prestar aquilo...” - Aquela coisa toda. A Sofia, grande amiga minha até hoje. A gente se encontrou na volta do dia da confirmação de matrícula da Unicamp, no ônibus da Cometa. E aí, ela falou: “Você já tem casa pra morar?”- Ela foi fazer Filosofia lá e eu falava: “Não.” - E ela falou: “Ah não? Então...” – Aí, no dia, isso foi na matrícula, na confirmação: “A gente podia procurar...” – A gente era tão assim, sem noção, que, na época da confirmação de matrícula, tá muito próximo às aulas, todo mundo já achou lugar pra morar, só tem o resto. [risos] E aí nós fomos... em 91. Fomos procurar e a gente foi morar na casa de uma senhora, chamava dona Sandra, uma casinha de fundo, que morou eu, a Sofia, a Vera e a Alberta, pessoas com quem eu tenho contato até hoje.

A Sofia não ficou na Filosofia. Ficou seis meses e disse que não gostou. Foi fazer Direito. Eu brinco com ela e falei: “So, você não era muito normal, amiga. Fazer um curso de Filosofia aos 21 anos!? [risos] Ia ter sequelas muito grandes, muito...” – Ela já era meio perturbada, a So, naquela época. Com uma perturbação... mas A Sofia é uma das pessoas muito importantes na minha vida. Assim, é com que eu descobri o cinema... A Sofia era boêmia, eu não tinha nada de boêmia. Então, eu descubro a boemia, essa coisa toda... junto com a Sofia. Somos grande amigas até hoje. Ela veio embora, a nossa amizade continuou.

Aí, na metade de 91, saíram as casas da Unicamp. Aí, eu fui morar na moradia. Aí, eu fiquei na moradia quatro anos. Acabei. E foi assim que a Unicamp foi entrando, entrando na minha vida. Eu tive lá ontem, tava lá desde quarta, vendo as coisas da tese, da qualificação. Acho que é um universo à parte mesmo, um mundinho à parte. Uma coisinha, um lugar legal, aquela coisa... Eu acredito que quem fica aqui, não quer sair. Se a gente pensar que o

mundo é isso aqui, [risos] essa coisinha, ninguém quer sair. Ninguém quer sair mesmo.

E aí, eu comecei a Habilitação, nessa época. Eu trabalhava com a Educação de Jovens e Adultos e era bolsista... Mas, antes da iniciação, eu fui arquivista, o que, de certa forma, me deu uma certa acalmada. Durante um tempo, porque eu ficava lá, vasculhando os jornais velhos, colunas do Miguel Costa, Helena Bresser. Foi aí que eu me encontro com a História, de certa forma, e se desemboca mais tarde numa História Oral. Que eu vou descobrindo que existe um outro, um outro que eu podia me aproximar da história de uma outra forma, de um outro lugar... Mas eu era bem feliz no arquivo. Nossa! Eu adorava usar mascarazinhas... [risos] Ainda era datilografia... tinha que escrever lá o que tinha no jornal pra guardar... E as pessoas que coordenavam o arquivo eram muito legais. Os historiadores, as secretárias e tal... Então, a gente tinha noção do projeto que a gente tava desenvolvendo. Podia fazer o recorte do jornal, mas dentro daquele projeto maior, o que representava, porque a gente tava fazendo um inventário da vida do cara... Então, pra mim, foi muito importante isso. Acho que dá um embasamento bastante...

Biancha: Era a história de vida do...?

Marina: Miguel Costa, que foi um dos fundadores da coluna Prestes. Que dizem que, quem sabe, quem tenha feito a coluna Prestes tenha sido ele, e não o Prestes. Havia indícios. [risos] Mas o Prestes ficou mais famoso.

Mas aí, nesse sentido, foi bem legal. Acho que essa entrada aí na História fez com que eu chegasse à graduação, que a gente tem um bombardeio de Psicologias... Na Habilitação tinha um monte mesmo! A gente fazia Skinner 1 e 2, estudava lá o Skinner. E depois fazia Métodos e Técnicas 1 e 2. Observação, de uma forma, observava os seres humanos. E tinha Comportamento e Linguagem 1 e 2, Psicologia Genética 1 e 2, Jogos e Brincadeiras... Acho que essa passagem pela História me dá uma aproximação diferente pra essas coisas todas. Nesse sentido, foi produtivo em si.

Eu acho que este contato com a História, com a Sociologia, possibilita que, de fato, eu seja uma pedagoga, e não queira ser uma psicóloga.

Biancha: Ou psicologizar aquilo que é da Educação.

Marina: Isso, isso! Pra mim é um marco muito... acho que é uma coisa bastante importante, porque aí, as coisas vão tendo o seu lugar. E aí, a confluência desse conhecimento faz com que a gente tenha a possibilidade de olhar para a criança de uma outra forma. Acho que a Habilitação, de certa forma, fazia isso. Ela tinha esse cunho, mas também tinha outro: a gente ia pra Genética, ia pra Neurologia, mas a gente ia pra Linguística... A gente também tinha matérias bastante interessantes com o pessoal da Sociologia... E eu tinha um grupo muito legal, esse grupo que me formei são pessoas muito interessantes, pessoas que, cada qual hoje onde está, tem feito trabalhos tão bons... Então, a gente se mantém até hoje, de ter um encontro anual, coisa e tal, que a gente se encontra ba ba ba... Mas as pessoas são grandes idealistas, acho que são pessoas bastante apaixonadas por Educação.

Biancha: E o final da graduação?

Marina: E aí eu terminei, eu falei: “Vou fazer Administração Escolar.” [risos] Mas eu nunca tive paciência para as disciplinas, sabe, de Administração. Tinha uma muito legal, que a gente fazia com um cara e que a gente estudava Maquiavel. Eu achava muito interessante, porque ele também era uma figura interessante. Ele tinha uma capacidade de síntese, que me chamava muito atenção como é que ele conseguia falar de tantas coisas ao mesmo tempo e fazer ligação... que me lembrava bem o Demerval Saviani. Eu tenho uma foto histórica dele, mas o Demerval dando aula é impressionante! Tem uma capacidade de síntese apuradíssima! Ele faz muitas relações ao mesmo tempo e a sua cabeça vai junto com ele. Então, essas pessoas sempre me chamaram a atenção. Na Habilitação eu tentei fazer Administração, mas eu falei: “Acho que isso não é minha praia!”

Aí, eu comecei a trabalhar e tinha como meta voltar pro mestrado cerca de dez anos depois, que, na verdade, se configura mesmo. Eu volto quase dez anos depois, achando que eu já teria passado por várias modalidades de ensino, que eu poderia falar da Educação de um outro lugar... E aí, eu fiquei mais um tempo fazendo disciplina. Eu gostava de fazer disciplina, uma coisa ou outra assim, encontrando amigos... toda aquela coisa.

Aí, teve uma hora que eu também me irritei. Eu achava que aquilo já não servia pra mais [risos] nada. Eu acho também que eu vou fazendo um outro percurso, meio assim de me encontrar: dentro de tudo aquilo que eu li, o que será que me serve? O que eu quero? Eu vou montar minha bibliotecazinha lá em casa, quem eu vou levar comigo?

Biancha: E, nessa época que você começa a se cansar das disciplinas, você está trabalhando com o quê?

Marina: Eu tô em Paulínia. E já tô meio numa fase de querer vir embora de Campinas também. Já tinha casado, tinha separado, minha família tava aqui... Eu já tava começando a achar Campinas muito pequena [risos], achando Barão [bairro de Barão Geraldo] uma coisa horrorosa [risos], com vontade de voltar pra São Paulo, na verdade

Biancha: Diria que você cansou da Educação de Jovens e Adultos?

Marina: Cansei. Acho que tinha uma coisa que, pra mim, era uma coisa de trabalhar à noite. Em um determinado momento, eram nove anos saindo de casa quando todo mundo tava chegando. Isso ia me dando uma gastura, eu queria fazer coisas simples como às seis, sete horas da tarde, ficar sentada na poltrona, assim... [risos] Eu acho que foi o que fez, e também, quem sabe, um ciclo: eu posso entender um pouco melhor sobre aquilo... sobre a Educação de Jovens e Adultos.ah! Então é isso aqui? Ah! Eu já alfabetizava bem nessa época, eu tinha noção de que eu já sabia alfabetizar, que algumas das minhas dúvidas estavam respondidas. Aí, eu acho que é claro que hoje eu vivo na Educação Especial, por exemplo. Já deu o que tinha que dar. [risos] Parece que, quando algumas coisas já foram construídas, então, pensamos em outros desafios. Outras, mas a Educação de Adultos, pra mim, é muito forte. Essa coisa do horário, essa coisa de ter que sair de noite pra dar aula, era uma coisa que me cansava bastante, irritava. Aí, eu resolvo sair.

Hoje, eu tenho um pouco de saudade. Assim, eu acho que alfabetizar adultos é uma coisa muito interessante, pela relação que você estabelece. Às vezes, eu fico lembrando das atividades que produzia, eu falava: “Nossa, aquilo ali era legal! Se fosse hoje, como será que eu faria?” – Então, é onde eu aprendi a dar aula. Entendeu?! Foi lá que eu comecei. Fui nessa coisa da

premiação da Natura esses dias, e fiquei bastante emocionada. Não necessariamente pela qualidade dos trabalhos, eu acho que eles não tinham nada de extraordinário, mas, pelas pessoas, pelos professores ali, aquelas pessoas se sentindo reconhecidas num trabalho que é ainda muito difícil...

E tantos anos depois, a gente ouvindo as histórias: “Não tem verba... [risos] Coloca os alunos em qualquer lugar!” – Entendeu? Porque a gente vivia na Colmeia em Campinas, há não sei quantos anos atrás, que a gente começava a bater o pé pra dizer que: “Não!” – A gente que batia o pé porque senão colocava a gente em qualquer lugar pra dar aulas pros alunos, em qualquer lugarzinho... qualquer salinha servia.

Agora, eu fiquei um ano na Educação de Adultos num projeto que era o Projeto de Integração, na época, dos adultos deficientes. Na Educação de Adultos. Acho que foi dois anos antes de eu sair.

Biancha: Mas eram grupos específicos de...?

Marina: Isso. Tinha um trabalho de itinerância, porque Campinas começa itinerância há muitos anos atrás. Era por região. Cada região tinha um professor itinerante, foi quando, na verdade, chega o grande número de deficientes na Educação de Adultos, que, até então, não tinha.

Biancha: Produtos da sala especial?

Marina: Da sala especial e também das instituições como a APAE, por exemplo, que passaram a ficar depois com os adultos. Agora, lá na Educação de Adultos tinha gente mais velha, viu. Devia ter uns 35 que, na época, pra mim eles eram mais velhos... Hoje não acho que eles eram tudo mocinho [risos]. Claro, claro. Os da faculdade, quem tem 80. Nossa, só 80! [risos]

E eu fiquei um ano junto com a Roberta. E depois, a gente continuou trabalhando juntas em sala de aula, em salas diferentes, montando o projeto de trabalho. Mas, naquela época, a gente já tinha algumas queixas em relação à forma de organização. Então, quando eu e a Roberta saímos do trabalho, porque a gente não achava que a gente tinha que ficar indo nas escolas, que era essa coisa do itinerante era uma coisa descabida. Mas, quem sabe, a gente pudesse formar grupos de trabalho com os professores. E aí, a minha

chefe de Educação de Adultos, disse que não: ou a gente ficava pra fazer isso ou... Mas acho que ela não acreditou que a gente ia abrir mão... eu falei: “Eu não! Isso me cansa muito mais, a gente não vê resultados, pela forma como o trabalho tava organizado”. Você vê pela minha sala de aula lá com meus 25 alunos

Aí, a gente voltou pra sala de aula, voltou tanto eu como a Roberta. Às vezes, eu fico pensando que a proposta da época que a gente ia fazer era bastante interessante, mas, como Campinas sempre trabalhou com a itinerância daquela forma, parecia descabido que a gente não fosse semanalmente ou de 15 em 15 dias. E a nossa questão não era essa, mas, quem sabe, a forma que a gente fosse. E, quem sabe, as filmagens substituíssem o que a prefeitura pudesse trazer ela mesma, que ela selecionava, e não a gente ir lá e ficar apontando, aquela coisa toda...

Biancha: Fica muito perto do papel de supervisor e no mau sentido.

Marina: Isso mesmo. E que a gente achava que não era isso que fazia as coisas andarem.

Biancha: E esses alunos estavam colocados em salas...?

Marina: Nas salas de Educação de Adultos, do primeiro, do segundo e do terceiro. Porque era novo. Então, nessa época, até a gente fez um estudo bem legal sobre a questão da garatuja, sabe. E tinha umas garatujas muito legais, e eu ficava encantada com [risos] aquilo! Era um homem de 25, 30 anos fazendo garatuja ainda. Mas eram garatujas muito bem elaboradas. Então, eu e a Roberta, eu lembro que a gente ficou muito tempo meio que vidrada, garatujando as coisas, meio que querendo entender um pouco melhor sobre isso. Até para poder pensar um pouco melhor nas orientações que a gente dava para as professoras, que não era simplesmente oferecer, mas o que oferecer? De que forma oferecer? Não era a quantidade de atividades que faz com que, uma hora, ele aprenda. Então, pra gente, era bem legal. Foi nessa época que a gente ficou afastada um ano, um ano e pouco. Mas aí, eu achava que era muito cansativo, então, a gente não tem... uma coisinha, assim, muito pequenininha: você planta e fala com a professora, dá uma devolutiva e aquilo se perde, porque não tava dentro de um contexto maior. Aí, a gente acabou se

afastando. Depois, entraram os surdos, aí tinha a sala de recurso pra surdos, pra DM [alunos com deficiência mental] também.

Biancha: Então, eles frequentavam a salas de recursos e as salas de Educação de Jovens e Adultos?

Marina: Isso, poderiam frequentar. Os surdos, os DM... não porque os surdos [risos] são outra categoria, é outro [risos]... E todo mundo sempre dizia que era outro universo. É difícil. Hoje, a gente vai entender um pouco esse outro universo: os cegos, mas o que é isso que a gente chama de outro universo? Os surdos sempre tiveram sala de reforço... aprendiam Libras, tinham intérprete [de Libras] na sala. Não, acho que não, nessa época não tinha intérprete.

Biancha: E como é que fazia?

Marina: Boa pergunta. A professora lá da sala de recurso, o contato era a professora da sala de recurso.

Biancha: E aí, quando ela tava na sala regular, se não soubesse ler lábios? Se não soubesse oralizar?

Marina: Então, aí começaram o curso de Libras para os professores.

Biancha: Ainda nessa perspectiva que tem que prestar um ensino bilíngue?

Marina: Isso. E aí, eu comecei a achar que era muito, hoje eu tenho dimensão: "Não, tem alguma coisa de errado nessa história aqui! A gente só vai aumentando a demanda, é demanda, demanda..."- Em São Bernardo também, você cria demanda, demanda, demanda... e você nem sabe pra que você tá criando a demanda. Você cria e não consegue terminar. Acho que é sempre a grande questão; o que é pra ser temporário se eterniza e, de fato, a gente acaba acreditando muito pouco nos alunos. A ideia de que, uma vez deficiente, para sempre deficiente. Uma bengala para sempre, eu acho que é muito, muito persistente. Foi muito importante na minha formação a Mantoan. Eu comecei o mestrado com ela, aí, teve uns desentendimentos e parti para outra orientação. Hoje eu tô com o Silvio Galo, é um filósofo que tá terminando o trabalho comigo. Foi bem difícil também essa coisa da cultura, sabe, foi uma coisa que me deu bastante trabalho. São muitos anos, mas acho que hoje eu fico pensando: quem sabe, tenha sido melhor mesmo pra mim.

Diante disso tudo, mas é uma coisa difícil de romper, foi uma situação delicada. E aí, também foi a época em que eu entrei em crise um pouco com o trabalho. Não sabia se ia terminar mesmo... Mas acho que eu tenho o privilégio de ter amigos muito legais, pessoas muito competentes naquilo que fazem. Eu acho que constantemente me formam, vão me dando indicadores; pessoas que ficam bastante angustiadas, acho que isso que mantém a gente vivo nesse trabalho. Acho assim, os melhores interlocutores sempre tiveram muito mais fora do ambiente de trabalho do que dentro, com a exceção de Betel. Eu fiquei lá cinco anos, então, em Betel, eu acho que a gente vivia uma outra...

Biancha: No período que você fala entre a graduação e o mestrado, você fez outras formações?

Marina: Eu fui procurar, depois, eu fiquei me perguntando o que que eu gostava mesmo. Aí, eu fui atrás das minhas lacunas, por exemplo, eu achava que as Artes tinham um papel importante, mas eu não tinha tido contato com elas, então, fui fazer um curso sobre a História do Cinema, sobre o Cinema ba ba BA... Que linguagem é essa? Fui numa discussão das Artes Plásticas, fui entender um pouco essas coisas dos movimentos e ba ba ba, porque, na hora que eu começo a estudar isso, eu quero fazer direito! [risos] Porque, como é que vou organizando isso tudo? Aí, passei a ser curiosa disso. Quando me aproximei da Literatura, porque eu achava que eu podia escrever melhor. Mas, pra que isso? Precisava me aproximar mais da Literatura mesmo. E aí, eu vou procurando, vou fazer cursos pra ouvir sobre Graciliano Ramos, sobre... sei lá Manoel de Barros... Vou tentando comentar... Aí, nos últimos anos, eu acho que eu comentei bastante isso mesmo, quem sabe, esses dez anos que me separam da graduação ao retorno pra pós, é, de fato, o tempo que eu vou me aproximando dessas outras coisas.

Dessa leitura mais Educacional mesmo, eu me afasto um pouco e retorno quando eu volto pro Estado, porque não tem jeito. [risos] E vem tudo de novo, uma pesquisa bibliográfica enorme! Mas acho que hoje, com uma maior tranquilidade de dizer: “Ai que inferno!” – E aí, eu acho que eu também vou me aproximando novamente da Retórica, da Sociologia... Quem sabe, seja outro campo que mais me chame mesmo, de eu falar: “Ah!! Isso aqui é bem legal!

Queria saber mais sobre isso." – E acho que, nesses dez anos, eu fico fazendo um pouco isso. Eu sempre brinco que, numa cidade como essa, como São Paulo, a gente faz um Curso de Especialização em Artes se a gente quiser um título mesmo. Agora, se a gente não quiser o título, você pode fazer o que você quiser: ir no cinema... Acho que o mais legal disso é você encontrar nesses lugares gente que não necessariamente é da mesma área. Entendeu? Tem lá o cara que fez Educação, mas tem lá o cara que fez, sei lá, Artes Cênicas, e eu acho que esse é o grande barato da formação.

Biancha: Você tava falando isso sobre a audiência da apresentação na corregedoria[2], de como é interessante ouvir gente de outras áreas falando.

Marina: Acho que é isso que faz a cabeça da gente entrar em funcionamento, pelo menos, a minha forma de funcionar. O Curso que eu fiz, quando eu fiz o Multi-meios, quando eu entrei no mestrado, eu fiz acho que duas, três disciplinas só na Educação mesmo. Agora, o que mais me chamava a atenção no multi-meios era isso: eu fazia uma matéria, que era Sociologia Visual, e que tinha gente de tudo que era banda, desde o cara que queria montar um software educativo, que tava preocupado com a imagem sei lá do que... [risos] à menina que ia estudar... [risos] ao outro, que ia.... Entendeu? O professor era uma gracinha, mas acho que tem essa heterogeneidade do grupo, que era o mais legal, porque um podia produzir, o outro podia escrever... o outro podia fazer imagens com movimentos...

Acho que, se a gente entendesse melhor sobre isso, nessa perspectiva de entender a diversidade, a gente trabalharia melhor. Quem sabe, inconscientemente, nessa perspectiva de entender melhor a diversidade e propor uma escola diferente – porque eu acredito numa escola diferente dessa que as crianças estão, e muito mais interessante, e que tenha mais a ver com esse mundo, com essa época que a gente vive! Quem sabe, essa seja a minha forma de tentar saber. Que a gente acha que o conhecimento se processa dessa forma, então, como é que a gente alimenta isso? Eu acho que é só pensar em como é que a gente pode alimentar, de fato, as crianças e quebrar

[2] Audiência em que nós duas estivemos presentes, por ocasião da apresentação da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência.

um pouco essa ideia dessa escola tão tradicional. Esse assunto é uma questão muito forte assim pra mim. Como eu sempre fiquei em crise do que era ideal e o que era real, como eu ia fazer do meu ideal virar real? E como eu não queria sucumbir tão facilmente a eles, quem sabe... Isso me gerava sempre angústia. Quem sabe, essa é forma de tentar entender um pouco melhor sobre isso e de falar: "Bem, o universo é isso? Como é que a gente produz diretamente com as crianças em sala de aula?" – Eu acho que é um grande desafio, não é uma coisa...

Biancha: E você vai entendendo essa diversidade de uma forma concreta... não tem uma relação abstrata com o que é o diverso. Foi passear nas Artes, foi passear nas Ciências Sociais... Então, você foi conhecer a cara, a textura dessa diversidade... Assim, fica um discurso muito...

Marina: Isso. Falando agora, desde, por exemplo, quando eu começo a ler lá umas coisas do Piaget, ele falou: "Ah! Desenvolvimento moral..." - Eu sempre tive, essa minha cabeça sempre fez esse movimento: pensava que podia só lendo aquilo, mas eu falava: "Mais nada?? Como é que será?[risos] Se o julgamento procede dessa forma, então, esse julgamento que tão fazendo agora, ele é de que porte?"

Então, tentando fazer um pouco esse movimento, agora mesmo, quando eu escrevo a tese – e eu demorei um pouco a entender isso, que assim, eu tava fazendo um exercício da memória, a minha rememorização: "Ah, tá bom." – E daí, eu fui saber que isso é bem importante pros professores, que eles possam rememorar. E esse rememorar tá me possibilitando o que junto com ele? O que que eu trago à tona? E o que que isso produz em mim? Que tipo de conhecimento tá sendo produzido? Então, foi um exercício que eu demorei a amadurecer, que, a princípio, seria mais fácil pra mim. Por exemplo, não era difícil trabalhar com História Oral, era uma coisa que eu gosto de fazer; gosto de ouvir as pessoas, gosto de ficar com aquilo na cabeça zumbindo, sabe... aquele negócio... Só não gosto de transcrever! [risos] Mas gosto do zumbido, entendeu, aquilo que fica... que vem comigo, que eu fico pensando na pessoa. Ficar dias e dias com aquilo, carregando... Mas eu já tinha feito isso, então, era mais difícil pra fazer as minhas análises, possivelmente, e me custou [risos]

muito mais. Até porque, quem sabe, eu tive que entrar onde eu não queria, a princípio, entrar. Onde é que a gente mantém esse distanciamento? E como aprender a fazer este distanciamento? Eu acho que é difícil... Você fica muito carregado, fica carregado com a história do outro, imagina da nossa!? [risos] Do outro, a gente já fica com um zumbido durante dias, com a nossa... [risos] Então, o eco... A mim me custou bastante, uma mudança grande na minha vida, muitas horas de trabalho. Mais do que horas mesmo, acho que, quem sabe, a densidade daquilo que a gente tem que lidar. Entende? E que, às vezes, a gente não sabe como... você separar daquilo.

Como eu falei para a Sofia, que não era para fazer Filosofia aos 23 anos, não sei se isso era pra fazer nesse tempo. Entendeu? Às vezes, eu me pergunto, quem sabe, fosse uma coisa mais pra frente, sei lá...

Então, acho que as pessoas têm uma parte muito importante na minha formação, as pessoas com quem eu encontro me possibilitam uma série de novos encontros, me abrem portas, me dizem coisas. Eu acho que isso vai me tornando professora de uma forma muito particular, com os adultos e com as crianças. Crianças têm encontro memorável, mas com os próprios jovens e adultos da Educação de Adultos, desses encontros, acho que eu já te contei isso: um senhorzinho que, um dia, eu cheguei pra dar aula e ele tinha faltado uns dois, três dias, e eu: “Sr. Antônio – ele tinha bastante dificuldade pra escrever, então, eu comecei a sentar perto dele pra ajudar a escrever, aquela coisa toda... porque eu sou simpática, converso com todo mundo: “Ah! Sr. Antônio, o senhor faltou três dias! E aí, o que que tá acontecendo?” – Ele: “Nada não, é uma coisinha.” – Eu: “Ah...” E eu não tinha muito papo..., [risos] deixei pra lá. No final daquela noite, ele me trouxe um bilhetinho dobrado. E eu, sempre desorganizada, com aquele monte de coisa espalhada em cima da mesa, então, eles vão me ajudando a catar, [risos] a pôr no lugar... E ele me entrega e ele fala: “É pra senhora”. – Eu: “Ah, tá bom.” – Eles vão embora, eu fico lá um tempo sentada, naquele dia eu tava até voltando pra São Paulo. Então, eu tava esperando uma carona e, quando eu abro o bilhetinho, ele me narra o que tinha acontecido: o que tinha feito com que ele não fosse. Aí, eu tenho esse bilhetinho guardado até hoje! Eu fiquei ali parada, pensando,

falando: “Gente, a gente é particular mesmo! [risos] Por que que a gente não conta em público? [risos] Por que que a gente resguarda? E como, enquanto professor, como a gente tem que ter cuidado com o que a gente pergunta, que hora a gente pergunta, se a pessoa não responde, porque não responde...

Então, são coisas tão pequenas que, daquele dia em diante, eu acho que passei, a partir daí, a tomar muito cuidado com que eu perguntava, como eu perguntava, de que forma eu perguntava, será que eu tava sendo invasiva em relação à vida daquela pessoa? E eu perguntei pra aquele homem que tinha tanta dificuldade em escrever... contar em palavras àquele que lhe ensinou as palavras, [risos] sobre uma coisa que lhe era tão particular. Então, eu acho que isso é o mais legal, o mais interessante, porque é o que a gente não tem dimensão, você não tem noção daquilo que provoca. E os grandes professores na minha vida, eu acho que eles não têm dimensão do que deixaram de marca em mim. Eu não lembro muitas vezes do que eles falaram, mas eu lembro dos gestos, lembro da ação. Em alguns casos, lembro das palavras, mas em outras, não. Vem uma coisa tão forte, que você fecha o olho e você nitidamente vê a pessoa. Então, também se eu puder ficar assim pros meus alunos, tô bem! [risos]

Biancha: [risos] E, de alguma forma, no teu trabalho de escrita agora você retoma isso. Retoma e comunica a importância deles.

Marina: É, que a importância não tem necessariamente a ver com quem sabe, com muita coisa que a gente acredita. O conteúdo vem na pessoa, a pessoa que traz. Mas o conteúdo por si só não te garante absolutamente nada! E pra gente, professor, isso é difícil, bem difícil! Porque, enquanto professor, eu acho que a gente aprendeu sobre.... Não acho que isso não é um ensinamento, não é uma coisa que a gente vira um botãozinho e transforma. Entendeu? Então, o grande exercício da docência, um grande exercício, e acho que é difícil se aproximar dele, não é uma coisa...

Biancha: Vai implicar também olhar pra nossa formação, vai implicar também a gente desconstruir e reconstruir o trabalho... Por isso que pede pro alunos ficarem com as nossas palavras e não com a gente [risos]

Marina: Isso, isso! E acho que isso é tão, isso é muito difícil! Isso é tão difícil, porque exige da gente uma coisa que eu acho que precisa de bons parceiros mesmo. Precisa de tempo, você precisa de boa formação, de coisa que te tire do lugar, te tire do cubo. E acho que a nossa formação ainda é muito distante disso, pelo menos na Pedagogia, em que essa coisa do conteúdo é tão importante. Não que as crianças... imagina!? É claro, a escola é pra aprender a ler, a escrever! Sem discutir.

Mas como é que a gente aprende a ler e a escrever? O que a gente aprende a ler e escrever? E quem não aprende a ler e escrever também leva marcas e as marcas podem ter melhoras na recepção. Então, em relação às crianças, hoje, discutindo crianças em idade de Fundamental, a grande preocupação é: quanto tempo será que vai demorar a aprender a ler e escrever? Também não sei, pode ser que sejam três anos ou quatro. Ou pode ser que nunca aprenda. Agora, o fato de nunca aprender não quer dizer que ele não pode efetivamente participar daquele espaço. Então. eu acho que disso a gente ainda entende muito pouco; que participação é essa que não essa mera socialização? Do cara estar lá todo... sentir que ele tá lá... O que que é isso? O que que é isso que a gente tá dizendo, que as pessoas podem aprender, que acham que as pessoas só aprendem na escola? É uma coisa louca! Eu brinco que a escola é o espaço mais... Eu, por exemplo, não tenho dúvida que eu me singularizo na escola, de uma forma ímpar, que ela me possibilitou uma série de coisas. Quem sabe, por ela ter me possibilitado tantas coisas, eu fico achando que ela pode facilitar uma série de outras pessoas que, como eu, se não tivesse envolvida na escola, não teria esse acesso. Às vezes, eu me enfureço e: “Vamos acabar com tudo! Termina com essa porcaria mesmo, que isso não serve pra nada!” - Mas é impossível, nesse sentido, ela é impossível. Agora, ao mesmo tempo, também tem um preço muito alto. Pra quem consegue viver nela, tudo bem. Agora, pra quem não, eu acho que ela é um tombo!

Biancha: Pra alunos e professores que não conseguem viver nela...

Marina: É. Também acho. Eu vejo porque, por exemplo, hoje, em São Bernardo, quem sabe, eu não consiga viver nela mesmo: é um inferno, é um

inferno diário! [risos] Vira um sofrimento desnecessário. Fico pensando nessa altura da vida, fala: “Ah, o aluno não vai aprender a lidar melhor com todas essas...”

Biancha: O tempo, agora, também é um outro tempo da vida...

Marina: [risos] Esses dias eu tava brincando com uma amiga, se depois de uma certa idade, aí, eu falei: “Ah, então, quem sabe, eu seja daquelas velhinhas que as pessoas vão me olhar e: ‘Ai, que pessoa serena!’ [risos] Aí, eu falei, eu vou dar risada: “Hummmmm!” [risos] Aí, ela falou: “Ai, como você é tonta! Você acha que você vai chegar serena?” – Aí, eu falei: “Então, vamos discutir o que é serenidade...” - Não é pacato, mas que isso tenha um outro lugar depois, falei: “Pô, também é possível que a gente chegue velho, com uma certa serenidade, podendo lidar com algumas coisas com maior facilidade!”

Depoimento de Vítor na Íntegra

Primeira Entrevista com Vítor

Biancha: Como é que essas pessoas que são muitos marcadas como aquelas que não deveriam fazer parte deste processo de educação para todos né, também são trazidos para dentro desta discussão, mais ai não é uma questão da experiência sua vida como educador, mas uma experiência da vida que é trazida como muito diferente e minha pergunta é justamente né, a primeira é essa qual é assim sua lembrança quando é que você se deu conta de que tinha gente diferente no mundo? [risos] É uma pergunta de lembrança mesmo.

Vítor: Quando tinha? Ah, eu não sei se eu vou conseguir te... tá muito mais voltado porque eu acho, quando eu descobri, que na época eu não tinha consciência nenhuma, mas eu posso te dizer que eu me achava um pouco diferente né. É, eu fui alfabetizado pela minha irmã, minha irmã mais velha. Minha mãe era uma pessoa doente, a minha irmã na verdade foi um pouco mãe, minha mãe ficou seis meses paralisada depois que eu nasci por problema de parto. Minha irmã que dava banho... tinha aquela história que minha mãe ficava apavorada, porque eu era enorme e minha irmã tinha seis anos, meu pai era, naquela época nem sei se era funcionário publico subalterno, não tinha muito dinheiro, então, não tinha condições de pagar nada. Então, minha irmã mais velha que cuidava, quando eu tinha seis anos, minha irmã, acho que tava no primeiro grau, e ela resolveu me alfabetizar porque eu... eu.... a minha mãe tentou me matricular na primeira série com seis anos e meio – naquela época não era permitido entrar com menos de sete anos, eles não aceitavam, como eu nasci no dia nove de julho, por nove dias não aceitaram a matrícula. Eu fiquei esperando. A minha irmã, revoltada, resolveu me alfabetizar com um método muito interessante né. Nós dois somos apaixonados até hoje, ela é minha segunda mãe, então, uma paixão danada. Ela tinha uma régua preta do meu pai, desse tamanho, fazia cada, batia, não espancava: Pááá**á**! “Presta atenção!” – Então, quando eu entrei na escola já estava alfabetizado, já sabia matemática, já sabia a língua escrita completa, já sabia contar em inglês... aprendi o que ela ia me ensinando.

Então, quando eu entrei na escola, eu entrei e me destaquei como bom aluno né, praticamente. No antigo curso primário inteirinho, num ano eu fui segundo lugar na classe, que naquela época tinha, e nos outros anos eu fui primeiro né, na segunda série eu fiquei em segundo lugar eu não sei por quê.

Biancha: Lembra do primeiro?

Vítor: Do primeiro ano?

Biancha: Não, do primeiro da classe?

Vítor: Não, eu lembro da professora, que eu fiquei com muita raiva dela, a dona Maria, que me deixou em segundo lugar e eu achava que eu era o primeiro. [risos] Mas, depois, na terceira e na quarta, eu fui o primeiro lugar. Aí, naquela época, tinha o exame de admissão. Eu prestei o exame de admissão e passei em oitavo lugar no exame de admissão do colégio estadual de Santana, que era a melhor escola, comparada à média de hoje. Era a escola mais concorrida no bairro, porque era de melhor qualidade.

No colégio estadual Dr. Octávio Mendes, fiz a primeira série, fui muito bem, e na segunda série eu fui reprovado. Desencantado com a escola. A partir daí, meu pai quase que obrigava. Quando cheguei na terceira série, falei que ia desistir. Meu pai: “Jamais!” - Eu tinha um tio que era marceneiro, eu queria ser marceneiro. Não sou marceneiro por causa do meu pai, mas eu trabalho com madeira. Eu gosto de trabalhar com madeira, e meu pai falou: “Tá. Tudo bem. Primeiro vai terminar o ginásio”. Com o argumento de que primário todo mundo tem. Então, pelo menos alguma coisa mais tem que ter para poder... E me obrigou a terminar a quarta série, que eu terminei à noite, porque de dia meu pai sabia que eu não ia, que eu não ia conseguir fazer. Eu confrontava com ele por ter que ir pra escola, mas eu estudava e terminei a quarta séria aos trancos e barrancos e até que me dei bem. Não foi? Mudei de escola, fui pra uma escola pública estudar à noite. Meu pai falou que, a partir daí, ia terminar e ia trabalhar, né. E já me colocou... ele tinha uma pequena loja de material de construção, ele me botou lá pra trabalhar. E à noite eu ia pra escola. Eu terminei, consegui. Como a escola que eu fui era mais fraca, embora mau aluno, a terceira série da escola do bairro era muito forte, eu consegui terminar bem até. Terminei, parei. Parei, fiquei com uns dois anos de

atraso; dos dezesseis anos até os vinte dois eu fiquei fora da escola, esconjurava a escola! É muito interessante porque, me lembro de, uma noite, meu pai era ligado à política, tinha uma vida muito atribulada: dois empregos, militância, a política... E, uma madrugada – aí eu já não tava mais estudando, só tava trabalhando, trabalhava no banco – e ele chegou, acho que numa sexta feria à noite, eu tava em casa. Ele abriu a porta do meu quarto, eu tava lendo, ele falou: "O que cê tá lendo?" Nunca mais vou esquecer, eu falei: "Admirável Mundo Novo, do Aldous Huxley. Aí, ele falou: "Se você lê essas coisas, por que que você não vai pra escola e não lê aquelas porcarias de livros do ensino médio?". Eu tinha três coisas que eu gostava muito de fazer na adolescência: jogar bola, namorar e ler. Mas não queria escola.

Um pouco disso foi marcando a trajetória, marcando a minha família. Minha irmã se formou, todo mundo foi bem na escola. O único, sou o mais novo, de quatro. De três irmãs e o único varão da família foi o único que... Meu pai era um homem muito, muito esforçado, terminou o curso superior quando eu tinha dois anos de idade. Chegou aqui nos anos 20, praticamente semi-analfabeto né, teve toda... Essa era a história dele: "E se você fala que pára de trabalhar, que vai voltar a estudar, você pode parar de trabalhar hoje e ir pra escola!". E eu não queria. Eu fui trabalhar, então, fiquei longe da escola.

A minha irmã mais velha foi uma influência importante, porque ela fez Pedagogia, e ela me, ela tinha muita preocupação porque não era só na escola: tinha uns probleminhas lá de ordem social, hoje seria quase nada, mas essa coisa da vida da noite, gostava de sair da tal da balada, ir muito pra... e ela ficava muito preocupada, acho que com a minha perspectiva de vida. E ela me carregava pra algumas coisas. Eu comecei a entrar em contato com alguns estudantes de Pedagogia, o grupinho que ela tinha lá. Ela foi morar sozinha, ela saiu de casa, resolveu, resolveu nos anos 60, resolveu sair de casa porque queria morar sozinha. Naquele tempo da independência, o feminismo tava entrando, né, então, ela tinha que mostrar a força da independência. [risos] Eu ia muito na casa dela. Ela estudava na USP, na Maria Antônia, e o apartamento dela era em frente. Virou um ponto de reunião dos colegas. A gente ia pra lá, acho que isso foi uma influência interessante, conheci um rapaz

que era muito amigo dela, que morreu há pouco tempo, que era uma figuraça, porque era um homem meio marginal e, ao mesmo tempo, estudante né. Mas tinha uma vida né... mulato, de família pobre, né, e que tinha uma, uma vivência outra que dava pra ver que você podia, você não precisava ser operário padrão pra você... ou estudante padrão pra ser... Ele era brilhante do ponto de vista como, como aluno. Então, o Mauro foi uma amizade muito forte, mas mesmo assim eu não queria, não. Mas acho que foi uma experiência, não só da minha irmã, mas deste grupo, que, quando eu tinha o quê? Foi nessa época um pouco, foi 1964, foi 65, quando veio a gloriosa. Com a revolução, o grupo era muito militante político e se esfacelou com a coisa da repressão e tal. Continuaram... a perspectiva que a Jô tinha de transformação se arrebentou e tal. O grupo se desmanchou um pouco, e entre o grupo tinha uma, uma grande amiga da minha irmã, que era, que tava fazendo Educação. Era ligada à arte, está até hoje aí na mídia: a Fanny Abramovich. É uma educadora que trabalha com arte, e a Fanny era da colônia judaica, da ala progressista da escola judaica, da antiga escola israelita Scholem Aleichem e era uma escola meio de esquerda da colônia. Muita gente do partido comunista fazia parte, do projeto do povo, e a Fanny fez um projeto muito interessante porque o bairro tava mudando, já não era o bairro que, antigamente, era basicamente de judeus. Naquela época já tava entrando o tal dos cortiços, as alterações do bairro, e a Fanny montou um programa de educação pelo lazer, sábado, o dia inteiro. E me convidou pra trabalhar lá, foi a primeira grande influência de trabalho. Era trabalho raro, forte... essas coisas, mas que tinha um caráter educativo que eu fui aprendendo lá. Pra mim era bárbaro essas coisas, então, eu trabalhava, eu já tinha emprego: trabalhava o dia inteiro durante a semana e no sábado ia lá pro Bom Retiro trabalhar o dia interior, das oito da manhã às cinco da tarde. Todas as vezes, e parava e pegava um grupinho. A Mariana era uma estudante de Pedagogia, eu não era estudante de nada, ela foi agregando voluntário, quem quer ajudar ajuda. A gente recebia, pagavam pra gente, pagavam uma miséria, pagavam né. Não era nem pelo pagamento, e todos os sábados, das cinco às sete, ela fazia, o que ela chamava de reunião pedagógica, pra discutir aquilo o que a gente tava fazendo do ponto de vista... E aí, eu comecei a ver que Educação era mais que, mais que perguntar e responder. Era uma

oportunidade da minha vivência da escola, embora hoje ache que eu não soube valorizar. O CEDOM [Colégio Estadual Dr. Octávio Mendes] era um escola tradicional, uma escola né, mas era uma escola muito interessante do ponto de vista de outras atividades: tinha grupo de teatro, tinha grupo de música né, eu participava de tudo, tinha uma, uma das únicas escolas pública que tinha piscina, tinha muito esporte, isso tudo eu fazia, só não ia na aula. Eu participava de tudo, do grupo de teatro e tudo que o colégio oferecia, mas não gostava da escola, acho que essa foi a minha primeira grande experiência educativa. Foi nesse trabalho: aí, comecei a ver que educador era mais do que ficar dando aula de determinada disciplina, né.

Biancha: Que atividade você desenvolvia nesses sábados?

Vítor: Eu basicamente desenvolvia com os meninos atividades esportivas, eu adorava esportes, né. Então, não tinha, não tinha nenhuma formação em esportes, mas tinha muito amor, pela própria escola que eu frequentei o CEDOM, que tinha basquete, tinha vôlei lá que eu comecei a aprender essas coisas né, e como dizia meu pai: “O Vítor não pode ver uma bolinha de gude que ele pára e joga...” [risos] Bolinha de gude na rua grande, o que aparecesse eu fazia né. Então, ela me botou na área de esportes e eu fazia trabalhos desportivos. Foi aí que comecei a aprender atitude, relações entre os alunos, respeito coisas e tal... Aprendizagem... Foi a primeira vez que eu ouvir falar que regra esportiva é uma coisa interessante, regra esportiva como algo legal: não pode pegar a bola com a mão, é um acordo, e que isso, se é regra do jogo, ela deve ser cumprida... Aí, antes, pra mim, isso começou a me dar uma outra perspectiva de que aquilo não era pura e simplesmente... os meninos vieram aqui pra brincar, nós não viemos pra brincar, então, foi muito interessante, eu fiquei dois anos lá fazendo esse trabalho.

Aí, eu e, ao mesmo tempo, meu pai muito preocupado com meu futuro, sabe, meu pai apostando que eu não ia fazer nada, talvez, porque ela sabia como era, ele me arrumou, ele tinha oportunidade, por isso que me arranjou um emprego público com um salário bastante razoável pra um rapaz de dezoito anos. Ele conseguiu, aquela época tinha concurso, foi lá, conversou com os amigos dele, na hora entrei. Então, eu trabalhava lá, trabalhava de, trabalhava

bem, o trabalho era burocrático não sei se eu gostava, eu não gosto. Eu não gostava porque parei, mas, como o tipo de trabalho, meu chefe era uma figura muito interessante, ele, meu pai, por razões óbvias, confiavam muito pouco nas minhas possibilidades de ligação. E, no trabalho, eu comecei a me dedicar muito e também acho que comecei a verificar que, com o que eu tinha, eu não ia muito longe, quer dizer, um pouco da perspectiva que meu pai tinha de, de: "Ele não deve ir muito pra frente nesse trabalho... mas, pelo menos, é emprego público, estável, fixo, não preciso me preocupar com a velhice dele porque, pelo menos, ele tá empregado".

Eu comecei a achar que meu chefe podia fazer tal coisa, fui até exercendo outras funções no trabalho, mas carreira que podia ter, não tinha. E eu comecei a pensar em voltar a estudar. Aí, também ligado a isso, ao grupo que eu frequentava e tal, que também era, fazia o grupo da Renata, minha irmã, era muito interessante. Depois, tinha esse papo né, a gente fazia reuniões, pegava livros de cinema e ficava discutindo: cinema, isso... e eu não tinha, se fosse discutir a área acadêmica, essas coisas, eu entrava, lia junto... Então, foi muito bem incorporado, muito bem adotado pelo grupo. Tenho amigos até hoje desse grupo, então, eu acho que aí eu comecei a pensar em voltar a estudar, e com a influência da Fanny e da minha irmã me tornei educador. E fui fazer Escola Normal, que era uma Escola Normal. [risos] Era muito ruim, eu fiquei tão decepcionado porque eu fui com tanta vontade, mas era muito ruim. Era uma escola nova, uma das novas escolas públicas da década de setenta, muitas escolas públicas né. Aquilo era muito mal organizado, era, era com um grupo de professores velhos, desinteressados. Pra você ter uma ideia, a professora de metodologia de ensino passou um semestre dando pra gente preencher livro de chamada, inventar nome e assinar. Só isso, durante seis meses. Não: livro de matrícula primeiro, quando passou seis meses, agora muda, durante um semestre livro de chamada. Inventar os nomes, colocar as frequências, colocar a falta, fazer cálculo de frequência, inventar nota, fazer cálculo de média de nota. Durante um semestre, só isso. Isso era a metodologia de ensino, de prática de ensino. A professora de biologia, a de biologia não, a professora de português, era a professora Glória, que era um encanto. Mas essas coisas, até hoje, o professor

de literatura, Fernando, tava iniciando, acho que ele era mais novo que eu, porque eu tinha seis anos de atraso daí ele tinha... Mas ele dava uns trabalhos muito interessantes, ele dava, fundamentalmente, literatura. Os professores de matemática que trabalhavam com a teoria do conjunto, que era legal. Mas, do ponto de vista pedagógico, era um horror, com exceção de uma professora que era brilhante, brilhante não, era bárbara: Maria das Mercedes, que tinha um trabalho, ela era de metodologia de ensino que, naquela época, tava se discutindo muito o método global e a escola tinha um grupo de escolarização. E ela nos levava pra dar aula, preparar aula, alfabetizar... aguentei dois anos isso. Aí, não terminei, não terminei porque um amigo, Jarbas, que conheci lá, resolveu prestar Madureira.

Nós passamos, prestamos vestibular e entramos, na USP e não tinha concluído. Aliás, quando eu terminei o Madureira... eu me arrependo até hoje, porque eu queria ser professor primário, mas eu não aguentava escola, não aguentava escola. Agora, era muito o contrário: todos os professores diziam que eu era o melhor. Aí, eu não aguentava mais, quando ficava parado: “Ah, falta um ano”. Tá certo: vai fazer cursinho da USP, que é bom que você faz e termina e tal...”. “Ah, mas eu não aguento Pedro, eu não aguento, eu quero ter prazer,não quero ter desprazer...” Aí, prestei o primeiro vestibular na USP, só prestei na USP. Naquela época tinha exame oral; os professores João Eduardo Rodrigues Villa Lobos foi um dos meus inquiridores. Um carrasco. Aí, fez uma série de perguntas, que eu fui só com o que eu sabia do Madureira. Foi um vexame, a primeira pergunta que ele fez foi: Vítor Pereira Andrade, o senhor por acaso é parente da Renata Maria Pereira Andrade?”. Pensei: “Ah, tô ferrado...”. Ela era reconhecida como uma excelente aluna. Aí, quando terminou o exame oral, ele perguntou: “Você prestou em algum outro lugar?“ Eu falei: “Não”. – “Então, até o ano que vem”. Eu já tava reprovado. Eu fui reprovado. Aí, fiz um ano de cursinho sério, mas assim um ano de cursinho. Quando eu voltei, ele disse: “O senhor voltou”. – “É, fiz cursinho”. – “O senhor se preparou, né...”. Aí, eu entrei. Aí, fiz a graduação, os quatro anos, foi muito bom o curso. Eu acho de excelente qualidade aquela coisa, mas excelente qualidade do ponto de vista de formação teórica, né. Mas era um bando de reacionários, mas altamente competente. Alguns avançados, como em toda

universidade, mas o pessoal que dava... o Vila Lobos... todos eles liberais né. Aí, você vê qualidade acadêmica, isso não dava pra negar, mas eu tinha raiva deles... aí, eu fiz a universidade de São Paulo e me formei Pedagogo, um pouco disso...

Biancha: A ideia de você como alguém diferente veio, assim, mais tarde, olhando para sua história escolar, ou era algo uma coisa que já sentia naquela época?

Vítor: Não, com certeza, eu acho que teve problemas de ordem pessoal. Isso, meu pai era um sujeito muito, tinha um padrão de vida muito sistemático, né. Era um homem muito religioso, ele era muito, muito... ele teve um problema de vida muito sério, com um casamento muito mal realizado. Depois de um certo tempo com a minha mãe, né, é, e meu pai tem uma outra família: ele se afastou e é bem nesse período em que ele começa a se afastar e eu começo a sair. Acho que isso deve ter sido uma influência significativa. As coisas que a minha irmã conta do meu pai, eu não lembro, de algumas coisas desse convívio que ele teve, eu lembro passagens muito, muito de fundo, do tipo: à noite, meu pai colocava, no verão, mas só no verão um cantor francês, Jean Sablon. E ele se apresentava com uma coisa que era meio safári, um casaco safári e aquilo passou a ser moda. Só que aquilo como eles chamavam de Jean Sablon, era o nome dele, mas chamavam o casaco assim. E meu pai colocava aquilo, eu lembro de eu, pequeno, ele e minha mãe andando na frente e os filhos atrás, eu devia ter idade pré-escolar, depois tem uma nebulosidade. Eu não lembro muito bem, deve ser porque ele se meteu em política e se afastou né.

Aí, ele nunca assumiu a segunda mulher, foi uma segunda mulher que ele, né, eu soube disso, eu acho que eu tinha uns doze anos de idade, que é exatamente o ponto que tem muito a ver com isso. Não posso dizer nem que tenha algum princípio de moral, um pouco dessa, acho que tinha uma influência significativa, mas podia ter dado por outros lados. A escola, não sei muito bem porque, mas acho que resistência. [risos] Exatamente naquilo, peguei naquilo que, na coisa que acho que efetivamente ele... não tinha nenhum problema contra a outra. Aos catorze anos, eu já sabia disso, eu

conhecia, ele fez questão de falar, ir lá me apresentar, mas ele nunca, ele só falava uma coisa pra gente: “Nunca fale pra sua mãe, se vocês querem, tudo bem”. E eu, na espécie de um acordo, sempre fiquei muito revoltado, não... revoltado depois de certo tempo. Mas ele era marido, é muito interessante porque ele, ele... no dia que ele passou a viver vida dupla, ele deixou de ir na igreja. Minha mãe morreu em 69, a primeira coisa que ele fez depois da minha mãe, foi ir na igreja se confessar, então foi um fator familiar forte, né.

Biancha: Ele veio de onde pra São Paulo?

Vítor: Jaú, ele veio na crise dos anos 20. Meu avós tinham um pequeno sítio e plantavam arroz. Com a quebra do café, essa coisa da crise dos anos 20, ele perdeu pro banco. Eles vieram morar na zona norte, que era Santana. Foram morar numa vila alugada com nove filhos. Todos vieram pra trabalhar. Meu pai começou como celeiro, consertar cela, que era o que ele sabia fazer lá. E foi fazendo. Depois, foi estudando, ele entrou pra igreja, acho que a igreja foi uma marca muito significativa, porque tinha a possibilidade de estudar, recuperar os anos. Na igreja ele se ligou a um grupo, que era ação social dirigida por um padre que chamava Padre Sabóia de Menezes, que era um sujeito muito ligado a essas coisas sociais de igreja, de ajudar os pobres, mas altamente especialista. Então, com isso, o padre Sabóia foi uma figura muito especial na vida dele, porque foi um sujeito que incentivou: “Você faz isso, faz isso...”. Aí, ele ficou fazendo esse trabalho... se meteu na área de serviço social junto com a dona Nadir, da primeira turma de serviço social. Ele foi fazer um curso que chamava para universidade, não era nem universidade ainda, pós ensino médio. Ele terminou o ensino médio e foi fazer serviço social, essa coisa de serviço social e de militância política, que foi suplente de vereador em São Paulo. E depois, foi eleito uma legislatura como deputado estadual. Foi só uma vez, depois ele perdeu. Ele disse que não engatou na política. Esse foi um aspecto; depois, a vida dupla dele, por isso fez com que ele se afastasse do bairro. Ele tinha tido votos praticamente do bairro e da igreja. Aí, ele ficou nessa coisa e perdeu, nessa vida de política.

Biancha: Estava ligado a que partido na época?

Vítor: Naquela época é como agora, né, ele começou no PDC – Partido Democrata Cristão. Foi vereador pelo Partido Democrata Cristão. Aí, quando o Jânio foi eleito prefeito pelo Partido Democrata Cristão, como ele era o primeiro suplente, o Jânio convidou pra fazer, presidir o... como se fosse a Secretaria de Bem-Estar Social, que era cargo de comissão, que não era uma, era um órgão, não era uma secretaria, um órgão de ação social e tal. E permaneceu lá um tempo. Aí, ele foi candidato a, quando ele foi candidato a deputado pelo Jânio, ele, o PDC não apoiou. Aí, eles mudaram de partido, porque ele tava ligado ao Jânio. Aí, ele foi pro PTN – Partido Trabalhista Nacional. Aí, foi eleito pelo Jânio. Quando eles foram eleitos, o Jânio, o Porfírio da Paz era o vice-governador e o Áureo de Mello era senador. E eles fizeram uma reunião, que o próximo candidato seria o Áureo, pra governador, sucessor. Nessa passagem, né,o Jânio rompeu a corda. Rompeu o acordo. Não assumiu o acordo com Áureo de Mello e assumiu apoio ao Carvalho Pinto, eu acho que foi pro PPS, que foi por pretensões políticas do Jânio. O Jânio pegou o secretário da fazenda dele que tinha história... meu pai nunca tinha feito isso, depois do governo populista do Ademar, que era o único conhecido, parece que o Carvalho Pinto realmente começou a dar uma dinâmica mais, menos, menos clientelista do orçamento público e tal, mas era um homem desconhecido, era um professor. Acho que o Jânio o colocou porque o Jânio tinha pretensões mais altas de governador, tanto que ele foi, logo em seguida, foi candidato a presidente e o Áureo seria uma sombra, porque o Áureo era um nome nacional. Então, que foi um pouco... não sei, e meu pai com essa coisa da palavra.... é palavra.... ficou com o Áureo. Então, o Carvalho Pinto teve 70% dos votos né, eu acho que, além de tudo isso, quem foi apoiar o Áureo se ferrou. Meu pai, se não estivesse com todos esses problemas, se continuasse, teria sido reeleito. Mas, quando ele rompeu, era o grande, o grande, a grande chamada de votos, quer dizer que aí ele se desiludiu. Eu brinco com ele que aí, ele se aposentou.

Porque ele, pelas ligações políticas, conseguiu um cargo público, né. É, como ele tinha trabalho, meu pai, depois que ele foi fazendo carreira, ele prestou, quando ele era jovem, antes de casar, ele prestou concurso pra ser guarda de presídio. Ele fez boa parte pra ser guarda de presídio. E, quando ele

estudou, fez tudo isso, ele começou como guarda de presídio e começou a subir na carreira lá, porque tinha mais instrução. Saiu de lá, foi pro almoxarifado, do almoxarifado caiu tal na área de, eu nem sei como era o nome.... era pouco de trabalho de revitalização do preso né, fazia.... ele era estudante de serviço social e foi aproveitado pra isso. E a tese dele trabalho de conclusão de curso do, do, do, do Serviço Social era sobre serviço social dos egressos dos estabelecimentos penitenciários. Quando ele saiu da política, porque ele tinha essa ligação com...ele conseguiu ser nomeado como professor e diretor, vice-diretor da Academia de Polícia. [risos] Ele dava exatamente aulas da parte social de formação dos carcereiros de guarda de presídio. Ttem curso pra fazer, ele dava aula lá. Mas aí, ele se aposentou porque, a partir daí, ele fez isso, foi dar aula. Mas essa, né, ele era, ele era um homem de um dinamismo incrível. E ele se apaga né, não faz mais absolutamente nada: vai lá, cumpre seu trabalho, faz seu trabalho com cuidado, muitas vezes, vários anos. Ele nuca foi o diretor porque o diretor tinha que ser divulgado... uma coisa naquela época. Mas ele foi nomeado, depois. Até se aposentar na década de 70, ele deve ter ficado uns cinco anos como diretor substituto. Todas as vezes que não tinha ninguém, ele ficava como diretor substituto. Muito dedicado, muito sério e tal, mas não mais aquele homem dinâmico. Acho que ele escolheu um pouco uma vida mais de uma vida neutra e tal...

Biancha: E sua mãe era daqui?

Vítor: Minha mãe era. Minha mãe nasceu, minha mãe era filha de imigrantes italianos. Eles se conheceram na igreja, minha mãe era filha de Maria e meu pai congregado mariano. [risos] Minha mãe era, era naquela época, chamava professora de regime de classe. Terminava o primário, depois podia fazer um ou dois anos pra ser professor; não era normalista. Mas deu aula pouco tempo, depois casou e nunca mais. Ficou com os deveres domésticos. Depois, meu pai é que providenciava o sustento.

Um pouco isso. Não sei se responde à primeira pergunta, se era isso mesmo.

Biancha: Sim, sim. E de ser abordado como alguém diferente tem alguma lembrança?

Vítor: Tem muitas né. É... eu tenho a história que contam, eu não sei se é verdade ou não, porque eu vivi, mas não posso nem contar, porque era o meu parto. risos] É de que minha mãe ficou doze horas no trabalho de parto. Minhas três irmãs mais novas nasceram em casa com parteira. Por premonição ou alguma coisa desse tipo, eu fui o único que foi pra maternidade, com o mesmo médico que fez os três. Era médico de família de quarenta anos, e ele não fazia cesariana. Naqueles dias, cesariana, 40... 44, não era muito comum, mas na Maternidade São Paulo, que me pai me levou, já tinha. Mas ele não fez, e eu tava com o cordão umbilical enrolado no pescoço e ele fez rotação na minha mãe pra me tirar pelas pernas. E eu pesava 4,850Kg, a minha mãe tem um 1,46m de altura. Então, ele estourou a minha mãe, por isso que ela ficou seis meses paralisada e tal. E eu nasci, o médico disse que eu não ia andar, nasci com as pernas roxas. Aliás, roxas mesmo, era água quente e água fria para recuperar, como dizia o Norberto Rodrigues. Era lá da USP, faleceu jovem: "Não passe na porta do neurologista porque ele vai te dizer que é um quadro neurológico sério...". E eu não ia andar... eu nasci com um estrabismo muito violento, o estrabismo foi uma marca, o estrabismo era uma coisa terrível porque eu era chamado... Tinha lembranças, lembranças da minha irmã, da Renata, que não só era a irmã mais velha, ela era a mais brava do bairro. Eu me lembro da Renata com essas cordinhas de pular, e uma menina, não lembro o nome dela, loirinha... eu vi a Renata passar a mão nas cordas e *pá!* Eu vi, deu uma surra na menina, de corda. Era uma marca muito significativa. Eu passei dos três aos seis anos com tampão no olho direito. Isso era uma marca que, quando as pessoas brincam com a gordura, eu falo assim: "Ah, quando eu olhei no espelho e a vista tava melhor, a gordura não era nenhum problema pra mim". [risos] Eu olhei pro meus olhos: "Você tá ficando bonito". Mas essa foi uma marca muito significativa o tempo inteiro. Era muito menos comum crianças usarem óculos, pouquíssimas usavam nessa época. Óculos com tampão era quase, eu não lembro de mais ninguém que usasse isso. Então, eu acho que foi uma marca muito, muito forte pra mim né, pela vista né.

Biancha: E isso foi anterior à escola?

Vítor: Anterior à escola. Quando eu entrei na escola, eu já era estrábico, mas era um estrábico normal, eu tinha a vista meio torta. Mas tenho fotografias da época, tenho uma fotografia 3x4, com sete anos, era obrigado a tirar pra escola. Minha mãe guardava. Você olha, a vista esquerda era torta. Então, acho que essa foi uma marca, marca física significativa. Agora, não teve nenhuma marca... Muito pelo contrário, sempre, do ponto de vista da aprendizagem, nenhuma. Eu aprendia tudo fácil. Sabia que a minha irmã usava a régua, mas ela usava pouco, ela quase não precisava. Na escola também, no primário, eu tirei de letra. Não só por estar alfabetizado, mas também porque eu aprendia tudo. Não tinha nenhuma dificuldade de aprendizagem.

Biancha: E nunca fizeram essa associação de porque os olhos assim, de porque nasceu, vai ter dificuldades?

Vítor: Não, talvez por causa, talvez minha irmã, sem querer, já tenha... Ah, quando eu entrei, eu não falei nem ela. Eu respondia tudo. Se tinha uma coisa pra fazer a lição, que a professora dava, sabia tudo, mas eu respondia tudo rápido. Então, eu já sabia, isso começou a dar uma marca de: “Ele é vesguinho, mas ele aprende”. É isso. Apesar de eu considerar que a lembrança mais forte que eu tenho do primário é da professora do primeiro ano, que era uma senhora, mas ela era bárbara, dona Sarah. Ela nos adorava, era uma senhora que já devia ter perto dos 60 anos, já deu aula pra garotos de seis, sete anos. Mas ela era, a gente tinha paixão por ela do jeito que ela fazia, uma professora durona, mas ao mesmo tempo altamente afetiva. Naquela época tinha filas divididas. Eu me lembro dela fazendo assim: “Vocês da fila A que se virem, eu vou cuidar da fila D”. Ela ficava em cima da fila D: “Vão aprender todos! Você já sabe responder”. Ela ficava o tempo todo ali entre a C e a D, porque a A era dos meninos que ela dava lição, sabia que os meninos respondiam; os B tinham alguma dúvida; os da C e da D eram a fila que ela pegava: “Meu problema aqui era a fila D”. Ela fazia a meninada, a meninada não esquecia não. Agora, tem uma coisa, eu tenho absoluta convicção que 90% e tantos saíram de lá bem alfabetizados. Em um ano! Então, ela fazia essa coisa de classificar, distribuir e dividir. Na minha classe, eu não me

lembro, aliás, lembro sim! Lembro de alguém falar: “Você está na fila C!” E ela falar: “Nunca mais fale isso!” E brava! “Nunca mais, não é por isso que ela tá ali. São todos iguais! Eles vão aprender tanto quanto os outros!” E ainda falava assim: “Alguns daqui vão ser melhores do que vocês, porque vocês não se dedicam e eles estão se dedicando!”.

Biancha: Essa era a intervenção dela?

Vítor: Essa era a visão dela. Então, tinha a marca da dona Sarah, que era uma marca alta. Tinha briga pra valer, era do bairro, né. Essas coisas também são interessantes porque também vão se perdendo em relação à escola. Ela morava há três quadras da escola e tinha briga pra levar os livros dela. Então, ela fazia rodízio: “Ah, hoje... quem é?” Era pra cuidar, ela não tinha esse negócio de ajudante de classe. Não existia, mas, como tinha muita concorrência pra quem quisesse levar, então, todo mundo! Mas era de paixão mesmo, ela era unanimidade na escola! E eu vejo assim, que era uma coisa, não era homogênea, mas não era classe fraca. Em todas elas, eles faziam essa divisão, tinha os fortes, os fracos... embora fosse individual, eles faziam, quando eu falo que todos, todos estavam numa sala por critérios por pretensamente pedagógico, foi dividida. Eles distribuíam. Faziam a avaliação e começavam a distribuir, forte, fraco, médio. Aquelas cadeiras fixas, grudadas no chão. E eu não tenho nenhuma, não vejo, uma coisa muito de revolta de estudar e não lembro de nenhuma passagem de alguém falando.

Biancha: Da sua lembrança, e você nessa distribuição da classe?

Vítor: Sempre na fila A. Na fila A e entre os primeiros.

Biancha: Sabia que estava nesse lugar?

Vítor: Sabia, das organizações. Terminada a primeira série, primeiro aluno da classe: Vítor. Na segunda série, em segundo. Não gostei! [risos] Eu tenho na memória, a passagem desse tipo de escola para uma escola de vários professores e tal, embora eu, na primeira série, eu fui muito bem. Eu recebi notas muito boas e fui, entrei no 8º. ano e passei pra primeira com a média, fui classificado com sete.

Biancha: O que você achou no momento em que estava fazendo essa mudança, o que estava achando dessa mudança? No final do primário e começo do ginasial?

Vítor: É uma coisa, é um rito de passagem complicado e talvez aliado a essas coisas de família e tal, tenha isso. Porque era ensino médio, era ginásio, colegial e ensino médio, colégio, e é muito complicado porque você sai dos maiores e entra numa turma... É outro papel. E passa a ser aquele que não tem nenhuma voz, e talvez isso tenha influenciado um pouco de ter alguma coisa diferente, que pudesse marcar.

Biancha: Foi uma mudança de escola também?

Vítor: Mudei de escola. Essa coisa do rito de passagem do antigo primário, ainda muito maternal, com uma professora que sempre acompanha seus pintinhos na escola, um professor... você passa de um professor, pra outro professor, pra outro...

Biancha: E você tem uma lembrança da primeira pessoa deficiente ou louca que tenha conhecido, mesmo que seja antes da escola?

Vítor: Eu tenho, do lado da minha mãe, uma tia que ficou internada no sanatório psiquiátrico durante muitos anos, morreu lá, foi pra lá jovem. Eu não me lembro dela em casa. Então, o diagnóstico de esquizofrenia, essa é a primeira lembrança. Porque a família toda era obrigada a ir lá na internação no Pinel em Pirituba, que era só para mulheres. Não sei se você já ouviu falar no Pinel, que era só pra mulheres. Eu me lembro de ir visitá-la era um lugar bonito, mas ela era uma pessoa que não respondia. Quando meu pai conversava com ela, ela dava um sorriso, não sabia se ela tava entendendo ou não entendendo nada, mas que tinha um olhar tão meigo, tão meigo, ela era minha madrinha de batismo. E eu era seu afilhado. Ela passava a mão na minha cabeça e tal, eu não entendia muito bem porque que ela tava lá numa situação tão.... mas não tem nada a ver com a deficiência, nunca teve ligação com isso. Um quadro também na família da minha mãe, um quadro de arteriosclerose na velhice. Mas aí, quando fez 60 anos e tal. Mas aí, tem linguagem, tem tudo isso. Fazia um pouco parte da perspectiva de estar ficando velho com o tempo, reumatismo. Mas não via como deficiência. Era

coisa característica da idade. O meu tio mais velho continuava conversando, eu me lembro que meu tio que adorava cuidar de cavalo, que o rádio, se aumentasse muito, ele distorcia. Então, ele colocava baixinho. Ele ouvia a corrida, era muito mais uma limitação, um homem velho, tal, tudo isso... mas não tinha deficiente.

Com deficiente tem uma passagem na tal da Escola Normal, não é isso? Tinha uma professora de biologia que pegou o livro de um tal de Ary Lex, que tinha todos os pontos. O que ela fazia? Ela dividia todas as aulas, ela não dava aula, ela organizava trabalhos em grupo e cada um apresentava. Mas era individual, ela dava pro ano inteiro, dividia um pedacinho: na aula de parasitária, um falava da tênia, outro... e tinha uma menina da classe que tinha sequelas de paralisia infantil, boazinha, e um dia, logo no começo da apresentação, na escola normal... E ela pegou o manual e leu, leu.... E a Dona Nilza falou: “Brilhante! 10!” Eu: “Tá. No meu seminário, eu vou ler e quero 10”. Ela ficou uma fera, ficou olhando pra mim, ela ficou abismada: “Você não tem nada na cabeça!” Eu: “Não, espera! Que história é essa? Você leu, tirou 10 e o outro que apresentou, ficou nervoso, tirou 8”. E a menina me agradeceu. Ela era minha amiga. Na hora, ela ficou chateada, eu fui explicar, falei: “Não, pô! Ela tá te desvalorizando! O outro leu e ela deu nove. Por que ela te deu dez? Você não tem nada na cabeça, tem nas pernas, pô!”. Aí, ela falou: “Entendi”. Aí, fui chamado na diretoria, que eu era mais velho, tal... falei: “Não, não admito”. Eu falei é.

Biancha: E o que argumentavam em relação a ela?

Vítor: O fato de ela ser deficiente.

Biancha: Era claro, explícito?

Vítor: A diretora falou pra mim: “Mas ela é deficiente!” Eu: “Mas ela não tem problema na cabeça, é nas pernas!Tem cérebro, só não faz educação física. Não quero! Ela tem que tirar a nota que a Dona Nilza deu pra outras que leram, tem gente que leu e a Dona Nilza deu nove. Ela deu 10 pra quem fez mais alguma coisa. A menina tava nervosa, ela merece nove, ela não merece dez”. Eu argumentei, e a diretora, que era muito ruinzinha: “Não, até que no fundo, tal... mas você tem que entender...” Eu saí de lá, eu era mais velho que os

meus outros colegas. Eu tinha 15, 16 anos, era jovenzinho. A professora: “O senhor vai me obrigar a lhe suspender, eu vou na delegacia de ensino....” Eu fui educado com a professora, inclusive falei, levantei, pedi licença: “Dona Nilza, teve gente que leu o trabalho aqui e a senhora deu nove. A Cidinha leu o trabalho, a senhora deu 10! É injusto com os outros. Eu vou ler o meu trabalho e vou exigir dez!”. E ela me botou pra fora da sala. Inclusive tinha um senhor que ficou muito nosso amigo, era professor, era da guarda civil, um homem de quarenta e tantos anos. Mas ele tava muito mais ligado à religião, queria ser educador e era um senhor. E ele brincando comigo: “Se fizerem alguma coisa com você, eu vou junto”. E a menina falou: “Eu vou também”. [risos] Eu falei pra ela: “Tô fazendo isso porque acho que ela tá te desvalorizando. Você trabalha com a gente, faz os trabalhos... você tem um problema nas pernas, não tem nenhuma diferença. Por que ela vai fazer diferença?” Aí, a menina virou e falou: “Você tem que ser tratada igual a gente. Tem coisa que você não pode fazer, você não pode fazer. Assim como tem coisas que tem outras, tem o pátio, e não joga bola”.

Biancha: Essa era uma percepção apurada pra época né! De onde vem?

Vítor: Acho que da minha fase anterior a essa discussão, porque nesse grupo de lá da minha irmã, era muito claro: todo mundo era do Partido Comunista, falava da pobreza, da injustiça social. Na minha cabeça, eu brinco, dizendo assim, hoje eu não encontro mais ninguém dos meus colegas de adolescência, mas quando encontrava: “Que cê tá fazendo?”; “Você [educador]??? Não!!! Detestava a escola?!”. Talvez seja por isso que virei educador. [risos] Porque que essa instituição me causa tanta ojeriza, eu sempre brinquei que eu já entrei na escola normal pensando que tinha criança que não aprendia, muito ligado a esse grupo, muito ligado ao trabalho da Fanny. No grupo da Fanny tinha muitos judeus, mas tinha uma população... devia ter uma meia dúzia, tinha negros que ou eram filhos de empregados e moravam em cortiços, e aí, você começa a ver a diferença de performance do ponto de vista escolar. Que também tinham, tinham atividades voltadas à escola mesmo. Vou realizar uma peça de teatro: pra realizar uma peça de teatro, você via, os meninos que tinham um maior capital cultural, eles tinham muito mais prática do que o menininho. Até o

menininho pegar essa coisa, o que é organizar uma peça de teatro, o menino podia até ter uma boa ideia, mas não sabia fazer.

Você via as diferenças, então eu era do partidão, todo mundo era do partidão. Então, ligado a isso, você vai vendo a injustiça social, disso eu já vinha, já fazia parte. Tenho uma história de vida, meu pai era um homem simples, mas tinha um pensamento muito maior que a gente. Mas era um homem de compromisso, da atividade dele social. Me lembro do meu pai atendendo gente o tempo inteiro dentro de casa, essa questão do Serviço Social. As campanhas dele estavam sempre voltadas pra isso: uma visão paternalista, voltada pra pobreza, tal... Todo o trabalho que ele fez lá, mesmo como deputado, era muito ligado a isso e vai...

Mas eu não era muito avançado para a época, não. Porque os amigos da minha irmã eram muito mais avançados em análise política, tinham muito mais bagagem do que eu tinha. Eles participavam, eu tinha muito menos cultura do ponto de vista, lá, que eu passei a ler... As coisas que eu gostava de ler eram romance, eu gostava de ler romance, mas lia os clássicos, lia tudo: José Lins do Rego, Jorge Amado, mas lá que eu comecei a ler alguma coisa de... dar uma olhadinha no Fulano de Tal da Sociologia... Enfim, outra literatura que não a literatura, não era só, eu lembro que, de uma tacada só, eu li todos do Dostoiewsky, todos. Eu li o primeiro, demorou algumas horas. Eu li primeiro “Os Irmãos Karamazov”, me encantei, fui até a biblioteca, pegava todos e lia todos, porque já tinha... O Dostoiewsky era bárbaro, então, tinha tudo isso. Uma distribuição de outro capital. Meu pai lia muito: romance, jornal... meu pai, eu me lembro dele chegando em casa do trabalho, às cinco horas da tarde, ele comprava o jornal, A Gazeta. Eu me lembro dele andando, ele vinha com o jornal, ele vinha lendo o jornal, ele dava dois passos e ficava lendo o jornal, aí, ele dava mais dois passos... Demoraaaaaaava, porque ele chegava em casa e tinha outras coisas pra fazer. Ele já tinha lido o jornal. Disso eu lembro da figura dele. Ele lia o jornal, lia outras, lia muita... Acho que tudo isso, não tô dizendo que eu era mais avançado, porque não tem nada a ver, que eu era mais avançado. Eu tive influências que me levaram a ser esse tipo de pessoa.

Biancha: Eu tava pensando nisso: que outras relações estavam sendo feitas ali, pra olhar pra uma pessoa com deficiência, que é muito facilmente vista como café-com-leite, como estava sendo vista, e poder falar que é injustiça!? Precisa fazer uma desinversão...

Vítor: Por influência, o Mauro, que foi uma figura, meu amigo que veio de família pobre... O Mauro era brilhante, o Mauro, quando eu fui pra Febem como diretor, eu levei o Mauro como diretor administrativo. Depois, nós fomos mandados embora por causa disso. O Mauro era um cara muito competente do ponto de vista, conhecia tudo da malandragem, da pobreza, ele tinha um perfil, ele era pequenininho, precisava ver: com os meninos, ele entrava na área, já botava ordem naquilo. Tinha um respeito! Era um cara que sabia lidar muito, era um cara, que nem e eu não fui. Me aturavam um pouquinho como irmão da Renata, eu era muito... o Mauro não, ele era meu amigo. O Mauro era um cara que ele não, quando eu ia sair tava lá. Ele morava perto, passava lá: “Vamos no cinema?“; “Vamos”. Me convidava, virou amigo mesmo. O grupinho tinha o Arnaldo, que era de São José do Rio Preto, todos eles faziam faculdade. O único que não fazia faculdade era eu. O Mauro fazia Pedagogia, o Ronaldo, o Sérgio, o Tom, moravam juntos os quatro. Dividiam apartamento na República. E os outros três também, gostavam de mim. Mas o Mauro era uma figura. Até meus trinta anos, fazia um contato contínuo, meu grande amigo, né. Eu percebo que não foi uma coisa porque eu era irmão da... era uma coisa de afinidade pessoal mesmo, afinidade pessoal.

Eu também tinha um pouco dessa coisa, muito mais contida que ele, da vida marginal, mas me identificava com isso, essa coisa de que não era estudante padrão, ele, por outros motivos. Então, acho que deu afinidade. E o Mauro tinha essa coisa do compromisso político, eu me lembro que no dia que o Tancredo morreu. Eu liguei pra ele: “E agora?” falei. “Todo apoio ao camarada Sarney”. Falei: “Não, pára com isso, não faz uma coisa dessas”. Mas era um cara que tava o tempo todo pensando: “Como é que a gente pode segurar aquilo? Pode ser um passo para um aspecto mais democrático do que a gente tem...” Nem tinha começado o enterro, ele já tava dizendo: “Todo apoio ao camarada Sarney”. Ele era irônico... talvez era um sujeito equivocado, mas

de qualquer forma... tinha um compromisso político forte, só pensava politicamente, tudo na vida dele, qualquer coisa que fizesse, o caráter político... Mas a década de 60 foi muito rica de formação. 64... foi muito rica exatamente por isso. Era uma maneira, pode ter sido romântica, mas era só, principalmente, a formação universitária muito comprometida com a mudança social, com uma perspectiva mais democrática. Tava na ordem do dia naquela época, é isso.

Biancha: E em relação a essa sua tia, que vivia na situação de internação, como é que as pessoas entendiam o que se passava com ela?

Vítor: Então, eu tive muito pouco contato, porque, quando ela foi internada, eu era muito pequeno. Eu sei que ela foi internada quando eu, eu lembro vagamente dela na casa da minha avó, mas deve ter sido coisa de, no máximo, até meus seis anos, quando ela foi internada. Ãhhhhhhhhhh... como é que eu vejo?

Biancha: O que as pessoas diziam que estava acontecendo com ela?

Vítor: Ela era louca, era esquizofrênica, era um quadro de doença.

Biancha: Era uma doença, era uma coisa que era biológica?

Vítor: Biológica, teológica [risos]... tinha um pouco disso; minha família toda era muito religiosa, então, eu acho que um pouco de, como é que chama isso? De desígnio divino, um pouco disso. Ãhhh.... segundo é que se falava muito pouco da doença, uma coisa de mal estar da família, né. Então, eu tenho muito pouca lembrança disso.

Biancha: Você perguntava?

Vítor: Não, não perguntava. O meu pai dizia que meu outro tio – eram dois genros – resolveram dar o basta no dia em que ela quase matou a minha avó. Aí, falaram: “Não tem mais jeito”. Eu não sei quando eu comecei a pensar, mas não foi quando, eu acho que, desde o período que eu falei pra você, eu considero que a minha avó a deixou louca. Minha avó era uma mulher muito complicada, italiana, de uma rigidez! Era a filha mais jovem. Segundo consta, ela teve duas grandes paixões e minha avó não a deixou casar. Eu não sei se a minha avó não queria que ela casasse porque era a última, mas ela não

queria que ela casasse. Então, ela arrumou um jeito de fugir dessa, dessa coisa, da minha avó. Era terrível, coitada, chegou aqui, meu avô chegou dois anos antes da abolição da escravatura. Aí, queria casar: é óbvio que um italiano de razoável padrão não ia casar com uma brasileira. Aí, escreveu pra Itália e disse que queria uma mulher. Aí, mandaram uma mulher pobre, ele tinha, me lembro que ele era muito rico, acho que ela não era tão rica como ele era. Ele tinha um padrão, ele era do norte da Itália, de Luca, era uma cidade na época mais cosmopolita e tal. Ele teve que sair brigado com a política local, não sei se era por causa da família dele. E chegou uma calabresa analfabeta. Outro dia que nós encontramos, não sei pra que, acho que foi pra comemorar a morte do meu tio mais novo, a família, a minha prima mais velha disse que a minha avó era calabresa. Ele quase caiu do cavalo: a minha avó era da Albânia e ele não podia saber que era da Albânia. Como a Albânia era do lado da Itália, ela veio com documento falso, que não era albanês. Não sei, não me recordo claramente, eu sei que ela chegou aqui analfabeta, meu avô chegou pegou-a no porto e foi pra Mococa, onde ele morava. E pegou uma moça: “Esta é minha filha”. Ele tinha uma filha bastarda que ele criava, e ela criou. Nunca casou, segundo o folclore. Deve ter sofrido muito. Então, parece que ela fez mal pra minha, sei lá, parece que ela fez mal para a minha família inteira. Era hostil. Eu me lembro de uma passagem: a minha avó morava numa casa que, no andar de baixo, era um porão, um porão enorme. Mas não era um porão, diria que era uma casa. Um porão porque descia de Santana, mas era pé direito alto. Como a casa era muito velha, tinha uma parte que ficava vazia. Daí, a gente brincava lá e eu sou dos primos mais jovens, e tinha disso, era a matriarca, todo mundo girava em torno dela. Não era nem obrigação, já fazia parte da cultura, como eu era um dos mais jovens, eu devia ter uns seis ou sete anos, os meus primos brincando lá em baixo, saiu uma briga entre eles e minha avó não tinha dúvida, descia de vassoura, batia a vassoura em todo mundo e era sábado de carnaval: “Ninguém sai pro carnaval”. Porque eles brigaram. Eu tinha um tio de 42 anos que não saiu no carnaval porque ela decretou que ninguém saia no carnaval. Na época, era a minha avó [risos] ela, ela, nem perguntou pra ninguém.

Biancha: E tinha alguém aí no início da doença que ajudasse a pensar o que, que era isso na família?

Vítor: Eu fui trabalhando mais...

Biancha: sozinho?

Vítor: Era.

Biancha: Essas coisas não se discutia, não se pensava em...?

Vítor: Não, era a família mais normal do mundo!

Biancha: Você sabe se sua tia frequentou a escola?

Vítor: Frequentou, todas frequentaram. Naquela época muito pouca gente saía do primário. A minha mãe fez isso porque era mais jovem, mas a minha mãe era a mais jovem.

Biancha: Todas foram alfabetizadas?

Vítor: Foram todas, todas, a profissão não era desqualificada. Eram todos de classe média, eu tinha um tio que foi, que trabalhou o tempo inteiro na FIESP, mas de contabilidade; não tinha formação, mas trabalhava com isso. Tinha outro que era padre, foi jesuíta, se livrou da avó também. [risos] Deixa eu ver, quem mais tem... o tio Otávio, que foi zelador do Pátio do Colégio sua vida inteira. Começou lá mirim, depois se tornou um zelador, um homem interessante. Foi se envolvendo com a história do Pátio do Colégio. Ele era o apresentador: sabia de tudo, contava como é que era, ele fazia o *tour* turístico dele. Naquela época não existia. Ele que fazia tudo isso, ele era o zelador de lá. Quem mais?? De homem era um só, o tio Avelino, que era um funcionário subalterno de uma Secretaria aí o tempo inteiro. Mas eram todos letrados. As moças, todas elas, nenhuma, nenhuma estudou pra além das primeiras séries. Eu acho que nenhuma delas... Ah! Tinha um tio, tio João, que era marceneiro de altíssima qualidade, só que não trabalhava, mas era de altíssima qualidade. [risos] Era um folgado, né. Trabalhava quando queria e tal, mas na época era um grande marceneiro do bairro. O pessoal falava: “Pena que o João demore tanto...” Um armário que ele pegava, que podia entregar em um mês, ele ficava enrolando as pessoas. Quando as pessoas não tinham pressa, deixavam com

ele, quando tinham pressa, não deixavam com porque ele não era muito de trabalho.

Biancha: E na sua meninice, não tem nenhuma pessoa com deficiência que você tenha encontrado?

Vítor: Que eu lembre, não.

Biancha: No começo, na entrada na escola, também não?

Vítor: Ah! isso sim!

Biancha: O primeiro contato com uma pessoa com deficiência foi só lá na Escola Normal, com a moça que...?

Vítor: Que eu lembre, só, talvez tenha tido outras que eu não lembre, né. Lembro de adultos, o cego que vendia vassoura... isso tinha. Mas nunca foi, não fazia parte da paisagem nunca. De contato... a não ser com a Cidinha, que era sequela de paralisia infantil. Não lembro de ninguém que tivesse me marcado a história de vida de deficiência nenhuma.

Biancha: Só apareciam como esse cego que vendia vassouras?

Vítor: Era, o que vendia vassoura fazia parte, né. De contato mais estreito, ninguém, nunca tive. Aliás, eu nunca tive até o dia em que fui dar aula pra surdos, né. Eu achei que eu ia, eu tava na faculdade, eu tinha um emprego público, fazendo o burocrático. Eu tava doido pra dar aula, então, a gente ficava lá na escola pública como professor substituto, rezando pra alguém faltar. [risos] Naquela época não faltava. Então, você ficava lá a semana inteira, tinha dia que eu nem ia, né. Ninguém faltava. Você ficava lá sem fazer absolutamente nada, fazendo trabalho burocrático, que não me interessava e tal. Eu só trabalhava à tarde, era funcionário da assembleia. De manhã eu ficava... fazia Escola Normal à noite. Fazia isso tudo de manhã. Tinha tido experiência com a Fanny... teve uma vez que eu fiquei... no segundo ano, eu fiquei três meses com uma sala de aula, então, foi legal. Era substituto de, naquele tempo pedagogo não podia dar aula na, na primeira série né, a gente só podia dar aula no ginásio. A gente ficava esperando, tinha uma professora de História que entrou de licença e eu fiquei três meses dando aula de História. Foi a hora que eu percebi que eu gostava mesmo de fazer isso. Aí, quando

terminou o Segundo ano, eu fiz inscrição pra aulas mesmo, que era inscrição na Delegacia de Ensino, pra atribuição. Acho que o sistema era diferente: começava com formado, depois pra dar aula de História, depois o estudante de História, o formado em Ciências Sociais, o estudante de Ciências Sociais, o formado em Economia, nã, nã, nã... e o último era o estudante de Pedagogia. Praticamente era muito difícil de conseguir aula, então, eu fiquei lá no fim de ano, procurando pra conseguir dar aula. Não consegui dar aula porque grande parte das minhas colegas que faziam Pedagogia tinha Escola Normal. Mesmo elas conseguiam atribuição em caráter precário, como professor de primeira a quarta, e eu não conseguia, mas todo mundo tava sabendo.

Aí, em meados de abril, eu já tinha desistido, uma amiga me ligou dizendo que tinha uma escola particular procurando um professor de História, que eles não tinham ninguém, que o professor de História e de Geografia tava indo pra França... ele tinha ganho uma bolsa de mestrado, pra fazer mestrado na França. Ele tava largando e não tinha ninguém. “Oh, legal” – “Só que tem um problema, é escola pra surdos”. Falei: “Então, eu não vou. Não faço a menor ideia do que seja isso”. - “Não, mas eles estão lá”. – “Ah, então eu vou lá”. Aí, fui fazer entrevista com a diretora numa quinta-feira, na segunda eu assumi aula. Eu tenho absoluta certeza de que eu fui aceito porque eu era o único candidato, não tinha ninguém. Era uma escola, que era a DERDIC, que era mantida pelos pais que, naquele momento, tava começando a passagem pra PUC. Eu não sabia disso. Aí, comecei a dar aula lá. Foi a primeira experiência de contato efetivo... gente com paralisia, sequelas de pólio, era razoavelmente comum. Mas não lembro de nenhum colega que tivesse, no ginásio não tinha ninguém, não lembro.

Biancha: Professor tampouco?

Vítor: Não, professor, não. Um professor do último ano que eu fiz o ginásio, da Quarta série à noite. O professor de História, ele tinha um defeito na perna, mas ele tinha... não sei como é... ele usava aquele calçadão porque ele tinha uma perna diferente da outra. Mas era isso

Biancha: E as pessoas o viam como?

Vítor: “Deixa-que-eu-chuto”.

Biancha: Como é que os alunos...? “Deixa-que-eu-chuto”.

Vítor: O apelido dele era “Deixa-que-eu-chuto”. Mas ele era um cara querido, era um cara legal, boa gente. As pessoas faziam isso, ele era um belo professor, a aula era gostosa, um cara muito afável. Era, ao mesmo tempo, que eu me lembre, era um bom professor, gostava muito de História e de Geografia.

Biancha: E de tirar sarro dele, era na frente dele?

Vítor: Não, não. Nunca! Era muito respeitado: um cara muito, muito, que as pessoas tinham muito carinho com ele. Faziam escondido dele: “Ah, o ‘Deixa-que-eu-chuto’!”.

Biancha: Você acha que tinha um caráter de brincar mesmo com a situação, ou tinha algo de colocá-lo numa posição inferior?

Vítor: Não, não. Era o que eu chamo de maldade de adolescente... não tinha nada de menosprezo. Era capaz de ter algum, mas... no grupo que eu frequentava, não era. Como chamava a menina de baixinha, a outra de grandona, né... muito que o jeito próprio da juventude, de ficar marcando determinadas características...

Biancha: Não tinha nada de desqualificar como professor...?

Vítor: Não, não. Gostava como professor. Eu me lembro que ele era um dos poucos que tavam inteiros. Ele vinha ali, a gente ficava batendo papo com ele, ele gostava de futebol, ficava conversando de números, de futebol... era são paulino. A gente ficava tirando sarro, muito igual, um sujeito muito igual, mas, ao mesmo tempo, se precisava de algo... Ele era muito bom, botava respeito com a gente, sabia, lidava bem... Então, ele era muito respeitado na escola né. Que eu lembre, de defeito era isso, nunca teve um aluno, colega em sala de aula.

Biancha: De rua, ninguém? De vizinhança...

Vítor: Não lembro. Tô tentando lembrar... não tem ninguém. Porque também, era muito escondido, era... não me lembro de nenhum deficiente. Olha que coisa!

Biancha: Um sujeito com síndrome de Down?

Vítor: Não.

Biancha: Nada, né. Impressionante como é invisível!

Vítor: É, não faz parte, eu acho também porque a família tinha um outro tipo de resguardo, era muito mais difícil de ver. Também porque acho que poucos teriam chances de ter alguma coisa a mais, porque... era cuidado dentro de casa. Santana é um bairro de gente pobre, pobre, não é nível miserável, mas era um bairro, era do lado de lá do rio Tietê. Eu me lembro que todas as casas da rua, que eram todas casinhas como a que eu morava. Que o resto da rua, era porta voltada pra rua, dois quartos, sala... Me lembro que, acho que foi que eu tava no ginásio, eu fui pra sala, porque só tinha um quarto e as minhas irmãs estavam mais velhas. Aí, eu fui dormir no sofá-cama que toda a noite minha mãe arrumava porque não tinha outro espaço. Era isso mesmo, com treze anos, nós mudamos pra uma casa, que meu pai era político, tinha maior poder social. Aí, ele arrumou uma casa de quatro quartos, mas, mesmo assim, era uma casa em cima de um bar, completamente esdrúxula. Tinha mais espaço, né, era num bairro, um bairro bem de classe média-baixa.

Acho que também não tinha, que eu me lembre, na época, pra você ter uma ideia, tinha o CEDOM, o colégio Salete e o Vitor Viana, que era exatamente o inverso. O CEDOM era o mais concorrido, o melhor; o colégio Salete era o colégio privado, que não era tão ruim, e o Vitor Viana que a gente chamava de boate, que a gente não conseguia... era boate, aquilo não era um colégio, era boate. Uma escola comercial. As escolas comerciais eram muito... e o colégio Santana, que era de freiras, no alto de Santana. As possibilidades de escolarização, mesmo isso no ginásio, né... no primário tinha bastante, já tava mais disseminado, né. Não sei se toda a população era atendida, mas especialmente quem, como eu, morava há uma ou duas, três quadras da igreja, aquilo era o centro das pessoas que tinham melhores condições de vida. Era o centro de Santana que as pessoas, mas era desse padrão, meu pai comprava roupa na loja do turco que tinha um varal, tava tudo lá exposto: um casaco. E as minhas três irmãs tinham sorte de comprar um casaco pra mais

velha e vai passando pras outras, tal... E, então, eu acho que também tinha disso, que não tinha, quem tivesse um filho muito...

EU não tinha nenhum parente, primo que fosse, que tivesse algum tipo de deficiência, então...

Biancha: Sim, mesmo o seu pai, como assistente social, devia ter, de alguma forma, algum apelo relacionado a esse tipo de atendimento, esse tipo de população?

Vítor: Precisaria pegar, mas acho que tinha, viu. Era muito mais ligado à pobreza, à velhice, né. A assistência social tava muito mais ligada a essas coisas de ordem social, leite... Eu me lembro de uma campanha que era de leite materno: mães que não podiam comprar leite em pó, era distribuído pela prefeitura para as famílias de baixa renda e tal. Então, eu acho que não tinha um programa de deficiente...

Biancha: Eu tava pensando aqui que, pelo trabalho dele, pelo tipo de circulação que ele vivia, talvez até, e pensando bem abstratamente, ficaria mais fácil, seria uma possível porta de entrada pra esse tipo de contato com essa população e não aparece nada, né?

Vítor: É, então, mas esse contato mais ligado ao trabalho com meu pai, eu era muito pequeno e ele praticamente não morava em casa mais. A partir do meu ginásio, praticamente ele foi, mudou. Ele vinha pra casa de final de semana. Ele vinha pra casa, ele morava lá com a outra mulher ele vinha de final de semana, acertava as contas, né, e ia embora.

E a minha mãe jamais deixou que se falasse, qualquer coisa que fosse dita ela falava: “Na minha frente, sem comentários”. Não queria, nunca: “Não, por que o pai não veio?” – “Seu pai tem problema”. Não deixava que a gente falasse absolutamente. Era uma mulher um tanto quanto apática, mas nesse assunto nunca deixou, nuca deixou, nunca nenhuma conversa. Aí, ela foi se fechando, se fechando, quase parecia patológico, mas era muito meiga, meiga até demais. Uma mulher muito...

Tem uma história que contam, que eu não sei se é verdadeira ou não, eu lembro que eu fui, eu lembro que eu fui porque eu fiz o milagre: meu pai era

muito religioso e uma vez ele foi visitar o cardeal, bispo, eu não sei qual era. E me levou. Eu me lembro que o bispo ofereceu um café e meu pai: “Ele não vai tomar”. E o bispo olhou: “Não, pera aí”. E eu fui tomar o café numa xícara. E o que a minha irmã mais velha conta, que eu tinha mais contato com ela, que, quando eu nasci, com sofrimento, a minha mãe fez uma promessa, que nuca mais teria filhos. E nunca mais ter filho significa não ter mais relações sexuais, porque, naquela época, não tinha, a religião não permitia. E foi por isso. A minha irmã acha que não foi só por isso não, que isso foi um mote pra ele poder... a minha irmã acha que ele já tinha tido casos, que ele já tinha tido alguma coisa do ponto de vista da minha mãe, do ponto de vista sexual devia ter, mas com isso, ele encontrou e ficou... Não sei isso é...

Biancha: São as hipóteses que circulam na família.

Vítor: É, essa coisa da minha avó albanesa, agora, só depois de 60 anos, eu descobri que a minha avó não era italiana. Ela tem um sobrenome muito esquisito. ela chama-se Topi, não é um nome comum. Meu avô é Domenico, Domenico é, ela é T-O-P-I – Topi, que escreve. Nós já tentamos... é um nome estranho. Tem uma coisa... Topi, uma coisa italiana parece, mas não é um Penerete da vida, um Angelucci da vida... Uns Domenico... O nome dela é um nome pouco comum, eu não sei de onde veio, mas ela chegou aqui com certidão de casamento italiana, não era nem certidão de nascimento, casou lá. Ela casou por procuração, meu avô mandou... Só vinha se já tivesse casado, não tinha volta. Ela fez isso e já veio casada. O único documento que ela tinha era a certidão de casamento, que a coloca como nascida numa aldeia da Calábria, provavelmente não tinha ninguém. Então, aí... Eu nem sei se as pessoas sabem, eu não sei qual é a aldeia, só sei que, da minha infância, minha avó era calabresa, por isso que ela era brava daquele jeito...

[conversamos sobre a possibilidade de interromper a entrevista]

Eu tô achando muito interessante ser sujeito de pesquisa nunca fui.

Biancha: É verdade, poder pensar a própria história e como é que essas coisas, ao mesmo tempo, como é que essas coisas vão se mantendo na lembrança da gente, mas parece que uma lembrança, conversa faz a lembrança mudar...

Vítor: Claro, muda mesmo. É uma reconstrução de novo, né, porque...

Biancha: É, tá me chamando muito a atenção mesmo, o fato de ficarem invisíveis as pessoas com deficiência.

Vítor: Eu não lembro, realmente eu não lembro, não.

Biancha: E talvez, de fato, não tivesse circulando mesmo, né.

Vítor: É, eu acho que devia ter pouca circulação talvez. Não lembro.

Biancha: Mesmo as pessoas loucas na vizinhança? Desde coleguinhas...?

Vítor: Ah! Isso tinha. Aí, sim. Os chamados na minha rua! Tinha um cara, que o apelido dele era Peru e era um louco que andava pelo bairro meio andrajoso. Nos padrões de hoje, ele seria um pobre, sujo e andrajoso. Tomava banho, não cheirava, nada disso, né... Mas ficava andando na rua, ao léu. E eu me lembro da garotada escondendo na hora que ele passava, ficava em lugar estratégico, quando ele passava, o Peru, e vinha que nem um doido, ele detestava isso, e a gente saia correndo. Era o louco. A gente ficava atazanando a vida dele.

Biancha: Peru veio de onde?

Vítor: Porque ele era vermelhão, ele tinha um rosto muito vermelho, né, que alguns diziam que ele bebia. Eu acho que ele não bebia porque ele era, ele era louco, louco. Eu tenho certeza que ele era, pode ser que, não era alcoólatra, porque ele não andava, pode ser que até que tomasse umas... tinha gente que dizia que ele andava vermelho de tanto beber, mas ele não andava capengando, não tinha um jeito. Tinha um jeito de ficar falando sozinho, né, andava pela rua, ficava sozinho, e ia dormir em casa, pelo que eu saiba. Tinha um local e era manso, não atrapalhava ninguém. Então, ficava lá. De vez em quando saía: “Olha o peru! Peru!!” Iam lá atazanar a vida dele.

Biancha: O que que as crianças pensavam dele? O que que aconteceu com ele?

Vítor: Que ele era louco. Segundo, que se ele pegasse, ele matava a gente. Eu acho que ele nunca quis pegar a gente, que, se ele quisesse pegar um de nós, ele teria pego, um de nós ele teria pego. É coisa de infância, de oito anos. Eu

me lembro do Peru que era, porque a gente falava: “O Peru que fala!” Porque era um peru muito falado e ele ficava maluco de raiva.

Biancha: E tinha a ver com o Sílvio Santos?

Vítor: Não. Eu acho que isso era uma coisa meia, o apelido do Silvio Santos era comum. Acho que o apelido do Sílvio Santos veio com o uso de linguagem que se dava para esse tipo de pessoa.

Biancha: E esse negócio: “Ah, ele é louco!” Tinha alguma história de onde ele era? De onde vinha a loucura?

Vítor: Não. Ele falava sozinho, ficava na rua, não trabalhava. Aparecia duas horas da tarde, andando pela rua, não fazendo nada. Os adultos tinham uma posição que eles olhavam: não trabalha, não faz, pelo menos, na vida profissional, ele não tinha coisa nenhuma. Esse e um espanhol que era bêbado, mas não era louco. Um espanhol que era bêbado, mas não era louco, que era alcoólatra mesmo, mas era alcoólatra diferenciado. Ele trabalhava na feira, ele trabalhava são até a hora de terminar a feira, terminava a feira, ele ia pro boteco encher a cara todos os dias. Mas de sair capengando, só saía do bar quando tava capengando de bêbado, que eram umas figuras...

Biancha: E as pessoas faziam a diferença entre os dois?

Vítor: Faziam. O louco era assim, menosprezado no sentido de que não serve pra nada. O outro, não, era um coitado. Não era nem alcoólatra, bebe: o cara trabalha né, tinha família, chegar todo dia em casa completamente bêbado. Nunca teve nada, que ele morava perto de casa, que batesse nos filhos, chegava em casa e dormia. Ele não era... ele trabalhava, ele tinha uma banca de feira, ele era dono da banca, sustentava a família com isso, mas não tinha um dia, ele trabalhava sem férias, não tinha folga: feirante, sábado, mas quem queria encontrar, passava lá no bar do Luís às cinco horas da tarde, que a feira terminava na hora do almoço, até recolher tudo, botava o caminhãozinho dele, que ele tinha lá na garagem da casa dele, ele vinha pro bar, enchia a cara e ia dormir.

Biancha: E aí as pessoas se compadeciam por ele fazer isso?

Vítor: Compadeciam, por ele fazer isso: “Pô, o cara é trabalhador e coisa tal...”

Biancha: O louco era um cara que tava lá perdido. É isso?

Vítor: Perdido. Isso, é. O louco, coitado né, fazia. O outro, coitado, era um sujeito que... o bêbado tinha a perspectiva que, se ele se esforçasse, ele poderia deixar de ser, né, porque bêbado, se ele não bebesse... O outro não, se ele não fosse louco, não... O louco, o louco não tem cura.

Biancha: E tinha alguma recomendação pra vocês, crianças, em relação a eles?

Vítor: Ah, tinha. A de não mexer com eles que era perigoso, né. Tem que tomar cuidado, ele era perigoso, um pouco mais. Quem fazia eram os meninos, as meninas tinham muito mais receio, um pouco mais de cuidado com o coitado do cara, que não fazia diferença nenhuma. Essa coisa de preocupação com as meninas, e também do ponto de vista sexual, essa coisa toda, uma ameaça. Mas isso não tinha nada muito verbalizado, era na hora: o Peru aparecia, as mães chamavam a filha pra dentro.

Biancha: O tornar-se educador, você contou, assim, como que foi acontecendo, mas, assim, durante esse começo da vida escolar, tinha alguma ideia do que você iria trabalhar? Você falou da marcenaria, isso era uma ideia, assim...?

Vítor: Forte, forte. Eu ficava muito tempo na marcenaria. Aquele tempo, aprendi um monte de coisa, queria ser marceneiro... Achava lindo ele ficar fazendo os móveis dele e tal. Mas o meu tio era um homem, meu tio nunca foi, nunca teve... Meu pai dizia: “Quer trabalhar? Eu te dou um salário”: Meu pai dizia: “Não quer estudar? Vai trabalhar, vai ganhar o seu...”. A minha mãe dava dinheiro pra mim, o meu pai nunca mais me deu. Meu pai: “Arrumou um emprego? Problema seu”. A minha mãe dava um dinheirinho por fora que ela tinha. O meu pai falava assim: “Quer estudar? Volta amanhã, que custeio tudo que você quiser. Amanhã! Tudo que você precisar, te custeio. Não quer estudar? Não tenho mais nenhuma obrigação de custear o que você quer fazer. Quer tomar decisão, toma, mas você vai assumir sua decisão”. Nunca mais me deu nada pra sustento.

Então, e meu tio é um, se meu tio tivesse sustento: “Manda ele pra cá, pago um salário e ele vai me ajudar. Ele aprende. Ele pode ficar aqui”. Meu pai falou: “Não, tão vagabundo quanto ele? Não”. Meu tio não era um bom padrão pro meu pai. Achou que não ia me pagar, ele não tinha nem condições de me pagar. E depois, logo depois, logo, não lembro quanto, algum tempo depois, ele foi contratado por uma firma pra trabalhar. E ele achou que era muito melhor, porque ele tinha um salário. E ele só trabalhava numa firma grande. Não lembro, fazia manutenção de maquinaria. Quando tinha porque era pouco, e ele levava um salário pra casa. Com marcenaria independente, ele ganharia muito mais, mas ele não tinha nenhum padrão pra essa coisa de marceneiro. Depois, não tinha muitos horizontes, não. Quem me abriu os horizontes foi o grupo lá da minha irmã, que ficava pensando, mesmo porque o meu pai foi o único que estudou. Também não era uma profissão: “Ah, eu quero ser um médico, quero ser um engenheiro...” Meu pai foi a glória da família, tanto por parte de mãe como por parte de pai. Os outros tiveram atuações profissionais mais neutros. Eu tenho um tio por parte de pai que era farmacêutico prático, né. Mas farmácia nunca fez... O outro era gráfico, o outro era guarda de presídio como meu pai, morreu guarda de presídio, porque não era... Família de classe média não tinha muita perspectiva. Meus primos também tinham horizontes curtos do ponto de vista da expectativa profissional. Então, era um pouco da cultura familiar era essa então não tinha muita...

Biancha: Não tinha, assim: “Ah, o que eu queria ser era”...?

Vítor: Não, eu trabalhei dez anos na assembleia até me formar na faculdade. Não, até depois. Me formei, trabalhei de 62 a 70. Nunca pensei... falavam: “Pô, você é inteligente, faz Direito!” Não sei porque, eu esconjurava direito: “Não, Direito não!” Mas tá ligado ao fato que é legislativo, o advogado tem muitas funções, muitos advogados, então...

Biancha: E a escolha pela Pedagogia tinha a ver com a educação no espaço não escolar?

Vítor: Não, no espaço escolar.

Biancha: Mas a partir dessa experiência

Vítor: Isso com a Fanny. Essa foi a grande experiência, grande experiência como educador foi essa. E no grupo já era pedagogo, os três, os quatro que moravam na República, um fez Matemática, outro fez Pedagogia, o Marcão fazia Ciências Sociais, o Egidio fazia Ciências Sociais. Então, mais dessa área das Humanas, no grupo mesmo. A Dirce, a Dalva fazia Pedagogia... a maior parte era de pedagogos, que era da antiga Maria Antônia, da USP. Tinha de tudo lá: Pedagogia, Sociologia, Filosofia, tavam todos ali, então...

Biancha: Quando apareceu a ideia de fazer Pedagogia pra você?

Vítor: Pra mim, foi na Escola Normal. Já foi isso, né, já pensando em ser professor.

Biancha: Professor de quê?

Vítor: Então, eu acho que, o tempo inteiro, o que me moveu foi essa discussão, foi a minha preocupação desde quando era... por que que tem criança que não aprende? A minha preocupação era essa, não tava muito burilada, mas isso. E também com essa coisa da escola como uma forma de você fazer com que as pessoas adquiram consciência critica, né, muito mais ligado a você saber se situar e que a escolarização era um fator importante pra adquirir essa cultura, para poder se tornar um individuo menos... Muito voltado pra questões de aprendizagem crítica, porque ela não era o caminho para a ascensão social... e essas discussões valiam muito mais pro trabalhador ser, ter consciência daquilo que é e não pro trabalhador porque fazer algum curso...

Talvez eu já tivesse pensando nisso. Na infância, meu pai falava isso porque ele tinha estudo e tal. Mas, quando eu fui fazer Escola Normal, eu tinha uma visão mais crítica ligada a esse grupo que eu tinha contato.

Biancha: E essa ideia de que tem crianças que não aprendem, você pensava que elas não aprendiam por que, naquela época?

Vítor: Ah, nessa época, já tinha uma coisa ligada à desigualdade social. Já tinha uma coisa, já tinha ligado, já tinha estabelecido... O Mauro tinha muito esse tipo de preocupação, coisa que ele queria trabalhar, era com isso e tal. Na escola, pouco democrática... Na realidade, a escola não dava as oportunidades

que poderia dar, já tava em pauta. Na década de 60 já tinha essa discussão do ponto de vista político, né. Eu acho que foi construído junto. Eu já fui pra Escola Normal, já pensando que a coisa era, os moldes eram de pensar numa escola que não fosse tão elitista como a escola era.

Uma que eu lembro, nessa época, quando eu entrei no ginásio, eu lembro disso, mas, no ginásio, eu não tinha nenhuma elaboração sobre isso. Porque o ginásio, naquela época que a gente prestava, era pro bons alunos. Meu pai era político, como tinha filho de médico, o outro o pai era comerciante... Eu me lembro de um que era marcado, que era o Lobo, que era engraxate. Era engraxate que ficava na porta da igreja, engraxando sapato, mas era o único que era fora dessa, que eu chamaria da elitizinha do bairro, que quem tinha condição de entrar.

Biancha: Como será que ele entrou?

Vítor: Ele era bárbaro! Ele era inteligente pra cacete! Nossa senhora! Um dos alunos mais inteligentes da escola... Ele prestou o exame de admissão e passou. Ele era admiradíssimo na escola. Não sofria preconceito. Eles admiravam o fato: “O cara engraxa sapato, no horário de folga vem aqui...” Era estudioso pra cacete! Não sei o que foi feito da vida dele, não me contaram, mas o garoto era o exemplo que o pobre, se se esforçar, entra. Na época era. Tava vendo como é que faz, porque ele estudou, ele era teimoso, mas, ao mesmo tempo, era o contrário. Era um cara legal, jogava bola bem, não era um c-d-f, era um garoto estudioso. Aliás, eu diria que, naquela época que eu estudava, (que eu não estudava), quem tinha dois anos de repetência era jubilado da escola. Quem entrava, precisava estudar, quem não estudava, caía fora. Como eu, não fui jubilado porque precisava repetir dois anos seguidos, né, podia repetir a segunda e quarta. Aí, quando meu pai falou: “Não, então vai estudar à noite” Eu: “Não vou mais estudar”. – “Vai fazer a quarta série nem que eu tenha que levar todo dia pra escola e aguardar na saída. A quarta. Depois, é problema seu!” Então, mas na época não tinha nenhuma relação de que ele era diferente, que ele era mais pobre... Isso, que ele escapou da seleção, na minha visão, também não tinha. Na verdade, não tinha tanta diferença do ponto de vista social. O meu bairro, Santana, tava mudando. Eu

tinha um primo, o filho de guarda de presídio, morava numa vilazinha, de casinha muito chinfrim, que era o que o pai podia pagar de aluguel pra eles lá. Na realidade, o engraxate, a mãe tinha uma casa, ela era viúva, tinha quem ajudava, mas ela mantinha a casinha dela. Ela lavava roupa pra fora... Então, tudo que ela fazia, mas ela fazia parte do bairro, né.

Agora, tinha o médico também, tinha o médico do bairro, os pequenos comerciantes do bairro, tinha uma estratificação social. Mas aí, não considerava como um sujeito de outra camada; ele era pobre, mas pobre do que nós.

Biancha: E do ponto de vista da convivência também?

Vítor: Da convivência não, não tinha essa coisa de que: "É engraxate, então, é menos!". Não tinha.

Biancha: E dos professores?

Vítor: Ah, não. Eu fiz a primeira, a segunda, ele passou. Passou tudo, mas nos dois anos de convivência, ele entrou na sala de aula, ele era bom aluno? Então, era bom aluno.

Biancha: Isso era o que importava dentro da sala de aula?

Vítor: Ah é. Foi bem? Foi bem. E eu, o meu pai era chamado de dois em dois meses: "Você tem que dar um jeito no seu filho!" Porque eu nunca fui, nunca tive problema de comportamento. Eu não estudava, mas eu era boa gente. Eu não desrespeitava os professores, eu gostava, os professores gostavam de mim e vinham conversar comigo. Não era um mau elemento, era avoado, não estudava. Eu me lembro, que não tem nada a ver com Fanny, que tinha um colega judeu, que era de Maringá ou de Londrina, que veio estudar aqui porque o pai queria que ele estudasse. Judeu, era o melhor aluno da sala. Na segunda série, ele tirou 7,5. O pai dele veio de Londrina e falou: "Se você continuar com essas notas, eu te tiro da escola". Era a nota mais baixa no ginásio, que era puxado... E ele tinha uma coisa interessante, tinha cara que não gostava dele, ele era o Caxias de estudioso, um típico judeu feioso, usava uns óculos fortes e tal, mas todo mundo gostava dele porque ele era gente boa. Então, essa coisa de ficar falando do cara, que é melhor aluno, não. Ele convivia com a gente, ele

gostava, o grupo gostava dele. E eu me lembro de uma professora de Geografia que a foi maior... Um dia, ela me pegou conversando em sala de aula e resolveu fazer uma chamada oral de Geografia. Ela se ferrou porque eu gostava de Geografia e respondi tudo. Ele [o amigo] falou: “Pô! De Geografia ele responde! Se ferrou, porque ele sabe, pô. Se falar de Matemática ele não sabe nada, vai se ferrar”. Ela perguntou e eu sabia responder: “Vai me pegar do ponto que ela tava dando”. Eu respondi praticamente tudo, não porque eu assisti a aula, mas porque eu gostava do assunto, eu lia essas coisas, eu gostava.

Então, eu acho que tinha um pouco disso. Hoje eu acho que tem a transição de uma escola altamente seletiva e uma escola de base, que era uma passagem disso né, que se deteriorou.

Agora, da escola eu gostava, a minha escola era bonita. Tinha um anfiteatro pra 400 lugares, tinha piscina, tinha duas quadras. Prédio novo, bem feito, construído , a piscina foi um pouco antes de eu entrar, logo um pouquinho antes de eu entrar. Ela começou como toda escola de emergência: à noite. Como era um bairro que estava em expansão, logo, o próprio governo do Jânio fez o prédio. Tinha uma área, o pessoal do bairro falou em construir uma piscina: “Cê tá louco de construir uma piscina!” – “Se conseguirem o material, a mão-de-obra o estado tem, mas vocês não vão conseguir”. E aí, fizeram uma cotização no bairro e fizeram uma piscina semi-olímpica, né.

Biancha: E todos esses espaços podiam ser utilizados mesmo?

Vítor: Não, o Romeu que era o bedel... eu cantei o Romeu, ele virou meu grande amigo. Eu fugia da aula e ele deixava eu ficar na piscina com as outras turmas. [risos] Eu ficava nadando, que a coisa que eu mais gostava de fazer era ficar nadando. Competia pela escola: era uma pública, que um garoto como o Lobo não tinha condições de frequentar piscina.

Biancha: Todo mundo tinha acesso à... ?

Vítor: Tinha, de semana era aberta pra aluno, tinha controle disso, pra você entrar na piscina. Então, tinha uma quadra de basquete oficial e tinha uma quadra de vôlei, que era de vôlei e futebol de salão. Era um espaço bonito,

gramado, o anfiteatro tinha aberturas laterais para iluminação, era muito, muito bem cuidado, né. A escola era um brinco. A escola! O professor de Educação Física não dava nada, mas tinha equipamento, tinha bola... não era facílimo, mas, pra hoje, eu diria assim, um padrão de escola. Que foi um pouquinho antes da pasteurização da escola, as janelas eram vidros de correr e abrir, não eram esses vitrôs horrorosos que não têm ventilação. Era uma escola muito bem projetada.

Biancha: Aí, você fez o ginásio. E quando foi pro Normal na outra escola?

Vítor: Era uma escola nova, que tava sendo construída. Mas, dez anos depois – eu entrei em 55, 56 – dez, onze anos depois, não era uma escola nova, mas era mais plausível. Mas aí, era uma escola mais fria: era vitrô, já era um padrão de construção mais econômica, né. Tinha muito espaço aberto, tinha uma quadra coberta; a minha não tinha, naquele tempo ninguém tinha. Se tivesse uma quadra coberta, a escola já era bem conhecida, Manuel de Nóbrega, no bairro do Limão, porque eu morava em Perdizes. Aí, era só atravessar a ponte. Meu pai, quando eu falei que queria estudar, ele foi procurar uma escola. Eu falei que queria fazer Escola Normal, nós levantamos, ele foi lá e conseguiu uma matrícula pra mim na Escola Normal.

Biancha: E essa colega da época de Normal que tinha sequela de paralisia, sabe o que foi feito dela? Se ela se tornou professora?

Vítor: Deve ter se formado, porque eu parei no segundo.

Biancha: Na época de Pedagogia também não tinha ninguém circulando como aluno, professor, servidor, com algum tipo de deficiência? Ou louco?

Vítor: Ah, nesse tempo na USP, ninguém. Ninguém, ãh.... embora, na USP, eu tinha um convívio muito interessante com os colegas, eu trabalhava e fazia à noite. Na verdade, como funcionário público, eu podia entrar duas horas mais cedo eu podia sair cinco e meia. Não tinha carro, pegava um ônibus, saía da Assembleia, ia pra USP. Chegava na USP seis, seis e pouco. A aula só começava sete e meia. Nesse intervalo, ou estudava,quando tinha que ir pra biblioteca ler, ou ficava no grêmio, conversando sobre política ou jogando ping-

pong, fazendo alguma coisa... paquerando as meninas e tal. Era isso que a gente fazia.

Mas eu não peguei Maria Antonia, eu peguei a USP no início. Aquilo era um deserto. Tinha poucos cursos ainda. Não tinha circular interno... então, pra você ir pra História, você precisava alugar van. Era muito isolada. A Pedagogia era isolada. Então, não lembro de nenhum contato com deficientes. Eu só lembro de uma passagem muito interessante, que tinha uns alunos, eu era mais velho, mas tinha 24 anos, ainda tava na mesma geração. Mas tinha um senhor de uns 45 anos ou mais. Teve uma passagem que ele se escandalizou, porque tinha uma menina, que era Amélia, e a gente ficava esperando o ônibus na praça Patriarca, que tinha um ônibus que levava estudante pra USP. Naquela época era muito difícil de ir pra Cidade Universitária, que era no fim do mundo, fora da cidade. Então, a mocinha era um avião! Tinha um corpaço, e andava sempre com umas sainhas curtas, umas pernas muito bonitas... e um dia, nós estamos esperando o ônibus e um rapaz, eu nem lembro o nome dele, ele enfiou a mão por baixo da saia dela. Foi um escândalo, um escândalo! Chegamos na USP, ele ficou... nós pegamos, botamos lá o cara, ele não falava. Levamos ele lá pra direção da USP, um escândalo! Não deu em nada. Ele continuou fazendo faculdade. Era um aluno que teve um pire-paque com as pernas da menina. Eu acho que tem muito a ver com preconceito: a idade que ele tinha, pelo jeito dele, ele não poder fazer isso... eu me lembro, uma vez, que alguém fez um comentário; acho foi o Sampaio: “É, agora que eu percebo que ele tem uma coisa, que esse não é muito normal, não”. “Por quê?”, “Porque um dia ele falou – ‘eu não dou espaço pra ninguém. Ele falou isso e foi embora”. Eu acho que ele tinha um problema sério com ele mesmo, que era um figura, ele era quase que ignorado na faculdade: um sujeito muito introvertido, não falava nada, bem mais velho que a gente. O Antônio Egídio, não sei se você ouviu falar, fez Pedagogia comigo na USP. Não sei se você ouviu falar do professor Antônio Egídio. Era um professor de Artes, um homem que, no intervalo, ficava fumando cachimbo. Um senhor, o Youssef falando, você ficava: “Ah como ele é bom, um homem que nós...”. Um cara lindo com quase 50 anos, mas era uma figuraça. Então, um sujeito que podia estar fazendo Pedagogia, trabalhava com Arte-Educação há vinte anos: “Agora

tenho que adquirir consistência, que eu não tenho na prática e tal..." Conversava com os professores e tal, tinha lido, era um cara, um leitor puro, então, era um intelectual que resolveu fazer Pedagogia. E o... eu não lembro o nome dele, era tão insignificante pra nós... e aí, toma uma atitude dessas, é impensável! Se ainda fosse um rapazinho que perdeu... mas um homem daquela idade não pode fazer uma coisa dessas. Foi um escândalo.

Biancha: E ele continuou ainda na faculdade?

Vítor: Não, eu acho que ele fez uma coisa, devem ter conversado com ele o que aconteceu e coisa e tal... e ele deve ter dado talvez um tempo. Depois, não teve mais nada. Devem ter dito pra ele: "Qualquer tipo de manifestação, você tá fora!" Devem ter feito algum tipo de ameaça, que ele parou, continuou na vidinha dele. Mas aí, ele ficou mais isolado ainda, porque aí ele era o anormal da turma, né.

Biancha: E as pessoas achavam que ele era doido?

Vítor: Que era maníaco sexual, porque enfiou a mão por debaixo das pernas da menina [risos].

Biancha: [risos] E o que foi feito dele, tem alguma ideia? Se formou?

Vítor: Se formou, era uma época muito difícil, porque me formei em 71, no auge do AI-5, né. Não teve formatura. Eu colei grau dois anos depois, na secretaria. Nós fizemos uma festa de formatura na casa de alguém, mas não tinha, não sei se todos vieram, e também tinha muito do grupo que eu frequentava, que era muito autoritário. Era o grupo da esquerda. O restante não podia falar qualquer pessoa que não estivesse ligado, de alguma forma, a... como posso... que não tivesse completamente ligado ao movimento estudantil da época, daquela coisa da luta armada e coisa e tal. Era idiota, então, na realidade, a gente acabava dando uma tônica, que eu tenho a impressão que muitas das minhas colegas gostariam de ter tido a formatura, mas nós esconjuramos tudo, o grupo que era a tal da Revanche, a Vanguarda Estudantil. Eu acho que mais da metade não concordava, não gostava e não se sentia com coragem suficiente, porque fazer isso era falar qualquer coisa de crítica, estar mancomunado com a ditadura, né.

Então, não teve formatura. A gente fazia piada de quem se formava, né, por exemplo: tinha formatura no Mackenzie. “O Mackenzie tem que fazer mesmo! São umas porcarias...”. A USP era a única faculdade de qualidade do mundo [risos]. E também, na realidade, eram muito poucas; giravam em torno de USP, PUC e Mackenzie. Eram as três universidades. A PUC era da elite econômica mesmo, tinha umas coisas interessantes... mas o Mackenzie era da reação. Todo mundo brigava com o Mackenzie, que era da direita. Coitados dos meninos, que nunca sabiam onde ir. E a gente era A universidade. Eu participei da tomada da USP quando na rua Maria Antonia. Ficamos lá, a gente achava que ia revolver na mão, não sabia nem o que fazer com ele pra defender a universidade da invasão dos mackenzistas...

Então, mas tinha um compromisso social interessante, né. Hoje, sempre analisando, eu faço piada, mas na época tinha muito orgulho de estar participando de um movimento que era de resistência: era uma Kombi, mas era de resistência. [risos] Enchia uma Kombi, mas era de resistência, era um tipo de formação, tipo de formação da universidade. Eu tive colegas meus que foram mortos no Araguaia. A Maria Lúcia foi torturada. Encontrei com ela dez anos depois. Eu não fui, eu não tive coragem. Na época eu tinha crítica, mas a racionalização... eles estavam indo pro suicídio.

Hoje eu tenho dúvida, tenho críticas se não éramos fanáticos. Também fomos pro suicídio, porque também não fizemos nada. Eu ouvi uma conversa, uma palestra do Fidel uma há muito tempo: “É muito fácil, depois de ter ganho. Quando nós descemos, em dezesseis, claro que nós não éramos malucos, nós sabíamos que tínhamos alguma chance. Mas não tinha a menor possibilidade de saber se isso ia dar certo. Se não tivesse levantado o povo, hoje, estaria escrito que o senhor Fidel Castro tentou, mas não avaliou suficientemente as condições, tal como todos que perderam. Como nós ganhamos – Oh, ele avaliou bem! – Nós não avaliamos nada, foi uma aventura; dezesseis indefesos que eram. Na descida, começou a ir muita gente - Parece que desta vez vai dar! – Mas podia ter chegado lá embaixo e ter perdido outra vez. Uma revolução é isso. Depois que passou, vem o analista dizendo - Ele aproveitou o momento democrático. – eu aproveitei o momento. Agora, lá em

cima, não sabia se era ou não era. Tinha muita dúvida, nós tínhamos a impressão. Nós vamos descer. Qual é a possibilidade maior? Morrer. Mas nós vamos lutar pra morrer, nós vamos mostrar que tem alguma resistência". Foi dando liga, que é sempre muito interessante, não que não tinha nada. Falei – Oh, 64 não tinha condições nenhuma, mas quem é que sabe previamente quais são as condições políticas?

Então, olha, era um suicídio, mas também ninguém apoiou, todos nós ficamos esperando: "Vamos ver se o povo levanta!" Como se nós não fossemos povo! Nós também não levantamos. Apoiei, o que pude ajudar, ajudei. Mas não entrei nessa, não dá. Na época, diziam que eram uns loucos. Eles não eram e fica essa coisa de que era loucura... Irresponsável, que não mediu direito. A coluna que não tinha nenhuma condição de dar certo. Ficamos um ano andando, um ano pra pegar... Olha que ficar um ano rodando e gente atrás, não é fácil fazer. Não conseguiu, mas não era um louco que, depois que passa, tinha mesmo algumas consequências que é impossível. Agora a história não... não tem parâmetro. Agora não vai dar... eu brinco que qualquer um que falasse em 1969 que o império soviético vai cair daqui dez anos... "Vocês estão loucos!" Porque era o Brasil, a América Latina, os Estados Unidos: "No império soviético, nos próximos cinquenta anos, ninguém mexe". Na visão que eu tinha, a União Soviética mostrou que não tem previsão.

Biancha: E isso de não ter previsão também me chama a atenção, quando você conta da sua ida pro ensino de surdos, que é um percurso peculiar...

Vítor: É, não chega a ser peculiar.

Biancha: Você só foi ser professor de História, tava procurando um lugar para ser professor...

Vítor: Aí, caiu lá, eu brinco, dizendo o seguinte: "Eu fui lá e fiz a entrevista na quinta. Na segunda feira, eram aulas, como era pra surdo, demorava mais tempo a aula, eram aulas conjuntas de cem minutos". Eu dava só pra primeira e segunda série do ginásio que, depois, virou quinta série. Eu dava pra uma turma. Depois, dava pra outra duas aulas. No outro dia, eu cheguei lá, na segunda-feira, tinha sete alunos surdos. Eu tentei me comunicar com eles durante duas aulas, e eles tentaram durante duas aulas desesperadamente me

ajudar e não entendi absolutamente nada! Foi uma catástrofe, uma catástrofe! Fui pra segunda aula já desanimado, foi pior que a primeira e saí de lá, era das oito ao meio dia; sete e meia às nove e meia; de dez ao meio dia. Aula cheia. Meio-dia eu fui lá pra Deisy, que era diretora, falei: “Olha, desculpa, eu não tenho competência, não tenho competência!” Ela: “Não, senta aqui, vamos conversar. Não, é assim mesmo. Vamos almoçar comigo...” E tal... Aí, tinha a discussão: “Estamos querendo mudar, estamos querendo contratar professor com um determinado padrão, com linguagem... porque quer um trabalho diversificado. Acho que você tem condições”. E me convenceu. Na quarta-feira, eu fui, eu falei: “Eu acho que consigo entender dez minutos, uma metáfora. E no sábado de manhã, eu já sabia. E aí, no meu primeiro sábado de manhã, encontrei um grupo de professores muito jovens, a maioria começando. Poucos tinham concluído o curso superior. A gente ficava discutindo questões pedagógicas, da sala de aula. Tínhamos um grupo de formação em leitura de texto, lia Piaget, Lauro de Oliveira Lima: “A Escola Secundária”e “A Formação do Professor Primário” e, ao mesmo tempo, discutia um projeto pra escola. Quando eu trabalhava com surdos, eu fazia uma análise, dizendo que eu não gostava deles não foi uma coisa de déficit anterior a Cidinha veio, a minha mulher veio do interior, porque não tinha professor de surdo. Ela tinha uma experiência. Eu não tinha. Caiu pra mim de pára-quedas e eu falo assim, pouco a pouco, eu fui gostando de trabalhar com surdo. Mas aquilo não foi uma coisa, assim, que de cara me encantasse muito. E sempre que eu fui, eu falava com a Deisy: “Não, eu me dedico, mas o meu negócio não é Educação Especial”.

Acabei de me formar; me formei em março do ano seguinte. O diretor, que era médico, fazia: “Vítor você vai continuar ou não vai continuar?” Fale: “Por quê?” – “Porque tem uma vaga no Centro de Orientação Educacional. Achamos que você tem o perfil pra começar a trabalhar. Só que não dá pra investir em alguém que disse que vai sair”. Eu brinco que, muito a contragosto eu resolvi. Comecei porque precisava trabalhar, hoje eu tenho uma análise diferente toda essa história de participação coisa e tal. Coincide exatamente com o período negro que as oportunidades estavam fechando: o Colégio de Aplicação fechando, o Vocacional fechando... tudo isso e a escola se tornando o que era. Entrando Educação Moral e Cívica no padrão que a ditadura

queria... fico pensando hoje se me encantei mais pelo projeto do que pelos surdos.

A escola tinha um projeto de trabalho pedagógico. Aí, eu conhecia a estrutura educacional, em pouquinho tempo subi pra área pedagógica, que eu queria. Dando aula, mas trabalhando com professores nas questões pedagógicas de ensino, de Matemática, de Português, como montar... Tudo isso tinha um projeto. Me encantei pelo projeto primeiro. O segundo, que eu tive muito impacto do ponto de vista de conseguir perceber que meninos surdos, nem todos, mas alguns surdos da escola, com uma dificuldade, com uma marca significativa, tinham um nível de escolaridade muito razoável. Eu falava: “Pô, se esse cara tem isso, como é que o ouvinte, que tá lá, não tem isso?”. Então, isso começou a me encantar do ponto de vista daquilo que eu trazia de preocupação, pra fazer essa ligação.

Essa moça que foi torturada, a Maria Lúcia, um dia me encontrou e perguntou: “Por quê?” Aí, eu expliquei, falei isso pra ela. “Sabe que faz todo o sentido? Faz todo sentido”. Falei: “É, pô. Como é que um menino desse, e não é favelado de... ele é surdo. Eles têm um nível de performance acadêmica muito bom. Mas não são todos”. Essa é a minha preocupação: como é que um menino desse, e um outro que ouve –fala!? – chega na sala de aula e não aprende? Alguns, você fala, podem ter marcas e tal. Mas tem outros que passam pela sala de aula... Eu fiz estágio na Pedagogia durante dois anos, no Experimental da Lapa. Alguns colegas falavam: “Ah, não vou pra Lapa porque dá muito trabalho!” e eu: “Eu vou pra lá porque dá muito trabalho!”. Foi uma experiência muito significativa de ver como é o Experimental da Lapa. Tinha uma favela do lado, que incorporaram a favela, não dividiam pela favela. Então, isso, no Experimental, eu fiquei dois anos lá fazendo trabalho na área, na área de orientação vocacional, administração, que eu escolhi. E era uma escola muito interessante, que acabou sendo fechada também. Isso, também do ponto de vista da prática, foi muito boa. Trabalhava muito mais que as horas de estágio, trabalhava porque estudava à noite. Eu tinha vantagem porque estudava à noite e trabalhava na Assembleia só à tarde. No Vocacional, como se diz, eu ia três vezes por semana com toda a felicidade. E me formou

também. Foi uma experiência muito interessante trabalhar com o pessoal da Orientação, que era coordenado pelo João Martins. Depois veio pra cá. Então, foi um trabalho muito legal de acompanhamento de aluno, de levantamento de problema, de dar apoio ao projeto pedagógico. Foi muito interessante trabalhar com essa coisa dos meninos menos, trajetória da família... um trabalho muito legal que eu tinha lá pra fazer e tive isso como estudante, mas foi uma contribuição muito interessante.

Biancha: O que, naquele momento, quando foi feita a oferta de começar a trabalhar na escola pra surdos, o fez aceitar?

Vítor: A gana de dar aula. A experiência com a Fanny tinha sido muito interessante, mas não era de escolarização. Na escola pública, as chances eram muito pequenas. O período da moça gestante me encantou muito. Era muito legal e era a oportunidade, falei: “Vou pegar”. Depois, eu voltei atrás: “Não tenho competência”. Decidi. E, desde o primeiro dia, falei pra ela: “Eu não tenho nada”. Eu falei pra Suely: “Não é nada disso, eles fizeram um esforço danado, eu sou incompetente. Eu não consegui porque eles, o tempo inteiro com a maior boa vontade, tentando entender”. E eu não entendia nada daquilo...

Biancha: Lembra desse primeiro dia de aula?

Vítor: Não exatamente. Eu terminei as duas aulas, não era um dia, abril, não era um dia tão quente, eu tava molhado! A cueca tava molhada de tanto que eu transpirava de nervosismo, eu tava apavorado. Apavorado não, eu não conseguia manter nenhuma... nada. Eu preparei uma aula, me deram o que eu tinha pra fazer, só que a aula de segunda-feira já foi embora. Me deram o material: “Olha, eu tô trabalhando com isso...” Eu fui pra casa, na sexta-feira eu acho, que eu faltei no trabalho, fui lá ver... Faltei no trabalho? Não. Não lembro. Só sei que eu passei o dia inteiro preparando uma aula daquilo que a professora tava dando de Geografia. Eu lembro até hoje que era Geografia. Começava com geografia das cidades, trabalho de levantar aspectos geográficos em redor da escola... Às vezes, o material já tava posto lá. Preparei, rodei, tal. Então, era muito...

Biancha: E eram meninos que, na época, faziam leitura labial? Eram oralizados?

Vítor: É, boa parte deles tinham muita dificuldade. Eles me entendiam, mas eu tinha muita dificuldade em entendê-los. Eles tinham um padrão de linguagem complicado, e pra mim, no primeiro dia, parecia que era tudo igual. Eu tava tão, com tanta dificuldade, que o menino falava e eu não entendia. E acho que nervoso e tal, a aula inteira eu não consegui nada, do ponto de vista do conteúdo, nada, né. A sensação era de que eu era um incompetente. E via nos meninos o esforço, me receberam se esforçando para manter uma interlocução qualificada e eu não conseguia. Acho que o que me quebrou mesmo foi a reunião pedagógica. Eu comecei a ver... Aí, as professoras já começaram... a Mariana: "Ó, sou jornalista e trabalho com técnicas comerciais. Você tá vendo? Tô aqui há sete meses". O professor de Educação Física tinha entrado no começo do ano, a sorte dele é que ele pegou uma semana de planejamento. No começo teve reuniões com as fonoaudiólogas, ele começou a fazer... O impacto era menor. Trabalhava numa área prática; você dar uma atividade física, é outra coisa, diferente de discutir com os meninos, dar o mapa com escala, trabalhar com a escala... Eu não tinha nem competência técnica pra fazer isso, que era exigido, era muito complicado.

Biancha: E você ficou quanto tempo na escola especial?

Vítor: De 69 a 83, mas eram oito anos em sala de aula, seis anos... Depois passei à assistência pedagógica. Continuei dando aula seis anos, depois eu parti pra coordenação pedagógica mesmo. Depois, passei pra direção geral da DERDIC, que foi a carreira que eu saí de lá como diretor da instituição. Mas ligando tudo isso, por exemplo, nessa época, tava se criando o SARESP. E aí, o SARESP começou a procurar o tal dos guias curriculares. Aí, se queria montar o guia curricular pra surdos, e mexeu naquilo que, eu fui coordenador do projeto, é o único documento nacional pedagógico. Tem todos... quem era oralista, tem toda uma discussão do que que é Matemática, do que é Português, do que é Historia, do que é Geografia... Uma coisa estava sendo jogada fora, que oscila, toda uma questão de adaptação curricular. A gente não tava discutindo, discutindo língua, tava discutindo, claro perpassava toda base,

primeiro linguística. Lançamos uma proposta pra desenvolver com facilidade: se você olhar o currículo, ele fala: “Ah, eu tô fazendo... o exercício que está sendo proposto aqui tem alguma adaptação pra linguagem, mas é exercício pedagógico. Como é que você faz fração? Era escolarização.

Então, isso me encantou muito. Fiquei dois anos fazendo isso, envolvido com a equipe inteira. E foi um trabalho que, depois que eu comecei, quando eu fui pra direção geral um tempo – eu sou muito gregário – então, não queria, mas tava sentido que tava chegando o momento de... eu sempre brincava e dizia pra todo mundo, mas ninguém acreditava muito, todos achavam que eu ia me eternizar como diretor. Era muito bem aceito pela comunidade, mas eu sempre falava assim: “Diretor é uma função, uma hora vai ter que parar”. Foi quando apareceu a Febem pra mim, sem querer. Aí, eu larguei.

Quando voltei, tinha um certo mal estar, com questões com o diretor e as pessoas se referirem no geral. Eu acho que eu fiz algumas marcas lá interessantes, pessoas que gostavam de mim. Saí, fiquei um ano e meio, que era cargo político, mas aí já não tinha mais nada: “Vou tentar fazer outra coisa na universidade, ver o que eu quero dentro da universidade, pra me adaptar, readaptar, senão eu vou fazer outra coisa na vida”.

Biancha: E o que, que o atraiu no trabalho com a Febem?

Vítor: Apesar de todas essas preocupações, eu sou um sujeito de vida muito protegida, protegida do ponto de vista emocional, familiar e social. Eu sou um classe média em ascensão. Pobre pra mim era o Lobo, que não tinha nenhum problema de deficiência na vida, pra família consumir ele tinha que engraxava sapato, a mãe lavava roupa, o irmão mais velho dele trabalhava e ele se sustentava desde... E ele era um classe média-baixa como eu, um pouco mais baixa. Ele não era miserável, ele tinha a vida constituída, tinha família, morava num bairro, numa casa simples. O meu tio também morava, então, eu tinha uma vida muito, quando eu entrei na Febem o Evaldo Viera que era professor da USP, também era assessor jurídico e diretor técnico da Febem. E era técnico e cuidava da Febem inteira, a Febem teve problemas com diretor-técnico que era um médico, e o Evaldo me indicou. E também foi numa quinta-feira, eu não vou dizer: “Pô Evaldo, eu não sei nada...” E ele: “Eu tô te

indicando e a presidente quer te conhecer". Aí, eu fui à noite, cheguei dez horas da noite da quinta-feira pra conversar. Ficamos até duas horas da manhã conversando. Ele virou e disse: "Eu preciso, eu quero. Você aceita?" – "Olha, vamos conversar, não é assim..." – "Como assim, sem conversa. Na segunda-feira numa instituição como essa, o diretor tá aí, ainda não posso demiti-lo sem alguém. Não dá pra ser. Qual é a solução que você me dá?". Aí, eu fui pra reunião numa sexta-feira, pro pessoal da minha equipe e coloquei a situação: "Tá, mas e aí, o que você quer?" – "Eu quero muito ir!" E aí, na segunda-feira eu assumi. O que me encantou na Febem foi, primeiro, a discussão que tivemos com ela, com o Evaldo, com o assessor... que tinham uma proposta de mudança, mudança de perspectiva. Eu coloquei que eu acho que nós podemos humanizar, eles estão em desenvolvimento ainda ela falou: é isso mesmo, não é prendendo o menino que você vai... Mas não tinha só os presos naquela época a Febem não era só para infratores: menores abandonados...

Aí, ficamos lá das dez às duas da manhã. Aí, foi isso que me encantou. Um desafio também, eu lidei com a miséria, miséria humana. Não deu pra fazer muita coisa pra eles, mas eu tomei um banho de realidade de miséria, miséria mesmo. Eu chamo de miséria material, moral, social... é o fundo do poço. 90% não teve nenhuma... era uma fábrica de marginalidade, não marginalidade de infrator, mas de torná-los... de um incluído degradado. Eu digo que, pra mim, foi a minha divisão de águas. A partir daí, não eram mas só os surdos, tinha que fazer outra coisa pra canalizar isso, que é essa perspectiva de uma atuação mais sólida do ponto de vista de compromisso com essa parcela de... o melhor nome pra isso é do Paulo Sérgio Pinheiro: é a ralé, pauperizada. É a ralé. Não tem nenhum interesse... é tratado como gado e é isso, tratado como gado.

Nós tentamos fazer algumas coisas, acho que diminuímos algumas coisas, acho que o término da Febem como política do menor nasceu lá nessa gestão, não por minha conta. Não é lugar para o menor que é abandonado, não tem nada a ver com isso, eu acho que a lei não resolve. Mesmo quando fala em guarda aberta coisa e tal. E é insolúvel, porque não se trabalha. Eu tenho um trabalho escrito em 83, colocando todos os problemas e, assim, sem

mudança de política social, não tem melhoria. O pessoal falava: “Você fala isso porque...” Olha, vinte e tantos anos depois, continuamos do mesmo jeito, sem politica social, a marginalidade só tende a aumentar. Temos um país completamente imundo, que produz miséria e marginalidade. Então, foi um pouco disso.

Biancha: E quanto tempo ficou lá na Febem?

Vítor: Fiquei de agosto de 83 a dezembro de 84: um ano e pouco. Agora, com uma reação interna incrível. Era uma guerra por dia. Porque eu ficava doente. Mesmo com as ações, ele se institucionalizou. E tinha uma equipe muito boa. Aliás, isso foi uma marca dos governos, logo após a queda da ditadura. Tinha um bando de gente petista que tava lá ligada, que saía com a bandeira do PT, ligado ao antigo PMDB. Tinha umas pessoas que faziam crítica; tinha uma disputa, mas ainda era uma aliança, era uma aliança pra democratização. Acho que isso também me incentivou. O Di Loretto fazia parte, o Evaldo fazia parte, o Celso Ferretti fazia parte... onde reuniu tudo isso... Era um grupo que fez um trabalho interessante de análise da situação da Febem e tal. Do ponto de vista dos moleques, o que deu pra fazer um pouco mais de algumas coisas de melhoria, um pouco mais na área de tratamento, né. A segunda presidente teve muito problema porque a outra caiu. Depois, percebi que ela tava me chamando. Falei: “Não dá pra ficar”. Não tinha mais condições, tinha muita pressão. Tinha muita gente do grupo dela que queria os cargos. Aí, nós enfrentamos isso e seguramos a ponta do Mauro. Ela demitiu quinze diretores e assessores também. A justificativa é que todos eles: “Não estamos saindo por causa da autoridade dela, estamos saindo porque quem você está colocando...”. É uma perspectiva que nós não concordamos, não tem nada a ver com o que a gente trabalhava. Falamos pra ela: “Se a senhora tivesse colocado Paulo Freitas, a gente parava pra pensar. Você tá colocando a Cíntia, a Cíntia não tem nem a perspectiva que tá sendo essa administração nem a competência. Não tem 10% da competência do Vítor, por isso que eu tô saindo. Agora, se a senhora tivesse colocado outro nome, parava pra pensar. Não tem nenhuma solidariedade pessoal, aliás, o Vítor proibiu”. Eu falei: “Inclusive, pára com isso de solidariedade pessoal, pára com essa história. Quem achar que

tem que ficar, tem que ficar. Quem achar que não tem condições, não deve ficar. Agora, solidariedade pessoal porque eu vou ser demitido... É cargo político, ela vai pôr quem ela quiser. Agora, outra coisa é discutir politicamente, vamos discutir politicamente". Foi quando teve uma grande reunião na casa da Maria, uma casa enorme: "E o que vai fazer?" – "Então, eu vou embora". Não cabe mais na minha... eu bati o pé e falei: "O que fizer por solidariedade pessoal minha, deixou de ser meu amigo". Pára de bobagem. Agora, o que fizer por política, é de vocês. Vão decidir isso, agora, eu tô fora. Eu não tô mais. A decisão é aberta em relação a quem vai ficar e quem não vai. Nenhuma objeção a quem falar que vai ficar, que acha que tem compromisso de ficar. Nenhuma objeção! Cabe a cada um discutir, mas não tem nada de grupo!". Teve gente que ficou, teve gente que saiu, mais de quinze saíram.

Biancha: E a volta pra cá, foi direto a volta pra DERDIC?

Vítor: Sim, voltei pra DERDIC...fiquei lá encostado. Não fui pra sala de aula. Como eles tinham uma área de pesquisa, me colocaram lá pra completar o período até março, que eu saí em dezembro. Já tava terminando o ano. Aí, fiquei lá e fiz uma proposta que era antiga que, desde o meu tempo... mas lá também não fiquei tanto tempo, fora que era da criação de um periódico. Aí, eu comecei a fazer uma proposta de trabalho na área de surdez e linguagem. Aí, gostaram da ideia e, no ano seguinte, que foi em 85, eu trabalhei nisso. Mas aí, comecei a ter uma inserção maior em aula. Era professor do curso de Fono, na PUC, e vinha dar aula aqui, só aqui. E aí, tive uma inserção maior do curso de Fono, que eu achava que era um caminho. Eu já tinha mestrado e aí comecei a me preparar pra fazer o doutorado.

Biancha: Na Fono, suas aulas eram relativas a?

Vítor: À Educação. O curso tava em processo de reformulação e aí me chamaram por ser pedagogo e tal. Eu participei muito da comissão pedagógica, do processo com a população... Aí, nós criamos, no último ano, espaços diversificados, não uma disciplina, mas aula em Núcleos, né... Núcleo de Pós. E tinha um Núcleo de Fonoaudiologia Escolar. Então, eu entrei com mais uma professora. Na DERDIC fiquei dois anos trabalhando na revista, depois, saí da revista porque me chamaram para o curso de Fono. Eu fiquei com 40 aulas no

curso de Fono. Aí, a perspectiva acadêmica pra mim foi até secundária, decorrência do meu trabalho na DERDIC.

Biancha: É no seu retorno que se configura como prioridade?

Vítor: É, quando eu terminei o mestrado, eu tava pensando nisso. Eu já tava começando a fazer uma participação ligada à área de Fono e tal. Eu que fiz a discussão da transformação da DERDIC numa clínica que era parte de uma clínica- escola. E aí, como na minha gestão teve muito problema na clínica, porque incorporamos todo o curso de Fono. O pessoal fazia na Santa Casa e tal. Esta tinha que dar pra ser clínica-escola. Comecei a ficar muito mais... o curso de Fono foi o quebrar a resistência da DERDIC, porque eu quebrava o pau com isso. Nós já somos a PUC, somos mantidos por ela e somos cada vez mais importantes. A incorporação, acho que foi legal. Aí, uma ligação desse tipo já nos últimos anos, eu já tava mais ligado. Quando voltei foi o processo natural... E mesmo porque, mesmo na questão da pesquisa, queriam que eu fizesse isso, que ampliasse. “Eu não tenho nenhuma restrição com isso aqui, acho que deve ser feito, mas eu não quero.” – “Por quê?” – “Porque eu não quero”.

Meu período de Fono foi outro caminho, mas eu não quero mais. Na PUC, eu entrei como professor e terminei como diretor, não é por não ser mais diretor. Podia voltar pra trás, uma perspectiva na Educação Especial mais política. Tanto que, quando eu fui fazer o doutorado: “Você vai fazer?”. “Vou fazer na PUC, em História da Educação, porque eu quero saber os fundamentos. É isso que eu quero”. E política mesmo. Gerou... “E outra: não quero me prender somente a surdo”. Era mais escolarização dos surdos sob outra ótica.

Biancha: Hoje em dia, como é que você pensa os serviços de Educação Especial? A oferta deles?

Vítor: Acho que, em primeiro lugar, tem uma indefinição de campo. Eu entendo um conceito amplo de Educação Especial. Acho que, por ter trabalhado, eu penso que dentro deste amplo campo de Educação Especial tem um campo, que é de escolarização. Acho que isso é tradicionalmente mal cuidado e continua sendo mal definido. Uma coisa é você falar: Educação Especial é uma

área mais ampla do que a mera escolarização. Tem a decisão do que vai ser a escolarização, mas acho que a escolarização tem determinados aspectos centrais, que precisariam ser melhor cuidados. Acho que fica essa indefinição, quando eu parto pra Educação Especial, se pegar aqui no programa, família tem relação com a escola... mesmo porque, não temos nenhuma competência pra discutir família, que não seja do ponto vista da relação com a escola; os problemas relacionados com a constituição familiar, ou são da Psicologia ou da Sociologia, e não da Educação. A Educação, acho que esse é um problema grave, muito pouco discutido na área de Educação Especial: definição de papéis.

Segundo, há uma relação atávica com a Saúde também, mal resolvida. Não dá pra pensar em Educação sem uma relação muito forte com a Saúde, porque nós dependemos dela. Questão de apoio técnico-especializado, que é a Saúde que tem que dar, tem que ter muita relação entre si, mas são campos distintos. Costuma ter uma interface muito forte, mas Fisioterapia tem muito pouco a contribuir, a não ser com alguns cuidados específicos, com a escolarização. Fisioterapia não vai me dar nada: ensinar Matemática pra PC [criança com paralisia cerebral], isso é... embora ela possa me dar alguns elementos que servem para cumprir, mas não....

Acho que esse campo é muito pouco definido, a Educação acaba incorporando uma série de coisas que deveriam ser da Saúde na instituição. Eu acho que, como o Bourdieu disse: é transação da instituição, é mudar pra deixar do jeito que está. Eu brinco, hoje, a escola especial, a escola, a Educação Especial, os resultados dela são catastróficos. É uma criação do deficiente, não é uma recuperação do deficiente, uma escolarização do deficiente. Mostra isso no nosso país com a exceção dos bem aquinhoados na vida. Mas, em termos das políticas públicas, é uma catástrofe. E as políticas de inclusão vieram para modificar a forma, mas não o conteúdo. Saíram da classe especial, vieram pra classe regular, continuam não se apropriando daquilo que a escola tem como central, que é o acesso a uma cultura social bem valorizada, determinado tipo de cultura, que é a escola que determinou isso historicamente e eles continuam não aprendendo praticamente nada, quer

seja surdo, deficiente mental... Os cegos têm alguma diferença, acho que é muito mais pelas possibilidades próprias de superação do que alguma política.

É um bando de gente que tá aí, que não aprendia na escola especial, não aprende na escola regular. Do ponto de vista deles, por outro lado, pelo menos eles, estão colocados hoje na escola. Eu defendo a inclusão, voltar atrás é retrocesso, retrocesso. Mas, para eles, eles têm pelo menos um ganho de conviver, conviver... não é que isso os torna melhor, pode ser que até seja mais difícil, mas não tem essa coisa... o problema tá lá dentro. Acho que isso é interessante. Embora eu tô considerando que essa política é uma catástrofe do ponto de vista de qualidade de ensino, mas não é uma catástrofe: é tudo pela Educação; inclusão social e educação. As oportunidades mostram que o analfabetismo é enorme, o analfabetismo funcional mostra que está sendo produzida uma massa de população que entra na escola, sai tão ignorante quanto entrou. Muito pouca coisa a mais do que entrou. E pra mim isso tá ligado ao projeto político que nós não temos. Que a Educação teria que estar comprometida com a diminuição das desigualdades. As nossas elites não querem diminuição da desigualdade, não. Não é nem socializar, eles não querem diminuir a desigualdade. Aí, dentro próprio modelo capitalista, abrir mão de algumas coisas em prol da distribuição, distribuição das... da possibilidade de você ter uma sociedade menos desigual. Embora com grande desigualdade...

Embora eu continue considerando do mesmo jeito, não adianta pensar no futuro, porque o futuro, eu sou agnóstico, mas o futuro pertence a Deus, sou extremamente... não sou otimista, considero que as possibilidades de transformação podem ser criadas, faz parte do nosso trabalho criar, mas desse jeito, a perspectiva do ano que vem é, daqui dois anos, pra dez, pode estar muito melhor ou muito pior, porque não dá pra fazer. Porque é pura política. Eu acho que a América Latina, no momento que tá passando, agora voltou, como diz a minha filha: “Populista por quê? O Fernando Henrique não é populista, populista é o Chavez. Ele não é populista. O Morales, o Lula, a moça lá do Chile, da Argentina, são tudo populista”. Os anteriores não, não eram populistas. Eu acho que é um momento interessante e tenho muito medo de,

não sou velho, tenho 64, vi em 71. Pra quebrar é dureza. Não acho que as outras elites sejam um pouco melhores em questões sociais, ou fazia ou perdia. A Europa principalmente: ou fazia ou perdia não por que, foi obrigada a fazer. Era um pressuposto de força criada pelo momento histórico da Europa e tal. Eu acho que a nossa elite é doente, ela só tem um jeito – não vai colocar isso na TV – é paredão, não tem outro jeito.

Eu não acredito no movimento pacífico, movimento pacífico, então, vai pro paredão. É na força, tem que ter força, e tem que ter respaldo de força...

Biancha: Não é uma questão de convencimento, argumentação...

Vítor: Não, não é, não é uma Europa que vai se constituindo. Tá certo que eles fizeram isso em cima da nossa miséria, né. Hoje eles têm um problema sério com os imigrantes, eles estão voltando. Isso vai, pra mim, vai ficar pior, quando eu descubro que tem três milhões e meio de imigrantes na Suíça numa população de oito milhões. Não é a Suíça que eu conheci, hoje estão lá com a miséria entrando. Como eles são vistos, é isso mesmo. E continuam sendo, eu falo assim, mas é um distúrbio desse país, é uma característica. Você vê, o Lair tá falando que o sujeito é Marroquino, mas o pai já é Francês. O avô era marroquino, continua sendo um sujeito não francês, ele não é um francês inteiro. Nós não temos isso. Desculpa, mas não temos. Temos isso com japonês um pouco, mas muito bem integrado. Não tem que ser melhor ou pior. Nós temos com nordestino, com nordestino nós temos! Mais do que com japonês. Nós não temos, contando por geração... Seu sobrenome é Angelucci, o meu já escondeu. Quando eu falo Vítor Pereira Andrade, italiano? É mas, era Domenico, já perdeu. Talvez eu tenha mais características de italiano, eu não sei como é a sua família, de tradição, mas eu tenho muita mais tradição do sobrenome italiano do que o outro. Eu não acho que isso diminua a desigualdade, mas é um outro tipo de relação étnica.

Biancha: Não se pode simplesmente emprestar estas fórmulas, essas negociações pra gente. Aqui elas adquirem um caráter muito especial, tem um caráter de classe também.

Vítor: Só que se manifesta de forma diferente. Tá vendo, nós não temos bairro tipicamente de nordestino, de mineiro, de paraense, de pobre... Muitos negros,

mas negros que são do nordeste, do norte... não tem essa coisa de recorte da origem, tem alguns grupos que mantêm. O sul tem mais. As tradições gaúchas parecem ser mais fortes que outras tradições. É um país muito diversificado, sem dúvida. Olha para o coreanos, eles são bem situados...

Biancha: Pensando da sua experiência do serviço especializado, que ficou na DERDIC o que te ajuda a pensar a oferta da Educação Especializada. O que a sua experiência ajudou a pensar essa questão?

Vítor: Não sei por que, a primeira coisa que eles falam, essa coisa do normal e patológico é muito complicado. Tem característica que não é tão comum do homem tá vendo. Brinco dizendo assim: você teve um filho, ele nasceu sem nenhuma assistência. O que que ele vai ser? Qualquer coisa pra atender única e exclusivamente as relações sociais. Ele pode ser engraxate, ele pode ser o presidente da república, passando por qualquer outra coisa. Vai depender um pouco de, algumas coisas de características físicas: se ele for baixinho, ele não pode ser jogador de vôlei, mas pode ser um excelente jogador de futebol ou nadador. Um deficiente é um impedimento, ele tem um impedimento. Ele não pode fazer tudo que nós. Quando falamos assim: “Somos todos deficientes”. Não somos, não somos. O cara é cego, ele tem um impedimento, isso não... Ele pode ser presidente da república? Pode, mas não pode ser piloto de avião. *A priori* tá certo. É... *a priori* ele tem um impedimento. O seu filho normal, ele pode ser um piloto de avião, pode ser cantor... como é que você percebe que você não pode ser cantor? Quando vai pro chuveiro não desafina, todo mundo fala: “Que voz bonita, que voz bonita, que voz bonita!” Daqui a pouco, eu tenho uma voz bonita. Agora um surdo não pode ser, um paralisado cerebral não pode ser cantor, eles têm impedimentos. Isso não é pra ser tratado como igual. Eles são desiguais, eles dependem de outro... eu falo, tem que ter algo especializado. Eles têm que ter atendimento sobre aquilo que é o déficit deles. Isso é déficit, o surdo não falar Libras, pro surdo, isso é um mal. Não é um bem, é um mal. Isso não quer dizer... mas é um mal que, se puder ser evitado, deve ser evitado, que, se amanhã, a vacina de rubéola diminuir a surdez, as pessoas devem ser vacinadas pra diminuir isso, né. Uai! Eu acho que as especialidades têm disso.

O fato de que esse sujeito tem marcas no corpo diferentes, que precisam ser levadas em consideração, a Lígia tinha uma frase que era brilhante: “Se entrar um leão nessa sala, eu sou a primeira a ser comida. Até pode ter outro, mas é capaz de eu não me salvar, eu não consigo porque eu vou ficar no lugar. Todo mundo vai correr. O primeiro que vai morrer sou eu, que não consigo andar!”. É uma diferença, uma diferença que tem que ser levada... se não é levada em consideração, você não trabalha com a diversidade, trabalha o contrário. Trabalha com um discurso de diversidade, falseado pela homogeneidade. Todos tratados iguais, nos direitos, nas possibilidades não. Um cego precisa ter formas alternativas de escolaridade, não tem jeito, ele não vai ser alfabetizado como nós. Se ele for cego total, pra ele tá superado, agora tem computação... mas precisa ter um computador adaptado pra ele, que ele possa transformar um livro em fala, pra que ele possa ler perfeito. Se você não levar em consideração isso, estamos trabalhando o discurso sem levar em consideração o discurso da diversidade, está trabalhando o contrário, como se fossem iguais! Escondendo... Lena, minha orientanda, fez uma tese que os alunos são chamados de alunos de inclusão e professor não sabe por que é. Se o professor não sabe, por que não pode trabalhar com ele? “Ah, não, vai rotular!” Vai rotular o quê? Vai dizer que o menino tem uma dificuldade de inteligência, ele tem um déficit cognitivo pra idade dele, pra tratá-lo de forma diferente... Se eu tratá-lo como igual, eu já seu que ele não vai aprender. Isso, com qualquer outro, surdo, cego... acho que isso tem muito a ver com aquilo que eu falei: Onde é o especial? Tem outro lado, o especial não pode ser se prender só a essa marca. Essa marca é **uma** marca; ele é surdo. Mas ele é negro? Ele pobre? Ele é mulher? Isso vai somar na área de Educação Especial. Se isola, né, tem uma teoria da aprendizagem: os surdos são assim, os surdos... não importa se têm deficiência mental, a idade e tal...

Agora, o deficiente, é o seguinte: a minha discussão, por exemplo, com o Bourdieu, o Bourdieu, mas ele não fala de inteligente, de deficiente! Tem uma coisa que eu preciso incorporar nisso. Ele me auxilia, mas ele não me dá todas as respostas: que surdo é surdo, que cego é cego... Essa é a preocupação dele, quer dizer, eu posso entendê-lo na perspectiva da escola,

mas esse sujeito tem uma marca que se enquadra em outra área de conhecimento, que o Bourdieu não me dá. Acho que nós estamos entre; a Educação Especial ou é pensada única e exclusivamente na marca do deficiente mental, o deficiente mental e acabou. Não é só isso? E algumas pessoas, alguns grupos fazem o inverso. É o contrário da diversidade: todos somos iguais! Nós somos todos iguais no direito, mas o atendimento...

Biancha: Eu também queria compartilhar uma, uma hipótese minha, que, com o movimento de inclusão parece não ter superado essa histórica submissão da educação à medicalização dos alunos. Continua-se patologizando alunos. né, dizendo que ele não pode, a partir da patologia. Mesmo ainda nisso que temos chamado de Educação Inclusiva, você vai conhecer a patologia pra trabalhar a patologia na Educação.

Vítor: Ou o inverso, né. Nós estamos caindo quase pro lado oposto.

Biancha: De que não existe patologia?

Vítor: Não existe patologia, mostrando que somos todos... quem é que pode me dizer que o sujeito tem ou não tem alguma coisa, do ponto de vista orgânico? Que me diga que isso é uma coisa que interfere no seu processo de humanização? É a área da Saúde, tá certo. É a área da Saúde que pode dizer: "Olha, o sujeito enxerga, esse sujeito tem uma possibilidade de enxergar física, com a possibilidade de um tipo aumentado. Esse é o grande problema: subordinar todas as nossas ações a ela. O inverso é o contrário: "Olha, apesar de tudo isso, ele pode ser inserido e não precisa ter nada de diferente pra poder receber atendimento". Ou: "Não, ele precisa ser diferente, ele precisa ter..." O problema é que o especial só fica na patologização e o outro tá fazendo o discurso de, como diz a Mantoan, de que basta pôr na sala de aula, que o problema tá resolvido. "Ah, democratiza-se botando em sala de aula!". Não democratiza.

Biancha: É o que me chama a atenção também no discurso dela [da Mantoan], porque qualquer coisa que está fora do âmbito, do grupo, da sala de aula, é preconceito, é errado, é estigmatizar o aluno!

Vítor: Como se o teórico tivesse dividido, se eu não tive nenhuma marca, eu passo o tempo todo brigando contra o meu preconceito. Mas eu tenho, como se eu pudesse estar fora das relações sociais! É o tempo inteiro essa briga, quando entra na área de deficiência mental. Eu não seu o que fazer, é uma área muito complicada... não sei porque eu sei o seguinte: ele não aprende como o outro, mas precisa aprender. Quais os recursos pra fazer isso? Então, baixar a exigência é ruim, exigir a mesma coisa parece ruim também. Nós temos um grande problema pra resolver, porque é uma área, uma área da escola que me parece mais desafio, porque a escola trabalha com cognição, precisa aprender coisa. Nós não temos, eu acho que nós não temos... quando as pessoas falam em Vigotski, eu falo:"Vigotski, pra mim, colocou um grande problema, não colocou uma solução. É... do ponto de vista da inserção da cultura, como é que você faz isso com uma pessoa que tem uma marca distitntiva diferente?" Então, eu acho que a gente pode, que isso não é discutido, acho que falta Sociologia, no campo da deficiência mental. Eu digo que não tem uma Sociologia implícita, falta uma discussão mais sociológica desse sujeito denominado deficiente. Esta é uma marca que uma sociedade criou, pra mostrar que o sujeito não tem alguma coisa, que.... O cara não tem uma perna, não tem uma perna, mas isso traz implicações do ponto de vista do seu processo de humanização. Ele não é, não é a doença, a patologia, mas é uma diferença no corpo!

Biancha: Tem uma operação aí, que é uma operação ideológica. Não é que, veja bem, não é que ele não tenha uma perna, ele é uma pessoa com uma constituição física diferente, e faz com que aí, então, a perna não apareça nesse contexto. E aí, de novo, você não tá olhando o sujeito. De novo, você não tá olhando as condições dele, as possibilidades dele e o quanto, pra gente, é difícil falar que ali tem um homem, mesmo que sem essa perna.

Vítor: A perna é a singularidade que não pode ser desconsiderada e, ao mesmo tempo, passou a ser a única marca que faz. Porque não tem a perna, começa a falar; porque ele não conseguiu uma prótese ou conseguiu, porque ele conseguiu fazer tal coisa ou não conseguiu... Aí, você começa a pegar, mas, nas relações sociais, que são de classe, disso não tenho nenhuma

dúvida. Agora, o que constitui o deficiente é uma relação localizada nas relações de classe, não dá pra trabalhar com isso, que parte contra a cultura surda como uma cultura do grupo que é igual. Tem uma marca semelhante? Tem. Não sei, pra aprendizagem, o que tem a ver o surdo, homem, loiro, rico, europeu, com uma mulher surda, feia, negra, pobre, latino-americana, vivendo na zona rural da Bolívia? Tem uma marca em comum: a surdez. O resto é tudo diferença! São dois sujeitos sociais completamente diferentes. Acho que a Educação Especial tem isso porque o foco é na patologia individual, não no sujeito social. E deficiência, pra mim, é um conceito social. Não é biológico, é social. A deficiência é um selo social e uma marca. E o destino dos outros, das outras marcas?

Então, pra receber uma valoração, mas essa valoração não é só, não acho que ela seja só de preconceito. Ela expressa o preconceito, mas, ao mesmo tempo, determinadas condições do sujeito. O sujeito não enxerga, eu não posso esconder isso dele. E qual é o comum? O comum é enxergar. Ta? Mãe comum, mãe grávida... se você pegar uma família razoavelmente constituída, a sua mãe, ela não precisa de nenhum tipo de apoio pra educar seus filhos normais. Ela sabe como fazer, na tradição da família, com todos os defeitos que todos nossos pais têm. Meus três filhos, eu os criei bem ou mal, teve um defeito ou outro, mas eu não precisei ter escola, ter apoio... Mas, se eu tenho um filho cego, o que eu faço com esse menino? Olha, eu eduquei dois. Tem um, agora, que é diferente. Eu preciso saber o que que é isso, eu preciso me informar, enquanto que grande parte das mães não precisa se informar pra educar seus filhos. Pra criar seus filhos de uma maneira que não varia nada além do corriqueiro que todas as famílias fazem. Se começar a pensar na desgraça, desgraça: “Ai, ser ou não ser!?”. Condições básicas, condições básicas. Eles não são criados com deficiência, com os traumas que as famílias criam, com os recalques... a não ser se meu pai fosse um Deus, fora isso, acho que nessa época, tem uma relação, o tempo inteiro tem que tomar muito cuidado. O tempo inteiro eu fico me preocupando: até que ponto eu estou sendo altamente patologizante e até que ponto eu... Falei, esse é um desafio pra uma sociedade que não prima pela busca da igualdade dessas pessoas. Aí é que tá, é o problema central: nós estamos, por mais senso crítico que eu

queria ter, eu não tô fora dela [da sociedade]. O tempo inteiro nós estamos reconstituindo práticas, de formas, preconceitos que são carregados disso. Eu brinco: não tá na cabeça, tá nos capilares. Você perde a noção o tempo inteiro, você perde a noção o tempo inteiro. Tá o tempo inteiro numa sociedade que não é, não é uma sociedade plena, pra expansão de direitos não é isso.

Então, acho que o especial tem isso. Não podemos perder de vista, isso sem levar em consideração que ele é um sujeito igual de direitos. E isso não é fácil numa sociedade injusta.

Biancha: Ou a gente fala que ele é um sujeito igual ou a gente fala que ele é um sujeito sem direito, porque sujeito igual de direitos, não tem.

Vítor: Não tem. Quem se aproxima um pouco disso são os indivíduos que têm condições sociais. Mas aí, não se diminui. Mas aí, o surdo de família rica tem muito melhores possibilidades, eu conheço surdo de família rica, também conheço que não fez nada, porque não fez nada, porque a família não fez. Agora, quando a família se dispõe, quando a família resolveu enfrentar o problema a custo de ouro, porque teve que pagar à custa de ouro, consegue. É isso que tô chamando de apoio especializado, que vai lá desde menininho,nãnãnã... e aí, chega lá na frente, o rendimento é maior.

Eu conheci a Vera Bailão, que trabalha com paralisia cerebral grave. Eu vi um trabalho, que ela desenvolve: depois de dois anos, quarenta vocábulos funcionais em paralisado cerebral com deficiência mental grave. Pra mim, isso tem uma diferença, chama qualidade de vida: isso é cidadania pra aquele sujeito deficiente! Ele é capaz de pedir pra ir no banheiro. Ele não precisava de fralda. A gente não sabe o que é significa pro sujeito não precisar mais usar fralda, pro sujeito, pro seu entorno familiar... É isso; isso é direito. Ele é capaz de ajudar a mãe, não fica só naquele reflexo, condicionamento operante: maçã ou pêra? Maçã não, pêra sim. Tem direito de escolha! Eu falei com ela, talvez daqui a dois anos, eu consiga instalar 80. 80 é o dobro de 40, tá certo. Esse sujeito tem outras possibilidades aonde? Na casa dele, sem possibilidade... Mas a busca de uma igualdade de direito, por menor que seja: “Você quer ver televisão ou você quer...?” – “Não, quero ver televisão”. Ele escolhe: o sujeito que não tinha nenhuma, passa a ter 40.

Biancha: Só o fato de fazer uma pergunta pra ele, de tomá-lo como sujeito que pode ser colocado diante de uma questão.

Vítor: Daqui a cem anos, provavelmente, pode significar uma alteração pequena... poderá aprender 300. Mas é isso, agora ele tem 40. Esse sujeito precisa de quê? Esse sujeito precisa de tratamento o resto da vida, porque é de 40 pra 80, depois pra 120... Se ele só puder fazer isso e for ampliando, esse sujeito vai tendo mais opções de escolha, vai ser um sujeito que pode dizer se quer banana ou maçã... Pô! É melhor do que: "Não sabe qual é a resposta, eu dou a fruta que eu quero". Falei: "Isso é cidadania! Isso não é, o sujeito está sendo tratado como...". Não é qualquer coisa. Agora, pra uma sociedade capitalista, não tem a menor diferença: ele é improdutivo! A mãe dele pagar, a preço de ouro, vai custeá-lo a vida inteira, é isso que ela vai fazer. Esse sujeito, eu falo, ele não tem nada a ver com o cara da Cruz Verde que tá sem... Ele é outro sujeito. Ele é um sujeito de direito e o outro não tem nenhum. O outro vive pra ser alimentado: ele é bicho, ele tá lá, ele é limpo... sem nenhuma crítica à coitada da Cruz Verde, ela é a expressão da política mundial. Não, porque, alguém que precisa ser alimentado e limpo, ser virado na cama pra não criar escaras... o meu cachorro tem mais direito do que ele.

Claro que hoje, do jeito que ele ta, não tem mais jeito.Mas e aquele outro, que anda, que vai pro parque... se a mãe pergunta se ele quer ir no parque, ele diz que sim. Ela pega, bota ele no carro, leva pro parque Ibirapuera, ele fica tomando sol. Ele tem isso e tem outras coisas que ele não tem, apesar do alto poder aquisitivo. O irmão dele tem muito mais direitos do que ele. A família gostaria que ele tivesse todos, mas não consegue lhe dar, mas é pra mim é diferença de cidadania. Só por isso, porque foram levadas em consideração as extremas diferenças com nós, comuns mortais. Porque tem família rica, que não consegue fazer isso e o menino tá do mesmo jeito que o outro. Agora, acho que a deficiência nasce da situação social do deficiente nasce da divisão de classes. Mas só a divisão de classe não responde, tem uma característica do sujeito, falo uma coisa é o sujeito ter um filho cego, que daqui a pouco ele começa a aprender que filho o cego, apesar do mal de não enxergar, o filho cego não é um deficiente mental. Outra coisa é um sujeito que

o pai tem dó do filho deficiente mental. É porque este, ele sabe que o filho cego pode ser muita coisa na vida, o outro, do ponto de vista de projeção social, tem muito pouca chance de ser qualquer coisa na vida pra sua família. E isso deve ser levado em consideração...

Um filho cego, amanhã, pode ser, pode não ser um grande intelectual – nada impede que seja – tem uma série de coisas que ele não vai pode fazer, por causa das suas limitações. O pai nunca vai poder dar um carro de presente pra ele. Pra dar o carro tem que tá com um chofer. Agora, o deficiente mental grave e tal é... embora não, eu prefiro muito mais um deficiente mental grave rico do que... pelo menos, se a família enfrentar ele tem alguma chance. O outro deficiente mental grave, com a família na miséria, ele tá perdido. Esse tá marcado, acho que é isso.

[falo que preciso ir e que, depois de rever a entrevista, trarei para ele].

Vítor: Espero ter contribuído, que tenha sido legal. Eu gostaria de ver, mas não pra modificar...

Biancha: Às vezes: “Ah não era bem isso que eu quis dizer, era aquilo”. Às vezes, tem algumas coisas que a gente lembra e pode querer dizer de outro jeito...

Vítor: Eu acho que eu não vou modificar porque num discurso desse tipo provavelmente vai transparecer contradições e eu não tenho nenhuma vergonha de passar, e eu não sou produto histórico fora da sociedade.

Vítor: Eu tô fazendo um esforço danado pra tentar alguma consistência né, no posicionamento e tal, mas tenho certeza que não tô, que faço parte dessa sociedade, luto por que transformações, mas devo estar escorregando o tempo inteiro por que sou produto dela.

Biancha: E é isso que faz a gente continuar inclusive,

VÍTOR – SEGUNDA ENTREVISTA

Biancha: Então, eu queria ainda perguntar em relação a sua experiência na Educação Especial: o que isso te faz pensar no atendimento hoje nas instituições especializadas?

Vítor: Eu acho que é difícil falar de forma genérica da instituição especializada. Eu acho que eles escondem um pouco uma distribuição que é feita nestas instituições: oferecem atendimentos diferentes um dos outros. Mas quando eu falo de um lado chamado filantrópico, na realidade, cumpre um pouco parte do papel que caberia ao Estado, cumpre função do Estado. As APAEs, estas instituições especializadas, suprindo uma omissão, de uma certa forma, tanto da área de Saúde como de Educação e do ensino.

Eu acho que, de maneira geral, elas fazem um trabalho que deixa muito a desejar. O trabalho, na realidade, mais reitera as dificuldades da origem da deficiência que, na realidade, supera isso. Então, eu acho que, por outro lado, nós temos as instituições privadas. As instituições privadas, que são de pouca equipe inclusiva, as chamadas clínicas das faculdades... que atende uma população diversificada e que os resultados, em geral, são muito melhores. Aquele exemplo que eu lhe dei de um menino com 16 anos com paralisia cerebral e deficiência mental grave, até o fato de, por exemplo, numa área, como eu venho da surdez, meninos que jamais pisaram numa classe especial, que fizeram atendimento fonoaudiológico, que tiveram diagnóstico com meses, aparelhamento, acompanhamento fonoaudiológico, médico, pedagógico, frequentando escolas de bom nível, escolas privadas... Normalmente que chegam à universidade, têm uma vida social intensa, que demonstra mais uma vez que, na realidade, essa discussão de que o deficiente é segregado, discriminado, que ele é prejudicado do ponto de vista social, também esconde essa divisão de classe. Essa discussão do nível social, de classe... também sei que determinados quadros são bem mais complicados, mas o caso do menino com paralisia cerebral me parece grave parece um pouco a Amaral, exemplar, o caso me parece exemplar.

Eu tenho menos contato, e acho que é a área mais complicada de todas elas, é a deficiência mental, porque acho que a deficiência mental mexe como alguma coisa que é central na escola, que é a aprendizagem. Então, acho que

a questão é que nem todas as crianças de origem social um pouco melhor têm resultados satisfatórios, nem todas de todas as deficiências. Mas a gente encontra muito mais casos de surdos, cegos, de crianças que têm algum tipo de comprometimento físico, não cognitivo, que têm muito melhores possibilidades do que os deficientes mentais. Especialmente se a gente - tô recriando aquilo que é chamado de deficiência mental leve – eu não sei, trabalho pouco com essa área, não é meu foco. Mas eu vejo muito pouco se falar em deficiência mental leve, quem seria leve, no nível social alto parece que eles não existem. Não existem. O deficiente mental leve que é diagnosticado lá na escola. É muito difícil separar o que é leve e o que não é leve. É um contínuo, mas o mais evidente, como uma síndrome de Down, aparece em diferentes camadas sociais. Quando que o deficiente mental leve aparece em evidência absurdamente alta nas camadas populares. Então, acho que a inclusão está entrando como uma bandeira política de acobertamento dessa discussão, porque ela entra exatamente... primeiro que ela entra como se no Brasil a inclusão fosse exclusivamente da área de Educação Especial e da Educação de deficiente, o que não é verdade. No Brasil isso é muito mais sério porque até a Resolução do Conselho Federal de Educação, de 2001, ela transforma a inclusão em inclusão para, para deficiente. Ela restringe a isso: chama de portador de necessidades especiais, mas, depois restringe ao deficiente e deixa de lado toda uma população excluída da escola. Eu acho que, como diz o Bourdieu, a transformação da estrutura modifica pra deixar do jeito que tá. Então, do ponto de vista da escolarização, eu acho que nós estamos já praticamente há dez anos de inclusão, mas a política de inclusão nos estados, que se disseminou pelo país todo, os resultados são muito ruins, são muito fracos. Nada melhor do que o das instituições segregadas. Do ponto do deficiente, se correr o bicho pega e se ficar o bicho come.

Se ficar nas discussões, que eu ainda tenho muita perspectiva de apropriação da escola, que é o que me interessa, de uma cultura escolar que me permita ter inserção social mais satisfatória, não de atenção, mas de inserção, né. O que está sendo instruído, mesmo porque a bandeira da chamada diversidade cultural está homogeneizando essa diversidade. Se eu não sei o que, que o individuo traz eu não posso trabalhar com ele, se o der a

bandeira que eu não posso ensinar, não posso ... então acho que isso serve tanto pro deficiente como pro outros. Não é isso?

Não pode levantar todo mundo, trabalhar com inclusão do pobre, com tais características e que dá um quadro do menino, que isso pode trazer algum tipo de discriminação. Então, na realidade, sob a bandeira da diversidade, nós estamos de novo trabalhando com a homogeneidade escondida e que vai resultar aí na distribuição social. A escola continuando como meio de seleção, um dos meios importantes pra fazer a distribuição social, ratificando a origem, não modificando a origem. Claro que isso é sempre tendencial. Eu tô falando do ponto de vista macro, não quer dizer que não tem um deficiente que não escape disso. Nós temos um aluno que fez uma dissertação de mestrado de um menino que disse que a salvação dele foi entrar no Instituto Padre Chico. Ele era pobre, miserável e ele aprendeu a ler, escrever, tudo. Então, é contraditório; ao mesmo tempo em que ele foi segregado, foi a salvação da vida dele, porque ele falou: “Se eu ficasse lá, eu tinha muito pouca chance de ser...” E hoje ele é professor e dá aula. “Eu só consegui isso porque entrei no Instituto Padre Chico”. As pessoas falam: “Então, você tá defendendo a segregação?” – “Eu só tô reconhecendo que a segregação também tem casos desse tipo”. Aí, a pergunta que faz: “Todos os seus colegas?” – “Ah não, só alguns e normalmente os melhores”. O que ratifica a teoria do bom, não é isso? São os melhores cegos que podem ultrapassar. Eu tenho dúvida, eu questiono que no fundo todos os colegas dele tivesse menos dons do que ele. Agora, isso acontece. E acontece na escola regular também. Agora, ultimamente, os resultados no Brasil são muito fracos.

Biancha: O que nos faz pensar que a gente está numa questão que é anterior à discussão sobre que o equipamento segregava. Mas não é menos interessante né, parece que essa pergunta sobre a instituição segregada ou instituição regular, ela ainda tá longe da gente. Tem algo anterior a ela, que é compreender que as pessoas fazem uso da Educação de forma diferente e diversificada, a partir mesmo dessa história que você está contando. Se a gente continua operando nessa mesma lógica da instituição segregada ou regular, não muda nada. Primeiro, precisaria haver esse giro do pensamento

pra daí a gente discutir qual a função do equipamento segregado, do equipamento regular...

Vítor: Eu acho também que isso tá acoplado a uma mudança política. Se você não puder e você não der condições específicas pras escolas poderem se organizar com seus professores e fazer efetivamente uma educação de qualidade... essa bandeira de professor reflexivo, professor da rede pública, pra mim, ela é furada. Não por que, em princípio seja ruim, mas porque não existem condições objetivas de ser. Uma professora – que normalmente são mulheres – que trabalham em duas escolas e ainda têm o sobre-trabalho doméstico, em casa. Ela precisa dormir, ela não precisa refletir, ela não tem tempo, tá certo? Educação de qualidade, pra mim, pressupõe um investimento alto do ponto de vista de você oferecer condições de trabalho. Não se reduz ao salário, acho que é importante o salário, mas não se reduz ao salário. Não se reduz: por que nas universidades públicas, onde os professores hoje talvez recebam menos que nas privadas, por que produzem mais? Não é pelo salário. Tá certo, hoje, tem muitas escolas privadas que pagam mais, mas pra você receber quarenta horas, você tem que dar praticamente quarenta aulas. E na escola pública você ganha menos, mas você tem menos horas, atividade de pesquisa... Essas condições de trabalho! Salário é uma coisa importante, acho que muitas discussões, inclusive a sindical, passam por isso. Quer dizer, não é uma escola pobre pra aluno pobre. A escola é pobre, o diretor é pobre, o professor pobre... no sentido de que sempre, não formação. E é importante a informação inicial, mas formação também se dá no trabalho, condições que ele tem, inclusive, de crescer profissionalmente, não é isso? Ele não tem o mínimo espaço pra fazer isso. Eu acho que nós não temos, nós nunca tivemos, mesmo com os renovadores de 30, nós nunca tivemos uma perspectiva de Educação supra-partidária. “Olha, é assim pra atender...” sem pensar nas mudanças sociais de fundo pra atender uma... por enquanto, uma perspectiva de um capitalismo pouco menos selvagem e predatório do que o nosso, ele é, em todos os sentidos, não só predatório... no meio ambiente, ele é predatório em tudo. Uma massa de população! Isso ainda mais em um país com uma população pauperizada, que tem que viver com R$50,00 do bolsa-família.

Biancha: Essa seria a condição de base pra uma escola que, de fato, atendesse a todos?

Vítor: É quase que... mas é o projeto do país. Claro que nós podemos fazer melhorias enquanto não tiver um projeto de país. Um cara que vai vir aqui defender o doutorado aqui. Ele tem uma tese muito interessante, que ele diz assim: não faltou escolaridade pro desenvolvimento do Brasil, ao contrário! E o crescimento do desenvolvimento econômico brasileiro se deu com base na falta de escolaridade da população. Isso é importante pra fazer esse tipo... uma consequência indesejável do processo de capitalismo no Brasil. Não isso! É desejável e necessário! Foi feito exatamente pra fazer isso. Enquanto uma parcela da população tem escolaridade baixa ou de baixa qualidade ou que não frequentou, o índice de analfabetismo funcional, hoje, é impressionante! A pessoa está na escola, na sala de Educação Especial: o surdo não aprende porque é surdo, não! O surdo não aprende porque é pobre! É só olhar pro amiguinho dele em sala de aula e ver se ele não aprende a mesma coisa. Acho que essa perspectiva na Educação continua, do meu ponto de vista, hegemonicamente médico-psicológica. Não que ela é exclusivamente médica e a Psicologia que define em determinado campo. A área da Psicologia define quem é normal e quem é deficiente.

Biancha: A gente não saiu dessa ideia que deficiente é incapaz, louco é incapaz. Então, a educação escolar é praticamente impossível.

Vítor: Impossível! E ter como justificativa, além de ser incapaz que, alguns, eu posso dizer: “Olha, são mesmo incapazes de fazer uma série de coisas”. Um menino que tem uma paralisia cerebral grave, motora e cognitiva, ele é incapaz pra fazer uma série de coisas, mas, do ponto de vista da oferta de serviços sociais pudesse diminuir essa marca, que é gritante no caso dele, do ponto de vista físico, ela só pode ser feita na medida em que você dê outras condições físicas e sociais pra esse indivíduo fazer do que outros. Não tem nada a ver com o menino ficar na instituição filantrópica todo torto, vivendo quase como um animal. Porque é alimentado, é limpo... é cuidado de higiene e de alimentação. Não tem nada a ver, são dois paralíticos cerebrais, não tem nada a ver do ponto de vista do efetivo significado que esse menino deficiente tem

na sua possibilidade de vida concreta. Acho que essa área esconde isso, eu acho que, pra mim, deficiente é um conceito sociológico, ele não é psicológico.

Ele é sociológico, não prescinde do concurso, quem pode me dizer se é surdo ou não é surdo é a área científica da Saúde. Se ela me diz que ele não é, e prova que não é, não é. Não tem como, isso é uma marca que ele traz na construção do sujeito como deficiente. Isso é uma marca indelével, assim como do negro. E ela é uma marca que tende às suas multiplicidades. Agora, essa marca está aliada a outras marcas que você vai constituindo a sua identidade social. Não é isso? Se é mulher, se é homem, se é rico ou pobre...

Não ver sendo pobre, favelado, nobre, sendo rico... E não é verdade que essa marca suma com a velhice. Ela não some: a marca é marca. Ele é surdo, não vai deixar, mas ele tem uma relação com a marca diferenciada e ela pode, dependendo das condições sociais, se transformar numa marca não tão significativa, a ponto de... não funcionar. Eu discuto isso na minha área: surdo não fala por queele tem uma língua própria natural. Bom, mas e os surdos que eu conheci falando muito melhor, que escrevem muito melhor que a média brasileira? Muito melhor! É que entraram na universidade sem nenhuma benesse, prestaram o vestibular, ninguém sabia que era surdo. Entraram. Muita gente! Encontraram resistência das universidades, hoje trabalham, têm afinidades profissionais, casaram, têm filhos, têm uma vida. O que que o faz diferente de outro surdo? É o grau. Mas que grau? Não é grau de surdez – também influi, claro! Eu acho que é isso, não sei porque tô dizendo isso...

Biancha: Não. E o que é que você acha que tá em jogo afinal quando a gente vê a política de inclusão aí, fazendo quase dez anos e essa pré-condição estava posta desde lá a Declaração de Salamanca: pra política de inclusão acontecer é preciso, necessariamente discutir o que a gente entende por diferença humana e escolarização, necessidade de reestruturação do próprio sistema de ensino... Essas duas pré-condições sumiram, quando a gente vê a efetivação da política de inclusão aqui no Brasil. O que que você acha que acontece que, justamente esses dois fundamentos desaparecem?

Vítor: É, não sei. Se sumiram, o que mais se fala hoje é na tal da pluralidade, na diversidade humana. Eu acho que a gente tem uma barreira cultural, que é

a perspectiva do que significa ser plenamente humano. Plenamente humano na sociedade capitalista é o produzir, e a minha pergunta – é claro, que a maior parte dos deficientes, está provado que a maior parte está mais próximo da normalidade. Os casos mais graves são em número muito menor. Já está comprovado com levantamento estatístico, então, a maior parte teria condições, a minha pergunta é a seguinte: que esse menino com paralisia cerebral, tal... nessa sociedade, ele é menos humano, por quê? Qual é o critério? O critério é ele ser produtivo do ponto de vista econômico, do ponto de vista acadêmico, produtividade mesmo! E o improdutivo? Ele só vai poder ser considerado deficiente se nós vivermos numa sociedade em que não é a produção que define a sua condição de homem pleno. Então, é isso. Enquanto se fizer isso, nós estamos escondendo, estamos jogando sujeira pra debaixo do tapete, porque, na realidade, grande parte do sujeito está marcada pra não ser. Tá certo?

Primeiro dado é isso. Na realidade, o chamado respeito à diversidade, é respeito à diversidade desde que essa diversidade corresponda às exigências das formas sociais que estão sendo consolidadas. São políticas sociais, da estrutura da política social organizada... Em síntese, eu quero dizer o seguinte, sob a lei do capitalismo não tem caráter civilizatório pleno.

Um sujeito desse tipo tem o direito de receber, não porque seja rico, mas receber o atendimento melhor possível e responder pra sociedade aquilo em que ele é capaz de fazer. Isso ele é capaz de fazer? Aquilo ele é capaz de fazer? E ele mereceria ter todo o cuidado, todo o direito de ter uma vida plena nas suas possibilidades, cada vez mais plena, sem precisar... Então, acho que isso é impossível de se pensar numa... Antes, muita gente ficava na expectativa de que um dia nós seriamos a Europa. Quer dizer o Sul, o hemisfério Sul, um dia, seria. Nós estamos ficando cada vez mais longe. O Coraggio diz que é uma pena porque nós, na América Latina, perdemos o bonde da história. Nós nem entramos e já perdemos o bonde, por quê? Porque a miséria africana é muito maior que a nossa, a miséria de país asiático, em Bangladesh, é muito... Quem produziu essa miséria absoluta no mundo? Às vezes me chamam de jurássico, mas não tem jeito. Acho que não sei, não sei

qual seria a nova forma. Antigamente, eu tinha muito mais certezas, como um homem de esquerda. Mas eu falo: “Não é nesse tipo de sociedade, não assim plenamente, mas isso não quer dizer que tenhamos que esperar. Temos que fazer!”

Biancha: E como é que teria que ser essa escola pra todos? Do ponto de vista da arquitetura, da organização do trabalho, dos objetivos a que ela se propõe?

Vítor: Ah! Não sei. [risos] Acho que sim, é..... eu continuo considerando que uma das coisas que a escola pode fazer, deve fazer... não se pode abrir mão, apesar de algumas vezes eles negligenciarem muito, é a possibilidade de apropriação do acervo cultural produzido pela humanidade, pleno. Eu acho que isso, quem pode fazer isso é a escola. Hoje, a escola, acho que ela foi, não é que ela foi, quando a gente fala da escola tradicional: “Mas a escola tradicional fazia isso porque era um tipo de população que não ia se apropriar disso na escola, mas se apropriava disso fora, porque tinha condições pra utilizar plenamente esse conhecimento fora da escola. Tá certo? Importa muito o processo que era, ele adquiria conhecimento vazio, desvinculado da realidade, que, na verdade. Mas, com o desenvolvimento social desse sujeito, com a inserção social, ele acaba incorporando isso nas suas praticas sociais. Aprendia algumas coisas de história, e quando eu vou ao museu do Ipiranga, eu consigo entender um pouquinho melhor. Se não tivesse nada... [risos] Mas é preciso estar frequentando isso, pro menino das camadas populares, pra que serve esse conteúdo se ele não tem nenhuma possibilidade de utilizar isso? [silêncio] Ele acaba ficando sem sentido mesmo. Acho que, com uma contradição que é, você escuta muito em escola publica: “Ah, nós não estamos preparando nosso meninos pra universidade, eles não vão entrar”. Então, estão preparando pra quê? Quando você olha o conteúdo, é um conteúdo empobrecido daquilo que se dá, quando você vai pra universidade, é um arremedo de uma boa escola.

Puxando um pouco pro também já saiu de moda né: cultura com alegria! Porque é interessante que, se você fizer uma atividade de aprendizagem e conhecimento pra um grupo de meninos, de alguma forma, você conseguir fazer que eles se liguem não que isso vá servir na vida dele, mas naquele

momento passou a ter graça, prazer, aprender aquilo. É o desafio de tentar resolver uma coisa, ele se envolve... Acho que, antes, a escola não precisava fazer isso porque ele acabava fazendo isso fora, tinha a possibilidade de utilizar todo esse conhecimento. A escola não faz isso porque a meninada fica realmente... aprender máximo divisor comum pra quê? [risos] E o processo, acho que ele não é muito diferente do anterior, só que uma população entrou na escola, a partir da escola de massas, que a escola pouco faz pra ele.

Biancha: Dentro da seriação, o trabalho com o grupo classe, você vê sentido nessa forma de trabalho?

Vítor: Eu não sei se eu vejo sentido, mas não sei se eu saberia fazer de forma diferente. Porque eu acho que eu falei na, eu nem sei mais o que eu falei pra você. [risos] Tô repetitivo. Porque, tal como fomos construindo a nossa história, há muitos anos atrás, das gerações mais jovens no meio social, nós fomos distribuídos de tal forma que começaram a estabelecer diferenciações. Não sei desde quando, não sou especialista nisso, mas o que eu quero dizer é o seguinte: se é verdade que eu preciso ter respeito à diversidade, eu não sei se a gente pode montar um sistema que seja de tal heterogeneidade que você... Eu não consigo imaginar, é possível que, no futuro mais pra frente, construir alguma coisa, eu não consigo ver. Eu consigo ver, apesar de o termo estar muito queimado na Educação, mas tem conhecimento que necessita de pré-requisito, tem conhecimento que você precisa saber outras coisas anteriores ao saber. Eu acho que, na escola, o que se faz é uma restrição a uma homogeneidade específica. Então, se não tiver aquele padrão não tem. Mas, por outro lado, fala: “Olha, acho que nós temos que aprender a trabalhar exatamente na conjunção entre uma diversidade existente, mas, ao mesmo tempo um certo padrão de...” Como se tivesse já na escola... eu não sei eu tô respondendo, se eu tô saindo pela tangente...

Biancha: Não, essas últimas questões são coisas pra pensar mesmo...

Vítor: Pra pensar mesmo... tô gostando mais dessas do que das outras, porque você tá me deixando atrapalhado... [risos] Porque é difícil de responder mesmo, é difícil de ser, especialmente, quando vai descrever é o que faz com o outro... mas eu tô gostando muito.

Biancha: Ao longo das coisas que você tem lido, da experiência que você tem com as pessoas que trabalham com isso, parece muito, muito novo poder pensar uma outra organização do trabalho, uma outra oferta da escolarização. Então, o que a gente tá começando a tentar imaginar agora...

Vítor: E numa sociedade global, que é muito pouco aberta a isso. Os mulçumanos são tratados como uma civilização bizarra, estranha, sem nenhum respeito às tradições que eles têm, não é isso? A intolerância parece muito maior, a gente fica: "Entramos na era da inclusão!" Mas como eu tô vendo exatamente o inverso, eu tô vendo massas sendo excluídas e não incluídas: "Ah não! Mas isso não tem nada a ver com meu surdinho, tá certo, só tem a ver com seu surdinho. O mundo está se tornando cada vez mais gueto. A cidade de São Paulo dá o exemplo da criação de lugares fechados, que a gente mura pra não ter que enfrentar. E nós vivemos na cúpula, deve ser pouquinho diferente.

Biancha: Para conseguir ver essa relação entre o rapaz lá que é surdo e o rapaz que é muçulmano, parece que tem uma construção muito complicada que passa por poder problematizar, no mínimo, essa lógica médica que predomina no ensino.

Vítor: Claro.

Biancha: Porque, até onde eu pude compreender essas coisas, a lógica médica é que ajuda a justificar...

Vítor: Claro que, apesar de dizer que tá levando em consideração, esse sujeito não mais um sujeito né. Os critérios da área médica falam a mesma coisa, marcam: é ele, é surdo! Tá certo? Quer dizer, nessa nova versão, especialmente na Educação do surdo, do ponto de vista antropológico, no meu entender, não tem nada de antropológico, porque ela continua na crítica da Medicina, mas ela continua no campo da Medicina porque o que marca esse sujeito é a surdez . A minha mulher, que trabalha com surdo até hoje, chamava Fátima lindíssima, mulher rica, agradável e surda. Mas a surdez passou a ser... tem tudo, vou te contar um caso, pra mim são causos são coisas muito interessantes. Eu tinha uma amiga fonoaudióloga muito bonita, Laura, que namorava com um rapaz, que era mais bonito do que ela; um homem atlético,

tem dinheiro, bem posto na vida, moreno, de olhos claros, simpático... O porteiro gostava e todo mundo gostava do Felipe. Um dia, numa festinha, uma fonoaudióloga falou: “Eu não sei como a Laura consegue conviver com o Felipe, que é gago, e não fazer nada!” E a outra: “Gago?? Não, peraí, ele não é gago!” – “É, pô!” – “Peraí!” Aí, foi lá perto dele: “E não é que ele gagueja mesmo!!” [risos] Vira uma unha encravada. Com tudo isso: vira charme!!! Faz de um jeito, claro, mas tem tudo: rico, bonito, agradável, simpático, quer mais que isso? E tem a gagueira. Pô, agora pega negro, pobre, sujo, feio, chato e gago! Não tem jeito, né! Aí, a gagueira faz ficar desse tamanho! Toda essa discussão em relação, toda essa crítica hoje... Uma crítica inclusive infundada: “Não é patologia!”. Peraí, o que que estamos chamando de patológico? É mal, é doença. Não é doença, é defeito. Se eu puder evitar, eu tenho que evitar, não é isso? Outra coisa, quando reincide: “Olha, você prefere ter um filho... tem uma coisa aqui que pode evitar que seu filho nasça paralítico”. Como, por exemplo, a pólio”. Senão, temos que largar mão, temos que ser contra qualquer tipo de prevenção da pólio, porque isso interfere no processo. Isso é uma loucura!

Biancha: Entra também na discussão sobre natureza [humana] e isso é muito complicado!

Vítor: De natureza, muito complicado que, pra mim, isto é uma discussão muito forte, por exemplo, de deficiente, de etnia... Eu sou contra qualquer tipo de arianismo, que posso definir. Mas eu sou a favor e acho bom. Todas as deficiências graves... no futuro, nós teremos um número de deficientes muito pequeno. Nós temos todas as possibilidades tecnológicas de diminuir isso, cada vez mais diminuir. Tá acontecendo, pô! Vai diminuir, vai acabar a surdez. Mesmo que não acabe a surdez... Um implante coclear, já tem... no meu tempo, tinham 150. Hoje, já tem 2.000 e pouco. Isso é tecnologia! Daqui a pouco você vai ter milhões e milhões delas e corresponde quase ao mesmo funcionamento do ouvido. Se não tiver possibilidade de evitar, vai ter possibilidade desse sujeito... ter sensor pra vista...., pra substituir o nervo ótico. Eu falei: isso é tecnologia, não tem jeito. Agora, eu fiz um trabalho que a deficiência não vai acabar, ela vai aumentar. Como aumentar? Claro, ué!?

Você pode ter uma sociedade amanhã em que se crie sujeito de acordo com sua inserção social, tipo “Admirável Mundo Novo”... Eu produzo uma massa de indivíduos menos inteligentes para exatamente ocupar o espaço subalterno, isso não é técnica, é política. Ou então, numa sociedade de homens plenos, isso é um problema ético, não é um problema técnico. A discussão continua ficando na área médica. Na área médica. A Psicologia entra, a Medicina entra com aquilo que eles chamam de sintomático, e a Psicologia entrou com a possibilidade estatística de distribuir o poder nesse campo, não é um contra o outro. Quando um não segue, segue o outro, não é isso.

A gente fala em grau de deficiência, mas é muito... é quase que não estatística. Você não tem meio de medir: cortar três dedos do pé é pior que cortar três dedos da mão? Não é isso, não tem... Mas, em relação à deficiência mental, não, tem uma distribuição estatística. Distribuição de curvas. A Medicina, embora não tenha a possibilidade de medir, mas ela também tem isso. Acho que é isso mesmo, acho que estamos no campo da distribuição estatística e da descrição sintomática como doença. Hoje, não tem ninguém mais que conteste isso de que o homem é um sujeito social, mas que, na hora de explicar esse tipo de homem, é o médico e Medicina e a Psicologia basicamente que dão o balizamento final...

Biancha: E do seu encontro com essas pessoas de quem a gente conversou, desde a sua tia, sua colega do Magistério, eu tava pensando aqui no seguinte; uma pergunta que tava aqui no meu roteiro de uma certa forma você já me respondeu, mas eu queria confirmar que à seguinte: essas pessoas que você encontrou e que foram vistas como deficiente, loucas, tiveram influência na escolha pela Educação Especial, nesse compromisso com a Educação Conjunta de Todos?

Vítor: Um encontro com a escolarização do deficiente, através da minha experiência social, com certeza. As anteriores, acho que não, que já tinha... Quando eu fui fazer, a minha tia era lembrança muito vaga... a colega de Normal... Mas quando eu fui fazer Escola Normal, eu já sabia que, já tinha um interesse voltado pra essa discussão de...

Biancha: Parece que o encontro mais significativo foi com aquele grupo de que a sua irmã participava, né?

Vítor: Foi. Aquelas pessoas que fizeram, que começaram a discutir... Não só pudia ser outro campo, de fazer faculdade embora eu fosse um pouco mais. Eu também tinha, gostava de Geografia, História, não sabia se eu ia fazer História, se Geografia. [risos] Resolvi fazer Pedagogia porque a minha irmã também já era. O Mauro era pedagogo, que me influenciou mais... Mesmo gostando de História, nunca pensei em ser historiador ou em ser geólogo. Eu pensava em ser professor, já era... não saí disso. Nunca pensava em Educação Física, Esportes... pra mim, era uma coisa ligada à educação escolar. Já tava muito firmado, já tava claro. É obvio que a trajetória não precisava ser como foi, nunca pensei, não fazia, nessa altura... nunca discuti na vida sobre deficientes... Não tinha nada a ver. Então, claro: "Vai fazer História, vai ser professor, vai fazer pesquisa..." Isso pode mudar, mas eu fui pra universidade pra ser um educador. Era pra ser educador, e pensando já na perspectiva da Educação como um campo de ação que pudesse embutir uma discussão a respeito injustiça social e da luta contra. O sistema que era extremamente injusto, extremamente elitista. Era o móvel que me levou pra... Agora, não sei, só Freud sabe... [risos] se a minha tia tinha alguma coisa a ver com isso.
Biancha: É na possibilidade desses encontros, que são concretos, que a gente vê a complexidade de tudo que tá em jogo, de como é que as pessoas lidam... talvez pudesse ajudar a tornar o encontro com as pessoas que, abstratamente, geralmente, são vistas como estranhas, como coisas impossíveis, algo muito mais razoável, muito mais possível. Pessoas que, então, a gente vê que são humanas, então, a gente...

Vítor: Eu acho que, do ponto de vista das relações sociais que me constituíram, eu acho que, o quanto que eu tive ligação com o meu chamado grupo de origem que era no bairro, coisa e tal, eu acho que a minha visão social era muito empobrecida, era muito próxima do padrão de família pobrezinha, que se se esforçar não vai ficar pobre... Era um pouco disso, nem sei se eu tinha, na época de adolescência, até conhecer esse grupo, mesmo quando a minha irmã participava da comunidade católica, frequentava a igreja.

Mas a minha irmã já participava da Juventude Católica – Jeca – mas na área social. Eu não passei perto disso. Eu acho que tava com uma perspectiva muito menos abrangente... não sei se tinha alguma, não fui um garoto preocupado com isso. Era uma visão muita restrita disso. Acho que, a partir desse grupo, que eles não faziam só isso, tinham uma série de atividades que faziam... a gente jogava baralho, a gente ia no cinema ver filme, tudo isso. Tinha o pessoal que fazia militância política, mas era um espaço de relações sociais, que me abriu espaço para uma perspectiva cultural que eu não trazia de um bairro que, naquela época, era periférico, um padrão pequena burguesia, bem limitada. Acho que é isso. Eu não sei dizer como é, por exemplo, que eu via a minha tia. Primeiro eu ia pouco, ia algumas vezes... mas, pra mim, não tinha nenhuma crítica a esse respeito, nem essas coisas de que a... Na época, eu não pensava nada disso: ela era esquizofrênica, tinha uma doença, terminou no hospital. E era isso mesmo, não tinha nada de estranho, de revolta, que não era pra ela ficar lá. Ao contrário, meu pai sempre falava isso: “Olha, precisou de cinco anos para dona Carolina se convencer que a nora precisava ser internada! A gente já falava...” Aí, eles falavam: “Se tivesse ido antes, talvez não tivesse ficado esses anos todos”. É... além do trabalho, que era legal, do impacto inicial de ver crianças com a marca evidente de surdez aprendendo coisas que eu via meninos de escola pública não aprendendo... Na época, inclusive, a gente usava a bandeira: “Que bom que esse menino nasceu surdo!” [risos] Não, porque, a gente olhava por irmão dele, o irmão dele, muitas vezes, não tinha atingido o mesmo nível de escolaridade que ele no quinto ano (...) com inserção social e escolar mais satisfatória. Então, acho que é privilégio, acho que isso me encantou! Mesmo essa perspectiva de encarar um indivíduo que tem uma... não são diferenças definidas, todas são diferenças de cunho social, cultural, não é isso? O surdo tem uma diferença biológica, não é? Se é normal, se é patológico, na maioria de uma população que ouve... a maioria da população ouve. Aliás, se o homem se constitui como homem na linguagem é por que tem um aparato auditivo... e uma possibilidade articulatória que lhe permitiu construir a linguagem humana. Então, essa relação com a deficiência, acho que, desde o início, lá... Acho que

hoje é muito mais elaborado, mas eu tinha sempre a discussão das questões sociais implicando na escolarização. É isso.

Era só isso mesmo?

Depoimento de José na Íntegra

Biancha: Dentro das suas lembranças, eu queria começar pedindo a lembrança de quando que o senhor percebeu que tinha gente muito diferente do senhor no mundo:

José – Boa pergunta. Nunca me perguntaram isso. Gente diferente. Talvez, não tenho certeza, mas talvez quando eu tive uma experiência radical de voluntariado em África – talvez seja isso – trabalhei com... os leprosos. Aquilo era outro mundo, era uma gafaria na Guiné. Eu ia como voluntário para a áfrica e... numa das viagens fui colaborar com uma... uma missão italiana, de frades italianos, na Comura, na Guiné. E um dia vieram perguntar a mim e a mais uns tantos – isto aqui eu não havia de falar, mas está tudo encadeado – eu fazia parte do grupo de oposição à ditadura de Salazar. Então, andava incógnito e uma das formas era eu ir para a África. Lá ninguém sabia onde nós estávamos e tínhamos contato com a guerrilha. Bom, então, quando vieram falar conosco, os frades, perguntaram se havia alguém... que tinha... que tivesse... experiência de trabalho de instalação de condutos de água – era uma coisa assim. Perguntei o que era: era em acrílico, os tubos, coisa e tal e o que era preciso saber. Saber aquilo que... que eu aprendi. Eu aprendi... eu fui eletricista, trabalhei muito antes... eu havia trabalhado em indústrias, com carteira profissional de eletricista e sabia fazer muita coisa que era preciso para aquele caso. E com outro, fomos fazer. Só que eu não sabia para que era. Então, fizemos as instalações de condutos durante um quilômetro e pouco, até que nos apareceu um muro e os frades que nos vieram dar de comer disseram: - “Daqui pra frente, se quiserem aceitar, aceitam, se não quiserem, recusam, porque tem muitas hipóteses de contrair a lepra”. Fiquei espantado a olhar pra eles. Olhei pro outro, pro Garcia, que era como se chamava o outro jovem, ele disse: - “Vamos”. Nessa vida tem que se experimentar de tudo, esse é o meu princípio. Aquilo que é possível, sem ofender ninguém. Então, passamos o muro. O muro era um muro altíssimo, porque eles ficavam isolados. Ninguém sabia deles, com eles estava uma madre, uma freira muito velhinha, muito bonita, baixinha... não me lembro o nome... E agora, como é que foi o conhecimento da diferença, foi muito forte, logo no primeiro dia. Eu lembro que

passamos o muro, começamos a instalar a água – era a primeira vez que eles iam ter água potável – enquanto eu instalava os primeiros... pedaços de tubo, nada aconteceu porque era em campo aberto. Quando eu comecei a fazer a instalação pelas casas, era uma casa única, eu entrei e vi o que eram leprosos, ou seja, vi... corpos sem carne, um cheiro nauseabundo... e o choque foi tremendo pra mim... pessoas que tinham olhos sem mais nada senão... não tinham nada no queixo, o nariz não existia, era carne podre caindo aos pedaços... Mas o que me lembro foi a diferença que me foi dada através do maior sorriso que alguma vez senti nos olhos d'alguém. Eu olhei praquela pessoa, que era tão diferente com as características que tinha, que me senti igual na diferença. Soa poético, não é? Mas não sei transmitir de outra maneira. Eu sei que... chorei bastante, é uma coisa que acontece quando me comovo. Então, aí, percebi quão diferente eles eram de mim. E talvez, despertassem muito do interesse em ir para essa profissão, porque foi antes.

Biancha: Que idade o senhor tinha mais ou menos?

José: Tinha 20. 19, 20...

Biancha: E comentavam sobre essa decisão que tomaram de entrar...?

José: Não, naquela altura, não... Éramos doidos, muito jovens, que tinham no horizonte duas coisas: a guerra ou o exílio. E nós vivíamos o dia-a-dia, como Rimbaud. Era para morrer ou sobreviver. Era... hoje eu sei, naquela altura não tinha consciência. Vivíamos no limite. O outro foi morto pela polícia política. O Garcia.

Biancha: Quando voltou a Portugal?

Pacheco – Muito triste. Naquele momento, quando eu me apercebi da diferença foi quando ela foi tão clara... sobretudo, o que me repugnou foi o modo como tratavam a diferença. Metiam-nos intra-muros, como se não existissem.

Biancha: E o que se passava lá? Como era a vida deles lá? O senhor poderia me contar?

José: Havia dois tipos de vida... havia uma vida vegetativa quase... o que me chocou, porque aquela gente não saia do lugar, ficava... onde as tinha pousada, eles ficavam. À volta do que restava do corpo era um... uma aguadilha d'um cheiro de putrefação terrível. E eles estavam parados. Nós

estávamos... A freira dava-lhes à boca alguma coisa, bastante líquida, mas o resto era... os corpos eram aquilo. Não é?... eu não posso falar assim, é complicado... Depois, havia um outro tipo que eram aqueles que tinham se sarado, ficado bons, e viviam como família, ao lado. Não podiam sair de lá de dentro, que havia, havia... mesmo segregação plena. Hoje, não sei como é que está aquilo. Não sei, já lá não vou há muitos anos, foi no final da década de 60, princípio de 70. Hoje deve estar diferente. Naquela altura era segregação total. Era como se não existissem, era um ostracismo, estavam ali como se não existissem. E, então, nós frequentávamos, aliás, quando nós saímos, tivemos que ficar de quarentena, porque... tivemos que tomar muitos banhos, pôr uns produtos que eles nos deram. Eu não sei se era preciso, mas... depois, assustaram-nos, disseram que nós, aos 40 anos, se não tivéssemos, iríamos desenvolver possivelmente. Garcia não teve, que morreu logo. Eu nunca tive, mas... quiseram me proteger na altura. Mas, como éramos malucos, não tínhamos nada a perder a não ser perder amigos. Nunca me tinham perguntado isso, eu acho que agora, de repente, percebi isso. Não sei se te assustei, mas acho... agora podia falar...

Houve outro momento em que percebi, que talvez seja importante, quando conheci minha companheira, foi quando nasceu uma irmã mais nova na família que, ainda hoje, com 34 anos, não controla a baba, não controla o esfíncter, não diz uma gutural, suja-se todos os dias, urina, defeca pernas abaixo... é uma mulher, tem as regras... é uma coisa incrível. E eu vi como a diferença era vetada, o ostracismo de outro modo. Quem teve que ficar com ela foram, que os pais faleceram precocemente, e nós, os mais velhos, que fomos cuidando dela. E depois outras diferenças que não têm a ver com... com o fato de ser, com os aqueles diferentes considerados deficientes, é a sociedade que os classifica, que deficiente é ser . Eu fui, me excluíram pequeninho, mas isso é complicado de falar, muito. Perseguido, humilhado e muita coisa muito feia. Então, foi na pele.

Biancha: É, a outra pergunta que eu ia fazer ao senhor é se o senhor já foi abordado como alguém diferente.

José: Sempre, basta ser estrábico que é diferente e gosto de ser, não quero ser outra coisa. Acho que é um estigma inclusive, ser diferente... é bom, mas é uma maldição.

Biancha: Mas se percebeu assim desde muito cedo?

José: Desde que me lembro de ser eu, praticamente.... É aquilo que pode ser dito. É aquilo que nós falávamos: nasci em uma favela onde em cada cinco nascidos, quatro morriam antes de 4 anos de idade. Tísica, tuberculose, maus tratos, fome e coisas assim. Sobrevivi até os 4, aos 4 fui trabalhar... e eu percebi que era diferente dos outros... percebia que havia aqueles que não precisavam trabalhar. Pois é...

Biancha: Uma diferença que vem da condição econômica.

José: É, se não trabalhasse, não ganharia, não comeria. Aprende-se muito, aprende-se até aquilo que não se deve. Extrema violência. Depois, levei muito tempo a fazer a catarse, a reciclagem... há coisas que talvez fale, há outras que não posso. Porque, primeiro quis esquecê-las e agora não posso com a idade, elas vêm todas à memória, é doloroso.

Biancha: Bom, também o fato de, de dizê-las não quer dizer que, depois, elas não possam ser retiradas.

José: Aquelas que posso, aquelas mais *soft*...

Biancha: Fique à vontade pra dizer ou não dizer, e também pra, tendo dito, poder retirar.

José: Eu digo isso porque, muitas vezes, aquilo que eu falo – eu falo muito raramente disto – pra muita gente, eu acredito que seja considerado impossível, invenção. Eu entendo porque... dos 67 que entraram comigo na 1ª. série, estão vivos dois, eu e mais outro, que é proxeneta. Os outros morreram todos: AIDS, tiros e outras coisas. E quem sai desse meio pra levar a vida que eu levo, é coisa muito rara de acontecer... e não tem – sem presunção – o dom da escrita, o dom... não foi-lhes dado... não temos mérito nenhum por escrever, é um dom que nós temos, que podemos cultivá-lo e pô-lo ao serviço dos outros. Portanto, é muito raro acontecer um espécime assim como este espécime aqui. Muito raro. Eu tenho a intenção de contar a história, mas não é agora, porque... não ia adiantar nada, depois, há outros fatores. Às vezes, vou me lembrando d'algumas coisas e, dentre amigos, vou contando este ou

aquele episódio. E eles não acreditam... ou pensam que eu estou exagerando. E eu, muitas vezes, ponho um pouco de suavidade no assunto. Talvez, venha à baila uma ou outra, só pra exemplificar o que é aquilo que, quem está fora nem imagina que possa ser. Eu estive em Capão Redondo há uns dois anos atrás. Dormi lá... e sabes o que é Capão Redondo, foi considerado, numa certa altura, uma das dez áreas mais violentas do mundo. Eu estive lá. Quando, passados dois dias, saí, um amigo perguntou-me: "Mas você não teve medo?" – Eu sorri e ele: " O que foi?" – "Ué, a minha rua, onde eu nasci, comparado ao Capão Redondo faz do Capão Redondo, meninos de coro". Ele riu.

(interrupção – telefone)

José: Onde é que estava... Até foi bom porque estava extrapolando. Que mais que queres?

Biancha: Então, nesses momentos, né, que... o senhor conta, tinha pra pensar um pouco a respeito do que tava acontecendo, pra tentar encontrar elementos pra entender o que se passava?...

José: Não se tem. Quando se está imerso nesse drama, não tem... eu não tinha consciência nenhuma disso. Eu tive foi... Os meus amigos de agora – porque não tenho amigos de infância – eles dizem que eu nasci com a bunda virada pra Lua! Esta também é uma expressão que se tem aqui no Brasil?

Biancha: Sim!

José: Tudo o que eu fiz teve um braço protetor, tive o privilégio de ter gente que me fez refletir sobre isso. Muuuito mais tarde! Devia ter lá os meus 14, 15 anos. Antes disso eu não tinha consciência alguma do que estava ali a viver. Vivi a violência, havia dentro de mim uma besta. Porque... quando se vive num lugar desse o que importa é sobreviver, mesmo que tenha de matar. E... não se tem consciência alguma, vive-se... é uma cultura muito, muito local. Pra vós pode ser inacreditável que isso acontecesse na década de 50, mas acontecia em Portugal, nas zonas mais pobres da cidade, na minha cidade. Porque eu nasci pouco depois da II Guerra Mundial. É... e como Portugal esteve do lado do Hitler – como a Espanha – não obtiveram ajuda do plano Marshall... acabou ficando isolado. Isso criou pobreza extrema, miséria extrema, doença... a sífilis, nada de apoio médico nem nada. Então, as pessoas viviam naqueles redutos e... não tinha consciência... sobreviviam ali como podiam. E eu sobrevivia por

ali. Humilhavam, ia para as filas dos pobres... para a fila pegar uma batatinha para ter o que comer no dia seguinte. E eu não tinha noção nenhuma das coisas. Pra mim, era o cotidiano. Só mais tarde, quando encontrei gente que me acolheu e que me ajudou e tudo mais, que eu tive muita sorte – que eu sou um privilegiado... é que eu comecei a refletir. E raramente fiz aquilo que estou a fazer agora porque nunca se falava. Hoje, falo disso sem problema nenhum... até porque já exorcizei, mas... não foi fácil... e... quem me vê por aí, fazendo palestra, tal, pensa que sou de algum lugar, de Alphaville...

Biancha: Me deu vontade, agora, de contar pro senhor que... tenho esse nome que marca a ascendência italiana, mas... é... minha mãe era portuguesa, nascida em Portugal, em Ínsua...

José: Ínsua?...

Biancha: Norte... interior, norte.

José: Ínsua, mas não estou a ver em que local é...

Biancha: Penalva do Castelo

José: Penalva do castelo! Linda!!! Acampei muitas vezes por ali. Uma região tão linda!

Biancha: Meus avós migraram logo depois da II Guerra Mundial.

José: Uma zona de rio, é muito bonita.

Biancha: Migraram por conta da vida muito pobre...

José: Em que ano foi que eles vieram para o Brasil?

Biancha: Vieram em 50 e.... 53.

José: Tas a ver... eu tinha 2 anos.

Biancha: As narrativas da minha avó trazem isso...

José: Uma miséria... tremenda! Tremenda! Exatamente. Era uma miséria pra quem viva na miséria, porque tinha gente...

Biancha: Agora, essas, essas parcerias pra pensar o que tinha acontecido na sua vida, veio aparecer na adolescência...?

José: Sim...

Biancha: Que tipo de encontros eram esses, que contato era esse?

José: Estás a fazer perguntas que nunca me fizeram, então... foi na adolescência, mas foi antes em termos de preparação, foi antes. É... eu trabalhava e estudava, né. E... e antes de ir pra escola já sabia ler. Foi um

senhor que me ensinou. E isso, pra mim, foi uma vantagem muito grande. Depois, quando fui trabalhar fora da rua onde vivia, fora daquele gueto, tomei contacto com um universo que eu não imaginaria existir. Teve, inicialmente, encostado na gente à esquerda e a extrema esquerda: movimentos anarquistas, que me marcaram ainda hoje... não diria que sou anarquista, mas comporto-me como tal.

E... convivi com gente aristocrata. E percebi que... entre os mais miseráveis e entre os mais opulentos havia gente boa e gente má em todo lugar. Eu levava um preconceito muito grande em relação às classes mais favorecidas. Pra mim foi uma confusão muito grande... pra mim, os ricos eram todos maus. Aquela dicotomia, né... os bons são os pobres todos coitadinhos, que passavam fome como eu, os maus eram aqueles que tinham o dinheirinho e tal. Me enfileirei no marxismo como é evidente. O que aconteceu é que comecei a conhecer gente que começou a fazer-me pensar. Depois, mesmo na universidade, quase todos os meus professores eram marxistas, embora eu não fosse. Eu acho que o estado é uma maldição, mas isso é uma outra história. Foi por aí, mas foi mais ainda... Se estou a falar demais, manda-me calar.

Biancha: Ãhãh.

José: Mas aquela altura, teve uma coisa que me influenciou imenso: foi o... um pai d'um amigo meu, que eu conheci, foi meu amigo. Ele tinha possibilidade de arranjar ingressos para as temporadas de ópera e música clássica. Eu ABOMINAVA música clássica, porque a minha formação tinha sido aquela de Chitãozinho e Xororó. Quando eu ouvia qualquer coisa de música clássica, eu dizia que era pra dormir, que era uma porcaria. E o homem foi muito paciente, levou-me várias vezes, eu adormecia nos concertos e tal... mas... e isto estou falando por quê? Porque... eu apaixonei-me positivamente pela música erudita – ainda hoje eu tenho mania... sou um doido por música, música, música que não é só erudita. E estou dizendo isso porque, ao ir aos concertos, travei conhecimento com gente que era a nata da intelectualidade na altura, que hoje são famosíssimos – na altura, ninguém os conhecia. Eram grupos muito minoritários, que eu tive a sorte também de entrar através dessa experiência de música clássica, que eram os mesmos que apareciam na ópera, os mesmos

que apareciam nos concertos, os mesmos que apareciam nas... os mesmos que apareciam em certos lugares. Extremamente politizados e ouvia as coisas que me chocavam, porque eles falavam de mim, porque eles eram todos de média e alta burguesia, mas com **consciência política**. Eu era o... o pobre da circunstância, eu era aquela de quem eles falavam. Dá pra entender?

E eles falavam de uma forma que eu não entendia nada. Eu tinha entendido a política através da forma que me tinham passado. Eles tinham entendido a política n'O Capital do Marx. Bom, e foi isso que me começou a ajudar a entender entre os dois focos. Principalmente um deles, que faleceu há pouco, sociólogo. Faleceu há dois anos. Maravilhosa pessoa. Faleceu na Guerra do Vietnã, mas isso foi mais tarde. Ele... ele era professor universitário. Um dia, conversando comigo, ele: "Não me digas, José, que é preciso passar fome pra se aperceber do que é fome". Eu disse: "Não é preciso, mas ajuda". Um dia, a fazer uma palestra, ele disse: "Meu amigo José..." andou comigo por Barcelona... E foi nesses meios que comecei a perceber que havia que eu não desqualificava, que eu não entendia, porque eu vivia para o hoje, para o amanhã, curto prazo, pra ter o que comer pra não morrer... eu não tinha tempo pras leituras básicas – li-as mais tarde e quando li, li como alguém que, apara além de ler aquilo que eles escreviam, tinha sentido aquilo na pele. E isso tirou-me... tirou-me a indignação... porque... não senti rancores... é curioso... muito complicado isso... eu acho que aqueles que nunca passaram fome, voltando à questão, sentem uma indignação grande que, os que passaram fome, não sentem de maneira nenhuma. E isso é estranho, ainda hoje, um sentimento que eu tenho em relação àqueles que nos fizeram passar fome. Não tenho qualquer ressentimento. Isso é histórico, né...

Foram eles, foram eles que são pessoas muito conhecidas lá em Portugal... e eu ia escutando o que eles diziam, porque eles estavam a falar de mim. Estavam a falar de mim. Falavam teoricamente, d'uma prática que eu tinha. Penso que foi aí que eu comecei a aprender: por volta dos 14, 15 e foi até os 20.

Biancha: E eles não... não sabiam com quem estavam conversando.

José: Não. Mas depois souberam... pois que eu tinha vergonha. Quiseram levar-me lá na minha rua. Até que um dia, eu disse que podiam me levar. E

nesse dia eu perdi quase metade dos amigos, que não eram... e os outros, quando entraram na minha rua, borraram-se de medo. E então... não aguentaram. Agora não os vejo mais, vejo uma vez por ano.

Mas, quando eu saí daquela rua, passados uns meses, eu voltei lá. Saí porque encontrei uma companheira e fomos viver juntos. Quando eu voltei lá, estranhei. Voltei, achei tão sórdido... tão porco... Hoje, quando volto lá... é que agora, aquela rua já não é pobre. É uma rua no centro histórico do Porto, que agora é muito *in* em termos turísticos, não é? Sofisticada... o que era pobreza, agora, passou a ser... típico. Mas quando eu chego lá, ainda tem pessoas muito mais novas que eu, que ainda estão vivas, que se viram pra mim e dizem: "Senhor José", tratam-me assim, não tratam por Zé: senhor José. E eu observo como é mau sair, porque nunca mais pertencemos. E... a última vez que fui lá, não fui capaz de ir à minha casa. Subi até o primeiro andar, não fui até lá. Eu não sei por que, talvez, o Freud explique, porque... fui até o primeiro... comecei a conversar com um jovem... que na altura, quando eu saí, tinha 20 e poucos anos, 23, ele devia ter seus 12 ou 10, lembrava-se de mim... até tirei uma foto com ele, ele quis... fui conhecer sua companheira, tal... mas não consegui subir ao segundo andar. Há coisas que ainda não estão... (ri) ainda não disse nada... são tantas coisas que eu... eu vou deixar tudo escrito. Agora não, mas ainda vou deixar tudo escrito. Mas são coisas que d'outro modo, não consegui perceber. Ter conhecimento teórico da fome é importante, mas... passar por ela lhe dá um conhecimento que os outros não têm... a maior parte das minhas companheiras de infância... foram prostitutas, a maior parte... dá pra entender? E depois... quando eu contava para os meus amigos – que lá em Portugal, toda a gente... fazia – na minha geração – todas as experiências, as primeiras experiências sexuais eram na prostituição, não era... Regra geral, desde o mais rico ao mais pobre. E quando conversávamos e eu dizia que eu nunca tinha ido a uma casa de prostituição, eles riam-se da minha cara e nunca acreditavam. E é a mais pura verdade: eu nuca seria capaz. Dá pra entender? Ainda hoje, lá na minha cidade, há muitos anos, saem à sexta-feira, vão... e voltam sábado de manhã... garota de programa e tal... e eu não tenho moralismo, não se trata de moralismo. Trata-se de um impedimento qualquer

em mim que me faz nunca ir a esses lugares. E tás a perceber porquê. Isto dava um romance, uma novela. É muito mais do que isso.

Biancha: Sempre é...

José: Pergunte mais...

Biancha: E o primeiro encontro com uma pessoa deficiente ou louca, o senhor lembra?

José: ..... humm..... lembro... um que deveria ser esquizofrênico... não sei. Um louco lá da rua. Toda a gente poupava! É curioso. Maltratavam todos, menos a ele. Ele subia por umas escadas que tinha lá e ficava, fazia longos discursos. Ninguém sabia de onde ele tinha vindo. E quando eu fiz meus 13, 14 anos e comecei a ter esses contactos com... fora, eu comecei a ler muita coisa. Lá na minha rua não havia nada pra ler, havia apenas na casa desse senhor que me ensinou a ler, mas eram romances, coisas assim. E quando eu, aos 14 anos, li algumas coisas ditas científicas, comecei a tomar atenção àquilo que esse louco falava e a gente se ria. E era um discurso de uma hora, duas horas. Ele deveria ter sido médico, que ele falava do bacilo de Koch e o tratamento, com o conhecimento que eu depois vim a confirmar. Agora, tudo científico. Ele deveria ter sido, antes, alguém, e então, possivelmente, deve ter tido algum problema, enlouqueceu – vamos falar assim, porque eu não sei quem são os loucos, pois eu não sei quem são os loucos, mas ele era considerado louco, tinham-no em grande consideração, não o maltratavam. E ele falava de ciência, só que eu, como era pequenino também, tinha meus 10, 11 anos, eu gozava como os outros. Até que, aos 14, eu comecei a perceber que ali ele estava a falar coisas que não eram loucura nenhuma, era erudição. Ele falava de autores e tudo, com conhecimento. Aquele homem deve ter encontrado naquela rua, que na minha rua não entrava a polícia nem entrava ninguém. Então, era um gueto, então, ele talvez estivesse fugindo. Davam-lhe restos de comida, ele bebia... morreu com uma cirrose. Não sei qual era o nome dele, não sei que díade ele teria. Chamavam-lhe louco, mas...

Biancha: Por que será que as pessoas o poupavam?

José: Não sei. É curioso, eu acho... ainda hoje, eu tenho pra mim uma curiosidade. Não consigo explicar. Mas ele não tinha... ninguém o maltratava, como maltratavam muita gente lá na rua. Ajudávamos moribundos a morrer, sabes o que é, puxando-lhes as tripas pra que eles morressem mais rápido. Não é pra impressionar: é verdade... e, portanto, as brigas entre ciganos, ficavam os moribundos na rua... à beira da morte e nós acabávamos com eles. Depois, vinha uma padiola, os sujeitos que estavam na rua, jogavam-no fora e eram enterrados como indigentes. E... e aquele, não o maltratavam. Riam-no como aos outros, como eu era... como os outros... podia ter acabado aí como os outros, com um tiro, mas não era meu destino.

Biancha: Ele comia como...? Dormia aonde...?

José: Ele vivia na entrada de um prédio que havia lá, ele passava aqueles frios de inverno, terríveis... e nós nunca lhe roubamos a manta que ele tinha uma mantazinha, levava-a de um canto a outro... que dos outros roubávamos tudo, fazíamos tudo que imaginar, e com ele não... porque era considerado louco. Talvez o sentido do sagrado pudesse estar aí mesmo. Ele apareceu não se sabe d'onde. Porque eu lembro sempre dele, mas não lembro de onde apareceu, quando apareceu... não lembro. Lembro-me dele. A ver se me lembro o nome, mas não me recordo.

Biancha: Na sua lembrança, assim, desde sempre ele estava lá...

José: Ah... desde meus 5, 6 anos... possivelmente. E... eu lembrei há uns anos atrás, mas já não vou lembrar porque, agora, a memória de longo prazo falta-nos, né... talvez venha a me lembrar o nome, que era um nome estranho... não devia ser o nome dele, devia ser o que alguém lhe deu....

Depois devia ter uns loucos que... por causa da sífilis... não ia se brincar com isso porque... havia muito homossexual na minha rua... sumiram. E que eram também tratados muito bem lá na rua. Eram tratados como os outros. Mas isso não vale a pena, porque... sofriam um imenso fora e lá sentiam-se bem. Mas é outra história... Era um ambiente muito sórdido, muito sujo... era muito estranho. Mas não quero impressionar...

Biancha: Pode ficar tranquilo que eu não me impressiono, não.

José: Não, é... é inconcebível, hoje, que a gente tenha visto coisas assim como eu...

Biancha: O horror tão próximo, né, tão naturalizado...

José: Um dia fui ver um filme do... Ettore Scola, creio eu... *Feios, Porcos e Maus,* que um amigo me levou a assistir. Disse "É sórdido demais!" Quando passa aquela criança grávida... eu, quando saí do filme, meus amigos disseram: "Ai, que impressionante!" Eu falei (rindo): "Isso não é nada!" – "Mas como é que não é nada??" – "Não é nada!"- coisa muito pior vi eu... Bom, mudemos de assunto.

Biancha: Me diga qual o seu teto, viu... eu tenho muitas coisas que queria saber... mas não preciso sabê-las todas essa noite (rimos).

José: Eu daqui a pouco vou me recolher. Passei o dia todo em viagem, já estou assim... que mais?

Biancha: Essa pessoa que é da... do seu círculo familiar... o senhor falou d'uma moça... ela é da sua família ou da família da sua companheira?

José: Moça?

Biancha: ... que hoje já é adulta...

José: Ela é irmã da minha companheira, irmã mais nova...

Biancha: E o senhor a conheceu há muito tempo?

José: Logo que nasceu... e... eu nunca gostei que alguém tivesse pena d'alguém... coitadinhos não existem, bobinhos de bairro, pra mim, não... e então tratavam-na como uma coitadinha. Pra tratar uma pessoa diferente precisava de ajuda, sim, mas de exigência também, pra se desenvolver. Eu recordo-me dos primeiros tempos em que a Maria do Rosário, que é o nome dela, é... começou a gatinhar, que ela engatinhava, arrastava-se, tal... tudo que havia nos móveis da casa passou a estar meio metro acima. Não a ensinaram a não mexer. E, então, quando ela conseguia agarrar-se aos móveis, os objetos iam pra um metro acima, de modo que, quando ela foi crescendo, nada havia nas prateleiras dos móveis. E em cima dos móveis, só nos móveis mais altos. Aquilo impressionava-me. E eu comecei a agir com ela d'um modo diferente... e esse modo diferente foi... considerá-la diferente como eu sou diferente, como tu és diferente. E dar-lhe carinho e exigir dela o que ela poderia dar. Ainda hoje, quando lá vou, ela está na mesa – ela tem 34 anos – , ela está na mesa, com a mão ao prato dos outros. É assim. Mas se eu estiver na mesa, ela não faz isso. E eu nunca lhe bati nem a ameaço com o olhar. Eu olho pra

ela com toda clama, ela olha pra mim, dá um sorriso e não faz. Porque eu acredito que todos somos capazes nessa diferença.

Biancha: Humm humm. E como é que explicam essa diferença dela na família?

José: Como é que explicamos o quê? A atitude que ela tem comigo?

Biancha: Não, como ela é, o que ela é, quem ela é?

José: Ah, não... é alguma explicação médica. Ninguém nunca explicou. Presume-se que tenha sido no nascimento, fórceps e outras coisas e tais... parece que teve temperaturas altíssimas, que) ela ficou.

Biancha: Ela se escolarizou?

José: Nada. Ela nem foi à escola. Nem foi. O único contato que teve foi com gente da escola da Ponte, que a levávamos para colônia de férias... antes nunca foi. Mas... essa foi uma das razões também. Mantê-la na escola e acreditar que era possível fazer diferente com os diferentes. Faz parte do que vamos vivendo e observando. Essa minha cunhada ajudou-me muito a compreender muita coisa. A indiferença social, a exclusão social que eu senti na pele foi antes de ir pra escola. Os normaizinhos não toleram a diferença!

Biancha: E a marca do seu estrabismo apareceu muito cedo?

José: Do meu estrabismo como um...

Biancha: ... como diferente por conta disso?

José: Não compreendi.

Biancha: De verem o senhor como alguém diferente, marcado como diferente?

José: Ah, as pessoas, em geral? Percebem-me como diferente e eu percebo cada um dos outros como diferente. Mas a mim, creio que me vêem como um... diferente diferente, né... por ser vesgo, né. Gostam muito de brincar comigo, acho que é delicioso ser assim. Mas percebem-me que sou muito diferente, que eu sou muito radical.

Biancha: Percebia isso de pequeno, já?

José: Não, não!... Como te disse há pouco, até... os 14 anos... tava tão imerso na... naquele absurdo, que não tinha tempo pra pensar em mim. Não havia qualquer hipótese de pensar sobre mim... Era tudo naturalizado. Era aquilo que... e... volto a dizer que aquilo, aquilo que eu falar – e que não disse nada praticamente – nem nos filmes eu vejo. Nem no Ettore Scola nem... ta longe da

imaginação de qualquer pessoa que nunca tenha passado por lá. E também penso que não é... necessário estar a chocar, não... basta apenas dizer que era a violência extrema, a violência de morte. Ok? Sei que isso teve uma importância muito grande em mim, no tipo de cultura pessoal e profissional, penso, com certeza. Nunca deixei de fazer nada que me apetecesse. Eu penso que... isso talvez tenha a ver com... essa resiliência, não é... não sou mais que ninguém – coitado de mim – sou tão limitado quanto os outros, mas... se me meter algo na cabeça, que seja possível, vou até o fim do mundo. Acredito que tenha a ver com sobrevivência... Ou não tem e estou aqui a inventar, não é? Freud não explica tudo. Pode ser que eu esteja aqui... Muitas pessoas, num determinado momento, na história da escolinha, estavam completamente de rastos, já não conseguiam ter mais energia para progredir, não é? E eu, quando sentia toda a gente de rastos, não é, – e eu não tenho mais mérito que os outros – era quase que uma fênix a renascer. As pessoas achavam estranho como, no meio da maior angústia, no meio da maior... imprecisão, eu me levantava, dizia: "E vamos". E ia vivendo. E isso não é mérito meu, é da forma como, talvez, eu tenha vivido as coisas. As pessoas têm que deixar o discurso do miserabilismo, da incapacidade, não sei o quê... Talvez, se as pessoas vivessem o que eu vivi na infância, passassem a saber que não vale a pena estar a lamentar. Mais coisas, Biancha:

Biancha: Quando é que o senhor entrou na escola?

José: Acho que foi em vários momentos... um conjunto de momentos. Eu nunca quis ser professor até os meus 18 anos. Era auto-suficiente, ganhava muuito dinheiro trabalhando, né. Não precisava de nada. E ser professor era mau porque ganhava muito pouco, ganhava uma miséria, como agora aqui no Brasil. E eu tenho irmãos mais novos, muito mais novos, 20 anos novos. Meu pai casou três vezes. E eu ia levar os irmãos mais novos na escola. Levava-os à escola, muitas vezes, e uma professora, quando viu meus irmãos... mais novos e eu os levando... com as crianças na escola, me disse muitas vezes: "Tu tens jeito pra isso!" – "Estás louca!? Eu aturar esses meninos ranhosos, quanto é 1+1= 2; 2X2=4... o popó do pipi... nem pensar! Era o que me faltava! Eu ganho dez vezes mais!" E como sempre fui um privilegiado, ela um dia perguntou-me: "Tu no sábado tens o que fazer?" – "Não". – "Então, vem

comigo". E fui com ela assistir uma palestra. E nesse dia, eu penso que a minha vida revirou totalmente. Foi um primeiro momento. Quem falou foi um professor chamado Lobo e do que ele disse, eu pouco retive. Só retive o fundamental. Ele disse-me assim, disse pra toda a gente – na altura, tinha 50 anos –, disse ele: "Eu trabalhei 30 anos, perto de 30 anos no ensino dito tradicional – era 1969, 70 por aí... 1969, não sei quando – e... batia nos meus alunos. Um dia, bati num e ele não chorou e eu disse pra ele: 'Tu não choras?' E ele virou-se pra mim e disse: 'Professor, por que que tu me bates? Por que que tu não nos ensina?' Desde há dois anos pra cá, eu mudei. Mudei totalmente a minha maneira de trabalhar". E começou a explicar como era. Fiquei impressionado com aquele homem! Sobretudo com a verdade que ele era. E fui procurar saber. E fui ver uma escola onde ele tinha estado como professor. Vi a professora numa rodinha, que eu não sabia o que era – era a linha Montessori, não é... –, com os meninos todos muito caladinhos... eu olhei praquilo e disse: "Isto é tudo cenário! Montaram tudo pra eu ver, ora!" É claro, como é que podia!? A minha representação de escola não era nada daquilo. Quer era confusão... era professores como o meu, que batia... pontapeava, dava murros em nós... porque éramos os pobrezinhos, não é?... Aquilo tudo causou-me um grande conflito. Então, fiz uma malandrice grande, que vou confessar pela, acho primeira vez ou... naquela altura, queria apanhar a professora em contra- pé e disse: "Ah, podíamos ir lá embaixo, tomar qualquer coisinha?" Que tinha uma lanchonete ou algo assim. Ela: "Ah, vamos lá!" E ela veio comigo e os meninos ficaram na sala. E eu pensei: vai ser um pandemônio. Isto era o que eu pensava. Ao descer as escadas – não sei se era no primeiro andar ou... – eu disse: "Ah, mas esqueci – esqueci nada, era só pra voltar pra trás – esqueci... vim cá atrás, pra ver se os meninos estavam a pegar-se uns aos outros e a bater-se na ausência da professora. Estavam todos numa rodinha, conversando. E eu fiquei a olhar aquilo... Eu pensava: Jesus Cristo! Caiu-me um armário na cabeça. O que é que é isto!? Na altura, estava envolvido na luta contra o Salazar, contra o fascista e pedia aos meus amigos que estavam exilados que, quando viessem clandestinos, me trouxessem coisas sobre Educação, porque em Portugal não havia nada. Recebi: Freinet, Pestallozzi, Montessori, etc. etc. tudo em francês – estavam

em Paris – eu acho a língua francesa... Quando li, foi outra pedrada que levei. "não pode ser! Isto não pode acontecer! Não! Como é que pode isto?!" E comecei a acompanhar a evolução dos meus irmãos mais novos que estavam numa escola muito boa, numa escola muito boa. Então, acho que foi uma iluminação, não sei se acreditas, mas... a gente tem de vez em quando, não queria estar a falar... tem que estar atento, prestar atenção... e, de repente, tomar a decisão, perceber o que é e, então, optar e... em definitivo. De repente, deixei de ganhar muito dinheiro pra fazer o quê? Pra ser aluno de Magistério. Chamaram-me de louco e das coisas piores que possas imaginar, porque... era um burro, era não sei o quê... ia ganhar nove vezes menos.

E, agora, pra completar – embora parece que não tem a ver, mas tem a ver: um dia, convidaram-me para ir trabalhar numa universidade. Eu fui para duas universidades. Numa delas, eu fiz formação de professores, na área de projetos, psicologia... Algumas psicologias e algumas sociologias da Educação. Então... e fui. No primeiro dia, expliquei aos meus alunos que a avaliação era por portfólio – que eles tinha várias hipóteses de trabalho. Quiseram saber o que era e depois perguntaram: "Ah, professor, de onde é que veio, por que.." – e eu expliquei mais ou menos. Um dos alunos, que hoje é professor – acho que está na escola da Ponte, agora. Estão lá mais dois que foram meus alunos nessa altura – e um deles me disse assim: "Como é o nome desse professor que você falou, que ouviu em 69?" Eu disse: Lobo. E ele: "Onde é que é?" –"No Espinho." – "Olha! Conheço!! Está no último ano de trabalho". E eu disse: "Olha, Felipe, se quiseres, se aceitares, o teu trabalho vai ser, vai fazer, vai ser fazer uma observação... do trabalho do professor Lobo no último ano." E ele acabou por fazer um vídeo – aqueles primeiros vídeos em Super 8, era aquele Super 8. Então, eu tenho em minha casa, em Portugal, o registro do último ano de vida dele. Aposentou-se e morreu logo a seguir, com 71 anos. Tenho o vídeo, passados 20 anos, do último ano de trabalho do professor Lobo. E eu hei de escrever um livro sobre ele. De uma intensidade que me impressionou a tal ponto, que não consigo.... E... não é por acaso que há acaso, não é? Como Jung dizia... a sincronicidade ou qualquer coisa assim, mas eu não quero ir por esse campo. Como foi possível depois de 20 anos, eu me deparar com aquele homem? Ele nunca soube que me, que me influenciou. Morreu sem saber.

Agora, eu tenho uma dívida de gratidão. Tenho que escrever alguma coisa dizendo que há muuuita gente que passa incógnita, que os estados desprezam e que são o melhor que a gente tem, que tem tanta gente influenciou. E que a gente tem que reconhecer. Não tenho mérito, o mérito é dele, que me fez perceber meu destino. E eu sou muito agradecido e ele não sabe. Esteja lá onde estiver.

Biancha: O senhor saberia dizer – ou... quem sabe até a própria professora que lhe fez o convite tivesse dito - o que que a fez pensar, naquela época, olhando pro senhor...

José: Não tenho e não vou ter a oportunidade... que ela já morreu.

Biancha: Ela nunca disse nada?

José: Não. Foi uma grande amiga. Sempre tratou muito bem... dos meus irmãos, quando a minha mãe morreu. E eu devo-lhe muito. E ela... possivelmente seria daqueles anjos que botaram... Acho que há pessoas que aparecem na nossa vida pra nos ensinar... Mas a verdade é que... não acredito em bruxas *pero que las hay, las hay,* né. E então, acho que na vida eu... sei lá... que é que eu vou dizer?... acho que estou muito atento a esses sinais.

Biancha: No seu curso de... de formação, tinha algum colega, algum professor que... era muito diferente?

José: Era. O Lopes. Lembro perfeitamente dele. O Lopes e a Maria José. A Maria José que foi minha colega, depois, no Ensino Superior. Maria José: professora de Educação Visual. E o Lopes que era um homem diferente porque... o único que ousava falar de Freinet, por exemplo. Nesse tempo era proibido Freinet no regime de Salazar. Eu fiz o Magistério no tempo da ditadura. Você vê, Freinet foi do PC francês, por isso era vetado em tudo. E ele falava dele. E eu, quando ouvia, e os meus colegas: o Alencar, a Rosário... eu sorvia antropofagicamente, o que ele dizia. Eu gostava muito. Aliás, foi ele que me influenciou a tal ponto que, depois, aquilo que eu fui: especialista em alfabetização e letramento. Porque me apontou coisas que eu nunca iria conquistar sozinho. Claro que o homem, depois, esse Lopes, entrou num processo de entropia tremendo, ficou muito mal... mas naquele tempo foi... impressionante. E as pessoas que mais me influenciaram não foram eles, não foi ele. Foi antes. Foi um padre... tem um textinho que escrevi uma vez: “O

Padre, o Poeta e a Professora de Francês". São três momentos, aqueles tais que me levam... Mas aqueles três me levaram pra... – sem eu me aperceber, mas levaram-me para... ser professor. Não sei. Acho que te interessa saber isso.

Biancha: Sim!

José: Sabes que é retórico isso "te interessa".

Biancha: É... eu já conheço...

José: Já conhece a história também, não é?...

Biancha: Não, a história, não.

José: Mas é rápido também... posso estar a especular até, enfim... a importância que eles tiveram. O primeiro foi o padre. A ordem é... – o padre, o poeta e a professora... (perguntando-se a si mesmo) está por ordem? Está. Depois,s e quiser, está num livrinho que eu escrevi que é "Para os filhos dos filhos dos nossos filhos".

E... o padre, eu tinha dez anos. Ah, esqueci-me d'uma coisa... já me vou ao padre : ãhh... há alguns anos atrás – quando é que foi? – quando eu fiz 50 anos, portanto, há seis anos atrás, é... eu fui convidado, achei o convite muito estranho, pra ir à escola onde eu andei quando fiz 10, 11 anos. E não sei por que, mas, como lá também sou eminência "parva" como costumo dizer, convidam-me para muitas coisas, achei que fosse pra fazer uma palestra. Então, cheguei lá à espera que houvesse um grupo de professores pra conversar. Receberam-me com honras, mas... o que fizeram foi me levar para uma exposição que havia: a instituição estava a fazer 50 anos de existência. A escola Gomes Pereira, no Porto. Era uma escola pra 5ª. e 6ª. série só. As pessoas saiam da 4ª. série, as que tinham condições iam pra 5ª. e 6ª. série, é... e depois continuavam... E levaram eu e mais três, tudo homens, que os sexos eram apartados na altura: uma escola só feminina e uma só masculina. Eu e mais três exatamente: um com 60 anos, eu com 50, um com 40 e um com 30 anos. Levaram-me pra ver uma exposição que eram 4 vitrines, 4 pessoas; uma delas era eu. A primeira vitrine, tinha a fotografia que eu tinha 10 anos com o cartão escolar, com as notas das classificações, com o historial escolar. Eu olhei pr'aquilo: "O que é isto?" Tinham convidado um aluno do primeiro ano daquela escola, um aluno do décimo ano – que era eu, com 10 anos. Fui pra lá

com 10 anos. Os melhores, os que tinham tido melhores classificações, eu tinha tudo nota máxima em tudo. Mas o que eu observei, cá está mais um fator, que eu fui outra vez privilegiado: em 1961... o Estado português tinha lançado uma experiência pedagógica... naquela escola e eu tive: foram aos bairros mais pobres da cidade pegar um aluno de cada bairro... que denotasse capacidade fora do comum. É bastante chato estar a falar de mim assim, mas... então, tiraram-me da miséria para dar um serviço público, com quem? Com os melhores professores daquela época. Os melhores dos melhores. Lecionaram-nos a todos. Eu fui aluno dos melhores professores da época. Tive lá o privilégio.

Bom, e foi nessa época que, dentre os professores, conheci o padre. Dentre as matérias, tinha a de religião e moral, aquela disciplina que... padre Lima, uma figura esquisita, muito engraçada. Então, ele entrava dentro... primeira aula, ele entrou assim como os outros [estalando os dedos], eu olhei pra'quilo... Ao entrar um professor, a gente tinha que ficar em pé, em sentido, estender a mão, cantar o hino da cidade. Aí, ele mandava-nos sentar, a gente sentava... aquilo era um silêncio. Ele não, ele entrou [estala os dedos], ele não vinha vestido à padre nem nada. Eu achei aquilo estranho... e desconfiei, como os outros, não é? O que que será? Então, ele virou-se pra nós e disse exatamente assim: "Que é que quereis aprender?" E eu habituado a ir pro catecismo e tal... que até nos livros de 1ª. à 4ª. série tinha todas as orações, e "Salve a Rainha" e "Padre Nosso"... E ele não, um professor, um padre... "Que é que quereis saber?" Chegou-se junto d'um amigo meu e: "O que é que tu queres saber?" E ele encolheu-se todo, cheio de medo... porque ninguém tinha o que querer, até aquele dia. Mais ou menos isto: "Eu quero saber o que vós gostaríeis de saber. Então, se não querem falar, ponham no papel". E eu lembrei: eu quero saber o que era o lugar onde eu nasci, antigamente. Ele pegou o meu papel e pegou dos outros, olhou pra mim: "Onde é eu moras?". E eu:"Na Vitória." – "Ai!" E pôs a mão na cabeça. (ri) Os outros também vinham de bairros daqueles. E ele: "Queres saber o que era, então, olha; não precisas vir à minha aula. Vais para a biblioteca pública durante o tempo da minha aula. Tem aqui o cartão – dele". E disse: "Vai, levanta!". Passei muuuitas horas pesquisando na biblioteca. Descobri que a minha, o meu bairro tinha sido uma

judiaria, depois... que eu tinha nascido no palácio dos Pacheco Pereira, descobri aquilo tudo... que era zona junto ao rio, que aí... Olha, descobri coisas que em outras disciplinas não sabia. Por quê? Fazendo pesquisa... é por isso que, chego, hoje, nas minhas falas e pergunto: “o que é que quereis saber? O que é que queres perguntar?!” Aprendi isto aos 10 anos. Nunca pensei em ouvir isso.

Depois, veio o poeta.

Biancha: Nessa sala tinha alguém com deficiência... ou alguém tido como louco?

José: Humm... éramos todos, não é? Éramos todos. Que éramos todos diferentes. Éramos jovens que éramos conhecidos naquela escola. Ninguém se aproximava daquela turma. Porque... todos muito violentos, e nem precisavam exibir a violência. Protegíamos uns aos outros. Havia ciganos...

Biancha: Todos na mesma sala?...

José: Todos. Éramos diferentes porque éramos cheios de piolhos e cheirávamos mal. Bem... (ri), mas éramos os melhores alunos da escola.... Aquela turma, depois fui ver, tinha, é... as notas eram de 0 a 20. e pra tirar um 10 – que era o equivalente aqui ao 5; 6 – era preciso estudar muito. E a minha turma de 5ª. série, acho que não houve nenhum que não tivesse na pauta tudo 20, 20, 20, 20! O máximo, porque eram mesmo... aliás, hoje, todos esses alunos daquela turma são pessoas muito importantes. São pessoas... são os portugueses ilustres. Os meus companheiros dessa turma da 5ª. e 6ª. série são as pessoas que, hoje, estão na frente de tudo: na política, na indústria, em tudo. E vieram da miséria. Bom... só há um que fugiu à regra porque é taxista, mas é feliz. Mas isso não vem ao caso. Até, talvez, seja o mais feliz de todos.

Biancha: E os professores os viam como diferentes?

José: Não sei. Acho que sim, mas não sei. À altura, não, não me apercebia. Sei que exigiam de nós, porque... para tirar tudo nota máxima... tudo. E... tive sorte também...

E... a seguir, na outra escola, encontrei o poeta, que, em Portugal, é muito conhecido. Aqui, talvez, ninguém o conheça: Pedro Homem de Mello. O filho é uma pessoa muito ilustre aqui no Brasil: Pedro Homem de Mello. O filho ou sobrinho, não sei, é Homem de Mello também. E esse homem ia pras aulas

e não dava aula. Dizia que tudo vem pela poesia. Então, virava-se pra nós e dizia: “Aquele que ler uma poesia mais... bem lida e souber se explicar – não é pela cabeça dele, é o que sente, tem nota pra passar na disciplina”. – que era Português. Ou seja, não aprendi o... preposições simples... de ficar n’Os Lusíadas”, as orações... não precisei de nada, eu aprendi português pelo lado da poesia. E então, eu declamava... aprendi Pessoa: e ele produzia a poesia ao mesmo tempo que nós a líamos.

Estava em Campinas e uma moça de Bauru, que está na universidade, veio conversar comigo e eu tinha ligado o computador. E tocava uma música de Dulce Pontes: “Povo que lavras no rio”. Esse poema é do Pedro Homem de Mello que ela estava a ouvir e estava a cantar.: “Eu conheço. Eu conheço a pessoa e a vi fazer este poema” (ri). Ela ficou a olhar pra mim e rir: “Deve ser do tempo dos dinossauros, não é?!”.

A terceira é a professora de francês. Se o padre me influenciou naquilo que estamos a procurar. Nós aprendemos aquilo que é significativo para nós. Isso fia. O resto vai tudo embora. A gente acumula, para o dia da prova. O segundo mostrou-me que a vida ou é poesia ou não existe. Não é vida. A terceira é a professora de francês, que veio logo a seguir. Foi quase no momento em que eu fui ver aquele homem, o professor Lobo. Tudo estava conspirando, acho eu. Ou sou eu que estou a juntar as peças. Então, essa professora de francês era uma jovem, na altura eu tinha 17 anos, foi um pouco de levar com o armário em cima. Essa professora de francês foi contratada a ultima hora e ela tinha 19 anos e eu tinha 17. Primeira vez que eu vejo aquela mulher vindo foi paixão à primeira vista. Foi talvez a minha primeira grande, meu primeiro grande amor. Paixão é amor, o Maturana fala disso. Então, olhei pra ela e... aquele platonismo todo deixou-me com os ouvidos – piiiiii – a assobiar. Eu fiquei a olhar pra ela, mas, como eu sou estrábico, eu olhei pra ela sem ela se aperceber que eu tava a olhar pra ela – e isso era uma vantagem. Eu entrava nas aulas e era quase como entrar num templo. Enquanto que nas outras aulas não me interessava nada, naquela eu estava à espera e cada minuto era um sofrimento. Entrava na aula, ia pra primeira fila, não escrevia uma linha. Ficava a olhar pra ela, sempre, ouvindo-a, antropofagicamente. Quando vinha o exame, eu era o melhor, escrevia tudo. E ela ficava

impressionada, que ela via que eu não escrevia nada durante as aulas – estudava muito quando saía. E aconteceu uma coisa que me deixou marcado, muito marcado... parecemos muito distraídos uns dos outros, mas não é, não. No penúltimo dia d'aulas – só tive um ano com ela –, no penúltimo dia d'aulas, a aula era assim: a gente entrava, punha-se em sentido, já te expliquei, um respeito, um medo incrível! E quando acabava a aula, nós tínhamos que nos pôr de pé e ela dizia: "Podem sair" E nós saíamos direitinho, devagarinho, por filas. Ela disse: "Podem sair. O José fica". Aí, eu disse "To morto. Ela percebeu, apesar do meu estrabismo, ela percebeu. Ela vai me dizer que eu estou reprovado, vai me matar, vai... vai me chamar do que quiser... apesar de eu ter boas notas na prova, ela vai me reprovar". Quando ia sair o último antes de mim, toda a gente me olhava como quem diz: "Esse está frito, esse vai morrer" – porque nunca tinha acontecido aquilo. Ela disse ao último: "Fecha a porta". Fiquei eu e ela. Ela em cima do estrado e eu embaixo. E eu à espera de ter um buraco onde me meter, tremia todo. Eu era um vulcão de medo. Ou medo ou lá o que era. Não sei. Se não era medo, era qualquer coisa assim, que eu não sei explicar. Ela abre a pasta dela, tira um *Long Play*, um vinil, e um livro, que ainda hoje eu guardo num dos altares que eu tenho, junto à virgem. Ela tira, desce, vem junto de mim e diz: "Eu fui a Paris na Páscoa. Hesitei muito em fazer isto, mas eu trouxe-te – trouxe-te! Tratou-me por "tu", impensável! – trouxe-te um disco que eu amo muito, que é de Jacques Brel e um livro de poesias de Jacques Brel. Sei que vais gostar". Deu-o pra mim. Depois, ao virar-se, diz: "Eu sei o que te aconteceu". Eu... tava feito um babaca. Eu tremia, o disco quase a cair, o livro na mão quase a cair. Ela sai, abriu a porta e eu fiquei ali em transe. Os outros: "O que foi? O que foi?" Eu devia estar completamente. Arranjei uma desculpa estúpida. Perguntaram: "O que é isso...?" E tal, né, guardei logo... o que é que ela me deu? Exatamente a ideia da atenção ao outro. Discreta! Acho eu, estou agora a... Os três, sem saber, me levaram para esse outro lugar. Portanto, o padre, o poeta e a professora de francês. Foram esses três que... conspiraram... e cá estou eu.

Biancha: No comecinho, o senhor tinha falado de dois colegas, ainda no curso de formação. A moça que, inclusive, depois, foi ser sua colega na Universidade. É isso?

José: Não! Meus colegas no curso de formação...

Biancha: Não como professores, seus colegas...

José: De colegas, tive um grupo, lá, mas não falei disso. Não fale. Deve ter sido, então, alguma coisa....

Biancha: O senhor falou do Lopes...

José: Ah, o Lopes não era colega, era professor.

Biancha: Era seu professor no Curso de Formação?

José: Mas eu também tive um Lopes colega. Fazia parte de um grupo que nós tínhamos, que nós tínhamos nomes de filósofos gregos. E era um grupo político, que era o grupo-base daquele curso, eram os que tinham a melhor classificação. E quando nos quiseram expulsar, não puderam porque tínhamos as melhores classificações. Perceberam que nós éramos militantes de esquerda. Militantes não, ativistas de esquerda. Então, quiseram expulsar-nos, mas não conseguiram. E eu era o Platão. Por acaso poderia ter escolhido outro. Havia o Sócrates, que era o Lopes, havia o Aristóteles, que era o... Meneses, havia o... Sêneca, havia o Diógenes... tudo tinha o perfil. Eu sempre fui muito kantiano e tal, e aí puseram-me Platão. E compúnhamos o octógono, éramos oito. Dentro, nós comandamos a primeira greve de que há memória, que com a nossa sala ninguém mexeu, porque éramos nós que arriscávamos mais. Era diferente, éramos oito: o octógono. Todos eles – isto é curioso – todos eles deixaram de dar aula, exceto eu. Foram para outras funções e eu continuei na escolinha.

Biancha: Isso ainda na época da formação pro Magistério...

José: Depois do Magistério, fomos trabalhar. Eu continuo na escolinha e eles... uns foram para a gestão, outros foram para a política, outros foram... mudaram pra universidade... não ficaram na escola... básica. Agora estou pensando, eu fui o único. Das moças, não, que havia as moças também. As moças todas acabaram professoras. Dos moços, só eu. Aliás, fui o único que não casei com professora também, mas isso não tem interesse. O que mais?

Biancha: E do comecinho da Educação: a sua entrada na escola?

José: A minha entrada... a primeira escola?

Biancha: Tem lembranças?

José: Tenho, xiii...

Biancha: O primeiro dia, assim, de escola...?

José: Aliás, tá num livrinho daqueles... fui trabalhar numa escola muito grande, muito grande, d'uma grande cidade, numa zona pobre. Fui lá. Era um ãhh... era uma zona pobre, mas a escola recebia gente de todas as classes sociais. Mas fazia a turma, a turma dos porcos, que era a daqueles como eu tinha sido. "Feios, Porcos e Maus", né... ranhosos, cheios de piolho, descalços... e eu fui pegar uma turma dessas. Trabalhei dez dias, até que a policia política me descobriu. Isso acabou muito triste, mas foi bonito.

Um dia, eu estava em casa da minha irmã, Pietra, e do meu cunhado, Pedro, que são muito mais novos do que eu. Meu cunhado, Pedro, é mais novo 14 anos... e trata-me por... senhor José, que é uma coisa que me incomoda, não sinto-me bem... Então, eu estava na varanda, e ele perguntando-me: "Oh, seu Zé, o que é que você acha que a sua sobrinha, a Natália, vai pra escola, agora... qual é a melhor escola?" Que tem duas escolas lá. E eu respondi: "Oh, Pedro, as escolas são todas boas. Há professores bons em todas as escolas". E aquele discurso politicamente correto. E a reação dele foi estranha, ele vira-se pra mim: "Ah, não... não me queria enganar, que não é bem assim". E me cheirou à história e quando cheira à história, eu vou logo, para estar a saber. Vamos ver se apanho aqui alguma história. E disse: "Mas que é que tu queres dizer com isso, Pedro?" E ele disse: "É que eu, quando fui aluno da escola, eu tive dois professores: um que era um homem e fez de mim o que de bom eu tenho. Outra, uma mulher que foi uma cabra... que me pôs fora da escola! Porque eu era pobre, cheirava mal..." – "Mas como foi que aconteceu? Como é que era esse professor?" – dou aula, conheço histórias de maus professores, dessas eu tenho muitas, eu quero é saber do bom. E: "Oh, Pedro, conta lá como é que foi esse professor?" – "Ai, esse professor levava-nos a passear, jogava bola conosco, tocava violão conosco, tirava-nos os piolhos, lavava-nos, calçava-nos, tratava-nos muito bem...". Estava encantado. "E então, e depois?" – "E depois, um dia, ele foi ter conosco e disse que não podia continuar na escola porque ia pra guerra, que a polícia o tinha apanhado." Eu já fiquei assim... mas não podia ser... e disse ao Pedro: "E depois?" – "Depois, veio uma professora que... nos punha ao fundo da sala e que nos mandava embora e que nos escorraçava e..." – "Voltemos ao professor: e depois?" E ele contou-

me. Digo: “E como é que era esse professor?” Eu já estava inquieto... ora... muito engraçada essa fala porque não sei descrever: “Oh, José, senhor José, era da sua altura – pôs a mão aqui [na altura de sua testa] – era da sua altura, tinha os cabelos pelo meio das costas, tinha uma barba enorme, os óculos à John Lennon, andava sempre de preto, tocava violão...” Eu digo: era eu mesmo. “Em que ano é que foste pra escola?” Ele: “Em 1972”. E eu: “Em que escola é que tu andaste?” – “Na escola da Torrinha”. Aí, ele olhou pra mim, eu olhei pra ele, ficamos em silêncio. Tinha sido meu aluno dessa turma. Impressionante como... é possível que eu sou um privilegiado. Nasci com a bunda virada pra lua. Eu tenho sempre retorno de tudo que eu... do pouco que eu faço, que é muito pouco. Mas tem outras coisas, que eu não posso contar, porque é mais difícil. Foi um momento delicadíssimo. Ficamos um tempo, um a olhar pro outro. Ele tinha 7 e eu tinha 21; 14 anos ele de diferença. Impressionante. Foi essa a minha primeira experiência de escola. Foi logo que formei.

Biancha: E como aluno...

José: Como aluno...

Biancha: Sua primeira lembrança de escola como aluno?

José: A primeira escola... um professor que nos punha em fila e diz: “Tu, tu, tu e tu!” Nós fomos à frente. Despachou-nos com dois murros e não sei quantos pontapés e disse aos outros: “Isto acontece-lhes o mesmo se vós fizéreis alguma coisa de errado”. Saiu, foi ler o jornal lá pra fora. Quando voltou, no fim do dia, disse: “Tu, tu, tu e tu: venham cá!”. Buum, buum, buum. “Eu sei que podem não ter sido estes, mas levam como os outros”. Escolhia. Aprendi a odiar. Dá pra entender? Foram-se embora, não precisavam daquilo pra nada, pra serem maltratados, eram maltratados na rua. Eram assassinados na rua... Eu aguentei até o fim.

Biancha: O que o fez aguentar?

José: Várias coisas... uma delas foi um companheiro que eu tive chamado Luís, que era o único que não era católico. E era maltratado, mas o pai obrigava-o a ir. E eu sentei-me ao lado dele... pois eu não admito humilhação sem nenhuma explicação. Fico possesso. Não era porque sou bom, era porque... por teimosia. Acho que eu deveria ficar. Não sei bem porque... e

também porque era fácil tudo aquilo. Já sabia ler... eu lia coisas, com 6 anos eu li “A Oeste nada de novo” do Erich Maria Remarque. Um livro de quase 400 páginas sem... sem figurinha. Não entendia nada do que se passava, mas eu li. Mas era um livro. Era... era ação, era a I Guerra Mundial...

Biancha: E nessa época de escola, lembra de alguém deficiente... louco...?

José: Não... Vou dizer uma coisa muito dura: os deficientes não duravam mais de um ano lá. Por simples . Não duravam mais de um ano. Atiravam-nos pela rua, deixavam-nos morrer. Rápido. E era o melhor que lhes acontecia.

Biancha: Tinha algum lugar reconhecidamente, assim, que acolhia as crianças?

José: Ninguém acolhia. Morriam. Não posso falar sobre isso. Tem coisas que não... não dá pra contar.

Biancha: Humm humm. Sem distinção da deficiência. Não importava.

José: Não posso falar.

Biancha: E entre os professores, muito menos, então?

José: Teve alguns bons, bons professores, que eu conheci. A dona Maria de Lourdes, uma maravilhosa criatura, bonita. Quando eu acabei o curso de professores, fui lá ter com ela. O resto era tudo... gente ruim...

Biancha: Teve algum, alguma, algum momento na sua escolarização, como aluno, em que aparecesse alguém com, com deficiência, pequena que fosse...?

José: ... No tempo em que eu estudei... tudo o que fosse diferença não ia à escola. Não me recordo. Isso é uma coisa que nunca me perguntaram. Mas não me recordo. Nunca. Tudo o que era considerado “deficiente” não ia à escola.

Biancha: E já na universidade?

José: Tinha. Na universidade tinha. E mesmo como professor da universidade. Tive um aluno cego, que estava prestes a deixar a universidade porque diziam pra ele que ele nunca seria professor. E ele foi teimoso. Hoje é professor de música. Ele e a mulher. Ãh... tive companheiros... eu andei na universidade muito tarde. Fui trabalhar, depois fui pra universidade. Andei no curso técnico. Depois, entrei na... estive ainda na faculdade de engenharia, depois . Só aos [pausadamente] 30 e tal anos é que fui pra universidade. Quando já era

professor. E a essa altura, várias pessoas já cadeirantes... aquela coisa. Havia alguns. Não muitos.

Biancha: E como é que eram vistos?

José: Boa pergunta: como é que eram vistos? Diferia de pessoa pra pessoa. Havia quem não se aproximasse. Puxando assim pela memória – posso estar errado –, mas acho que havia quem não se aproximasse muito. E eu também, ao princípio, não me aproximava. Curioso, mas foi assim. Quero crer que era pra não mostrar piedade, pra mim são todos diferentes, não os tenho como "especiais". São todos especiais. Mas acho que eu te diria que eles passavam – podes pensar que estou a me fazer passar por bonzinho. E não é, eu sou mauzinho, mas... quando aproximava-me deles, percebia que tinha muito pouca gente. Se precisavam e... eu ia. Discretamente. Eu fiz amizade com alguns. Com alguns. Também não eram muitos.

Biancha: O senhor acompanhou alguma situação em que eles fossem alvo de preconceito...?

José: Preciso pensar... não me recordo. Não me recordo. Eram alvo de preconceito, com certeza, mas não me lembro especificamente de uma situação... qualquer coisa assim, mas... não quero arriscar a dizer qualquer coisa. Falta-me a cena, não estou a ver agora.

Biancha: E nesse momento mais adulto da sua formação, o senhor se viu alvo de preconceito?

José: Eu?

Biancha: Humm humm.

José: Muitas vezes. Muitas vezes. (ri) como é que eu hei de explicar...? tudo o que é diferente perturba.

Biancha: Humm humm. Por conta da sua história mais do que qualquer outra coisa...

José: Provavelmente. Mas o problema é meu, não é dos outros. Digamos que eu é que provoco essa... É verdade... Perturbo pela diferença. E as pessoas reagem normalmente. E... mas não é nada que se compare com a marginalização que a gente conhece daqueles que são diferentes. Acho que não é significativo. Acho que é ótimo. As pessoas são como são... Se alguém me retrata, me critica, me ataca, tem toda razão. Sou eu que provoco. Acabou.

Quem gosta, gosta, quem não gosta, não gosta. Nem precisa gostar. E é nesse sentido que, muitas vezes, sou objeto de ostracismo. Mas não tem problema nenhum, não me sinto mal. Ninguém pode ser mais ostracizado (ou hostilizado?) e mais maltratado do que nós já fomos em pequeninos. Portanto, tudo o que se passa é muito... *soft*. Bom, entendes? Não me fere nada.

Biancha: E nas suas primeiras experiências como professor, encontrou algum aluno... deficiente, louco...?

José: Posso te dar o exemplo do Pereira. O Pereira... nem conhecia o nome dele, só o nome de família. Pereira. Quando tive 48 alunos numa turma, tinha 47 mais o Pereira, que sentava no fundo da sala, catalogado d'autista. Foi em 70 e... 5 [75]. E eu nunca tinha muita oportunidade de chegar-me junto dele que, quando chegava, ele saía pela janela. Fugia. Diziam que ele não sabia nada, que não sabia ler ou escrever, tinha 12 ou 13 anos... os outros tinham todos 6, 7, 8, 9. era 1ª. à 4ª. série. E eu descobri que ele não era autista nem era nada. Um dia, quando ia à casa – trabalhava muito longe, só ia à casa de fim-de-semana –, estava à espera do ônibus – só havia um ônibus, que era ao meio da tarde, aos sábados. Eu fui para a estrada à espera do ônibus pra pega-lo naquele sábado à tarde. De repente, ouvi uns balidos d'ovelha, olhei, vem um rebanho d'ovelhas atravessando a estrada. E quem vinha atrás? O Pereira. Eu olhei pra ele, ele parou nem atravessou... o rebanho do outro lado... e eu no posto. E eu estava há uns 20 metros dele, olhei pra ele, baixou a cabeça... com o cajado na mão. E... eu comecei a aproximar-me devagarinho. Eu deixei a minha mala na paragem do ônibus e fui andando como quem não quer espantar o... o pássaro. E ele ou me viu e deixou-se ficar ou não se apercebeu de que eu ia. Quando eu já estava muito perto, ele queria se levantar e eu fui rápido e agarrei-o mesmo. Ele tentou escapar, eu sentei-o na pedra e sentei-me ao lado dele. E ele não falava: "Deixes-me!" nada, mas fazia [embala-se, em um movimento pendular]. Parecia autista mesmo! Bom, começou a inclinar pra frente e pra trás e eu comecei a falando com ele e ele não falava. "Estás bem e tal, tal...". Entretanto, o ônibus veio. Parou. O homem olhou pra mala, olhou pra mim, esperou um bocado e avançou. Não vim à casa nesse fim-de-semana. Não valia a pena já. E... nessa tarde eu aprendi que ele nunca foi autista, que sabia ler e escrever. O que ele, o que acontecia é que

aquele mocinho, que era catalogado de especial ou deficiente... ele saía de casa às 5 da manhã com o rebanho, saía às 5 da manhã com o rebanho... ia pastar com o rebanho... às 9 entrava pra escola, quando levava o rebanho à casa, o pai e a mãe já não estavam, tinham ido pra cidade... ele ia pra escola... às 2 da tarde, saía novamente para levar o rebanho. E quando voltava com o rebanho, o pai e a mãe já estavam a dormir. Precisavam acordar também de madrugada pra trabalhar. Ele não tinha relação com ninguém senão com as ovelhas. E na escola nunca ninguém lhe perguntou nada. Foram o pai e a mãe ou o pai ou a mãe matriculá-lo: ah, o Pereira, da família dos Pereira. E pra mim foi uma surpresa e que me afetou muito. Que eu vi como, por vezes, os diagnósticos falham. Então... depois tive outros casos. Muitos casos.

Biancha: Isso foi, mais ou menos em que ano?

José: 75. Até digo o mês: maio de 75.

Biancha: (rio).

José: Verdade. Está a fazer agora...

Biancha: 32 anos.

José: 32 anos. 32 anos. 2 anos antes de eu ir pra escola da Ponte. 1 ano e pouco. 1 ano e...

2a. Entrevista

Biancha: Queria começar pedindo... lembranças, né, do senhor, já como educador, se viu em escola regular atendendo a população da escola especial?

José: Eu tive desde, desde praticamente... o primeiro ano que trabalhei. Ãh... no primeiro ano eu trabalhei numa área muito, muito problemática da cidade do Porto, onde... a escola onde eu fui, que tinha dezenas de turma, era enorme, eles criavam turmas especiais, que eram constituídas por jovens dos bairros pobres, ainda mais pobres do que a pobreza do bairro. E a primeira turma, ah... dando aula, né, que também dava aula naquela altura, foi exatamente, ãh... talvez 40 jovens de 7 anos, todos da mesma origem. Quase todos chegavam com problemas sérios de desenvolvimento, porque... eram jovens que não tinham... ou melhor, tinham pai, mas não sabiam quem era... eram jovens de rua... eram jovens com problemas sérios que derivavam ainda de resto de sífilis

e... de outras doenças que andavam por lá, né. Cheios de piolho, né, que ta implícito na, na...

Biancha: E era uma sala especial dentro de uma escola regular?

José: Era, era.

Biancha: Qual era o critério pra juntar esse grupo?

José: É... viam a origem do bairro. Naquele bairro havia as chamadas ilhas. As ilhas eram entradas, que tinham um corredor com casas dos dois lados, só tinham um banheiro comum ao fundo... era chão de terra, muitas vezes... Tudo isto no início da década de 70, ainda no tempo da ditadura. É... dessa turma, eu recordo pouca coisa, embora tenha um.. um episódio – não sei se te contar... – é... que eu recuperei desse tempo, que é um episódio que eu costumo lembrar dizendo às pessoas que podem não acreditar, mas que foi verdade, foi. Inclusivemente há provas de que foi verdade, porque a pessoa prova... – queres que eu conto ou não vale a pena?

Biancha: Por favor...

José: Essa turma eram... cerca de 40 jovens de 7 anos. Todos de 7 anos. 1ª. série. Eram organizados nessa turma, havia duas turmas, portanto, 70 crianças de 7, que eram oriundas exatamente desses bairros. Isto é, eram crianças, é... em que os professores tinham poucas expectativas, porque já os seus pais não tinham aprendido, tinham a 1ª. série ou nem a 1ª. série tinham feito. Aquele efeito geracional: se ele é filho de analfabeto, vai ser analfabeto, se é ele é pobre, vai ser pobre. Eu enquadro isto ainda no tempo da ditadura porque é preciso compreender o que era um Portugal de Salazar. É... era um Portugal rural, muito subdesenvolvido... e então, o que aconteceu – e agora, vou dar um salto de cerca de 30 anos, mais ou menos, ou 20 e tal anos – um dia, eu sou o filho mais velho de vários filhos, o meu pai casou várias vezes, então, tenho irmãos muito mais novos. E quando eles casavam – parece que não tem nada a ver com isso, mas tem. Estou a fazer a introdução a um episódio que tem a ver com essa turma de excluídos, dessa turma que ninguém queria, nenhum professor queria. Ãh... eu tava a conversar, um dia, com... um cunhado meu, lá em Portugal, porque ele me perguntou onde deveria matricular a filha, que ia para a escola, a Natália. E eu disse: “Oh, Pedro, qualquer escola é boa, tu podes pô-la em qualquer uma delas”. Ainda estávamos na varanda da casa

dele e via-se duas escolas. E ele perguntou-me: “Por exemplo: esta ou aquela?”. Porque ele sabia que eu conhecia muito bem as escolas da cidade todas. E eu sabia quem eram aquelas escolas, mas respondi-lhe... no politicamente correto – não é? – qualquer escola tem bons professores, mais otimista – não é? E ele respondeu que não era verdade. E eu disse: “Mas por que que não é verdade?” Quando alguém me fala assim, eu interesso-me logo por tirar alguma coisa para escrever depois, parasitando as ideias dos outros. Então, ele disse-me: “É que, quando eu andei na escola, eu tive dois professores: um professor homem e uma professora mulher. O professor homem – e ele contando, não é? – fez de mim o pouco de bom que eu sou e tal – íamos conversando, não é...? –, a professora foi uma cabra!” Eu lembro dessa expressão: “Mas por quê?” – “Porque me pôs fora da escola. Porque eu tinha piolho, porque eu cheirava mal, porque estava mal vestido, porque estava descalço...”. E aquilo impressionou-me. E ele foi contando a história dele, né: mãe solteira, que criou vários filhos, de vários homens... aquela miséria que vi lá... E eu continuei, então, perguntando: “Mas conta-me lá, então, do seu professor, porque me interessa saber por que aquele professor te fizeste tão bem e tal...” Porque ele saiu ao fim da 1ª. série... ou antes até. Depois, fez a 4ª. série já como adulto, mas nem perguntei. Isso tem a ver com esse ano que eu falei há pouco. Me diz ele: “Olha, era um professor assim: não dava aula como os outros. Ia conosco passear, mostrar-nos coisas. Ãh... cantava conosco, tocava viola, ãh... ensinava-nos cada um, limpava-nos os piolhos, dava-nos de comer, vestir...” Aquelas coisas, que eu fiquei impressionado. Que maravilha, não é!? “Então, conta mais!” Ele continuou contando... [Pacheco pergunta] “E a professora?”- “É, a professora veio depois, porque, um dia, esse professor chegou e disse que tinha de ir embora porque... tinha de ir pra guerra e que não podia ficar e tal... E eu: “Oh, Pedro e como é que era esse professor?”. Ele disse-me assim, pôs a mão na minha cabeça: “Olha, senhor José – ele trata-me por senhor José. Ele é muito mais novo, 14 anos mais novo –, olha, era da sua altura, estava todo vestido de negro, tinha uns, uns jeans, andava sempre de sandália, tinha uma barba assim, um cabelo pelas costas, tocava viola, tinha óculos à John Lennon...” Eu olhei pra ele: “Oh, Pedro, tu... onde andaste na escola?”. E ele: “Andei na escola da Torrinha, no Porto.” – “Em que ano?” –

"Em 1972". Eu olhei pra ele, ele olhou pra mim... Ele tinha sido meu aluno nessa turma. E só pode ser... eu hoje ainda falava pra Cláudia sobre as coincidências do Jung, né... inconsciente coletivo... há qualquer coisa aqui, mas não há coincidências, não há acaso. E essa turma a mim me ensinou muito, sobretudo que a exclusão, os problemas que há nas crianças, têm sempre um componente social . a origem sócio-econômica e cultural determina muito. Não tudo, mas determina muito. Ensinou-me que eu deveria estar atento a cada um, é... e não aos casos especiais.

Bom, mais tarde, três anos, bem... três anos, eu... recebi uma turma de tamanho perto de 50 alunos, cerca de 48 ou 50. Isso importa dizer porque eram turmas marginais. Mas isso era uma... numa aldeia no interior rural onde, quando eu entrei, me disseram: "Olha, tens aqui um autista. Tu não te aproximas dele, que ele ataca, tal..." Assustaram-me em relação ao jovem. É... chamavam-no de Pereira. Ou seja, nem o nome dele sabiam, que era o nome de família, os Pereiras, que era uma filharada que nunca mais acabava. E aquele tinha 12 anos. Efetivamente, quando eu entrei na aula a primeira vez, de fato a sala estava cheíssima e, ao fundo, tinha esse tal maior, que muito maior que os outros, tinha uma idade mais avançada. E sempre olhando pro chão ou então olhando assim... de lado para mim. E perto da janela. A primeira vez que eu tentei ir pelo meio dos outros, aproximar-me dele, ele saltou pela janela e fugiu. Esse Pereira ensinou-me outra coisa: é que muitas vezes, demasiadas vezes, a rotulação... tá errada, o diagnóstico ta errado. E mais do que isso: a rotulação de nada serve senão para marginalizar. O Pereira não era autista. Penso que, talvez, os professores que ele tenha tido antes, e o professor que ele tinha tido antes, que eu fui substituir, foi um professor que morreu com uma cirrose no fígado, que ia bêbado para as aulas. Ele praticamente não comunicava com os alunos. Faltava ou adormecia na secretaria. E... aquele Pereira ainda pior, né... Então, aconteceu que, um dia – pra encurtar a história, né – eu ia trabalhar toda semana nessa aldeia, porque só havia um transporte de ônibus, que era aos sábados a 1 da tarde. E eu chegava à cidade do porto, onde eu estava a morar cerca das 3 e meia, 4 da tarde. Eram duas horas e meia, três horas de viagem. Duas horas e meia, três horas de viagem. Eu só tinha aquele ônibus aos sábados... e tinha outro no

domingo à tarde, que chegava à aldeia cerca de 7 da tarde. E, portanto, eu vinha aos sábados ao Porto e ia no domingo.

Um dos sábados, eu peguei na minha mala e pus na paragem do ônibus, que era tudo perto da escola. Era 1 da tarde. Entretanto, ouvi um barulho de chocalhos e umas ovelhas atravessando a estrada. E atrás, olhei e era o Pereira com uma vara, dirigindo o rebanho. O rebanho passou para o outro lado e o Pereira olhou pra mim e sentou ali há uns 20 metros da paragem. E começou a bater com a vara no chão, olhando de lado para mim. Isso já depois de muito tempo das tentativas de aproximação. Ele tava rotulado de autista: “Ele não sabia ler nem escrever. Não sabe nada! Nada! Não sabe nada, não aprende nada!” Eu fui andando em pequenos passos. Parava, andava... e ele não se levantou. Mas olhando pra paragem a ver quando vinha o ônibus, né... Deixei a minha mala na paragem. Só tinha aquilo. Até que eu fui sentar perto dele. Levantei rápido, peguei-lhe as pernas, ele já ia saindo, eu agarrei-o, sentei-o e disse: “Vamos conversar”. E ele quieto e calado. Eu não sei, o que foi que disse, não me lembro. Sei que, passado um pouco, ele começa a balbuciar algumas palavras. E, portanto, o rebanho do outro lado da estrada e tal... estava eu no princípio da conversa e vem o ônibus. O homem do ônibus pára junto à minha mala, olha pra mim... e aquela decisão que eu tomei, no fundo, seja a melhor das decisões. Eu fiz assim [como quem diz: pode seguir] e ônibus foi embora. E eu fiquei esse fim-de-semana lá. Por quê? Estive com o Pereira, sentado, conversando com ele e aprendi várias coisas. Primeiro: ele sabia ler e escrever, perfeitamente. Não era autista! O que ele tinha era um convívio só com animais, pois... ele... andava, durante a semana, ele levantava às 5 da madrugada e os pais tavam dormindo. Saía com o rebanho até às 8 pra pastar. Às 8, voltava à casa, guardava o rebanho e os pais já lá não estavam. Tinham ido pra fábrica de calçados. Quando ele ia pra escola, na parte da manhã, passava as 5 horas na escola e quando saía, a 1 [da tarde], ia pegar o rebanho para ir outra vez com o rebanho até muito tarde. Quando chegava, os pais já estavam dormindo. Isto era consecutivo, fim-de-semana incluído, porque eles trabalhavam no fim-de-semana em casa nos sapatos e praticamente não... Aquele menino sofria d’uma... d’um isolamento tremendo. Porque ele viva numa casa no meio d’um monte, não tinha convívio,

que ele poderia ter, mesmo com as crianças da escola, pois isso, no início, tinha sido muito conflitual. Ele ficava com os animais e... não comunicava-se com os seres humanos. Ele comunicava por monossílabos. Bom, esse Pereira, depois disso, tava muito diferente. Eu não sei o que é feito dele, ele deve ter... 40 e muitos anos. Nunca mais o vi, aliás, vi outros, mas eu nunca o encontrei.

Mas acontece que... encontrei outros... é... ditos, é... diferentes, quando trabalhava também voluntariamente em África. Trabalhei na Guiné e em Cabo Verde. Voluntário, de graça. E encontrei muitos, muitos ditos diferentes em termos de déficit intelectual, diferente porque a língua não era o português, eles falavam em Bolama ou... Mandinga.., não falavam o português e logo era um processo de exclusão... é... leprosos que conheci, com quem trabalhei... também articulavam mal porque não tinham boca pra falar, né... bom, coisas assim. Está a servir [o depoimento]?

Biancha: Está muito bom!

José: Ok. O que mais?

Biancha: Como educador o senhor esteve lá na África?

José: Como educador, antes de ser professor oficialmente, né. Eu era... mal comportado, olha... eu andava no jogo do gato e do rato com a polícia política, então, arranjei maneira de ir pra África para junto da guerrilha – uma história muito longa; não tem... tem a ver com a educação, mas não tem. E para me manter lá em África, eu fazia voluntariado junto de missões católicas italianas, que eram também ligadas à guerrilha, à guerra em África, e que me davam de comer e me deixavam dormir. E era isso que eu precisava. Pois viajava no cargueiro de graça, trabalhando num cargueiro, viajava pra Portugal de novo trabalhando no barco. Isso foi, assim, muitas aventuras! Porque lá, ninguém sabia que eu estava lá... porque a África, as colônias africanas eram parte integrante de Portugal, havia circulação simples. Não havia fronteira. E era uma forma d'eu estar fora do país, ao mesmo tempo, daquele retângulo da Europa. E... muitas experiências novas, aprender coisas novas... e... fazia trabalho político, que era isso que eu fazia, né... mas ninguém sabia, ou melhor, sabia um padre de lá, e mais ninguém. É por isso que eu fui pra lá e foi lá que eu aprendi a gostar de... de Educação – que eu não, não tinha nada a ver com Educação. Era eletricista, eu era prestes a ser Engenheiro Elétrico ou

Mecânico. Não tinha nada a ver com Educação. E foi lá, em... sobretudo com os leprosos, onde eu vi que, realmente, a Educação tinha muito a ver com... comigo naquele tempo e ainda hoje, não sei por que, mas...

Biancha: Como o senhor viu essa ligação?

José: Vi na comunicação. Não daquilo que eles passavam, mas no modo como eles me olhavam. [barulho alto, então, Pacheco passa a falar mais alto] A maior parte deles não falava, que não tinha já... ãh... não tinham já carne, não articulavam. É... mas os olhos comunicavam, permanentemente com uma doçura e uma gratidão que me encantavam. Que eu via neles aquilo que se pode chamar amor – não é? – no sentido que o Maturana lhe atribui. Na relação entre mim e eles havia aprendizagem mútua e pra mim isso era fascinante. É preciso dizer que a Educação ta centrada na relação e não no aluno ou no professor ou no conteúdo. É na relação entre as pessoas grande e pequenas, pequenas e grandes, com o conhecimento (a relação). E nessa relação existe comunicação... que pode não ser verbal, como era o caso de... isso também, aprendi essas coisas. É que aquelas freiras, aqueles padres... eles educavam de uma maneira diferente. Ainda hoje eu gosto muito do Maturana e do Varella, né, porque eles se arriscam a falar a palavra certa: amor. Porque os outros têm medo, eu vejo, de falar isto. A Educação é um ato de amor como dizia Paulo Freire, né...

E então, acho que foi por aí... e também as leituras que eu fazia de... autores proibidos em Portugal: eu li Freinet em francês, ao mesmo tempo que eu li Camus, Sartre, Marcuse... Eu li o Freinet e foi definitivo! Olhei pr'aquilo e vi algo que me apaixonava, né... E ainda há outras coisas de que não me recordo, mas acho que foi aquilo.

Biancha: E no seu retorno pra Portugal, trabalhando nas escolas comuns, né... você encontrou pessoas que... alunos que tinham alguma deficiência ou eram loucos...?

José: Encontrei essa turma de 72, onde a maior parte deles tinha problemas sérios... é... nem neurológicos, não era propriamente uma deficiência intelectual, eram problemas sérios. Talvez... psiquiátrico, mas àquela altura, ninguém falava disso. É... mas raros iam à escola, ficavam até o fim do mês e iam embora. A... seleção era rápida. Só não foi enquanto eu e outros, né...

mantivemos essa comunicação, essa relação com esses jovens, levando-os a aceitar a escola como ela era – o que era inevitável – e tratando-os bem. Lógico! Ou pelo menos não os maltratando. Não é?

Esse Pereira foi um que eu encontrei, depois encontrei também dois casos numa outra escola, dois casos muito complexos, que eu não sei qual era a etiologia deles, não... nessa altura, não havia nada... sobre... Educação Especial. A formação do professor ainda hoje não tem. E eu sabia que havia ali problemas, porque eu tinha dentro de... de casa – vamos falar assim – um desses casos. Não sei se te falei de uma cunhada minha, que era chamada deficiência profunda, né. E eu... diversos sinais que eu via nela, via também nessas duas alunas – eram duas moças. Mas não sei que é que elas tinham. Sei que trabalhei com elas, que elas aprenderam – e muito! – que se interessaram, que já sorriam, coisa que elas não faziam. Uma delas metia-se debaixo da mesa quando eu cheguei, e dizia: "Tu és mau! Tu és como o meu pai!". Bom, depois, toda a história, não é!? Ela tinha sido violada pelo padrasto. Tinha... 13 anos, é... mas consegui acercar-me e ela conversou. Aprendeu a ler e escrever – se é isso que é o importante. E, sobretudo, abriu-se com os outros, já falava no final... mas foi-se embora. E eu também fui porque a profissão de professor em Portugal no início é... de saltimbanco. A gente anda de escola em escola e... mas foi onde eu encontrei essas duas jovens.

Biancha: E cegos, surdos...?

José: Encontrei tudo já na Ponte. Logo no início. É... e encontrei surdos em outras turmas, que não a minha, mas que os professores não sabiam que eram surdos. Ta. Encontrei um quase cego que também os professores não tinham percebido que ele era cego. Eu estou a dizer isso, não pra dizer que sou melhor que os outros. Eu tava atento... sobretudo, nos intervalos, que eu via as crianças quase a bater contra os outros e eu aproximei-me e perguntei: "Aquele vosso colega.." [como se as crianças respondessem]: "É, ele vê mal..." Então, aí, eu pedi à professora para fazer uma consulta. E ela, depois, veio m'agradecer que descobriu-se que ele tinha, num dos olhos, a perda dele era quase 90%, e a outra... aí, ela dizia: "Ah, eu ponho na fila da frente, mas ele não aprende nada". Ele não via nada!

E os outros, que eram surdos também, não ouviam nada. E ela... isso era outra professora, que chamava-os de louquinhos! “Os louquinhos... eu falo pra eles, eles parecem idiotas, não me respondem!” Eu falei: “Não, eles são surdos!” Também foram ao médico e confirmou. Profunda! Surdez profunda, um deles só sentia quando batia na... no chão e ele sentia a... Isso, lá na Ponte, tivemos. E foi um dos nossos grandes insucessos. Devo dizer. Ou melhor, foi um sucesso, mas acho que nós só tivemos sucesso na medida em que assumimos porque... quando uma escola não tem condições para receber alguém e lhe dar resposta, o melhor que tem a fazer é arranjar a resposta noutro lugar. E foi o que nós fizemos.

Biancha: Com os alunos...

José: Surdos. Tivemos um, o Ricardo, que me ensinou muito... em todos os aspectos. Era um miúdo com surdez profunda, mas isso já na escola da Ponte. Os pais até que me explicaram, mas ele recusava-se a aprender a leitura pelos lábios e... o LIBRAS, né – LIBRAS, que lá é outra coisa... – e o que aconteceu foi que esse miúdo entrou na escola da Ponte, já – nos primeiros anos – e o grupo que o acolheu inventou uma linguagem de gestos. Engraçado, não tinha nada a ver com LIBRAS, depois fui ver... já não me lembro, que foi há tanto tempo... recordo-me que não tinha nada a ver porque, depois, veio uma técnica. Era um Centro de... Crianças com Necessidades Educativas Especiais e ela disse: “Esses alunos comunicam de uma maneira estranha, que eu não sei”. Depois perguntou aos alunos do grupo dele, o que é que queria dizer determinado gesto, então, ela percebeu que eles tinham inventado uma linguagem de comunicação através das mãos. Mãos e... outras coisas que eles tinham feito, né... Engraçado. Desenvolveu ali muito a solidariedade. O problema é que eu não tive tempo de desenvolver isto. E quando me aproximava do grupo, era o grupo que comunicava com ele e lhe traduziam. Era a tradução simultânea. E, um dia, eu percebi que estávamos a prejudicá-lo, porque... queria ensinar noções de espaço e de tempo – passado, presente e futuro – não conseguia porque as crianças não tinham gestos para traduzir. E então, eu falei com os pais, falei com os professores. Não foi fácil porque os professores não queriam admitir a saída da criança. Então, arranjamos uma situação de compromisso: é... eles eram muito pobres, os pais, então, os

bombeiros lá da... da localidade pediram uma viatura que levava o Ricardo de manhã para o Porto, para uma instituição de surdos, onde ele tinha materiais... que lhe permitiam avançar e aprender muita coisa que nós não tínhamos possibilidade de ensinar, e de tarde vinha pra Ponte, onde continuava trabalhando com... e que deu muito, muito, muito resultado. Foi muito bom enquanto lá ele esteve, no total, quatro anos. E... e os dois últimos anos foram muito bons pra ele.

Biancha: E, nessa instituição, ele aprendia a Língua Portuguesa de Sinais?

José: Gestual e labial. Tudo, tudo. Que eram técnicos que nós não tínhamos. E ainda hoje não temos. É curioso. [retorna o barulho, ele aumenta o tom de voz] Mas nós não tivemos mais nenhum surdo, entretanto. Quando tivermos, eventualmente, teremos de... de encontrar alguém, só um surdo, vão aparecer muitos.

Biancha: O que o senhor acha das instituições especializadas?

José: Como?

Biancha: Das instituições especializadas, o que o senhor acha?

José: Lá em Portugal?

Biancha: É.

José: As instituições que atendem os diferentes, fora da instituição-escola, é...

Melhor parar um pouquinho [Por causa do barulho. Poucos segundos, o barulho cessa].

Eu poderia dividir em dois tipos: um primeiro, com as quais nós... cooperamos, o caso dessa instituição de surdos, instituição de cegos, Instituto São Manoel, uma escola com uma sala que tinha apoio permanente, onde tinha técnicos também... lá no Porto... não importa os lugares. É... algumas, é... algumas... de acolhimento, Centros de Acolhimento... fazem um excelente trabalho. Porque a escola não acolhia. Mas há um outro tipo, que está muito mais generalizado, são os chamados gabinetes de psicologia. E esses também podem se subdividir em dois – posso ser muito normativo, mas é assim -, há os gabinetes de psicologia que eu respeito, que fazem um excelente trabalho. E depois há aqueles gabinetes, que eu chamo “comércio à custa da deficiência”. É... no princípio da década de 80, é... na Escola da Ponte, nós compreendemos que seria necessário um tipo de apoio que nós não tínhamos.

E uma professora da Ponte se especializou em várias áreas da Educação dita Especial. E quando ela tava especializada, o Ministério da Educação convidou-a para ela montar, chamava Equipe de Educação Especial, naquela... naquela cidade... naquela região. Então, ela perguntou, né, o que é que nós considerávamos e nós dissemos a ela que considerávamos que, se o trabalho fosse aquele que nós fazíamos na Ponte com ela, que, então, poderíamos, a partir do apoio da estado, juntar outros professores e, em vez de estar a responder apenas à Ponte, responder a muitas outras escolas que temos. Então, constituiu-se a primeira Equipe de Educação Especial. Hoje, são cerca de 300 no país... e são – como eu costumo dizer – Núcleos de Preguiça. [barulho retorna, ele aumenta a voz]. Ãh... pode parecer exagerado [barulho cessa, a voz retorna ao tom de sempre] o que eu digo, mas... se tu te aperceberes da realidade, vais entender. Eu vou te explicar o que é que é aquilo lá: tens um conjunto, em cada região, um conjunto d'umas 20 pessoas com uma coordenadora. E essa professora que foi da Escola da Ponte foi coordenadora... durante muitos anos... desse Núcleo... que trabalham menos horas do que o professor regular, que ganham mais que o professor regular... e que vão às escolas sem qualquer preparação específica... a não ser um cursozinho assim... Atender a criancinha durante meia hora, uma hora... ganhando ajuda de custo pra transporte ou por quilômetro... estás a compreender, né? Desqualificando o professor do ensino regular, não tentando a integração do regular com o especial... segregando a criança num canto d'uma sala e fazendo joguinhos idiotas com essa criança. Como se isso não bastasse, a maior parte dessas pessoas – estou a falar coisas muito tristes, mas isso que eu estou a dizer, eu escrevi, publiquei, denunciei e deu muita confusão no meu país. E continua tudo igual. Igual não está, mas parecido, que aquilo abalou muita gente. Eu acusei mesmo! Acusei pessoas direto porque... eu detesto que vivam à custa das deficiências. A partir de certa altura aconteceu isto: as coordenadoras, como estavam dispensadas dos trabalhos nas escolas, faziam isto: andavam, o quê? Ganhavam dinheiro sem fazer nada! Andavam pelas escolas, vendo muitos casos de crianças diferentes e levando pro CERES certas crianças, que levavam para a Segurança Social, que dirigiam essas crianças para gabinetes de apoio, que tiravam as crianças da

escola durante alguns dias. Nesses gabinetes de apoio, eram atendidas por pessoal não qualificado, que faziam joguinhos idiotas e que recebiam muito dinheiro da Segurança Social. Quem criava esse gabinetes? As coordenadoras de Educação Especial. Eram elas, as donas dos gabinetes. Ou seja, iam às escolas, punham as crianças nos gabinetes de que elas eram as proprietárias, fazendo um trabalho que não valia nada, que não servia para nada, ganhando imenso dinheiro. E foi um negócio... tu não imaginas!

Biancha: E não desenvolviam um trabalho na escola...?

José: Absolutamente nada!

Biancha: ... com os professores de lá...?

José: Absolutamente nada. Não. E eu falo assim porque... eu sou muito conhecido lá no meu país... pro melhor e pro pior. Se gostarem, gostam, se não gostarem, problema deles. Quero lá saber. Ok? Então, um dia, pessoas que suspeitavam desses gabinetes, começaram também a trazer isso à Ponte. Comecei a ver alguns pais, a virem à Ponte, com os documentos da Segurança Social pra nós declararmos que a criança tinha este ou aquele problema. E nós... os pais pediam porque iam receber dinheiro... e nós, se pudéssemos fazer, assinávamos, se não pudéssemos... mas, a partir daí, começaram, os pais a aparecer: “Ah, eu preciso tirar consulta amanhã, durante a manhã”; “Ah, eu preciso tirar consulta sexta-feira, todo o dia”. Eu achei aquilo estranho. E eu, um dia, pedi a uma mãe pra ela não acompanhar o filho, para ser eu a acompanhar. Porque era um gabinete aonde não me conheciam, que era longe da cidade. E eu fui com a criança. Pedi para estar no gabinete. Havia uma sala de espera, onde ficam os pais e acriança lá pra dentro. E eu pedi se podia, assim... com ar... muito de quem não sabe das coisas – não é? – e a senhora, até muito simpática a jovem: “ah, faz favor, faz favor...”. Não perguntou se era o pai, e eu fui. Sentei-me junto à criança e, então, aquilo que eu vi foi deplorável! Eu não vou contar o que foi. Foi miserável! Mas aquela senhora não sabia que eu era professor e quem... onde é que eu trabalhava. Quando acabou a sessão, né... eu perguntei: “Então, o... – esqueci o nome da criança – vem cá duas vezes por semana? – “É. E assina aqui, faz favor, que é para eu mandar para a Segurança Social estas duas horas e tal...”. E eu: “Ele faz sempre isso, é?”. – “É. Ele está a fazer isso, tal... “. E eu perguntei: “Mas por que que ele faz

isto?". E ela, então, virou-se pra mim e disse: "Você não vai entender, mas eu vou explicar:". E começou com explicações que não são explicações nenhumas para alguém que não entendesse. Eu deixei-a falar à vontade. A senhora lá falou – uma jovem muito despachada... agitada... "E agora eu tenho que atender outro caso, pronto. Voltem na...". Eu disse: "Só um minutinho, senhora. Olha, é que eu não sou o pai dele, eu sou o professor dele". – "Ai!" Aí, já, já ficou atrapalhada e disse, pensou lá pra ela: é um professorzico, não é?! E também sou como os outros, mas... felizmente ou infelizmente, naquele caso, perdoe a presunção, tinha muito mais conhecimentos do que ela tinha, né... Tinha andado já... trabalhando psicologia, tudo mais... e ela nem sequer isso, nem sei que é que ela tinha como habilitação. Sei que ela era uma de quatro, que trabalhavam para uma coordenadora, que lhes pagava uma miséria e ganhava montes de dinheiro.

Biancha: O tratamento seria um trabalho pedagógico esse?

José: Era... chamavam de Retaguarda não-sei-o-que Técnica ou Pedagógica... não sei... era pra enfeitar! Não era nada! Se eu te contar aquilo que ela fazia, era miserável! Era a pobre criancinha a fazer carrerinhas de "as", depois, punha lá umas coisas e "Tá, tá. Tá, tá [como quem está com pressa]". E a criança lá... "Ah, vamos fazer essa cobrinha aqui!" Eu olhava pr'aquilo...

Biancha: E o atendimento integral à criança em instituições?

José: Se a escola não tem resposta, melhor que haja um atendimento integral em alguma instituição que saiba o que está a fazer. Há um grave equívoco, aqui no Brasil também, aliás, estou nesse momento ligado a um projeto em Campinas que visa ajudar os professores do ensino regular a inclusão de crianças diferentes. Elas foram colocadas há 5 anos atrás, 50 jovens com síndrome de Down. Foi um desastre! Os professores riam-se dos jovens: "Eu não sou formado! Eu não estou preparado!". As crianças, ao fim de uma semana já queriam ir embora, queriam voltar pra instituição, os pais foram discutir com a escola, vieram discutir com a instituição, que é a Fundação Síndrome de Down, em Barão Geraldo... Os pais queriam tirar as crianças da escola, a escola, a instituição já não deixou... E agora, estamos com um centro de ajuda, ou seja, fazendo com que os professores desenvolvam outras práticas, dentro d'uma escola reconfigurada, portanto. Um trabalho de equipe...

de modo a atender esses jovens. Mas já muita besteira foi feita, não é? Em Portugal, a mesma coisa. Eu digo: se a escola não dá resposta, então, não vamos fazer de conta que dá... estão a prejudicar todas aquelas crianças, seja uma instituição a dar... Agora, a escola tem que ter respostas! Tem que ter lá pessoal competente para todos e cada um. E não é só aqueles... são uns 3 ou 4 ou 5%, que são diagnosticados, não é!? Com Down, Asperger etc. Não é nada disso! É muito mais! Eu costumo perguntar: estais preocupados com os 4% de deficientes ou com necessidades educativas especiais... é bom que estejam. Quem é que está preocupado com os 30% que completa o fundamental sem aproveitamento e não leva um diploma e vai pro mercado de trabalho ser mão-de-obra barata? Isso não é exclusão? Ninguém se preocupa? E quem se preocupa com os 3 ou 4ou 5% superdotados, que é tão prejudicado quanto os infradotados? Que depois metem o rótulo de hipercinéticos e metem a Ritalina pela goela abaixo? O que é isso? É exclusão! Então, aqueles que aprendem mal, que não pertencem na Curva de Gauss aos extremos, mas também aprendem mal. Os professores não percebem que têm dificuldades de ensinagem – costumamos brincar, não é? – mas quando falamos da diferença, é sempre os gabinetes, as escolas de Educação Especial... também são! Também! E ainda bem que há! Ainda bem que há a Fundação Síndrome de Down! Ainda bem que há. Senão, então, nem sequer iriam à escola nem há lado algum. Não é simples. Neste momento, a resposta direta ao que perguntas é: ainda bem que há essas instituições. Tem gente muito devotada e muito competente. Devo falar por aquela que conheço melhor, que é a Fundação Síndrome de Down. Tem gente muito boa, faz um trabalho excelente! Quero ver fazer isso em Portugal – é curioso – aqui trabalha-se muito melhor! Tem gente muito competente. Eu vou observando. Estou lá todos os meses duas vezes por mês, dois dias. Eu vou observando, não estou a falar por falar. Fico lá nos gabinetes, converso com os pais, converso com as crianças... com voluntários que andam lá à volta... vou às escolas... e sei muito bem como é que eles fazem. Muitíssimo, de muito, muito boa qualidade.

Biancha: Hoje, como o senhor se posicionaria com relação à Educação Conjunta para Todos?

José: Como me posicionei na Ponte. Eu fui um diferente também. Eu costumo dizer isso porque... é muito importante a história de vida, né... cada um é o que é. Eu fui, com certeza. Agora ainda estou atrapalhado porque parti os óculos e estou atrapalhado porque é diferente d'outros... eu estou com dificuldades [rimos]. Mas eu fui excluído socialmente, marginalizado socialmente e tive problemas sérios na escola. O que é que eu penso da... é aquilo que na ponte se tenta fazer. Ainda não é inclusiva, mas tenta ser uma escola inclusiva: que é retirar tudo aquilo que é impedimento do contemplar da diferença – não é? A começar, como ainda ontem falava pra Cláudia, por a existência de série, ritmos únicos, horário padrão único. Tudo isso não faz sentido nenhum! Há dias encontrei uma criança dita diferente na 4ª. série com um livro da 1ª. série. Eu digo: "Isto é uma fantochada!". Ai, ai, ai... Progressão Continuada! Não há Progressão Continuada nenhuma! "Ah, ele não consegue ler..." Então, se ele não consegue ler, o que é que está fazendo na 4ª. série!? Se há série, reprove-se pra 1ª.! Ou seja, dê-se-lhe outra vez oportunidade, vá voltar. Mas não da mesma forma: papa, popo, vovô. Isso não. Faça-se de outros modos! Agora, deixar que a criança transite de série para série: "É diferente!" – ao fundo da sala, fazendo cobrinhas e "a- e, a-o, có -có, cá-cá..." não sei... é uma idiotia tal! Então, as escolas, esse projeto que eu falei ainda há pouco, têm de se repensar e de se reconfigurar para ser a escola pública. Ou seja, garantia de sucesso para todos. E que isso de sucesso? Aquilo que cada um pode alcançar – ok? – se as condições forem criadas e os obstáculos aparecerem. E os obstáculos, em primeiro lugar: a incapacidade de o professor dar respostas ou a organização da escola.

Biancha: O senhor tem um exemplo mais concreto pra eu entender mais profundamente, o que que tem sido, nesse exemplo que o senhor falou da... das crianças surdas na Escola da Ponte – até porque é o que eu venho estudando mais ultimamente – o que é que é esse preparar-se pra acabar com esse obstáculo do não saber como lidar com essas crianças?

José: É... na minha escola, como eu disse, nós não temos resposta para surdos. Ainda bem que não apareceu nenhum, mas vai aparecer. Vai aparecer... eles estão aí. Mas tenho... por exemplo, Salvador, na Bahia, uma das escolas que eu acompanho, é... as crianças que entram para o Jardim

Infantil aprendem, desde tenra idade, a falar o português, o inglês e a linguagem Libras. Basta pensar isto. Eles dão "bom dia" nas três linguagens: bom dia, good morning e – eu não sei fazer, eles fazem, eles sabem. E tem lá surdos. Eu não os reconheço, não sei quem são. Não sei se conhece o meu livrinho: "os Caminhos para a Inclusão".

Biancha: Então, foi isso o que me chamou mais a atenção tanto no livro quanto no...

José: ... no vídeo.

Biancha: ... no cd-rom.

José: Viste aquela experiência de Viena d'Áustria?

Biancha: Pois é, achei complicada aquela experiência.

José: É... Por quê?

Biancha: Porque... é... não fala da possibilidade da língua de sinais, praticamente. Fala da oralização só.

José: É.

Biancha: E aponta as crianças como... a mãe, né, dá esse depoimento e pra mim foi o que mais...

José: ... cala mais.

Biancha: ... foi difícil. Ela fala do quanto a filha não tava mais conseguindo acompanhar porque, com o avanço da idade, tem uma complexidade da compreensão da língua falada, que a filha dela não tinha. E não ai ter.

José: E inevitavelmente se atrasaria.

Biancha: É.

José: Houve evoluções nesse instituto. É. Eu não tenho pormenores. Sei que houve. Ali, havia alguns, do que chamo de fundamentalismos: a recusa da linguagem de sinais. Hoje, creio que será adotada. Mas também não sei. Sei que na altura havia uma grande discussão, já na altura em que elas estavam. Mas o que eu vi lá... agradou-me, porque ali havia surdos e não surdos misturados. Eu não sabia quem eram os surdos.

Biancha: Em Salvador.

José: Não, em Viena. Eles brincavam comigo que, eu, por vezes, tentava falar assim, eles: "Eu tô ouvindo! Pode falar à vontade"... ou faziam a tradução pra mim, porque eles falavam alemão. Eu falava em português para uma criança

que estava lá e que sabia, para traduzir e ela dizia. Aquilo era muito divertido. Eu sentia-me ... às vezes, assim, num ambiente, surrealista, porque eles brincavam mesmo. Porque eu era o único que não sabia quem eram os surdos e os outros que não eram. E era muito engraçado. Porque, mesmo os que eram surdos, falavam. Só que eu observava que eles falavam com um falar arrastado, um falar articulável. Percebia-se aquele movimento de boca que: "Ele é surdo, tá...tá a querer enganar-me com o seu não entender". E passei também às minhas malandragens: virava-me de lado, punha-me a falar e quando eu me virava, estavam assim, ou seja, não tinham ouvido. Mas eram jogos interessantes. Mas creio que evoluiu alguma coisa.

Agora, o que eu considero é que a escola tem que ter, todas as escolas têm que ter, não digo um técnico, ãh... só para isso, né... porque a percentagem – vamos falar assim – são... é muito pequena. Em uma escola de média dimensão, poderá ter exatamente um especialista que, com outros professores... eu penso que aí, quando falo de especialista para surdos, ponha no mesmo nível do especialista para outros tipo de problema, né... ou seja, que domine técnicas, dispositivos, materiais, é... que permitam uma fácil comunicação e uma... um acesso à informação, que permita a comunicação o diálogo com os outros. No fundo é isso... que permita a relação... sem perturbações pelo menos. E as escolas têm que ter. Eu considero que, para especialista nessa área, poderá ser um professor que também já tenha uma ou outra especialidade no currículo; imaginemos um professor de Português, que queira especializar-se. Então, quando aparece algum surdo, ele completa o trabalho de outros professores com o da sua especialidade. Mas também trabalhe com os outros alunos, não trabalhe só com aquele aluno. Aliás, um professor não deve trabalhar só com um aluno nem só com uma turma. Deve trabalhar com todos. Aí é que está a lição. Como na vida real. Não é? Tu tens momentos em que trabalhas sozinha, tens momentos em que trabalhas com um outro, um momento em que estás num grupo e outro em que estás em relação com toda a gente. Não é? É isso que a escola deve... contemplar. E não é uma exigência... não levava-nos para muito longe, porque, aquilo que hoje nós pensamos que a implantação da escola é o edifício, não é...? Com salas d'aula, com... bom, isso não quer dizer nada: isso é um modelo caduco e

que... que impõe limites. E que impõe muitos mais limites a esses diferentes, é verdade. Não sei... qual era a pergunta [rimos].

Biancha: Se tinha exemplos mais concretos do que a escola vem fazendo pra poder dar conta daquilo que aponta a limitação...

José: Fundamentalmente, estou sendo repetitivo, é repensar-se em função de todos e de cada um. Dar resposta a todos, mas a cada um em particular. E, para isso, e esse é o peremptório, até que me provem o contrário, não pode ter série, ciclo, aula, horário único, cadência única... não pode ter cartilha igual pra todos, não se pode ter prova igual pra todos, simultânea... não pode ter. Como é que se pode aplicar uma prova escrita a um disléxico, sem considerar que ele vai ter problemas em relação aos outros? Por que é que não se faz uma prova oral, se é que a prova prova alguma coisa. D'um ponto de vista mais radical, nem adotaria, mas, considerando que há... as escolas têm de-se-reconfigurar. É muito mais do que reformar. Reconfigurar quer dizer que tem de pensar para além do edifício, que, para além das cátedras instituídas há 200 anos. Não é?

Biancha: O senhor acha que o seu encontro com esses alunos como o Pereira, que o senhor citou ou mesmo a primeira turminha de 1972... foram essas, esses encontros com essas pessoas que ajudaram a defender hoje a Educação Conjunta?

José: Também, mas não só. Foi a minha própria experiência de vida, foi o ter visto outros trabalhos, outras experiências em outras escolas... muitas... é... que eu fui observando. Foi o caso da minha cunhada, que me ajudou muito a compreender aquilo que são necessidades educativas – que, no caso dela, nunca foram contempladas; ela não tem direitos sociais... infelizmente. E depois, foi, sobretudo, compreensão teórica das coisas. Não quer dizer que aprofundasse muito, mas... eu costumo brincar, eu fiz 12 cadeiras de Psicologia, não é muito, são 12... é... e outras noutro domínio, que tem muito a ver com... Nunca tirei qualquer especialização, vamos falar assim, é... tirei a especialização da alfabetização e letramento, que poderá dizer-se que também ajudou os diferentes. Não sei se tens a história do Michel, que eu eduquei, alfabetizei.

Biancha: Não.

José: Não te falei? Vale a pena... mas é mais uma história...

Biancha: Por favor...

José: Esse Michel era um jovem com 12 anos quando chega à Ponte, sabes que a Ponte acolhe o que os outros jogam fora, né... e esse jovem, é... vinha rotulado com tudo. Então, ele vinha rotulado d'autista, imaturidade cognitiva, epilepsia não sei quanto... essas coisas. Epilético ele era efetivamente, mas isso nunca mais praticamente teve crise alguma, a partir de certa altura. Pelo que me lembro, lá na Ponte. Mas esse Michel tinha estado, ele era irmão gêmeo e a irmã dele, gêmea, ela era o que se pode considerar uma sobredotada. Ela era a melhor da turma. E ele era um menino com graves complicações, que ninguém sabia o que era, mas ele não aprendia. Então, a partir do fim da 1ª. série foi posto pro fundo da sala, enquanto a irmã... progredia, né. A irmã foi embora, saiu da escola na 5ª. série e ele ficou mais dois anos naquela escola, ao fundo da sala. Quando se revoltava e começava a gritar, a professora aproximava e batia-lhe e ele urinava pelas pernas abaixo, defecava... era uma vergonha digna de... eu falei com uma faxineira, que me foi explicando que aquilo era um horror, aquela sala. Ela tinha de limpar todos os dias o lugar de Michel e chamar o pai ou a mãe pra mudar a roupa dele. Tá? Imagina um jovem com 12 anos, se sujava todo e não sabia ler nem escrever. Não sabia nada! Ele sabia arran... tinha arrancado uns brincos da orelha d'uma professora, tinha rasgado as orelhas dela... e esse jovem lá na Ponte, quando entrou, primeiro, não queria subir pro primeiro andar, que ele tinha terror do primeiro andar. Depois, eu soube por que, não é...? é que na escola de onde ele tinha vindo, quando lhe batiam a sério, levavam-no pra um gabinete no primeiro andar, porque a escola só funcionava no rés-do-chão, mas no primeiro andar tinha um gabinete. Então, ele não queria ir, porque percebia que lá em cima era pra lhe bater. Até que conseguimos levá-lo, com calma, com os outros miúdos... lá fomos. E agora, poupando muitas, muita coisa, pra perceberes em que é que a minha especialização contribuiu, que não é uma especialização em área nenhuma da deficiência. Isso foi um dia, quando eu estava a ler uma revista de automóveis lá na escola e eu vi que ele se interessou e deixei-o pegar a revista, e ele pegou a revista, fugiu com ela... entretanto, mais um dia ou dois, encontrei-o olhando a revista, aproximei-me por trás dele pra ele não ver-me. Quando sentei ao lado dele, ele reagiu mal, mas eu não deixei ele sair

dali e falei com calma e disse, perguntei se ele estava a gostar daquilo. Ele fez que sim com a cabeça, né... e... entretanto, ele... olhou de lado para mim, esticou o dedo, apontou para uma legenda que estava lá. Era um carro. Eu perguntei se ele queria saber o que é que dizia ali, né... e ele respondeu: "Rãã [um grunhido]". E eu falei... – Rãã, ele comunicava-se por guturais, rãã. Eu disse qual era o nome do carro, qual era: Fiat ou Wolkswagen.

E... assim... fui dizendo as legendas, né... e comecei a pensar – a determinada altura, era especialista em alfabetização e letramento. Pensei: esse miúdo gosta d'automóveis, quer saber as marcas dos automóveis; por que não aproveitar isto e trabalhar com ele a leitura a partir das palavras que são as marcas dos carros? Falei com os outros especialistas em alfabetização e fizemos um cerco muito grande ao... a ele. Precisa ver o trabalho de todos, a determinação... porque ali já... eu, eu intera, interagia com ele, sempre em volta daquela revista, que já estava toda suja, toda muito manuseada. Mas era aquilo que ele tinha a aprender. E... começamos com as figuras para lateralidade, qual era a predominância dele, fizemos aqueles testezinhos todos da árvore, da casa, do... da família, e ele foi projetando muito do que era... acabamos percebendo que ele não era autista. Ele fazia um movimento pendular efetivamente, mas não era, não era autista. Ele não tinha traço nenhum daquilo que está escrito nos livros, de autismo. Ãh... então, começamos, ãh... convidá-lo a fazer jogos de rotulação. Misturávamos, ele... na revista, comecei a ver que, na revista, quando tirava do lugar, ele já sabia pôr tudo no lugar, ou seja, ele identificava o objeto com a palavra. Então, continuei brincando, até que consegui fazer com ele – a partir do método global de palavras – essa divisão em sílabas, em pedacinhos das palavras. Porque el percebia que o "fi" do "fiat" podia juntar-se a outro para dar outro nome. Eu achava muito engraçado que ele, por analogia fonética, a entender a correspondência entre o escrito e o falado. E eu perguntei: "Quer escrever?". Ele escrevia em *scriptum*, que era o modelo que tinha da própria revista. Mas quando ele conseguiu escrever letra a letra em *scriptum*, sem ler, letra a letra, eram pedacinhos, por anúncio, eu comecei a perceber que ele tinha aquilo que, no método Paulo Freire ou da geração de palavras – tinha todas as palavras geradoras. A partir daquilo que estava, em dois meses, dois meses, aquele

Michel que tinha levado 6 anos a levar tapas e a sujar-se todo, começou aprender a ler. Eu costumo brincar, dizendo que ele aprendeu a ler em português, em alemão (Wolkswagen), em japonês ([silabando] Toyota), aí por diante. E começou a interessar por outras coisas. Porque depois, eu desafiava-o, adiante. Eu fui tutor dele. Eu desafiava-o. É... entretanto, ele fez 13 anos e eu comecei a falar um tanto de que ele... é... perguntei se ele gostava d'alguma menina lá, mas como ele era muito marginalizado em todos os lugares em que tinha passado, ele não ousava efetivamente... eu falei: "Olha, eles tomaram banhinho de manhã..." Porque ele era muito desleixado. Pentear-se bem... que ele passou a andar bonito mesmo, ele era alto, era muito penteadinho... muito bem cheiroso, que começou a ter uma namoradinha... A partir daí, eu fiz todo o resto do meu trabalho com os meus colegas. É evidente. Estou a falar disso porque aquele Michel, se continuasse na outra escola, chegando aos 14, iria embora sem saber ler uma letra, frustradíssimo. E iria para casa estupidificar-se em frente à TV. Nunca mais iria fazer nada. Quase certo. Nós, quando ele aprendeu a ler, compreendemos que não bastaria, para socialmente, ele se realizar. Então, acabamos por fazer um convênio com uma empresa de reparação de automóveis e ele começou a ir à parte da manhã para a empresa. Ele especializou-se. Quando chegavam, ãh... visitantes, à escola e vinham de carro, ele via e dizia: "Venha cá, eu vou te dizer: este carro é modelo não sei quanto, tem não sei quantas válvulas. Ele desenvolve não sei o que... quantos cavalos..." Eu não sabia nada, né... Ele: "Com tal não sei que..." Ou seja, ele sabia todos os dados de tudo, tudo o que era carro. Porque, a partir daquele conteúdo, ele lia tudo sobre os carros. A revista que eu recebia mensalmente, ele sabia o dia em que chegava à minha casa, eu nem tirava do plástico. Eu levava para a escola e ele lia. Ele especializou-se, ele, hoje, tem 20 ou 21 anos, porque foi dos alunos mais recentes. E então, é um homem realizado. Eu lembro do primeiro contacto do pai comigo. É... foi muito emocional, porque o pai tinha desistido de tudo praticamente, até que uma psicóloga lhe disse que havia uma escola – que era a Ponte – e ele mudou de cidade, mudou toda a família, pra pôr o filho na escola. E estava em dúvida: "Será..." a professora lhe tinha dito que ele era um retardado, que era um burro, que não ia aprender.

Biancha: O pai se mudou de cidade!?

José: Foi. A família toda. E arranjaram um apartamento lá perto da Ponte. Então, a primeira vez que ele esteve comigo, ele entrou numa salinha onde nós recebíamos os pais e eu não o conhecia. “Eu sou o pai de Michel.” – “Ah, prazer e tal...”. Exatamente, o Michel entra na escola da Ponte, passam-se dois meses e pouco, ele começa a aprender. No Natal, ou melhor, um mês, no Natal, foi por volta do Natal. Ele senta-se: “Desculpe não ter vindo antes e tal, mas eu tenho andado com a mudança... olha e antes de começarmos a conversar, eu gostaria de dizer uma coisa...” – “Por favor.”. E ele, com a voz embargada, – “Eu quero agradecer ao professor e à toda a escola por terem me devolvido um filho que eu tinha perdido”. Então, começou a chorar. Mas ele... depois, pediu desculpa... eu olhei pr’aquele homem, eu... e hoje é um dos maiores defensores da Ponte, porque não há nada como os pais pra fazer *marketing*. E de que maneira! Ele é bravo, é um homem, operário daqueles rudes, mas muuito sábio. O próprio Michel, neste momento, ele deve ter feito a 9ª. série, depois, ele teve que progredir. Eu já lá não estou, não sei, mas ele deve ter completado a 9ª. série. O que ninguém imaginaria, não é?

Biancha: Então, nesse momento, eu queria compartilhar com o senhor algo que eu tenho pensado e que, de alguma forma, estamos falando aqui o tempo inteiro: bom... a Educação Para Todos tá muito... ta muito distante ainda de acontecer, né, as escolas ainda são muito estruturadas nesse modelo de “não são pra todos”, excludente por natureza. Agora, parece que tem algo que ta por debaixo disso tudo, que é a... a continuidade dessa compreensão de que deficiente é incapaz, de que o louco é incapaz. E assim, foge à norma, não só foge à norma, mas está abaixo, está impossibilitado.

José: Humm... se existe essa consciência?

Biancha: Se o senhor percebe isso, esse pensamento ainda como o... fundante do jeito de fazer Educação.

José: Sim, que é predominante. Ou, se não é, na prática é. Ãh... eu considero que os professores – não só os professores, mas os professores, que estamos a falar da escola – tendem para a fuga para a frente, vamos dizer... a fuga para a frente.”Eu, professor, não tenho competência para trabalhar com aquele, porque trabalho com a turma, mas o problema é dele. Ele que não fosse... ele não deveria ser deficiente, não é... (ri com ironia) A culpa é dele!” Isso, isso...

pressuponho que haja essa racionalidade: que o problema está no aluno. Não está. O problema está também, mas o problema está na escola. Porque a escola, quando foi construída, não foi para os diferentes. Foi para pegar aqueles que serviriam a... em princípio era para as elites, não é...? é preciso se perceber toda a evolução. A escola de massas, vamos falar assim... que se inaugura assim... em termos efetivos já no último quartel do século XX – porque antes foram pequenos ensaios –, a escola de massas, ãh... não cumpre os desígnios. Há um amigo meu, que é professor universitário em Portugal, que há uns vinte ou trinta anos atrás, nas discussões, ele comentava o incômodo dos professores, sobretudo dos professores de 7ª., 8ª. e 9ª. série, que diziam: "Ah, agora aparece-nos aqui alunos que não são preparados, aparecem-nos aqui e nos desafiam". Percebe aquela reação... E ele dizia: "Agrada-me que não sirvam". Era o João Formosinho, da Universidade do Minho. Era muito conhecido. Ele dizia: "Sabes, José, isto é assim: antigamente, só entrava na escola quem tinha condições de... agora não! Agora é para todos. Então, apanham-nos lá dentro e reprovam-nos". Eu achava essa expressão engraçadíssima, trágica, mas é. Apanham-nos lá dentro e reprovam-nos. Veja, desde o... do primeiro dia, qualquer criança que saia do... do padrão, né, que a escola instituiu como sendo padrão, ela imediatamente é prejudicada, se atrasa, por isso que achamos aquelas frases: "Ah, ela atrasou-se em relação à turma". O que é isso de atrasar-se em relação à turma?? "Ele atrasou-se em relação ao programa! Eu já dei a aula, mas ele não aprendeu". Essa ideia está muito, muito, muito, é... enraizada...

Biancha: E, nesse sentido, a Educação, hoje em dia, fica muito ortopédica, né...

José: Hein? É ortopédica, a frase é essa mesmo, que vem do tempo da escolástica, né. Quer dizer, tal isso, que é aquele modelo. Mas... eu costumo dizer que.... quanto a isso, eu não tenho armas, porque... julgo que há uma perversão do próprio sistema... há quem em diga: "O sistema não cumpre as finalidades". Cumpre! Do modo como funciona, cumpre. O quê? Excluir o que é diferente. Mas há – e é preciso pensar neles – muita gente, muita mesmo, que está muito esperta, que já evoluiu e sabe muito bem que é preciso repensar a escola e reconfigurá-la. E há sim, muita gente que pensa diferente e outras que

fazem diferente. Muita gente. Mas essas são marginais. Porque a escola continua a ser o que é, quer seja da iniciativa privada ou do Estado, tem todo um... *status* definido, ãh... uma incapacidade de se rever, que é motivada pela matriz universitária, que é extremamente conservadora. Se é que não chega à universidade. Ou chega é no sistema de cotas e é tratado de modo diferente. É discricionado, é discriminado! Isto não é integração, isto não é inclusão. Aliás, eu sou contra o sistema de cotas, quer seja de negro, quer seja de classe social, quer seja de... Eu sou contra. Eu sou a favor da universidade aberta a todos! Sem vestibular, que é uma perda de tempo. A todos e dar a cada um aquilo que ele precisa para se realizar.

Então, prefiro pensar que há muita gente, sabe, pensando e fazendo diferente. Mas considero que ainda vai levar muitos anos até se conseguir mudanças significativas.